STEPHEN ARROYO



ASTROLOGIA, PSICOLOGIA E OS QUATRO ELEMENTOS

Uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar

Pensamento

ASTROLOGIA, PSICOLOGIA E OS QUATRO ELEMENTOS

Stephen Arroyo

ASTROLOGIA, PSICOLOGIA E OS QUATRO ELEMENTOS

Uma abordagem astrológica ao nível
da energia e seu uso nas artes
de aconselhar e orientar

Tradução:
Maio Miranda

Editora
Pensamento
SÃO PAULO

Título original: *Astrology, Psychology, and the Four Elements – An Energy Approach to Astrology & Its Use in the Counseling Arts.*

Copyright © 1975 Stephen Arroyo.
Copyright da edição brasileira © 1984 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 1984.
2ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela
Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Assistente de produção editorial: Estela A. Minas
Editoração eletrônica: Entrelinhas Editorial
Revisão: Entrelinhas Editorial
Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arroyo, Stephen
Astrologia, psicologia e os quatro elementos : uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar / Stephen Arroyo ; tradução de Maio Miranda. – 2. ed. – São Paulo : Pensamento, 2013.

Título original: Astrology, psychology, and the four elements : an energy approach to astrology & its use the counseling arts
Bibliografia.
ISBN 978-85-315-1833-1

1. Astrologia 2. Astrologia e psicologia I. Título.

13-04861 CDD - 133.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Astrologia e psicologia 133.5

1ª edição digital - 2013
ISBN Digital: 978-85-315-1843-0

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 - 04270-000 - São Paulo - SP
Fone: (11) 2066-9000 - Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br
http://www.editorapensamento.com.br
Foi feito o depósito legal.

A Dane Rudhyar,
Em agradecimento por seu encorajamento,
inspiração e inflexível dureza de visão.

A astrologia merece o reconhecimento da psicologia,
sem restrições, porque a astrologia representa a soma de todo
o conhecimento psicológico da Antiguidade.
– C. G. Jung. Comentário no *The Secret of the Golden Flower*

A tarefa da ciência não é simplesmente identificar a mudança do padrão estrutural em todas as coisas, mas considerar essa mudança uma coisa simples. A ciência começa com a hipótese, que está sempre presente embora possa ser inconsciente, esquecida ou, às vezes, até mesmo negada: existe uma ordem simples na natureza; é possível uma forma simples de revelar a experiência; a tarefa da ciência é descobri-la.

– L. L. Whyte, *Accent on Form*

Agradecimentos

Parte do material incorporado neste livro foi impresso na forma de artigos na revista *Dell's Horoscope*, nas revistas de astrologia da Biblioteca Popular (tais como *Zodiac* e *Aquarian Astrology*) e no jornal *Astrology Now*, de Llewellyn. Portanto, agradecemos aos editores que permitiram sua reprodução nesta apresentação totalmente revista e ampliada.

Gostaria de expressar minha gratidão especial a Pauline Hutson, April Fletcher e Barbara McEnemey, pelo trabalho de datilografia, pela leitura das provas e pelas sugestões construtivas. Se alguns erros permaneceram, eles podem ser atribuídos à negligência do autor.

Também estou em débito com Betty Spry por permitir o uso da sua bela colagem vista na capa do livro, com Pacia Ryneal por seus talentos artísticos e com Kathleen Arroyo por sua infindável ajuda e paciência no planejamento e na diagramação.

Desejo, do mesmo modo, expressar meus agradecimentos a Jim Feil, ao dr. Pierre Pannetier e ao dr. Randolph Stone, por me ajudarem a obter um certo grau de penetração nas atividades dos quatro elementos, e também aos muitos amigos e estudiosos que encorajaram meus escritos e meus ensinamentos.

Finalmente, agradeço a permissão para tirar de seus livros e utilizar um material cujos direitos autorais lhes pertencem aos seguintes editores: *Accent on Form*, de L.L. Whyte. Copyright 1954 de Lancelot Law Whyte. Usado com permissão da Harper & Row, Publishers, Inc.

Psychic Discoveries Behind The Iron Curtain, de Ostrander & Schroeder. Copyright 1970 de Sheila Ostrander & Lynn Shroeder. Usado com permissão da Prentice-Hall, Inc.

Astrological Birth Control, de Ostrander & Schroeder. Copyright 1972 de Sheila Ostrander & Lynn Schroeder. Usado com permissão da Prentice-Hall, Inc.

Born to Heal, por Ruth Montgomery. Copyright 1973 de Ruth Montgomery & Dena L. Smith. M.D. Usado com permissão da Coward, McCann & Geoghegan, Inc.

The Collected Works Of C. G. Jung, org. por Gerhard Adler, Michael Fordham, Herbert Read e William McGuire, traduzido para o inglês por R.F.C. Hull, Bollingen Series XX, vol. 9i, *The Archetypes and the Collective Unconscious*. Copyright 1959 e 1969 de Bollingen Foundation. Reimpresso com a permissão da Princeton University Press.

The Undiscovered Self, de C. G. Jung. Mentor Books, NY, 1958. Usado com permissão de Little, Brown and Company.

T*he Study of Abnormal Behavior*, org. por M. Zax e G. Stricker. Copyright 1964 de MacMillan Co. Usado com permissão da MacMillan Publishing Co., Inc.

Challenges of Humanistic Psychology, org. por J.F.T. Bugenthal. Copyright 1967 da McGraw-Hill Co. Usado com permissão da McGraw-Hill Book Company.

Psychotherapy And Religion, de J. Rudin. Copyright 1968 da Univ. of Notre Dame Press. Copyright alemão de 1960 de Walter Verlag, Olten e Freiburg, de Breisgau. Usado com permissão da University of Notre Dame Press.

Person to Person, org. por Carl Rogers e Barry Stevens. Copyright 1967da Real People Press. Usado com permissão da Real People Press.

Zen Mind, Beginner's Mind por Suzuki-roshi. Copyright 1970, do Japão de John Weatherhill, Inc. Usado com permissão de John Weatherhill Inc.

The Pattern of Health, do dr. Aubrey Westlake, usado com permissão de Shambhala Publications, Inc. 2045 Francisco Street, Berkeley, CA 94709. Copyright 1961, 1973, de Aubrey T. Westlake.*The Wheel Of Life*, de John Blofeld, usado com permissão de Shambhala Publications, Inc. 2045 Francisco Street, Berkeley, CA 94709. Copyright 1972 da Shambhala Publications, Inc.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Prólogo

Parte 1

1. A ciência moderna e a psicologia de hoje

2. As limitações da velha estrutura

3. Abordagens diferentes do conhecimento e a questão de prova
    Provas da astrologia: Por que e como

4. Arquétipos e princípios universais

5. Abordagens da astrologia
    A Abordagem Causal
    A Abordagem Simbólica
    A Abordagem Holística
    A Abordagem em Termos de Energia

6. Psicologia humanística e astrologia humanística

7. A astrologia na arte de aconselhar e orientar

8. Notas sobre educação e treinamento de consultores astrológicos
- O relacionamento entre mestre e estudante
- O treinamento de consultores astrológicos

Parte 2

9. Astrologia: uma linguagem de energia
- Os signos zodiacais como padrões de energia
- Os planetas como reguladores de energia
- A teoria astrológica da personalidade
- Conceitos-chave e definições
- Expressão positivo-negativa dos princípios planetários

10. Os quatro elementos: as energias básicas da astrologia
- O reconhecimento mundial dos quatro elementos
- Descrições modernas
- Uma perspectiva espiritual
- Classificação dos elementos
- O elemento Fogo
- O elemento Ar
- O elemento Água
- O elemento Terra

11. A psicologia do indivíduo
- Os elementos nas artes curativas

12. Os elementos na interpretação
- Desequilíbrio do Fogo
- Desequilíbrio da Terra
- Desequilíbrio do Ar
- Desequilíbrio da Água
- Ênfase autoexpressiva ou autorrepressiva
- Ênfase exagerada em Água e Terra. Falta de Ar e Fogo
- Ênfase exagerada em Ar e Fogo. Falta de Água e Terra
- Outras combinações de elementos
- Combinações Ar-Água
- Combinações Ar-Terra

Combinações Água-Fogo
Combinações Terra-Fogo

13. Potencial de integração: aspectos e relacionamentos planetários

14. Os planetas nos elementos
Mercúrio
Vênus
Marte
Sol, Lua e Ascendente
Júpiter e Saturno
Outras considerações

15. Os elementos na comparação de mapas

16. Os elementos e as casas: um sistema de palavras-chave
Classificação das casas
As Casas de Água
As Casas de Terra
As Casas de Fogo
As Casas de Ar
Astrologia: um instrumento para o autoconhecimento

Apêndices, Referências e Sugestões para Leitura

Apêndice A
Dados científicos

Apêndice B
Astrologia e pesquisa moderna nos campos de energia

Apêndice C
Astrologia e Terapia da Polaridade
Os quatro elementos

Referências Parte 1
Capítulo l

Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

Sugestões para leituras relacionadas com a astrologia, a psicologia e os elementos

Próximos lançamentos

Prólogo

Um novo tipo de astrologia está nascendo nesta época. É ainda bem informe e não está totalmente coordenado nem adaptado às necessidades sociais, precisando de muito encorajamento e apoio da parte de seus progenitores. Assim como um bebê cai muitas vezes quando está aprendendo a andar, este novo conceito astrológico está tendo seus altos e baixos e, ocasionalmente, cai de cara no chão. Como toda criança, esta entidade em crescimento pede maior atenção de seus pais, a fim de desenvolver plenamente suas potencialidades. E, embora um pai não possa sentar-se com satisfação, para contemplar um trabalho benfeito, até que a criança não tenha se tornado plenamente saudável e autossuficiente, o próprio processo de encorajar o crescimento e o desenvolvimento da criança é um incentivo suficiente para que se prossiga o trabalho. Este novo tipo de astrologia toma as teorias e as atitudes tradicionais e vira-as do avesso, às vezes expondo uma degenerada massa de contradições e de banalidades vazias, e de outras uma inspiradora essência de verdade universal. O novo astrólogo, portanto, arranca as imperfeições pela raiz e tenta penetrar até um nível de compreensão que irá iluminar uma via de acesso inteiramente nova, não só à astrologia mas também ao próprio homem.

As incursões no campo da psicologia, feitas na primeira metade do século XX, somente agora começam a ser assimiladas pela consciência da massa, embora tivessem começado a influenciar a astrologia muito antes, na década de 1930. Contudo, só recentemente o processo de assimilação ganhou impulso o bastante para fazer com que grande número de astrólogos e de estudantes da astrologia sintam a necessidade de reestruturar e de dar novo rumo às tradições astrológicas e ao propósito da própria astrologia. Esse processo de reestruturação começou em 1936, com *The Astrology of Personality*, de Dane Rudhyar, e desde então, aos poucos, vem ganhando velocidade e popularidade. O desenvolvimento desse novo tipo de astrologia tem sido moroso

principalmente porque leva muitos anos para mudar a consciência popular e para os astrólogos superarem a velha estrutura que aprenderam quando começaram a estudar astrologia. Contudo, a consciência dos tempos mudou e os astrólogos estão lentamente percebendo que a maioria dos métodos de interpretação e de prática, apropriados para as pessoas que viveram na década de 1920, são irrelevantes para as pessoas que estão crescendo e vivendo nos dias de hoje.

As particularidades em que esta astrologia difere dos métodos mais antigos são explicadas com detalhes neste livro, mas gostaria de realçar um ponto. Na maioria das formas tradicionais da prática astrológica, nas quais o astrólogo servia essencialmente como um adivinhador, presumia-se que o mapa natal revelasse as circunstâncias que a pessoa iria encontrar na vida, e quais eram, no mundo exterior, previsíveis e, geralmente, inalteráveis. Contudo, é óbvio que a prognosticabilidade de qualquer coisa varia de acordo com seu nível de complexidade. Por exemplo, uma simples célula animal ou um composto químico, normalmente é predizível, uma vez que a sua natureza é simples, há poucas variáveis e ela não tem consciência ou capacidade para formas de reação alternativas. O tempo é menos prognosticável, principalmente porque há muitas variáveis desconhecidas, embora, em muitos casos, ele ainda possa ser predito, tendo como apoio a compreensão das variáveis conhecidas. O ser humano é menos predizível porque possui raciocínio, vontade, independência e, consequentemente, é capaz de um número ilimitado de reações variáveis. À medida que vai adquirindo mais consciência, ele se torna ainda menos predizível. Portanto, uma pessoa altamente consciente, precisará apenas de uma sugestão, de um possível evento ou experiência, para aprender uma determinada lição, ou para alcançar uma determinada compreensão, ao passo que uma menos consciente poderá necessitar de uma experiência exterior mais definida e concreta, para então chegar à mesma compreensão. Parece-me que o indivíduo é predizível justamente em proporção à sua falta de percepção consciente. Por isso, o novo modelo de astrologia, ao qual me refiro, é principalmente orientado àqueles que deram alguns passos decisivos em direção a um crescente autoconhecimento.

É verdade que uma pessoa nasce com um determinado mapa astral, com um certo padrão de "carma" ou de tendências emocionais, mentais e físicas. Todavia, as circunstâncias que a pessoa irá enfrentar serão, em grande parte, programadas por aquilo que ela irá expressar. Em outras palavras, você recebe

de volta aquilo que põe para fora; todas as coisas voltam para a sua fonte. Se alguém expressa impaciência ou orgulho, por exemplo, essa pessoa automaticamente fará surgir reações semelhantes nos outros. É inútil culpar o nosso mapa natal pelos infortúnios que criamos. A ênfase, num uso moderno e construtivo da astrologia, deverá estar no trabalho em conjunto com a energia natal, na modificação ou transmutação da afinação dessa energia, para que suas expressões mais positivas possam ser manifestadas. Enfim, neste livro, tentei dar ênfase a uma compreensão mais profunda dos fatores astrológicos básicos e a uma avaliação mais penetrante do propósito de todas as técnicas astrológicas.

Este livro está escrito em duas partes distintas. Os primeiros seis capítulos da Parte 1 foram originalmente incluídos numa tese de mestrado para um diploma de artes, classe de psicologia, na California State University, Sacramento. A tese original, antes de uma edição mais ampliada, recebeu o Prêmio de Astrologia, em 1973, conferido pela British Astrological Association, por ter sido a contribuição mais valiosa para a astrologia, durante aquele ano. Ao escrever tal parte, minha intenção principal foi a de esclarecer as várias maneiras de abordar a astrologia e revelar a sua utilidade prática, especialmente nos processos diretamente relacionados com o campo da psicologia. Embora tenha sido escrita principalmente para aqueles que não têm qualquer familiaridade com o ponto de vista astrológico, ela também pode ser útil aos estudiosos ou praticantes da astrologia. Ela não só contribui para um entendimento mais profundo e para uma síntese dos postulados astrológicos, como também é útil e ajuda a responder às intermináveis perguntas do grande público interessado e às críticas prejudiciais dos desinformados.

A Parte 2 do livro fornece uma base, em termos de energia, para toda a teoria astrológica, através de uma explicação sistemática do antigo conceito dos quatro elementos. Desde que os elementos descrevem as energias reais simbolizadas por fatores astrológicos, a compreensão de seus princípios nos dá capacidade para sintetizar o significado de um mapa de nascimento, de forma prática e imediata. Parece-me que o maior obstáculo no aprendizado de um estudante de astrologia ou na capacidade do profissional de usar a astrologia de uma maneira prática e útil é a falta de sintetização dos métodos apresentados nos livros astrológicos. Hoje em dia, podem ser encontrados muitos manuais para principiantes, mas só raramente encontramos, num livro impresso, a explicação de como penetrar no significado essencial dos fatores

astrológicos ou de como discernir um simples padrão de ordem nas infindáveis combinações representadas nos mapas de nascimento. Deve também ser enfatizado que, desde que a Parte 2 trata principalmente dos princípios básicos dos elementos, em muitos casos foi preciso generalizar para trazer à tona o princípio essencial que estava em discussão. Contudo, é bom prevenir aos leitores para não se identificarem apenas com o elemento do signo solar (ou, na verdade, com qualquer outro fator) dos seus mapas, à medida que avançarem na leitura. Conforme tentei esclarecer neste trabalho, cada fator do mapa é uma ênfase independente na configuração do todo, mas um fator forte não domina toda a configuração a ponto de excluir outras áreas enfáticas. É preciso lembrar que, embora o termo "energia" possa parecer um tanto nebuloso para alguns leitores, nossa linguagem simplesmente não oferece palavras mais precisas. Afinal, a energia da luz, se considerada como uma oitava, é apenas uma dentre as setenta e cinco oitavas existentes nas escalas de frequência do espectro eletromagnético conhecido. Tentar descrever energias transcendentes usando nossa linguagem limitada foi uma tarefa difícil e desafiante. Espero que o leitor desculpe qualquer fracasso na comunicação dos significados, bastante sutis, envolvidos.

A forma de abordagem que uma pessoa adota ao estudar qualquer fenômeno é, naturalmente, baseada no propósito que ela tem em mente, consciente ou inconscientemente. Em outras palavras, aquilo que queremos fazer com nossas conclusões determinará a forma de abordagem escolhida. Neste livro, meu objetivo é oferecer um substrato e uma estrutura para a compreensão da astrologia em termos atuais e elucidar tanto a estrutura quanto a aplicação dessa ciência em relação à psicologia contemporânea, à psicoterapia e aos conceitos de energia. Por isso omiti, em grande parte, referências a aspectos mais "ocultos" ou "esotéricos" da astrologia, não porque acredite que uma abordagem desse tipo tenha menos valor, mas porque está além do objetivo deste livro.

Para que ideias novas prosperem, temos que nos libertar das pressuposições "sabidas" a fim de que um sentimento de surpresa possa iluminar nossa percepção. Tal liberdade e receptividade são características de uma verdadeira ciência. É preciso limpar o terreno dos preconceitos intelectuais e emocionais para que se possa conquistar essa liberdade, e foi por essa razão que aqui dediquei tantas páginas a uma crítica sistemática dos métodos "científicos" e psicológicos atuais. Hoje em dia muita gente está

procurando alcançar uma visão da vida mais simples e abrangente do que aquela que se pode encontrar nas disciplinas superespecializadas, comumente ensinadas nas faculdades e universidades tradicionais. Há uma crescente necessidade de colaboração total e satisfatória com os ciclos de vida, e a astrologia pode proporcionar exatamente isso. Conforme escreveu o filósofo e físico L. L. Whyte: "O princípio estético e científico mais profundo reside numa tendência para a simplicidade, a ordem, a elegância, a forma". A astrologia revela o plano global de simplicidade, ordem, elegância e forma que opera no universo inteiro e, em particular, em cada indivíduo.

No campo da psicologia há dúzias de "teorias da personalidade" que tentam descobrir e definir alguma semelhança de ordem no caráter e no estilo de vida do homem. Cada teoria da personalidade pressupõe que existe uma coisa tal como "natureza humana", com que o recém-nascido vem ao mundo, principalmente na forma de predisposições gerais e de potencialidades, melhor do que na forma de características específicas. O problema com as teorias da personalidade, comumente usadas na psicologia atual, é que elas têm uma tendência inerente de se inclinar para o tipo de pessoa que divide certas características com o inventor da teoria. Em outras palavras, desde que o teórico pressupõe que, no fundo, todo mundo é igual a ele, e desde que ele não tem uma estrutura cósmica que possa capacitá-lo a alcançar uma perspectiva mais ampla sobre a espécie humana, na prática real o uso de tais teorias, limitadas e tendenciosas, tem efeitos profundamente destrutivos. Se, todavia, conforme se evidencia neste livro, a astrologia é uma linguagem que descreve as próprias energias que ativam o ser humano, ela poderá muito bem ser o meio mais exato de que podemos dispor para descrever o que é, realmente, a "natureza humana" de cada indivíduo. Depois de usar extensivamente a astrologia durante os últimos nove anos, certamente é isso que ela me parece ser; e, durante os últimos anos passados na minha clínica, pouco a pouco deixei que todas as outras teorias fossem ficando à margem. Não resta dúvida, para mim, de que a astrologia é o meio mais exato e abrangente de compreender a personalidade, o comportamento, a mudança e o desenvolvimento do ser humano.

Muitas vezes me perguntaram por que a astrologia tem presenciado tal renovação da popularidade nos últimos anos. Penso que parte da resposta está no fato de que a cultura ocidental já não tem qualquer mitologia viável para sustentá-la. Em qualquer cultura, o mito sempre atua com uma força

vitalizante porque mostra o relacionamento do homem com uma realidade maior, mais universal. As pessoas sempre tiveram necessidade de um modelo para servir de guia à própria vida coletiva e para dar significado à sua experiência individual.1 Nesse sentido, a astrologia contém toda uma estrutura mitológica. O professor Joseph Campbell escreve:

> O homem não pode se manter no universo sem acreditar em alguma arrumação da herança geral do mito. De fato, até mesmo a plenitude de sua vida pareceria estar em relação direta com a profundidade e o alcance, não do seu pensamento racional, mas da sua mitologia local.

Campbell declara que o mito tem três funções essenciais: "provocar um sentimento de temor respeitoso", "originar uma cosmologia" e "iniciar o indivíduo nas realidades da sua própria psique". Conforme muitas pessoas estão descobrindo hoje em dia, o uso adequado da astrologia preenche todas as três funções. Daí, se concordamos com a definição de mito, dada por Campbell, creio que devemos concordar que a astrologia, conforme o fez durante eras do passado, oferece uma prática e vital mitologia para os nossos tempos.

1 Beyond Stonehenge, por Gerald Hawkins; publicado por Harper & Row, 1973. O autor é um astrônomo da Universidade de Boston, que descobriu uma "orientação cósmica" em praticamente cada uma das grandes civilizações através da História.

PARTE 1

Astrologia e Psicologia

1. A ciência moderna e a psicologia de hoje

O fenômeno humano deve ser medido numa escala cósmica.

– Teilhard de Chardin

Assim como estamos passando por uma revolução mundial nas comunicações, nas formas sociais e nas relações internacionais, também vivemos uma revolução em nossas concepções acerca do homem e do universo. A roda da mudança nunca para, e, atualmente, parecemos estar no ponto crucial onde um velho ciclo de vida está terminando e as características iniciais do ciclo seguinte estão começando a tomar forma. A ciência como um todo e a psicologia como uma disciplina independente devem, ambas, reagir a essas mudanças (e às necessidades, também em processo de mudança, dos homens e das mulheres de hoje) de maneira criativa e receptiva. A maioria das pessoas ainda olha para a "ciência" e para os pretensos experts em busca de respostas para o nosso dilema moderno; com muita frequência, porém, psicólogos, psiquiatras e outros especialistas, que pretendem saber as respostas, realmente têm muito pouco para oferecer ao homem comum. O significado e a importância da experiência pessoal (o verdadeiro domínio de qualquer inquirição psicológica centralizada na pessoa humana) raramente são esclarecidos por esses especialistas. Alguns deles têm dado passos importantes na direção de uma síntese do conhecimento moderno, de forma capaz de provocar uma reação nos sentimentos mais profundos do homem, como o dr. Carl Jung e Pe. Teilhard de Chardin. É comum, porém, até mesmo àqueles que entoam louvores aos elevados ideais da pesquisa em busca da verdade, simplificando a nossa concepção do mundo moderno e ajudando o nosso semelhante, recusarem-se a assumir riscos, preferindo permanecer enclausurados nas suas especialidades profissionais. Só raramente um homem de grande criatividade e coragem, disposto a suportar a crítica difamatória de seus colegas e de seus contemporâneos, assume a tarefa de agir com base nesses ideais elevados.

Na cultura ocidental de hoje descobrimos que o homem está cada vez mais alienado de si e de sua cultura. Está fora de contato com suas raízes humanas

fundamentais. Seus valores tradicionais e culturais estão falindo ou estão sendo abandonados. O homem, hoje, tem uma forte necessidade de restabelecer o contato com a essência da tradição humana e com o núcleo da sua vida psíquica, as quais transcendem tempo e lugar. Até onde eu sei, nenhuma teoria da "personalidade", nos domínios da psicologia, conseguiu chegar a uma compreensão e a uma descrição do Homem Universal. Portanto, chegou a hora de olhar outras coisas, outras teorias, ideias e experiências que são válidas para qualquer ser humano. Esta é, naturalmente, uma incumbência difícil, mas uma sociedade global nasce e, para que ela tenha um nascimento tranquilo, é bom pavimentarmos o caminho procurando compreender o que o homem realmente é. De que natureza é esta nova ordem mundial que está no horizonte? Huston Smith (1971) professor de filosofia na MIT e autor do livro *The Religions of Man*, declara:

> Há (...) três grandes civilizações: Ocidental, Asiática Oriental (chinesa) e Asiática Sulina (indiana). Historicamente, nos seus períodos principais, cada uma delas se especializou em uma destas três áreas-problema: O Ocidente na natureza, a China nas relações sociais e a Índia nas relações psicológicas. Se a hipótese acima é verdadeira, cada civilização tem o dever de tomar lições das outras duas, nas áreas que negligenciou.
> Da China podemos tomar o respeito pela família, a atitude para com a velhice e com a esfera pessoal, como oposta ao império, isto é, uma lealdade maior para com a comunidade centralizada no lar. Da índia, conforme observou Gordon Allport, das quatro metas reconhecidas do homem, isto é, prazer, sucesso mundano, dever e libertação, o Ocidente se preocupou quase que exclusivamente com as duas primeiras, dando pouca atenção ao dever e nenhuma à libertação. Também há o conceito de tipos humanos distintos que, embora aplicado abusivamente no sistema de castas indiano, assim mesmo é um critério válido.
> Segundo, a nova civilização será mais ecológica. Conforme foi observado acima, o Ocidente se preocupou com a natureza, a China e a índia preocuparam-se também mas no espírito de Wordsworth mais do que no de Galileu. A forma de sentir do Ocidente é de dominação sobre a natureza (...). Atualmente há uma tateante procura de originalidade mas, e quanto à qualidade?... Creio que voltaremos para as glórias da simplicidade no aspecto ecológico da nova civilização.
> Minha terceira predição a respeito da nova civilização é que, quando o momento chegar, haverá uma orientação mais espiritual em relação ao mundo. Enquanto no século XIX, víamos a natureza como uma máquina, agora, no século XX, vemo-la como um organismo, com menos determinismo e mais liberdade. Poderemos extrapolar, do mecânico do século XVII ao século XIX, e do biológico do século XX para o psicológico no século XXI?
> Finalmente, estaremos entrando na nova civilização do mundo na mesma medida da nossa capacidade para alcançar um novo padrão de vida que seja alguma forma de síntese destas três ênfases das civilizações passadas: natureza, homem e personalidade. (p. l e ss.)

Hans Stossel (1959) expressa as necessidades do homem moderno desta forma:

> Hoje em dia é essencial que se chegue a uma compreensão cósmica e espiritual mais profunda e será gratificante saber que somente esta é a necessidade da nossa era e a exigência do nosso

> século. Este será o tempo em que o homem terá um conhecimento muito maior (não somente uma crença) de como unificar-se com o universo.

É essa síntese, essa união do homem com o mundo natural e esse sentimento de unidade com o universo, que a astrologia pode oferecer como contribuição para a felicidade do homem moderno. Conforme escreve o psicólogo Robert L. Marrone (1971): "No decorrer de toda a história registrada, o que os pensamentos do homem a respeito da natureza e da sua história com a natureza fizeram foi: diminuí-lo ou engrandecê-lo, separá-lo de seu mundo natural ou fundi-lo com o universo cíclico". O sentimento do homem moderno de separação do mundo natural e a sua falta de identidade com os cosmos explicam (uma vez que este é o *zeitgeist* agora) por que a astrologia tem que ser "provada" antes que muitas pessoas queiram reconhecê-la como uma arte ou como uma ciência válida. Quase todas as culturas que conhecemos tiveram uma forma ou outra de astrologia; e não se pode atribuir isso ao fato de faltar a elas o "esclarecimento" moderno, mas antes ao seu senso imediato de unidade com o meio ambiente cósmico. Mais do que qualquer outra coisa, os preconceitos pseudocientíficos vulgares e a adesão a teorias científicas fora de moda, correntes entre cientistas atuantes, educadores e o público de modo geral, colocam-se no caminho de uma nova síntese de conhecimento e de uma nova esperança para o futuro do homem. Parece que os psicólogos mais acadêmicos, em particular, estão fazendo exatamente aquilo que Robert Oppenheimer (1971) preveniu para que não fosse feito: isto é, estão tentando moldar uma ciência da psicologia sobre uma física que já se tornou obsoleta. Se olharmos para os físicos modernos, veremos uma diversidade incrível e noções tais como antimatéria e indeterminância, cujas descrições soam mais como um relato místico de êxtase religioso do que como aquilo que estamos acostumados a esperar de um tratado científico. Ainda assim, com algumas poucas notáveis exceções, os pesquisadores no campo da psicologia continuam a operar como se fossem bioquímicos ou físicos. Portanto, embora os praticantes da astrologia possam, de fato, beneficiar-se com o conhecimento de certos critérios e processos da psicologia moderna, devem ter o cuidado de não subestimar a própria astrologia e superestimar a eficácia da psicologia atual nos seus esforços para chegar a um tipo de prática astrológica mais sofisticada e respeitável. Conforme declarou C. G. Jung:

"Obviamente, a astrologia oferece muito para a psicologia, mas aquilo que esta última pode oferecer à sua irmã mais velha é menos óbvio".

A ciência é um instrumento poderoso, como é a astrologia. O conhecimento que obtemos através desses métodos pode ser usado de duas formas: manipulação ou avaliação. Infelizmente, até agora a ciência, no Ocidente, tem sido usada principalmente para a primeira, não só nas ciências físicas, como também na psicologia. De acordo com o que escreve o físico e filósofo L. L. Whyte (1954): "A própria ciência poderia beneficiar-se com o reconhecimento mais amplo das preferências inconscientes que guiaram o seu desenvolvimento histórico e que ainda hoje persistem". É hora da ciência em geral e da astrologia e psicologia em particular fazerem um novo esforço em busca de verdade e compreensão, em vez de ficarem apenas colecionando fatos isolados. Embora a astrologia também tenha sido usada, e possa ser usada, para fins manipulativos, sua combinação com as melhores revelações da psicologia pode nos oferecer um meio penetrante de fazermos uma avaliação mais profunda de nós mesmos, do universo e dos outros seres humanos.

Embora alguns cientistas (inclusive psicólogos) expressem delicadamente a ideia de que há necessidade de abordagens novas e criativas para que a ciência progrida, eles mesmos, pela natureza das suas atitudes e por sua identificação pessoal com a "ciência", impedem o desenvolvimento de tais abordagens. Em outras palavras, eles não compreendem o verdadeiro processo criativo (como diferenciado da mera reunião e correlação de fatos). Muitos não percebem que a divisão que há em suas personalidades (profissionalmente "objetivas", ao passo que pessoal e particularmente "subjetivas") impede que ocorra neles o ato criativo. Isso acontece porque a criatividade é o desenvolvimento da unidade e da integração do ser humano ou da luta para alcançar tal unidade. Conforme escreve Rudin (1968), no seu livro *Psychotherapy and Religion*: "Ninguém pode escapar da sua própria alma sem mutilar sua vida e, também, sem se condenar à doença no reino físico e a uma produtividade falsa e estereotipada no reino intelectual" (p. 29-30). Parece que os seguidores e os discípulos dos verdadeiros pioneiros, em qualquer campo, certos de que encontraram a verdade, logo se tornam inflexíveis e fanáticos, congelando as ideias do teórico original. Isso tem o efeito de reprimir novos desenvolvimentos durante décadas. Esse mesmo processo também ocorreu em alguns círculos astrológicos, resultando em nova fragmentação e discórdia num campo que precisa desesperadamente de uma união compreensiva.

Aqueles que se realizam criativamente, cujos nomes são reverenciados nas gerações posteriores, são sempre os que estão verdadeiramente abertos para o que é novo. Essa abertura naturalmente conduz o criador para áreas de pensamento e de pesquisa que são profissionalmente inortodoxas e culturalmente inconvencionais. Como Alfred North Whitehead observou, quase todas as ideias realmente novas têm um certo aspecto ridículo quando apresentadas pela primeira vez. Só precisamos olhar para os nomes e para a vida de alguns dos maiores criadores, na cultura ocidental, para perceber quantos deles se ocuparam com áreas de estudo que, oficialmente, eram tabu na época. Einstein (1954) falou a respeito da experiência "mística" do vislumbre original e da sensação "religiosa" da verdadeira compreensão:

> A mais bela e mais profunda emoção que podemos experimentar é a sensação do místico. Ela é a força de toda ciência verdadeira. Tomar conhecimento de que aquilo que é impenetrável para nós existe realmente, manifestando-se como a mais elevada sabedoria e como a mais radiante beleza que as nossas faculdades obtusas só podem compreender em suas formas mais primitivas – este conhecimento, esta sensação está no âmago da verdadeira religiosidade.

C. G. Jung não só usou a astrologia como instrumento psicológico em sua clínica, como também gastou anos pesquisando os aspectos psicológicos do simbolismo alquímico. Sigmund Freud (1970) escreveu numa carta, ao aproximar-se o fim de sua carreira: "Se tivesse minha vida para viver outra vez devotar-me-ia à pesquisa psíquica mais do que à psicanálise". O astrônomo e físico Kepler (1967) conta-nos que tinha um forte desejo de não ditar na eficiência da astrologia, mas que "a infalível coincidência das configurações estelares e dos eventos sublunares obrigou-me a acreditar contra a minha vontade". Outros cientistas astrólogos famosos são Francis Bacon, Benjamim Franklin, Lorde Napier (o inventor dos logaritmos) e Isaac Newton. De fato, relata-se que foi Newton quem replicou, quando lhe perguntaram o que queria estudar em Cambridge: "Matemática, para que assim eu possa testar a astrologia". Além do mais, conta-se que Newton disse, quando repreendido por Haley (o descobridor do cometa) por acreditar em semelhante superstição: "É evidente que você não analisou a astrologia; eu analisei".

Quanto mais descobrimos sobre a vida, mais tendemos a chegar a ideias que unificam muitas áreas da vida e muitas disciplinas intelectuais. Tais ideias unificadoras são altamente necessárias, hoje em dia, especialmente no campo da psicologia, a ciência que lida mais intimamente com a vida das pessoas. Para

mim, é evidente que a astrologia é justamente o modelo de ordem e unidade que falta à psicologia atualmente. A unidade, a saúde e a integração do ser humano constituem o ponto de partida para a saúde e a viabilidade de uma sociedade. Como é que uma sociedade, cujas instituições educacionais pregam uma abordagem fragmentada da vida e uma divisão distorcida do mundo, pode produzir um indivíduo saudável e criativo? O que hoje é mais necessário, particularmente na instituição educacional, é uma inquirição meticulosa das nossas pressuposições acerca da natureza do homem e do significado da existência. Se somos honestos estaremos abertos para aquilo que é. Portanto, nós mesmos, a fim de estabelecer um tipo de psicologia (e de astrologia) focalizada na saúde e na realização individual, podemos começar a desenvolver uma verdadeira ciência da vida, voltada para o ser psicofísico total, cuja principal característica é a própria consciência. Mas, para fazermos isso, temos que nos libertar da predisposição superada do pensamento materialista, e reconhecer que diferentes tipos de estudo exigem diferentes abordagens.

2. As limitações da velha estrutura

Atualmente, parece óbvio, a muita gente, que a ciência objetiva não satisfaz as necessidades mais profundas do homem, não importa quanto conforto e bem-estar ela possa dar ao corpo e quanto orgulho ao intelecto. Na construção de uma psicologia moderna científica não somente temos que satisfazer o intelecto mas, também, fornecer alguma coisa à qual o coração e alma humanos possam responder. Hoje, no mundo inteiro, chegamos a um ponto em que o homem parece *saber* tudo e não *entender* nada. É ótimo reunir dados e correlacionar fatos estatisticamente, mas uma excessiva concentração sobre pormenores faz perder o contato com o poder integrativo, sinfônico e coerente do todo. Perdemos, portanto, o poder restaurador das grandes verdades universais. A ciência moderna encontra sua profundidade nos detalhes da matéria; e o maior problema decorre do fato de que essas descobertas nunca tornam a se juntar num todo completo e vivo. Uma vez que parecemos ter inclinações para o estudo dos fenômenos complexos, as verdades simples, que são imutáveis, são esquecidas ou escarnecidas. Conforme Goethe (1950) escreve no Fausto:

> Aquele que vai estudar a natureza orgânica
> Primeiro expulsa sua alma com rígida persistência;
> Então, as partes em sua mão ele poderá segurar e classificar,
> Mas o elo espiritual, ai! está perdido.
> (I Parte, IV Cena, p. 66)

Precisamos dar mais ênfase ao todo do que apenas às partes; precisamos olhar, ainda, para os princípios universais ocultos sob a totalidade da vida, antes de começarmos a brincar com a natureza. A crise ecológica com que nos deparamos é apenas o resultado óbvio do uso que o homem fez do "conhecimento" sem a orientação da sabedoria, isto é, sem um discernimento do padrão subjacente ao sistema inteiro. Na sua impaciência por rápidos "resultados", os psiquiatras recorrem a drogas e a tratamentos de choque e chamam isso de "terapia"; os fazendeiros recorrem a pesticidas e fertilizantes químicos, justificando essas ações como uma necessidade econômica ou uma

corajosa tentativa de impedir que a humanidade morra de inanição. O que a astrologia pode fornecer ao homem moderno é a compreensão dos princípios universais, da harmonia do todo e dos planos ocultos da natureza. Esta é uma das razões pelas quais tantas pessoas, nos Estados Unidos, estão começando a se interessar pela astrologia: porque sentem nela a possibilidade de poder-lhes revelar a ordem e o significado de sua vida aparentemente caótica.

Joseph Goodavage (1967), autor de *Astrology: The Space Age Science*, mostra claramente o desencanto moderno com a ciência materialista:

> Parece que alcançamos o ponto de saturação com o materialismo. Ele não tem gerado nada além de frustração, ódio, guerras e lutas de classe. Sua meta é vaga e sem significação, um beco sem saída para a humanidade. Devemos admitir a existência de uma nova evidência, toda ela apontando, infalivelmente, para a sublime unidade e interdependência das coisas na natureza. (p. 139)

De fato, é impressionante observar como muitos cientistas e filósofos modernos admitem o aspecto mental e espiritual do cosmos. No seu livro, *The Mysterious Universe*, Jeans (1932) escreve:

> Hoje, há uma ampla medida de concordância, que no lado físico da ciência se aproxima da unanimidade, com respeito à ideia de que a correnteza do conhecimento está nos conduzindo para uma realidade não mecânica; o universo começa a se parecer mais com um grande pensamento do que com uma grande máquina. A mente já não se apresenta como um intruso acidental no reino da matéria; começamos a suspeitar que deveríamos, antes, saudá-la como criadora e governante do reino da matéria (...) O velho dualismo da mente e da matéria (...) parece propenso a desaparecer; não pelo fato de a matéria, de certo modo, tornar-se mais nebulosa ou insubstancial do que tem sido até então, nem pelo fato de a mente se converter numa atividade da matéria; mas pelo fato de a matéria substancial se converter numa criação e manifestação da mente. Descobrimos que o universo mostra evidências de um poder planejador ou controlador, que tem alguma coisa em comum em nossa mente individual – não, até onde descobrimos, no sentido emocional, moral ou da apreciação estética, mas na tendência para pensar de uma forma que, por falta de uma palavra melhor, descreveremos como matemática (...)

Atualmente muitas pessoas são atraídas para a astrologia porque ela revela esse "poder planejador" do universo numa estrutura matemática.

Irving F. Laucks (1971) explica que a filosofia do "Deus está Morto", dos tempos modernos, tem origem no fato de que o Deus *material* está morto, um caso que todos deveríamos tratar com alegria, na medida em que deixa lugar para o nascimento de uma concepção nova e mais completa da vida e do universo:

> As religiões orientais foram menos materialistas em suas ideias. Para criar o mundo elas usaram um conceito que hoje poderia, facilmente, harmonizar-se com tudo o que sabemos sobre "energia". Desde que a ciência ocidental descobriu que, na construção de um universo, a energia é uma força mais importante do que a matéria, nesse sentido, bem que a ciência ocidental e a religião oriental poderiam cooperar.
> Mais uma vez, na existência além da morte as religiões orientais não são materialistas. Tanto o seu conceito de reencarnação quanto o do Nirvana após a morte poderiam muito bem concordar com "energia" como um futuro meio de existência, melhor do que espaço, tempo e matéria, conforme têm ensinado as religiões ocidentais.
> Essa ideia de que a "matéria", da qual o grande universo é composto (...) nada mais é do que uma coisa intangível, do tipo a que chamamos de força ou "energia", talvez seja o conceito mais importante jamais formado pelo cérebro jovem do homem. Para a ciência, essa ideia tem menos de um século e, até agora, nem a ciência nem o público perceberam toda sua importância. (p. 4)

A nova ênfase sobre "energia" como uma realidade primordial sobre a matéria é analisada pormenorizadamente na Parte 2 deste livro e no Apêndice B, particularmente a relação dos conceitos de energia com a astrologia.

Na vida cotidiana, o lado espiritual do homem é inseparável da vida psicológica. A própria derivação da palavra "psicologia" revela a estreita relação entre a mente do homem e a sua natureza espiritual. A palavra grega *psyche* tinha originalmente dois significados. O primeiro deles é melhor traduzido como alma, isto é, a mais profunda fonte de vida no homem. O segundo era borboleta, que tinha a conotação de espírito imortal impregnando a natureza inteira e cada ser humano. Desde então, na maioria das vezes, psique tem sido definida como "mente", embora muitos psicólogos experimentais e fisiológicos preferissem eliminar um termo tão imaterial quanto este. (Contudo, de acordo com as ciências espirituais e psicológicas da Índia, embora mente e alma estejam estreitamente entrelaçadas no funcionamento cotidiano da vida da maioria das pessoas, na verdade elas são absolutamente distintas. Uma das doutrinas principais das formas avançadas de ioga é a ideia de que a alma só poderá ser livre quando não estiver escravizada à mente.)

Felizmente para a psicologia, alguns psicólogos humanistas não se acanham tanto em considerar os aspectos mais íntimos da vida do homem, aquelas dimensões que transcendem as atividades meramente intelectuais e mentais. Uma psicologia baseada no comportamento observável, presumindo que somente os dados "objetivos" têm valor, na realidade não é nenhuma psicologia. Restringir o âmbito da psicologia ao estudo laboratorial de animais e aos padrões de comportamento manifesto dos seres humanos é incompatível com a definição de seu suposto objeto de estudo, ou seja a psique: qualidade

mente-alma-espírito que impregna todos os esforços humanos e, talvez, toda a criação. Conforme Jung apontou amiúde em seus escritos, não podemos ser "objetivos" quando estudamos a psique humana; pois temos que estudar a psique através da psique do observador. Isso pode ser visto como uma crítica a toda pesquisa denominada objetiva; mas certamente é da maior relevância para o estudo do homem em si e das atividades da sua vida interior. A tendência aos estudos "objetivos" na psicologia, particularmente na escola comportamentalista faz ignorar um fato básico que é exclusivamente humano: a criatividade. Conforme foi mostrado pelas pesquisas de Jung e também do psicólogo de crianças Jean Piaget, a mente não opera como um espelho passivo, mas antes como um artista ativo e determinado. Eis outra citação do livro de Rudin (1968) *Psychotherapy and Religion*:

> A psicologia dos tempos modernos não pode se dar ao luxo, como fez aquela do século XIX, de contornar as urgentes questões atuais referentes à alma e fechar-se num laboratório cheio de aparelhos a fim de realizar experiências, imitando aqueles que lidam com a química e a física. A psicologia entra cautelosamente na vida, no processo ininterrupto da alma individual, nos seus altos e baixos, derramando luz sobre seus desejos e anseios secretos... (p. 21)

Num estado de espírito similar, o psicólogo O. Hobart Mowrer (1969) escreveu que "... esta questão do ajustamento total do homem e da sobrevivência psicossocial não entrega facilmente os seus segredos mais íntimos aos tipos convencionais de inquirição científica..." (p. 14). Esse fato explica por que a psicologia do século XX, em grande parte, tem se estagnado e continua sendo totalmente irrelevante para a vida cotidiana e para os nossos anseios. Ultimamente, os únicos psicólogos que têm feito progressos no sentido da compreensão da vida interior e da experiência imediata do homem são aqueles que se têm aventurado para fora dos domínios restritivos da inquirição científica convencional. Incluo aqui aqueles que começaram a pesquisar áreas há muito negligenciadas, tais como meditação, PES, psicologia e filosofia orientais, mitologia e religião comparadas utilizando também a astrologia e outras técnicas antigas como instrumentos psicológicos. Todas essas áreas de estudo, que poderiam ser livremente agrupadas como aspectos de uma psicologia verdadeiramente humanística, provaram que são úteis ao nosso esforço para libertar e utilizar criativamente as qualidades e capacidades imanentes do homem. Se o nosso objetivo, no estudo da psicologia, fosse o de desenvolver técnicas eficazes de condicionamento, lavagem cerebral e

manipulação dos nossos semelhantes, então deveríamos nos concentrar no lado da vida do homem relacionado com o seu comportamento. Mas, se queremos usar a poderosa ferramenta da ciência para avaliar-nos melhor e a outrens, para aprender a viver de forma saudável e harmoniosa, libertando o que há de mais inspirador e criativo no homem, então temos que perceber as limitações da abordagem materialista e começar uma aventura no desconhecido, sustentados apenas pela fé na sabedoria da natureza e nos destinos elevados do homem.

3. Abordagens diferentes do conhecimento e a questão de prova

Somente conheço a verdade quando ela se torna vida em mim.

– Soren Kierkegaard

O filósofo e físico L. L. Whyte (1948), no seu livro *The Next Development in Man*, argumenta que a tradição intelectual do Ocidente foi marcada por aquilo que ele chama de "dissociação". O que ele quer dizer com isso é que, cada vez mais, desde o tempo de Platão e de São Paulo até o século XX, o comportamento deliberado do homem ocidental, dirigido por sua mente, tem sido organizado através do uso de conceitos estáticos da natureza, ao passo que o seu comportamento espontâneo, em resposta direta à sua experiência imediata, continua a expressar, inevitavelmente, os processos formativos que realmente caracterizam a natureza toda. Essa dissociação entre o corpo e a mente, a personalidade e a natureza, o intelecto e o senso do sentimento e da intuição, tem impregnado toda e qualquer abordagem da vida adotada pelo homem ocidental: intelectual, religiosa, econômica ou política. Normalmente, as raras exceções a essa tendência têm sido os poetas, os místicos e outros que estão situados na periferia da vida sociocultural. Essa tendência dissociativa levou ao colapso da cultura ocidental, conforme pode ser visto nas grandes guerras, na crise ecológica dos dias atuais e nos problemas físicos e mentais que se avolumam com rapidez. Whyte (1954) prossegue dizendo:

> Se a natureza, no todo, é um grande sistema em perpétua transformação e desenvolvimento, a tentativa de isolar qualquer parte está destinada ao fracasso. Em particular, a separação do homem, como dependente, do campo da natureza objetiva, cega-o para a forma de vida apropriada para ele. O homem só pode compreender-se plenamente fundindo o conhecimento objetivo, obtido através da observação da totalidade da natureza orgânica, com o conhecimento subjetivo, de experiência individual. Isso pode trazer uma nova tranquilidade e autoaceitação, uma simplicidade baseada no conhecimento. Os preconceitos negativos da moralidade convencional são substituídos por um entusiasmo positivo pela vida em desenvolvimento... (p. 121)

Whyte assinala que desde o tempo dos gregos os pensadores têm se situado em dois campos, que podem ser chamados de Escola Atomística e

Escola Holística; e os que aderem a um ou ao outro dos dois tipos de abordagem não gostam da outra opinião, que serve como complemento. Em nossa vida diária, usamos as duas abordagens, com graus de ênfase variáveis, muito embora a abordagem holística seja, sem dúvida, a mais abrangente e a mais útil para se compreender os sistemas vastos ou o todo orgânico. Conforme escreve Whyte, a abordagem holística (isto é, a consciência de forma e de padrão) não pode ser ignorada desde que é irrefutável ao fato de que formas regulares dominam a natureza e tudo aquilo que vemos e experimentamos.

Esse mesmo problema de concepções conflitantes da vida é notado pelos psicólogos e pelos filósofos existenciais. O psicólogo Rollo May (1958) diz que o existencialismo "procura compreender o homem cortando abaixo da divisão entre sujeito e objeto, pela qual a mente ocidental tem sido atormentada desde logo depois da Renascença". Muitos existencialistas reconhecem pelo menos duas abordagens diferentes do conhecimento: aquela do "mistério" (à qual Gabriel Marcel se refere como sendo tudo o que possa ser chamado de pessoal, tanto humano quanto divino) e a do "problema" (que nasce da *análise* das partes do todo). Marcel prossegue dizendo que a própria existência não é "explicada" mas, antes, tem que ser esclarecida para poder ser realmente entendida. Pascal, o filósofo francês, negou que o mundo e, especialmente, o homem pudessem ser verdadeiramente compreendidos por meio da análise racional. Ele afirmou que a intuição, isto é, ver através da superfície das coisas e penetrar no seu mistério essencial era, fundamentalmente, a chave para se compreender o homem e o mundo. Aquilo a que Marcel e Pascal estão se referindo aqui, hoje em dia é chamado de abordagem holística. Esclareçamos, então, as diferenças básicas de abordagem, que levaram à dissociação da mente ocidental e à ênfase imerecida sobre atividades puramente intelectuais.

As grandes escolas de mistério da antiguidade (predecessoras das modernas técnicas psicoterapêuticas) ensinaram que a consciência humana só é limitada pelas fronteiras intelectuais arbitrárias que ela impõe a si mesma. Ao estudarmos a história da Civilização Ocidental, percebemos que a ênfase grega sobre a ciência e a razão é considerada como o ponto crítico crucial no desenvolvimento intelectual e cultural do homem ocidental. Essa, naturalmente, foi uma era de grande crescimento na compreensão do homem a respeito de si mesmo e do universo. Todavia, a contribuição dos gregos não se limitou à descoberta de certas leis naturais, em atividade do mundo material;

ela também se estendeu até os domínios da vida e do desenvolvimento interior do indivíduo. "*Conhece-te a ti mesmo*" foi a ideia-chave básica para o desenvolvimento da filosofia grega; e a palavra "filosofia" (*philosophia*) significa, literalmente, "amor à sabedoria". Para os gregos, a ciência não era simplesmente a reunião de dados na esperança de que certas correlações pudessem ser descobertas. Era, antes, uma pesquisa sistemática em busca das verdades *essenciais*, ocultas sob a vida e a natureza e uma tentativa de descobrir não só as leis *naturais*, mas também as leis metafísicas *universais* e da própria vida. E, para os gregos, raciocinar não se referia simplesmente aos cálculos, próprios de computador, da mente lógica, mas antes a uma combinação inspirada (ou inspiradora) de análise e intuição, baseada em ideais de elegância e simetria.

Muitos cientistas modernos ainda acreditam que as teorias mais abrangentes têm que ser, necessariamente, as mais elegantes, esteticamente satisfatórias e essencialmente simples. Contudo, no caso de muitos cientistas, esse ideal tem sido esquecido ou ridicularizado; e a procura de verdades de grande alcance tem sido negligenciada por causa de uma ênfase exagerada dada à análise crítica. Para sermos verdadeiramente científicos temos que nos abster, o quanto for possível, de impor nossas próprias expectativas, desejos e limites intelectuais preconcebidos, sobre a mente dos homens, para que assim o espírito possa crescer em liberdade e florescer. Muitos cientistas, porém, inclusive psicólogos, têm limitado desnecessariamente a sua visão do homem e de seus potenciais. Quando um homem constrói, intelectualmente, uma parede ao redor de si mesmo, essa parede não afeta o que está fora dela; simplesmente impede que o homem veja aquilo que está de fora, distorcendo a estrutura do todo. Nós tentamos compreender a vida limitando-a e classificando-a, tomando como base, principalmente, os nossos preconceitos intelectuais e as nossas predisposições emocionais. Com demasiada frequência, porém, acabamos nos limitando, pois o que ela é, ela é, não importa o que possamos dizer a respeito. As instituições educacionais da nossa cultura poderiam aprender uma lição lucrativa com o Mestre Zen Shunryu Suzuki-roshi (1970):

> Nossa mente original é "mente de principiante", na realidade uma mente vazia e pronta. Se a nossa mente está vazia, ela está pronta para qualquer coisa; está aberta para todas as coisas. Na mente do principiante há muitas possibilidades; na do entendido há poucas... Na mente do principiante não há pensamento, "Eu realizei alguma coisa". Todos os pensamentos egocêntricos limitam a nossa mente vasta. Quando não temos nenhum pensamento de conquista, nenhum

> pensamento do ego, somos verdadeiros principiantes. Então podemos, realmente, aprender alguma coisa.

O intelecto é principalmente vantajoso para a utilização do mundo exterior, material. Vemos um exemplo desde fato quando notamos como a ciência e a tecnologia do Ocidente progrediram rapidamente depois que a deusa da razão foi entronizada na Europa. Todavia, é igualmente certo que não vimos um tal progresso rápido no nosso entendimento do homem por meio dos esforços da psicologia materialista. Só recentemente, quando a razão e o intelecto foram compensados pela ênfase na experiência, no sentimento e na intuição, é que alguns ramos da psicologia começaram a fazer progressos na compreensão da natureza interior do homem. Até agora a aplicação de uma análise puramente intelectual, para se chegar à compreensão do mundo interior da experiência, não tem sido capaz de provar ou desaprovar coisa alguma acerca das questões fundamentais filosóficas ou religiosas, da vida, que formam a base da estrutura psicológica de qualquer pessoa. O positivismo lógico é a manifestação extrema (e o resultado lógico) da abordagem analítica, da qual se poderá dizer que está visando a um máximo de abstração com um mínimo de significado. E o que o homem precisa é de significado; e a compreensão da necessidade de significado, que tem o homem, é indispensável para qualquer psicologia de saúde e unidade. O significado tem que vir de dentro, não de fora; em vista disso, a abordagem analítica sozinha nunca ajudará o homem a satisfazer as suas necessidades mais profundas.

O psicólogo Wilson Van Dusen (1967) expressa, basicamente, a mesma ideia:

> Tudo isso virá a ser mais razoável se o mundo não for mais visto como um mundo físico abstrato, objetivo – uma individualidade separada, absolutamente impessoal. Esse mundo é uma construção conceitual conveniente para os físicos, mas grosseiramente inexata na psicologia das pessoas. O mundo pessoal, o único que cada um de nós conhece realmente, é o mundo pintado com as tonalidades de todos os nossos significados pessoais. O mundo se fecha quando eu durmo. Meu tempo se torna mais lento quando eu estou entediado e se acelera quando eu estou envolvido (...) O mundo das pessoas é um mundo individual.
> (...) O trovão e o relâmpago são belos para mim. Para você eles são alguma outra coisa? Onde estão o trovão e o relâmpago impessoais e objetivos? Eles fazem parte dos eventos relatados, que não significam muito para uma pessoa.
> O mundo objetivo impessoal é um mundo com o qual ninguém se importa! (p. 233)

O biólogo e antropologista Pe. Teilhard de Chardin (1936) também questiona a validade do chamado conhecimento objetivo:

> A verdade é, simplesmente, a total coerência do universo em relação a cada ponto contido nele. Por que deveríamos suspeitar dessa coerência ou subestimá-la justamente quando somos os observadores? Ouvimos falar, continuamente, a respeito de alguma forma de ilusão antropocêntrica formando contraste com algum tipo de realidade objetiva. De fato, uma tal distinção não existe. A verdade do homem é, para o homem, a verdade do universo; em outras palavras, ela é simplesmente, verdade.

A unidade e a coerência total da vida, do homem e do universo, referidas na citação de Chardin, fornecem uma teoria concisa e elegante, que apoia a abordagem da astrologia geocêntrica tradicional e, em essência, leva à correlação microcosmo-macrocosmo observada por autores da Antiguidade.

Para melhor elucidar como essa superênfase sobre obje-tividade se desenvolveu, devemos mencionar aqui a teoria da personalidade, de Jung. De acordo com Jung, há quatro maneiras primárias de conhecer, que ele chama de funções psíquicas básicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Pensamento e sensação podem ser colocados juntos, pois o pensamento analítico é baseado principalmente em dados vindos do mundo exterior e apreendidos através dos sentidos. A intuição e o sentimento também podem ser colocados juntos, uma vez que essas funções têm origem *dentro* do indivíduo e não são totalmente condicionadas pelo meio sociocultural da época. O conhecimento obtido através da intuição e do sentimento é subjetivo e pessoal não podendo ser provado ou verificado objetivamente. (Já que essas quatro funções podem ser agrupadas em duas abordagens distintas do conhecimento, daqui para a frente falarei de "pensamento" e "intuição" para indicar cada grupo.) A faculdade do pensamento funciona através da classificação sistemática e da discriminação dos fatos que são então arrumados em certos padrões, de acordo com o tipo de lógica empregada. (A lógica, desnecessário dizer, é acentuadamente diferente para diferentes pessoas.) Por outro lado, a faculdade da intuição proporciona ao indivíduo uma penetração imediata no funcionamento do sistema global, que está sendo analisado, e uma percepção do funcionamento desse sistema. A intuição é basicamente o poder do homem de percepção direta e o conhecimento imediato, um poder que contorna, transcende ou penetra através do funcionalismo mais lento do intelecto limitado pela lógica. A ciência moderna esqueceu completamente a função intuitiva que há no homem, talvez pressupondo que a intuição seja apenas um pensamento prejudicialmente colorido por sentimentos pessoais. Na realidade, porém, a intuição é um tipo de percepção plenamente

consciente, enquanto o "sentimento" emana de raízes vagas e inconscientes. No homem, a função intuitiva está estreitamente relacionada com a função estética, pois a perfeição do conhecimento, vista na grande arte, nasce de uma percepção intuitiva da ordem e da harmonia e de um conhecimento interior que é atingido quando transcende o pensamento racional. Pela própria natureza da intuição, a linguagem da arte é mais adequada para a sua expressão do que as teorias abstratas ou a matemática. Conforme L. L. Whyte (1954) escreve no seu *Accent on Form*:

> A percepção intuitiva, expressada de forma não verbal, alcança uma esfera de experiência muito mais vasta do que aquela que os símbolos verbais e algébricos, da linguagem e da matemática, jamais poderiam atingir. (p. 122)

Goethe (1954), o grande poeta alemão, expressou sua preferência pelo grande alcance da percepção intuitiva desta maneira: "Gostaria de falar com a Natureza, totalmente em desenhos". Na construção de uma psicologia que lida principalmente com pessoas e experiências pessoais, a faculdade intuitiva tem uma importância fundamental, pois, conforme escreve o psicólogo Wilson Van Dusen (1967): "Eu não brigaria com ninguém que afirmasse ser a linguagem do novelista, do poeta ou do musicista mais próxima da qualidade da experiência humana do que a linguagem dos psicólogos". A tal citação deveríamos aduzir o fato de que a linguagem simbólica da astrologia está ainda mais próxima da qualidade da experiência humana do que a linguagem comum dos psicólogos.

Ao tentar entender a faculdade da intuição, devemos compreender que as atividades imaginativas e intuitivas da mente não são meros subprodutos da análise e da lógica dominadas pelos sentidos. Pois vemos que as pessoas verdadeiramente criativas muitas vezes ameaçam a ordem social, os valores e os modos de pensar que deram origem a elas. Daí, se essas pessoas não obtiveram seus vislumbres por meio de um treinamento nas instituições sociais oficiais, e por meio de padrões socioculturais, de onde vem essa criatividade? Devemos responder que a função intuitiva, no homem, é a fonte original de todos os vislumbres novos e de toda a imaginação.

O intelecto é condicionado por muitos fatores, mas a intuição (portal da inspiração), parece ter uma liberdade relativa.

Vamos agora expor a distinção entre as diferentes abordagens do conhecimento:

	Pensamento	Intuição
a. suposição	causalidade	não necessariamente causal (correspondência dentro do todo)
b. alvo	discriminação e classificação	síntese e ordem
c. natureza dos conceitos resultantes	estática	processo e mudança organizada
d. maneira de proceder	sistemática	imediatista (sincronisticamente)
e. linguagem	quantitativa (matemática ou palavras exatas)	qualitativa (sentimento, visual, artística)
f. orientação	problema	mistério
g. campo de estudo	conteúdo e pormenores do sistema total	o sistema total e a forma e o padrão do todo total
h. unidade de linguagem	sinais	símbolos
i. domínio de utilidade	mundo exterior (material)	mundo interior (psíquico, espiritual)

Pelo exposto acima parece que, enquanto o intelecto pode revelar os segredos da vida exterior e as atividades da matéria, a intuição revela os segredos da vida interior e o campo de experiência pessoal. Para uma ciência abrangente da psique, o ideal seria a fusão dos dois. Mas, numa psicologia que adota como seu principal campo de estudo a vida interior do homem e o significado da sua experiência, a função intuitiva não só deve ter um lugar mas, de fato, deve ser aceita como a abordagem fundamental para a compreensão mais profunda e satisfatória do ser humano. Isso é assim porque a experiência subjetiva das pessoas é, por natureza, *qualitativa*. A abordagem do pensamento

analítico já tem a linguagem quantitativa da matemática para descrever suas descobertas; mas a abordagem intuitiva não teve, até agora, nenhuma linguagem compreensível e aceita por todos para representar as descobertas qualitativas realizadas em seus domínios. A astrologia é justamente essa linguagem, pois é necessária para descrever a experiência e a singularidade do ser humano, de forma útil e compreensível. Embora uma pequena porcentagem da instituição acadêmica e científica aceite a astrologia como uma resposta necessária (isso quando chegam a reconhecer essa necessidade), uma grande parte da população foi atraída naturalmente para a maneira astrológica de ver as coisas e de compreender sua experiência. Em outras palavras, para as artes curativas (medicina, psicologia, psiquiatria etc.) a astrologia pode ser o mesmo que a tabela periódica é para a química. Zipporah Dobyns (1971), uma psicóloga que trabalha pela integração da astrologia e da psicologia e que, na sua clínica usa a astrologia como instrumento fundamental, chama a astrologia de "o maior vislumbre, tido pelo homem, da ordem unificadora existente no cosmos, vitoriosamente traduzido numa forma cognitiva conceitual". E prossegue dizendo:

> ... parece que há duas linguagens superiores que têm uma aplicação universal como meio de classificar e descrever simbolicamente a realidade. A linguagem da quantidade, que chamamos de matemática, pode ser usada paia descrever qualquer coisa que possa ser contada ou medida. Eu gostaria de sugerir à astrologia a linguagem, mais universalmente útil, da qualidade... Estou absolutamente certa de que, antes que se passem muitos anos, os numerosos sistemas de personalidade, agora competindo na psicologia moderna, desaparecerão silenciosamente e serão substituídos por uma astrologia purificada e única. Isso será inevitável, pois a astrologia fornece o único sistema no qual há referências externas, para as categorias, que são claras, predizíveis e capazes de uma complexidade infinitamente além de qualquer classificação da personalidade inventada pela psicologia. (p. 8)

As duas abordagens diferentes que levam ao conhecimento naturalmente dão origem a dois tipos de provas: estatísticas (ou "objetivas") e experienciais (também chamadas "existenciais"). Vamos examinar sumariamente toda essa questão de prova em relação à astrologia.

Provas da astrologia: Por que e como

Embora muitos astrólogos modernos (assim como não astrólogos) estejam realizando estudos estatísticos de premissas astrológicas, devemos

compreender que não podemos confiar numa abordagem estatística para explicar todas as coisas, pois muitas áreas de experiência e muitas qualidades essenciais, na vida, não se prestam a tal estudo. De fato, mesmo quando um estudo estatístico revela correlações de grande importância, com frequência, elas não "explicam" a operação do fenômeno em si. Na ciência, por exemplo, há certas leis empíricas que a experimentação provou que são verdadeiras, mas para as quais nenhuma explicação racional foi arranjada até agora. Na astronomia, o melhor exemplo de tais leis é conhecido como a "Lei de Bode". Esta se relaciona com as distâncias que separam os planetas do Sol. Se escrevermos uma série de números: 0, 3, 6, 12, 24, 48, 96 e depois somarmos 4 a cada termo, obteremos 4, 7, 10, 16, 28, 52, 100. A Lei de Bode declara que as distâncias dos planetas são proporcionais a esses números, isto é, se tomarmos a distância de Mercúrio ao Sol como sendo de 4 unidades, a de Vênus ao Sol de 7, a da Terra de 10 unidades, de Marte de 16, de Júpiter de 52 e a de Saturno de 100. Originalmente, o número 28 não tinha qualquer referência conhecida, até que foram descobertos os asteroides. Estendendo essa lei para além de 100, os astrônomos predisseram a existência de Urano, Netuno e Plutão. A aparição desses planetas transaturnianos, na hora e lugar matematicamente indicados, constitui um dos mais emocionantes capítulos na história das descobertas científicas. E esta conquista deve-se, em grande parte, à percepção intuitiva de Bode, para o qual até hoje não foi oferecida qualquer base analítica. Portanto, devemos ser cautelosos quando usarmos métodos estatísticos, para que as esperanças que depositamos numa tal abordagem não fujam de sua área de utilidade.

A limitação fundamental do método estatístico é que, embora ele seja útil nos casos de generalizações, grupos e quantidades, quase sempre é bem irrelevante quando se trata de indivíduos e de qualidade, que são os pontos focais da psicologia e da astrologia centradas na pessoa. Conforme escreve o psicólogo Rollo May (1969):

> ... se você toma indivíduos como unidades num grupo com o objetivo de uma predição estatística – certamente, um uso legítimo da ciência psicológica – você está, exatamente, *definindo fora do todo* características que fazem deste indivíduo uma pessoa vivente. Ou quando você o toma como um composto de impulsos e forças deterministas, você definiu tudo para o estudo, exceto *aquela pessoa para quem as experiências acontecem*. Definiu tudo, exceto a pessoa real. (p. 372)

A astrologia não tem paralelo porque inclui tanto o aspecto de unidade e engenho quanto o de pormenores, precisão e ciência. Mas, conforme escreve Dane Rudhyar (1964), a ênfase está na "arte de interpretar os fluxos e refluxos cíclicos das energias e das atividades básicas da vida, de modo que a existência de uma pessoa... seja vista como um processo de mudança ordenado, um processo que tem propósito e significação essenciais". Rudhyar (1968) prossegue dizendo que, na astrologia, as medições são simbólicas e têm que ser traduzidas em qualidades humanas:

> Você não pode medir quantitativamente o amor, a reação à beleza, o caráter de uma pessoa – não, a menos que faça dessa pessoa uma máquina tal qual um computador; e é isso que a ciência dos nossos dias está tentando fazer com os seres humanos.

Segundo as palavras de Rudhyar, a astrologia lida essencialmente com "a qualidade de ser" e é justamente aquele tipo de linguagem qualitativa que transcende a esfera de ação dos estudos estatísticos.

O psicólogo C. G. Jung também escreveu sobre as limitações do ponto de vista estatístico. No seu livro *The Undiscovered Self*, ele (1958) diz:

> O método estatístico mostra os fatos na luz da média ideal, mas não nos dá uma imagem da sua realidade empírica. Embora refletindo um indisputável aspecto da realidade, ele pode falsificar a realidade real de uma forma por demais desnorteante. Isso se explica especialmente às teorias que se baseiam em estatísticas. O que caracteriza os fatos reais é a individualidade deles. Para não esmiuçar muito, poderíamos dizer que a imagem real não consiste de nada mais além de exceções à regra, e que, em consequência, a realidade absoluta tem, predominantemente, o caráter de irregularidade.
>
> De modo geral, a educação científica é baseada em verdades estatísticas e em conhecimentos abstratos e por isso transmite uma imagem racional, irreal do mundo, na qual o indivíduo, na qualidade de um fenômeno meramente marginal, não desempenha qualquer papel. O indivíduo, porém, como um dado irracional, é o verdadeiro e autêntico portador da realidade, o homem concreto, em oposição ao homem ideal ou normal, ao qual as declarações científicas se referem.
>
> Não deveríamos subestimar o efeito psicológico da imagem estatística do mundo; ela desaloja o indivíduo em favor das unidades anônimas que se empilham na formação das massas. (p. 17 e ss.)

O fato de que a astrologia nos fornece fórmulas e combinações incomparáveis, de qualidades gerais, arquetípicas, dá a ela um lugar eminente como instrumento psicológico ideal. Embora a astrologia lide com princípios arquetípicos (veja capítulo 4), fornece também, através do mapa do nascimento, um símbolo compreensível da singularidade e da individualidade humana. De fato, a razão pela qual a maior parte da astrologia ainda usa uma estrutura geocêntrica é que os aspectos astrológicos de centralização na terra e

de centralização na pessoa são muito mais enfatizados do que qualquer suposta estrutura objetiva. Embora a astrologia tenha sido criticada por essa aparente distorção, permanece o fato de que, para as pessoas que estão vivendo no planeta Terra, ela é o centro do mundo, da mesma forma que o indivíduo é o centro de seu mundo pessoal.

A validade da astrologia pode ser demonstrada, com clareza, por um tipo de prova que é aplicável ao seu caráter intrínseco. A questão real a ser respondida, em qualquer pesquisa sobre a astrologia, é se – e até que ponto – a astrologia é importante e tem um valor essencial aos seres humanos e, no campo psicológico, a questão é saber se a astrologia é útil para o psicólogo e para o cliente. Qualquer outra questão de provar a astrologia é puramente acadêmica. Quando vemos um número crescente de psicólogos e de psiquiatras, assim como uma grande porcentagem do público em geral, usando a astrologia e encontrando nela alguma coisa de real valor, devemos presumir que ela é realmente útil. Para aqueles que conhecem o valor de tal técnica, a questão de provar ou desaprovar a astrologia nunca surge. Particularmente na psicologia, nos últimos quarenta anos, os verdadeiros profissionais de vários tipos de psicoterapia têm estado muitos anos à frente dos teóricos; portanto, não devemos esperar que a instituição científica e acadêmica apareça com provas em favor da validade das premissas astrológicas. Por amor à perfeição, o Apêndice A traz uma lista de estudos científicos e estatísticos que tem relação com a astrologia. Há, todavia, uma outra prova que o filósofo e astrólogo Dane Rudhyar chama de "prova existencial".

Segundo Rudhyar (1970) somente uma prova existencial pode ser apropriada para as situações que são verdadeiramente individuais:

> Uma prova existencial não pode ser baseada em categorias gerais. Ela só deriva da experiência pessoal em uma determinada situação, envolvendo um complexo conjunto de relacionamentos, que jamais é exatamente duplicado. Se a situação produz resultados significativos para um indivíduo, então ela deve ser considerada válida para esse indivíduo. Se, depois de ter estudado astrologia e de ter seu mapa de nascimento corretamente calculado, uma pessoa percebe, pela primeira vez, que a sequência dos acontecimentos da sua vida faz sentido, acontecimentos que, para ela, até aquele momento pareciam absolutamente caóticos e sem propósito – se, em consequência do seu estudo, for capaz de sentir uma direção e um propósito essenciais na sua vida enquanto indivíduo, de perceber como tem bloqueado essa percepção do significado, da orientação e do propósito – então ficou "existencialmente provado" que a astrologia foi eficaz nesse caso particular. (p. 7)

Para muitos astrólogos modernos, a tentativa de fazer da astrologia apenas mais uma ciência do tipo tradicional, isto é, estabelecer correlações estatísticas sobre uma estrutura puramente causal, significaria o sacrifício de muitas coisas, na astrologia, que são incomparáveis e muito significativas. De acordo com essa opinião, para que isso ocorresse, seria necessário omitir a estrutura cósmica, holística, da qual a astrologia extrai sua utilidade e sua abrangência. Aqueles que querem criar uma ciência astrológica moderna (isto é, querem formulá-la de tal modo que ela passe a ser aceitável para a mente crítica, materialista) estão esquecendo o fato de que a maior força disso vem de ela ser a linguagem cósmica mais compreensível e universalmente aplicável que o homem conhece. No que se refere à precisão das medições, o aspecto "científico" da astrologia certamente existe. Mas este é somente o material bruto para a arte da astrologia; e essa arte – essa técnica de aplicar criativamente os fatores científicos – é que jamais poderá ser entendida numa astrologia cientificamente alicerçada e objetivamente verificável. Não somente seria eliminada uma grande parte daquela sutileza astrológica, mas estariam ausentes os significados mais profundos, aos quais a mente do homem reage. Conforme escreve Anna Crebo (1970), fazer isso seria "tentar forçar uma linguagem cósmica a se expressar numa estrutura dos nossos limitados conceitos atuais. É possível que essa linguagem, para nós, possa ser traduzível em termos de 'imagens, relações visuais, gestos e qualidades'" (p. 81).

O físico suíço Alexander Ruperti (1971) expressa uma opinião semelhante:

> Infelizmente, a atitude científica tende a aumentar o caos ao nível psicológico, porque ela destrói o valor do indivíduo e porque o tipo de existência urbana, controlado pela máquina, que ela produziu, também destruiu o senso de participação do homem nos ritmos da vida e da natureza. O homem moderno tende a esquecer que a principal preocupação da ciência é o estabelecimento de leis coletivas, unicamente para a aplicação geral. O ambiente que a ciência oferece ao homem não lhe dá nenhum significado ou propósito *humano*; dá, simplesmente, fatos frios, intelectuais, que supostamente são imutáveis, mas que, vistos de uma perspectiva mais ampla, poderão mudar facilmente de acordo com o ritmo dos grandes ciclos cósmicos.
>
> Qual é a vantagem de tentar manter a astrologia no colete justo do conhecimento científico, quando sua técnica e filosofia básicas nos permitem escapar da prisão, na qual a ciência colocou a mente humana? Para nós não seria bem mais proveitoso construir uma astrologia sobre suas *próprias bases* e, desse modo, apresentá-la como um recurso para *complementar* a ênfase científica e reorientar a consciência e pensamento da nossa civilização moderna, que perdeu o contacto com suas raízes vitais nos ritmos criativos da vida?... A ciência nos dá conhecimento, nada mais. Nada tem para dizer a respeito do porquê do universo e tudo o que se refere à compreensão e à significação dos valores e metas do ser humano está fora da sua esfera de ação... A dádiva que a astrologia oferece à humanidade é a sua aptidão para solucionar e explicar aquilo que a ciência não pode e não tenta explicar. Precisamos de mais visão, mais imaginação construtiva, se pretendemos nos livrar da nossa atual escravidão a detalhes analíticos e matemáticos, a métodos

> estatísticos. O todo é sempre maior do que a soma das partes, e nenhuma coleção embora completa de dados isolados, referentes às características e ao comportamento exterior de uma pessoa, a revelará como um ser humano vivente, que tem, na vida, um objetivo exclusivamente seu. (p. 7)

Antes de podermos avaliar mais profundamente o papel da astrologia numa psicologia recentemente formulada, devemos examinar os fatores universais e arquetípicos que sustentam a totalidade da vida e influenciam todos os esforços para compreender a experiência.

4. Arquétipos e princípios universais

Para serem amadas, as coisas da terra precisam ser conhecidas; para serem conhecidas, as coisas divinas precisam ser amadas.

– Pascal

Antigamente, afirmava-se que o verdadeiro propósito da filosofia (antes que filosofia se tornasse simplesmente um estéril jogo de palavras, usado para perpetuar a arrogância intelectual) era a procura da essência e da natureza oculta das coisas manifestadas, com base no amor à sabedoria. Em termos atuais, isso poderia ser chamado de uma procura do nível arquetípico da realidade. Hoje em dia, naturalmente, qualquer declaração a respeito de "essências" faria com que a pessoa fosse chamada de ocultista. Contudo, aos nos depararmos com o mundo ao nosso redor e ao buscarmos algum sentido em nossa vida e no tipo de realidade com a qual a massa média lida, temos que admitir que todas as coisas que têm importância estão ocultas, isto é, escondidas. A despeito de todo o suposto conhecimento que temos acumulado, não podemos encontrar *significado* em parte alguma, exceto nos campos de estudo que apontam para uma unidade entre o homem e o universo. Essa unidade e essa relação entre o homem e o universo são as únicas suposições sobre as quais a astrologia está baseada.

O campo da religião comparada e da mitologia constitui uma disciplina que aponta claramente para uma inabalável unidade na totalidade da vida. Este não é o momento para examinar pormenorizadamente as contribuições de C. G. Jung nessa área, pois suas obras completas representam uma existência inteira de estudo erudito e de pesquisa meticulosa. Basta dizer que, mais do que qualquer outro, C. G. Jung mostrou, além de qualquer dúvida, que os principais agentes motivadores da vida, presentes na psique individual, e os padrões psicológicos globais, presentes em culturas inteiras, são manifestações de fatores arquetípicos na psique humana. Esses arquétipos são essenciais na camada psicológica da vida. Jung chama esse substrato psíquico de Inconsciente Coletivo e descreve os arquétipos como princípios universais que são a base e a motivação de toda a vida psicológica, individual e coletiva. Em

ambas, astrologia e mitologia, esses princípios universais constituem o principal campo de estudo, sendo que a diferença entre elas está no fato de que a mitologia dá ênfase às *manifestações* culturais dos arquétipos, em vários planos, enquanto a astrologia utiliza, como sua linguagem, os *próprios princípios arquetípicos essenciais*, para poder compreender as forças e as configurações fundamentais presentes tanto na vida individual quanto na cultural. Historicamente, há uma forte correlação entre os mitos de uma determinada cultura e o tipo de astrologia que ela desenvolveu. De fato, a astrologia pode ser vista como a estrutura mitológica mais compreensível que já surgiu na cultura humana. Conforme foi mencionado no prólogo deste livro, em qualquer cultura o mito serve, idealmente, como força vitalizante porque mostra o relacionamento do homem com uma realidade maior, mais universal. O fato de a cultura ocidental já não ter qualquer mitologia viável para energizá-la explica, em parte, por que a astrologia tem tido um decidido renascimento nos últimos anos; as pessoas sempre precisaram ter um modelo de ordem e de crescimento para guiar sua vida coletiva e para dar significado à sua experiência individual. Conforme escreve Joseph Campbell (1960):

> De onde vem a força destes temas insubstanciais, capazes de galvanizar populações, fazendo delas civilizações, cada uma com sua beleza própria e um destino autopropulsor exclusivamente seu? E por que será que sempre que os homens procuraram alguma coisa sólida para alicerçar a vida escolheram, não os fatos que se espalham pelo mundo, mas os mitos de uma imaginação imemorial...? (p. 20)

A resposta mais óbvia para as perguntas de Campbell é que os deuses da mitologia (exatamente como os planetas na astrologia) representam forças e princípios vivos existentes no universo e na vida de cada um de nós. As conclusões tiradas da pesquisa de Jung sobre os alicerces arquetípicos presentes na mente humana nos levariam a essa resposta, o mesmo ocorrendo com os estudos recentes sobre religião comparada e com algumas áreas da psicologia humanística. É minha opinião que a astrologia nos fornece a chave para a compreensão dessas forças e funções básicas existentes em todos os homens, justamente porque ela tem a virtude de ser a linguagem de energia mais compreensível – e, ao mesmo tempo, a mais precisa – que o homem conhece. Conforme escreve Campbell (1960):

> Pois é um fato que os mitos de nossas várias culturas agem sobre nós, quer consciente, quer inconscientemente, como liberadores de energia, como motivadores da vida e como agentes

diretivos... (p. 20)

Assim como o homem precisa passar por transformações periódicas, os seus mitos devem mudar para combinar com a sua nova dimensão de ser. Conforme a consciência de um homem evolui, assim devem evoluir os seus mitos:

> Pois, tal como acontece com o mundo visível dos reinos vegetal e animal, assim também ocorre no mundo visionário dos deuses; houve uma história, uma evolução, uma série de mutações governadas por leis. (Campbell, 1960 p. 21)

Assim como muda a compreensão do homem a respeito de suas religiões e de seus deuses, muito embora eles ainda continuem a existir de uma forma ou de outra, assim também a astrologia ainda existe, como existe a necessidade que o homem tem dela, a despeito de todas as tentativas para racionalizá-la fora da existência. Devemos, porém, reavaliar a nossa forma de abordá-la, vendo-a não simplesmente como uma disposição ordenada de pistas celestiais que indicam o nosso fado imutável, conforme tem sido tradicionalmente encarada, mas antes utilizando-a como um meio que nos levará a compreender a nossa natureza fundamental, a descobrir o nosso lugar no universo, e assim nos ajudar a viver de maneira plena e criativa. Em outras palavras, a astrologia pode ser vista como *uma mitologia que pode ser usada conscientemente*. O ocidental contemporâneo evoluiu a tal ponto que já não se contenta em viver inconscientemente, de acordo com mitos obsoletos, dogmas rígidos ou tradições arcaicas. Todavia, ele foi longe demais no seu esforço para libertar-se das limitações e das tradições. Perdeu o contato com as bases arquetípicas do seu ser e com a fonte de sustentação e de alimentação espiritual e psicológica que essas bases fornecem. A astrologia pode ser usada como um recurso para reunir o homem ao seu eu interior, à natureza e ao processo evolutivo do universo.

> Princípios Universais
> *Multa renascentur, quae jam cecidere cadentque,*
> *Quae nunc sunt in honore...*
> (Muitos que estão enterrados há longo tempo ressurgirão e muitos que hoje estão cercados de honras submergirão.)
>
> – Horácio

Quais são esses "princípios universais" aos quais nos referimos? Por definição, eles confinam com o transcendente, uma vez que não dão origem a todas as manifestações e configurações observáveis no universo material. Muitos cientistas já passaram a acreditar que há um modelo organizador invisível *no interior* das coisas vivas, uma espécie de modelo psicológico que guia e determina a forma que a energia assumirá. Essa tendência para modelos na natureza pode ser vista em tudo, desde a teoria da evolução até os padrões facilmente predizíveis do desenvolvimento humano, físico e psicológico. Outra palavra comumente usada para descrever esse fenômeno estrutural é "forma". O físico e filósofo L. L. Whyte escreveu um livro importante chamado *Accent on Form* (1954), que trata daquilo que ele chama de princípios formativos, existentes na totalidade da vida. De fato, ele diz que "a lei natural mais abrangente expressa uma tendência formativa" (p. 137).

"Forma" é uma das ideias mais antigas do homem. Os gregos tinham numerosas teorias de formas perfeitas, desde as formas eternas de Platão até as relações quantitativas no espaço, de Euclides, e o estudo dos números e a geometria de Pitágoras. Na Idade Média dizia-se que cada classe de coisas possuía uma essência (*essentia* ou *quidditas*); e essa essência não era considerada uma qualidade estável, mas antes era vista como uma fonte de atividade. A realidade mais profunda era vista como sendo composta de inumeráveis essências, e a tarefa da filosofia era destacar essas essências. A essência de qualquer coisa era o substrato do ser da coisa, aquilo que faz da coisa o que ela é. E, para os filósofos medievais, as formas observáveis, existentes na natureza, não eram entidades estáticas, mas sim ideias encarnadas, no sentido de *idea* de Platão (CARRÉ, 1949). A fonte dessas ideias eternas era vista como a mente universal, o domínio e o repositório de todas as essências (ou arquétipos), de todas as formas que jamais poderão existir e de todas as ideias que jamais poderão ser pensadas. (Incidentalmente, a Mente Universal é, de muitas maneiras, semelhante à concepção de Jung, do Inconsciente Coletivo.) O que causa estranheza é que a física moderna se volta para ideias que, durante tanto tempo, foram ridicularizadas; pois, segundo nos dizem, aquilo que vemos é apenas a forma exterior (ou "forma-onda") da realidade oculta, feita de vibração e energia. A partícula material se transformou num modelo ampliado; o átomo material agora é visto como um campo de energia. Talvez agora haja, uma vez mais, a necessidade de um conceito tal como o da mente universal, aquela que modela ativamente todas as formas.

Um estudo da forma talvez possa revelar como a energia sem forma é organizada em totalidades funcionais; e talvez esse estudo possa iluminar essas essências impalpáveis que existem em todas as coisas. L. L. Whyte (1954) declara que "para entender certa coisa temos que esmiuçar a fundo até encontrar esse modelo básico" (p. 28). Isso é verdade, pois o modelo formal parece determinar as propriedades dos seus constituintes, melhor do que o inverso, fato que dá um grande apoio a uma abordagem holística da vida. Conforme escreve Whyte (1954), "Como podem se desenvolver formas regulares num universo atomístico? No melhor dos casos, elas não seriam altamente improváveis?" (p. 50). Segundo Whyte, uma nova compreensão dos princípios formativos do universo não nos ajudará apenas a entender as teorias da física, a organização biológica e o funcionamento da mente; também poderá dar ao homem uma serenidade que não pode ser alcançada de nenhuma outra maneira.

> Pois, neste ponto, a tradição ocidental reconhece a validade de uma antiga doutrina oriental; quando se quer conquistar a serenidade, o princípio universal tem que ser valorizado acima de qualquer expressão particular.
> Chegou a hora de uma nova harmonia; uma unidade de processos vista em todas as formas particulares e reconciliando suas diferenças. Nova ênfase deve ser dada aos princípios universais, a fim de restaurar o equilíbrio adequado. (p. 191)

E é justamente essa unidade de processos, vista em todas as formas particulares, o que a astrologia nos oferece. Na astrologia cada indivíduo é considerado *uma expressão completa e sem igual dos princípios, padrões e energias universais*. O Zodíaco era considerado pelos astrólogos e filósofos da Antiguidade como sendo a "alma da natureza", aquela que dá forma e ordem à vida. A astrologia é uma linguagem de princípios universais, uma maneira de perceber a forma e a ordem na vida de um ser humano, uma maneira de simbolizar a unidade de cada indivíduo com os fatores universais. Uma abordagem moderna da astrologia não pode ser baseada na suposição de que um ser humano individual é "simplesmente" a soma total das forças universais que constituem a sua composição psicofísica; o indivíduo é antes, uma forma sem paralelo expressando um relacionamento sem paralelo de fatores universais.

Conforme L. L. Whyte (1954) declara, "todas as coisas do universo têm alguma relação com nossa natureza, nossas necessidades e potencialidades. Cada processo reflete algum processo em nós mesmos e evoca alguma

emoção, embora talvez não tenhamos percepção disso" (p. 31). A ideia de Whyte expressa aquilo que os astrólogos antigos chamavam de relacionamento entre o microcosmo e o macrocosmo, isto é, a concepção de que as funções e os fatores existentes dentro do indivíduo refletem os princípios e os processos universais – ou, pelo menos, correspondem a eles. Em termos atuais diríamos que, desde que o universo é um processo total ("universo" significa *girando o um*) e consiste de vários campos de energia interpenetrantes, o campo de energia de qualquer ser humano está intimamente relacionado com o campo de energia, muito mais vasto, do seu ambiente cósmico. Um dos maiores valores da astrologia é que, por meio da compreensão dos fatores universais que estão operando em cada um de nós, podemos alcançar uma compreensão muito maior dos princípios universais da própria vida. A ciência de hoje aceita, como instrumentos úteis, as impressões digitais, as cardiografias e as encefalografias, coisas estas que são, todas elas, manifestações relativamente incomparáveis de ritmos e energias humanas. O mapa astrológico do nascimento é o gráfico através do qual o cosmos (ou o todo maior) nos permite compreender suas energias e seus ritmos, particularmente a maneira como eles operam em cada indivíduo.

Na psicologia, o principal conjunto de obras, que trata de princípios universais e de princípios formativos, é aquele do dr. Carl G. Jung. Os "arquétipos" de Jung não são estruturas físicas, mas antes, segundo Jung (1959),

> ... talvez possam ser comparados ao sistema axial de um cristal, que, por assim dizer, premolda a estrutura cristalina no líquido materno embora não tenha uma existência própria... O arquétipo em si é vazio e puramente formal, nada mais do que uma *facultas praeformandi*, uma faculdade de representação que é dada *a priori*. (pp. 79-80)

Jung prossegue dizendo que "... o que me parece provável é que a verdadeira natureza do arquétipo não pode ser tomada consciente, que é transcendente" (p. 81). Edward Whitmont (1970), um psiquiatra junguiano, escreveu sobre os arquétipos junguianos como "dinâmica transpsicológica, portanto, configurações de energia transcendental". O dr. Whitmont fala de campos arquetípicos relacionados com os símbolos astrológicos dos planetas e define os arquétipos como "padrões e dinâmicas de formas cósmicas, universais". Daí, é evidente que os arquétipos são idênticos aos princípios

formativos mencionados por Whyte e que os fatores astrológicos representam essas mesmas realidades.

Se os arquétipos são a base de toda a vida psíquica e se são, realmente, transcendentes em si (isto é, demasiadamente sutis ou imateriais para uma compreensão consciente imediata), então é muito importante termos uma linguagem para descrever – ou pelo menos para indicar – a sua realidade. E, se não podemos conhecer essas realidades conforme elas são, pelo menos podemos compreender *como* elas funcionam e o que elas significam para nós, recorrendo ao estudo da única ciência que trata de tais forças: a astrologia. Não importa qual o rótulo que possa ser usado para designar esses princípios universais – arquétipos, essências ou princípios formativos – permanece o fato de que tais forças existem no universo e influenciam cada um de nós, tanto partindo do interior quanto do exterior. Essa é a razão por que alguns psicólogos, psiquiatras e conselheiros já começaram a usar a astrologia como instrumento principal, para compreender a dinâmica interior dos clientes. Jung disse que usou muito a astrologia, especialmente com pessoas com as quais tinha um entendimento difícil:

> Como sou um psicólogo, estou principalmente interessado na luz particular que o horóscopo derrama sobre certas complicações existentes no caráter. Nos casos de diagnóstico psicológico difícil, eu normalmente providencio um horóscopo para poder ter um ponto de vista partindo de um ângulo inteiramente diferente. E digo que muitas e muitas vezes descobri que os dados astrológicos elucidam certos pontos que de outro modo eu não teria sido capaz de entender. (de uma carta para o prof. B. V. Raman; 6 set. 1947)

Numa entrevista com o editor de uma revista astrológica francesa, Jung declarou:

> Podemos esperar, com considerável certeza, que uma determinada situação psicológica bem definida seja acompanhada por uma configuração astrológica análoga. A astrologia consiste de configurações simbólicas do inconsciente coletivo, que é o assunto principal da psicologia; os planetas são os deuses, símbolos dos poderes do inconsciente.

Na mesma entrevista, Jung declarou que a predisposição psíquica inata de um indivíduo "parece ser expressada, num horóscopo, de maneira reconhecível". Em muitos dos seus escritos, Jung enfatizou que a astrologia inclui a soma total de todo o conhecimento psicológico da antiguidade, incluindo tanto a predisposição inata dos indivíduos quanto uma maneira exata de cronometrar as crises da vida:

> Observei muitos casos nos quais uma fase psicológica bem definida, ou um evento análogo, foi acompanhada por uma conjunção (particularmente as aflições de Saturno e de Urano). (JUNG, 1954)

O psiquiatra junguiano Edward Whitmont (1970) escreve seguindo linhas similares:

> Aplicadas num sentido mais amplo, as técnicas astrológicas podem vir a ser, para o psicólogo perspicaz, tão valiosas quanto as interpretações dos sonhos. Elas poderão informá-lo, não dos eventos futuros ou mesmo de características pessoais fixas, mas de padrões básicos inconscientes, de dinâmica e de forma, que uma determinada pessoa está "enfrentando" e nas quais ela continua a reagir durante toda a sua vida de maneira peculiar, individual, uma vez que o modo característico de sua vida particular é incluída no todo cósmico.

Zipporah Dobyns (1970), psicóloga já mencionada, diz a respeito do uso da astrologia como instrumento psicológico:

> Antes de tudo, ela oferece um sistema de personalidades baseado numa estrutura de referência externa que, consequentemente, é superior aos sistemas arbitrários – manufaturados com frequência no campo do estudo da personalidade – e que, com certeza, será o sistema universal da psicologia do futuro. Oferece um esquema simbólico do destino e da mente humana, não manipulável pelo paciente que está querendo "fingir que é bom" ou "fingir que é mau", como é relativamente fácil fazer em muitos questionários psicológicos. Oferece uma penetração em áreas sobre as quais o paciente amiúde sabe pouco ou nada... repressões, valores que nunca são verbalizados conscientemente, ambivalências e conflitos projetados em eventos e relacionamentos e jamais encarados conscientemente. Fornece indicações sobre potenciais e talentos irrealizados, canais naturais para integração e sublimação etc. Com o seu registro de configurações passadas e futuras, oferece também indicações sobre traumatismos passados, que o terapeuta perspicaz poderá explorar, e sobre períodos futuros de tensão, quando o indivíduo normalmente necessitará de um apoio extra... Permite a "combinação" de indivíduos, de terapeuta e paciente, de parceiros num casamento, de empregado e empregador etc. Minha firme convicção é de que a psicologia, ou consultoria do futuro, usará o horóscopo tão rotineiramente quanto agora nós usamos a entrevista e os dados sobre os antecedentes do paciente.

Outro psicólogo, Ralph Metzner, que publicou um livro tratando da astrologia e tópicos correlatos, chamado *Maps of Consciousness*, também usa a astrologia em sua clínica:

> Como psicólogo e como psicoterapeuta, tenho me interessado por outro aspecto desse assunto desconcertante e fascinante. Aqui temos uma tipologia psicológica e um meio de avaliação para a diagnose que ultrapassa de longe, em complexidade e sofisticação de análise, qualquer sistema existente... a estrutura de análise – os três alfabetos simbólicos entrelaçados, dos "signos" do Zodíaco, das "casas" e dos "aspectos planetários" – provavelmente é mais apropriada para as complexas variedades da natureza humana do que quaisquer sistemas de tipos, motivos, necessidades, fatores ou escalas, que possam existir.

> O sistema tem a vantagem adicional de ser inteiramente independente de qualquer comportamento por parte do paciente, portanto está livre de reações tendenciosas de qualquer tipo... Ao contrário de outros sistemas de avaliação da personalidade, o processo astrológico tem uma dinâmica inerente: o horóscopo interpretado por um astrólogo perito e com grande prática não só proporciona um quadro sintético de inclinações e tendências hereditárias da pessoa como também aponta potenciais latentes e sugere direções onde o desenvolvimento é necessário – em suma, é um mapa simbólico do processo de autocompreensão. (METZNER, 1970, p. 164-165)

No mesmo artigo, Metzner escreve que a astrologia deveria ser usada como "um auxiliar da psicologia e da psiquiatria", e define a astrologia como uma "astronomia aplicada para propósitos psicológicos".

Somente uma linguagem simbólica é suficientemente universal (especialmente uma que conta com referentes externos como a astrologia) e suficientemente acultural para ser útil a todas as pessoas, jovens e velhas, ricas e pobres, vindas de todos os ambientes educacionais, culturais e nacionais. O grande problema com as teorias da "personalidade", na psicologia geral, é que elas são úteis apenas para uma pequena fração de qualquer população dada. Por outro lado, a astrologia é a teoria mais completa da personalidade; ela unifica e fornece uma base para todas as outras teorias mais especializadas. Além disso, embora outras técnicas simbólicas que não a astrologia possam ser úteis a algumas pessoas, em certas ocasiões elas têm a desvantagem de não possuir referentes externos e uma estrutura exata, mensurável. A astrologia inclui, realmente, as duas linguagens da vida, matemática e simbólica, sintetizando ambas num sistema harmônico cujas utilizações são muito mais amplas do que as de qualquer outro sistema, matemático ou simbólico. A astrologia prova a sua abrangente singularidade descrevendo, com precisão, não apenas tipos de consciência, diferenças e singularidades individuais e tipos de energia que estão operando através da pessoa, mas, além disso, também revela a operação de leis universais de consonâncias, de polaridades e de energias psicofísicas.

5. Abordagens da astrologia

Ignotum per ignotius, obscurum per obscurius.

(O desconhecido através do mais desconhecido,

o obscuro através do mais obscuro.)

– Velho ditado alquímico

A Abordagem Causal

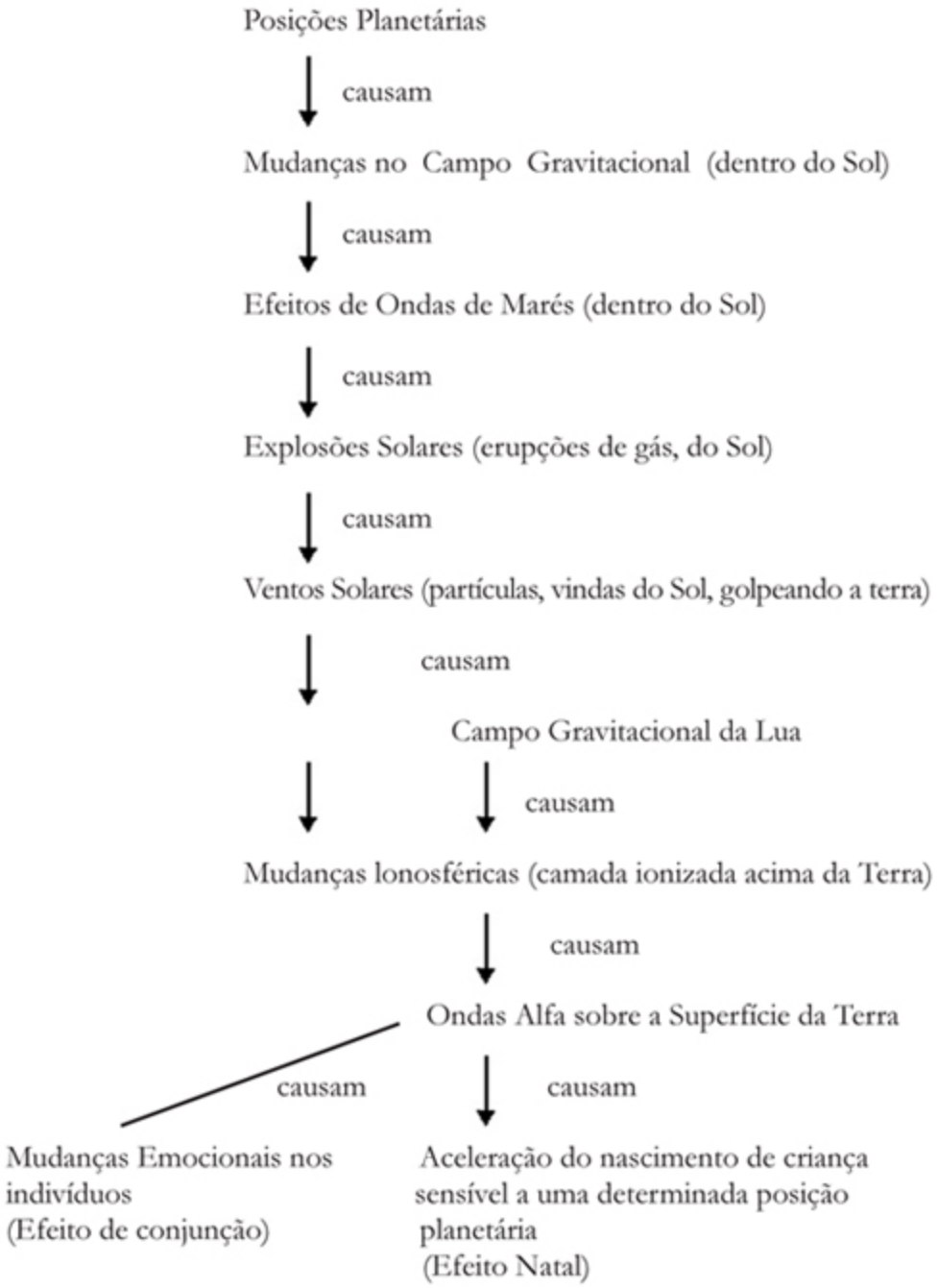
A questão: "como funciona a astrologia?" pode ser abordada dentro de várias estruturas. Se vemos a astrologia numa estrutura causal, há um vasto e crescente conjunto de evidências que podem apoiar a validade da astrologia (Ver Apêndice A). Uma das tentativas mais comuns de explicar a astrologia numa estrutura causal pode ser chamada de "Condicionamento Cósmico" e se refere aos campos eletromagnéticos, delicadamente equilibrados, existentes no sistema solar e no homem, campos eletromagnéticos que mudam constantemente conforme mudam as posições dos planetas. Um cientista, Rex Pay (1967), explica isso desta maneira:

> Sleeper assinalou que, se a cavidade entre a terra e a ionosfera é considerada como um sistema ressonante, ela tem um período característico de cerca de um oitavo de segundo – o tempo que a luz leva para dar a volta ao redor da terra. A frequência de ressonância é de cerca de 8 cps., aproximadamente aquela do ritmo alfa do cérebro humano. Sleeper sugere que o campo geomagnético poderá fornecer o delicado mecanismo de sintonização para essa frequência característica. Se o comportamento fosse afetado por mudanças nessa frequência, então a posição dos planetas poderia desempenhar um papel muito mais importante nas questões humanas do que aquele que antes se supunha. (p. 36)

Numa tal teoria, considera-se que o sistema nervoso humano é sensível às mudanças no ambiente cósmico.

Embora não haja, no momento, nenhuma teoria compreensível e satisfatória, para explicar a astrologia numa estrutura da causalidade, a formulação mais completa, até agora desenvolvida, é aquela de Glynn (1972). Glynn, que escreveu sua tese doutoral sobre a teoria das ondas

eletromagnéticas, afirma que uma explanação causal, plenamente científica, da astrologia, não está fora de nosso alcance. Como solução temporária para o problema ele inventou a seguinte corrente hipotética da causalidade, que incorpora todos os dados científicos relacionados no Apêndice A. Embora, conforme Glynn declara, essa seja a única corrente possível de causalidade que poderia ser usada para explicar a astrologia, uma teoria desse tipo não parece explicar muitos dos dados científicos, agora reunidos, sobre correspondências celestes e terrestres. O que vem a seguir é um diagrama da sua teoria:



(Copyright - American Federation of Astrologers, 1972.)

A "aceleração do nascimento", anteriormente mencionada, refere-se a uma ideia proposta pelo dr. Eugen Jonas, da Tchecoslováquia. Conforme diz Glynn,

> Jonas descobriu que na hora do nascimento o bebê está no ponto máximo do seu ciclo metabólico e provoca, verdadeiramente, o seu próprio nascimento derramando adrenalina na corrente sanguínea da mãe. Seus experimentos indicaram que esse ponto máximo sempre ocorre no mesmo ângulo Sol-Lua, para cada indivíduo. A explicação mais lógica para esse fenômeno é que o embrião tem uma personalidade inerente... A hora do nascimento é, então, precipitada pelos alinhamentos planetários que influenciam mais fortemente o bebê. Portanto, o seu mapa do nascimento nos mostra, realmente, os alinhamentos planetários aos quais você é mais sensível. (p. 30)

A Abordagem Simbólica

Outra forma de abordar a astrologia poderia ser chamada de abordagem simbólica, aquela que considera que os planetas e os signos são símbolos de processos cósmicos e de princípios universais. Como um exemplo disso o esboço que damos a seguir deriva, parcialmente, da tentativa feita por Ebertin (1960), de relacionar o ritmo anual das estações com os signos do Zodíaco.

Signo	Estação	Correspondência psicológica
Áries	Tempo de germinação, energia em expansão	A vontade, o impulso para agir, o espírito empreendedor, autoconsciência, o desejo de liderar
Touro	Revigoração e fortalecimento, criação da forma	Perseverança, consolidação, o poder de dar forma, o sentido da forma
Gêmeos	Vivificação, tempo de floração	Vivacidade, versatilidade, superficialidade
Câncer	Fecundação e fertilização	Abundância de sentimentos, o sentimento da paternidade e da maternidade
Leão	A maturidade da semente	A vontade de criar, a autoconfiança, todos os frutos
Virgem	A colheita, utilização daquilo que foi cultivado	Diligência e cuidado, ordem, natureza domesticada, faculdade para criticar
Libra	Equilíbrio e coordenação na economia da natureza	Senso de justiça, luta pela harmonia, senso comunitário
Escorpião	Processos, na natureza, de término da vida; continuação da vida na semente	Paciência e perseverança, luta impiedosa pela sobrevivência
Sagitário	O sono de inverno da natureza	Cultivo do lado interior ou espiritual da vida, planejamento esperançoso para o futuro
Capricórnio	Cristalização das formas no inverno	Luta incansável pela sobrevivência, paciência, apego a formas sociais cristalizadas
Aquário	Tempo de espera antes da primavera	Atitude expectante, bons poderes de observação, abundância de planos
Peixes	O entumescimento da semente dentro da terra	Primeiros movimentos da nova vida dentro dos remanescentes da velha

Os signos do Zodíaco também têm sido simbolicamente analisados levando-se em consideração a sua imagem constelacional (por exemplo, áries, o touro, os gêmeos etc.). Todas essas abordagens podem ser compensadoras mas, não importa qual a abordagem escolhida, devemos admitir que, por ter durado tanto tempo e ter sido elevada à uma posição tão proeminente, a astrologia deve ser a resposta para uma grande necessidade latente no homem. O fato de ser a astrologia a linguagem simbólica mais completa foi notado por muitos psicólogos, conforme demonstrado pelas citações apresentadas nos capítulos anteriores. Mas a pergunta relativa a que se referem esses símbolos permanece sem resposta. Afinal, símbolos são *símbolos*, pela própria razão de que se referem a *realidades* vivas que não podem ser expressadas de qualquer outra maneira (pelo menos no momento presente). Talvez essa pergunta nunca possa ser respondida, e o homem nunca expresse em palavras as realidades transcendentes do cosmos. Contudo, podemos fazer uso dessa linguagem simbólica se considerarmos que ela representa padrões, princípios e forças universais, por mais transcendentes que possam ser tais fatores. Não obstante, a abordagem simbólica da astrologia só pode ser completa e útil se vista numa estrutura de abordagem *holística* da totalidade da vida.

A Abordagem Holística

A filosofia do *holismo* pressupõe que o universo inteiro é um sistema completo e que dentro do grande todo há todos menores, cujas estruturas, padrões e funções correspondem completamente àquelas do todo maior. Os astrólogos e os filósofos da época medieval usaram o conceito microcosmo/macrocosmo para expressar essa ideia; isto é, o universo inteiro está, em microcosmo, no homem; e, por outro lado, as configurações estreladas, existentes no céu, eram vistas como o Grande Homem ou o Homem Cósmico. Um exemplo desse tipo de correlação pode ser visto na comparação de um simples átomo com o nosso sistema solar. O átomo é um microcosmo do macrocósmico sistema solar. Essa mesma concepção foi chamada de "princípio de correspondências" pelos poetas metafísicos ingleses. O importante a respeito dessa abordagem é que através do estudo dos ciclos e das configurações no todo maior (os planetas) podemos depreender os ciclos e configurações presentes no homem.

A abordagem holística não pressupõe que a causalidade seja a lei básica do universo, pois, se de fato o universo é um *todo*, como qualquer coisa pode *causar*, basicamente, qualquer outra coisa? Melhor, a antiga lei das correspondências entre as partes de um todo é uma forma mais apropriada para encarar o fenômeno holístico. C. G. Jung dá a essa lei de correspondências o nome de "Sincronicidade", um princípio de ligação a-causal; e, com referência à astrologia, ele assinala que qualquer coisa que é feita ou que nasce num determinado momento no tempo traz, inevitavelmente, as *qualidades* daquele momento. Jung usa o exemplo de um perito em vinhos que, com uma simples prova, podia dizer o tipo da uva, a área onde fora cultivada e o ano da colheita. Essa lei de Sincronicidade explica por que o horóscopo é calculado para o momento da primeira respiração do indivíduo, pois esse é o momento em que a criança recém-nascida inicia o seu ritmo *individual*, em sintonia com o todo maior de toda a vida que o rodeia.

A psicóloga Zipporah Dobyns (1971) explica, dessa maneira, a sua concepção de Sincronicidade:

> Acredito que, fundamentalmente, todos os planetas são parte da ordem do cosmos e, desse modo, suas configurações são indícios extremamente úteis, referentes à mesma ordem que existe em todas as partes. Acredito que o papel dos planetas, de manter ou criar a ordem, é mínimo em comparação com o valor deles como um mapa ou um esquema da ordem. (p. 8)

Essa mesma ideia é expressada em toda a literatura e filosofia da Antiguidade e atual. Emerson, por exemplo, escreve: "As leis pelas quais o Universo é organizado reaparecem em cada ponto e governarão esse ponto". Lincoln Barnett (1951) diz mais: "O objetivo de Einstein, no sentido geral, é mostrar que todas as formas da natureza – estrelas, planetas, luz, eletricidade e, possivelmente, até mesmo as pequeninas partículas que estão no átomo – obedecem às mesmas leis universais". O uso fundamental da astrologia e o seu valor residem na aplicação, em nossa vida individual, desse conhecimento das leis universais.

Mais do que qualquer outro astrólogo ou filósofo moderno, Dane Rudhyar expõe, de maneira clara e compreensível, uma abordagem holística da astrologia e, de fato, da psicologia, da filosofia e de todas as matérias que concernem ao homem como ser individual. Durante os últimos cinquenta anos Rudhyar publicou dúzias de livros e centenas de artigos tratando de assuntos astrológicos, psicológicos, culturais e filosóficos, sendo os mais

conhecidos: *The Astrology of Personality* (1936), *The Practice of Astrology* (1968), *Birth-Patterns for a New Humanity* (1969), *The Planetarization of Consciousness* (1970) e *An Astrological Study of Psychological Complexes and Emotional Problems* (1966). Em adição, ele vem desenvolvendo aquilo que chama de "Astrologia Humanística", uma abordagem nova e moderna da astrologia, inteiramente compatível com as técnicas psicológicas modernas. Mais do que qualquer pessoa, Rudhyar apresentou a astrologia de forma ponderada e sofisticada, que combina perfeitamente com os vislumbres mais promissores da ciência, da filosofia e da psicologia atuais.

A filosofia que serve de base para todos os trabalhos de Rudhyar é a do holismo, cuja premissa básica é de que a existência se manifesta em todos os níveis em termos de todos, isto é, de campos organizados de atividades interdependentes. Para Rudhyar, a astrologia é a mais completa linguagem possuída pelo homem, na forma, na estrutura e no ritmo do todo funcional. Num de seus primeiros livros, *The Astrology of Personality* (1936), Rudhyar se refere à astrologia como uma "álgebra da vida", isto é, uma forma de compreender a ordem essencial na totalidade da vida individual e coletiva. Além disso, em uma de suas obras mais recentes (1969), ele diz o seguinte a respeito da astrologia:

> A astrologia, quando a encaramos de perto, naquilo que ela é capaz de interpretar e de significar, surge como uma linguagem simbólica na qual a estrutura, no tempo e no espaço, de todos maiores (como o sistema solar) está relacionada com o desenvolvimento estrutural de todos menores (como um ser humano ou como a humanidade – como um todo). A astrologia é, de fato, a aplicação prática de uma abordagem holístico-filosófica da existência. De acordo com essa filosofia, cada todo-existência está contido num todo maior, que, por seu turno, é um todo menor contido num outro todo que é maior. Um sistema organizado de atividades existenciais é, por conseguinte, tanto o continente de todos menores, como um dos conteúdos de um sistema muito maior. (p.35)
>
> A astrologia, conforme eu vejo, lida essencialmente com ciclos de movimentos e ritmos cósmicos (ou biocósmicos). Lida com "forma", ou *gestalt* – com princípios estruturadores inerentes em cada sistema organizado, de atividades; dessa maneira, em cada todo. Não é uma questão de influência literal, direta, externa, exercida por alguns corpos celestes sobre entidades que estão vivendo na Terra. A astrologia é uma maneira de estudar e compreender o arranjo ou a organização de algumas poucas funções e impulsos essenciais existentes em qualquer todo de atividade organizada. Nos tempos antigos, esse conceito era expressado com a correspondência estrutural entre microcosmo e macrocosmo, mas originalmente a Terra toda era vista como um microcosmo análogo, na estrutura básica, ao universo inteiro. Somente mais tarde, à medida que os processos de individualização humana prosseguiram e os indivíduos emergiram das sociedades tribais, que interpenetravam e controlavam tudo, é que tais pessoas individualizadas começaram a ser encaradas como microcosmos – um fato que Jesus afirmou vigorosamente quando disse: "O reino de Deus está em ti". (p. 93)

Até mesmo um cientista tão eminente quanto Teilhard de Chardin confirma a validade de uma abordagem holística da vida, por exemplo, quando escreve que o simples só pode ser compreendido em termos do mais complexo. O psicólogo Rollo May (1960) diz quase a mesma coisa:

> ...é somente meia verdade sustentar que o organismo deve ser compreendido em termos dos elementos mais simples, que estão abaixo dele na escala evolutiva; é igualmente verdade que cada nova função forma nova complexidade que condiciona todos os elementos mais simples existentes no organismo. (p. 686)

A Abordagem em Termos de Energia

Na época atual, a filosofia holística é, para muitos, a abordagem mais estética e intelectualmente satisfatória da astrologia. Contudo, há ainda uma outra abordagem da astrologia que só agora está começando a se destacar e aguarda a possibilidade de solucionar muitas das diferenças existentes entre defensores de um ou outro ponto de vista. Essa abordagem lida com as energias essenciais e com os padrões de energia que operam nos indivíduos. Essas energias são simbolizadas, no horóscopo, pelos planetas e pelos signos. A Parte 2 deste livro é um esforço para apresentar, de forma sistemática, essa abordagem da astrologia, uma concepção focalizada sobre as energias básicas que nos animam. O enfoque astrológico em termos de energia é, em essência, um enfoque holístico, pois incorpora simultaneamente todas as dimensões da vida do homem. Nesse ponto é preciso dizer que agora estão sendo realizados muitos trabalhos que derramam luz sobre as energias mais sutis existentes no homem, e sobre as *formas de energia* específicas, existentes na natureza inteira. Parece cada vez mais evidente o fato de que uma adesão cega a uma estrutura de pensamento puramente causal jamais nos dará capacidade para desenvolver uma teoria astrológica inteligente, e talvez até mesmo possa impedir que cheguemos a compreender os usos adequados e racionais da astrologia. Conforme escreve Alexander Ruperti (1971), o físico e astrólogo suíço:

> Onde Paracelso fala de identidade de microcosmo e macrocosmo, onde Rudhyar fala de princípio de ressonância simpática de todas as partes do todo universal, onde Jung fala de um princípio sincronístico governando manifestações idênticas de um fenômeno psíquico, a astrologia moderna, porque segue a atitude científica, insiste em *objetivar* tais correspondências numa lei de causa e efeito. Desse modo, por causa do fetiche da respeitabilidade científica, a astrologia moderna trai a sua antiga herança.

O verdadeiro papel da astrologia tem sido, e deveria continuar a ser, aquele de demonstrar a existência de uma ordem universal no nível de desenvolvimento, no qual a atenção do homem está focalizada em qualquer momento dado. O tempo de utilidade da astrologia, no trazer ordem para o plano físico de existência, já terminou. Atualmente a ciência está muito mais bem equipada do que a astrologia, para realizar essa tarefa. No *nível psicológico*, porém, a natureza do homem atual está num caos e é por essa razão que sugerimos que a missão mais elevada da astrologia, em termos das necessidades cruciais do homem moderno, é apresentar uma prova da existência de uma ordem harmônica ao nível psicológico. (p. 6)

6. Psicologia humanística e astrologia humanística

Durante a última década houve um recrudescimento do interesse pelos aspectos da vida que são distintamente humanos e subjetivos. Na psicologia esse enfoque tem sido chamado de "terceira força" ou psicologia humanística, e é nitidamente diferente dos modelos mais mecanicistas de homem, construídos pelas gerações anteriores de psicólogos. Embora a psicologia humanística venha crescendo célere e esteja exercendo uma influência cada vez maior sobre outros campos de estudo, ainda é considerada, por muitos psicólogos da velha escola, insuficientemente acurada e científica. A psicologia humanística é uma abordagem mais holística e compreensiva, da vida emocional e da psique do homem, do que a maioria das outras abordagens vistas nesse campo. Seu grande alcance e sua ênfase no holismo e na subjetividade, naturalmente tornam mais difícil a inclusão de dados mensuráveis e objetivamente confirmáveis. Contudo, há ainda uma outra arma psicológica que satisfaz a necessidade da psicologia humanística de um sistema preciso de tipos e de diferenças humanas: é a astrologia.

Em que a psicologia humanística é diferente de todas as outras vias de acesso à compreensão da natureza do homem? Primeiro, todos os psicólogos humanísticos dão um exemplo de confiança na unidade e no potencial de crescimento de cada ser humano. Como escreve o psicólogo Carl Rogers (1967):

> ...o ser humano subjetivo tem uma importância e um valor que são fundamentais; não importa como possa ser chamado ou avaliado, antes de tudo ele é um ser humano, e muito profundamente. Não é apenas uma máquina, uma coleção de elos formados por estímulos e reações, um objeto ou um peão. (p. 2)

Outro psicólogo, Maurice Termerlin (1963), escreve:

> Ao contrário das metas científicas, as metas de uma psicoterapia humanística não são nem a previsibilidade nem o controle. De fato, quanto menos previsível o indivíduo se torna, mais bem-sucedida é a psicoterapia, pois a sua rigidez é reduzida e a sua espontaneidade e criatividade são aumentadas. (p. 37)

Aquilo que Termerlin diz a respeito da psicologia humanística poderá dar a impressão de estar em conflito com a ênfase na predição, encontrada nas ideias populares acerca da astrologia e, de fato, em alguns tipos de prática astrológica. No escopo da astrologia humanística, porém, a ênfase é colocada na pessoa, mais do que num acontecimento específico. Assim escreveu um importante porta-voz da astrologia humanística, Dane Rudhyar, "as pessoas acontecem para acontecimentos". Essa é a diferença crucial na ênfase entre a astrologia humanística e outros usos da astrologia. Do mesmo modo, toda a ênfase de uma abordagem humanística dos estados de "doença" física ou psicológica muda quando, em vez de saber que tipo de problema uma pessoa tem, passa-se a saber que *tipo de pessoa tem um problema*.

Outra nova ênfase importante na psicologia humanística é que o potencial de criatividade e autorrealização do homem é considerado como mais essencial do que suas limitações, anormalidades e dificuldades no ajustamento social. De fato a Psicologia Humanística é a única abordagem popular que leva em consideração a qualidade ímpar e o modo de ser individual, os próprios fatores com os quais a astrologia lida específica e exaustivamente. O psicólogo existencial humanístico, Rollo May (1969), define "ser" como "padrão de potencialidades" individuais, e prossegue dizendo que "essas potencialidades serão partilhadas com outras pessoas, mas, em cada caso, formarão um padrão sem igual em cada indivíduo", (p. 371). Essa citação de Rollo May poderia, com a mesma facilidade, referir-se ao mapa de nascimento individual (horóscopo). Pois o mapa astrológico do nascimento simboliza, de maneira holística, o padrão de potencialidades sem paralelo que anima a cada um de nós.

Um grande fomentador da abordagem humanística da psicologia é James F. T. Bugenthal, organizador do livro *Challenges of Humanistic Psychology*. Num artigo chamado "The Challenge That is Man" (1967), Bugenthal escreve:

> Fazer uma declaração a respeito de uma galáxia distante é fazer uma declaração a nosso respeito. Propor uma "lei" da ação de massa e energia é oferecer uma hipótese sobre a nossa maneira de ser no mundo. Escrever uma descrição de microrganismos sobre uma lâmina de microscópio é publicar um relato de uma experiência humana... O psicólogo humanístico... aceita, como campo de trabalho, esse subjetivismo básico de toda a expe-riência.
> O que quero dizer, literalmente, é que qualquer declaração que fazemos sobre o mundo (o "lá fora") é, sem dúvida, iniludivelmente, uma declaração sobre a nossa teoria a respeito de nós mesmos (do "aqui dentro")... A subjetividade fundamental de tudo o que chamamos de objetivo é

> expressada por muitos escritores, de vários meios... O reflorescimento da psicologia humanística significa que a atenção científica está novamente dirigida para a prioridade do subjetivo. (p. 5-7)

Nessa citação, Bugenthal está delineando a sua visão da natureza holística do universo, que é a premissa filosófica básica da astrologia. Bugenthal também descreve aquilo que vê como alvo primordial da psicologia humanística:

> A psicologia humanística tem como meta suprema a preparação de uma descrição completa do que significa estar vivo na qualidade de ser humano. Naturalmente, esta é uma meta que talvez nunca seja plenamente alcançada; contudo, é importante reconhecer a natureza da tarefa. Uma tal descrição completa incluiria, necessariamente, um inventário dos talentos inatos do homem, suas potencialidades de sentimento, pensamento e ação, seu crescimento, evolução e declínio, sua interação com várias condições ambientais... o alcance e a variedade de experiências que ele pode ter, o seu lugar significativo no universo. (p. 7)

A menos que esteja familiarizado com os usos e a precisão da astrologia, Bugenthal, sem dúvida, não tem percepção de como está próxima a conquista dessa meta. Usando a astrologia como instrumento psicológico, todos os pontos incluídos na citação acima podem ser esclarecidos e sistematizados de forma compreensível, ao mesmo tempo conservando a receptividade e o potencial para o desenvolvimento individual, tão importantes para uma psicologia humanística. Bugenthal também toca na questão da previsibilidade:

> ... a psicologia humanística procura descrever, de tal modo, o homem e as suas experiências. Ele estará mais habilitado para predizer e controlar suas *próprias* experiências (e assim resistir, implicitamente, ao controle de outros). (p. 11)

Esse alvo é exatamente o da astrologia humanística, conforme apresentada por Dane Rudhyar nos seus volumosos escritos. Essa previsibilidade não contradiz, de modo algum, a premissa da liberdade individual do homem, pois a liberdade primordial é a de escolher a nossa atitude diante de um determinado conjunto de circunstâncias. Conforme escreve o psicólogo Carl Rogers (1967):

> É a liberdade interior, subjetiva, existencial que eu observei. É o fardo de ser responsável pela personalidade que o indivíduo decide ser. É o reconhecimento, pela pessoa, de que ela é um processo emergente, não um produto final estático... Um segundo ponto, na definição dessa experiência de liberdade, é que ela existe não como uma contradição para a imagem do universo psicológico como sequência de causa e efeito, mas como um complemento de tal universo. A liberdade, corretamente entendida, é um cumprimento, pela pessoa, da sequência ordenada da sua vida. Como disse Martin Buber, "o homem livre... acredita no destino e que este precisa dele".

> Movimenta-se voluntariamente, livremente, responsavelmente, para desempenhar seu papel significativo em um mundo cujos eventos determinados movem-se através dele e através da sua vontade e escolha espontâneas. Citando novamente Buber, "aquele que esquece tudo o que é motivado e toma decisões vindas do íntimo... é um homem livre e o destino o enfrenta como contraparte da sua liberdade. Não é o seu limite, mas a sua realização".
> Falamos, então, de uma liberdade inerente à pessoa, subjetiva, uma liberdade na qual o indivíduo decide realizar-se, desempenhando um papel responsável e voluntário no desenrolar dos eventos predestinados do seu mundo. Essa experiência de liberdade é, para os meus clientes, um desenvolvimento extremamente significativo, que os ajuda a se tornarem humanos no relacionamento social, a ser uma pessoa. (p. 52)

Hoje, um dos poucos obstáculos da abordagem humanística da psicologia está no fato de tentar manter uma atitude franca e compreensiva diante do indivíduo, sem as limitações determinantes de categorias relativas em constante mudança, categorias essas, porém, que são absolutamente necessárias para que se possa chegar à exatidão descritiva e à certeza teórica, são as metas supremas aspiradas pela psicologia humanística. Daí, descobrimos que grande parte da psicologia humanística ainda é apenas um conjunto de atitudes, ou uma abordagem geral, em vez de constituir uma teoria acurada e útil da personalidade e do desenvolvimento humano. Muitos psicólogos humanísticos hesitam em adotar qualquer conjunto de regras ou processos para distinguir tipos humanos diferentes, porque viram que tais teorias foram usadas, no passado, simplesmente para apoiar a ética social de um determinado período histórico, tendo, eventualmente, degenerado em severos embaraços numa situação terapêutica. Muitos psicólogos humanísticos estão, hoje em dia, ativamente envolvidos na pesquisa da importância das experiências transcendentes, místicas ou "transpessoais". Tais pesquisas os levam a enfrentar questões e realidades metafísicas, e o elo com esse nível de experiência torna nítida a insuficiência de velhas teorias da personalidade. Por isso eu sinto, intensamente, que o único padrão de referência e de contexto de vida, suficientemente universal para uma base para a psicologia humanística moderna, é o próprio universo com seus padrões, ciclos e ritmos imutáveis.

Esse é o tipo de astrologia humanística que Dane Rudhyar desenvolveu durante os últimos quarenta anos, uma astrologia centrada na pessoa, mais do que centrada no evento, uma astrologia concebida essencialmente como uma linguagem que usa os movimentos cíclicos dos corpos celestes, como símbolos que transmitem para os seres humanos uma compreensão direta e de aplicação prática, de padrões básicos que estruturam a existência individual e coletiva. Uma astrologia assim, isto é, que lida principalmente com a forma, a estrutura

do todo, oferece base sólida para uma psicologia que lida principalmente com o conteúdo da experiência pessoal. Num contexto tão amplo e vistas em perspectiva contra um cenário universal, as experiências cotidianas da vida normal e as crises ocasionais, que modelam novas fases de crescimento, passam a ser mais compreensíveis e, essencialmente, mais significativas. Conforme escreve Rudhyar (1971):

> O objetivo é ser capaz de perceber que tudo o que acontece, em qualquer tempo, se encaixa no quadro geral ou na estrutura da sua existência.
> Aqueles que olham a vida a partir de um ponto de vista existencial, vendo todas as coisas como se fossem absurdas, estão destruindo a saúde e a vitalidade do homem, conforme demonstraram os experimentos realizados por Victor Frankel. O que o homem precisa, antes de tudo, é ser saudável no sentido de significado. O significado é definido como uma passagem através de numerosas fases que, relacionadas entre si, transformam-se no plano de referência para aquilo que acontece em sua vida. *Mostrar ao homem a significação de sua vida é o que de mais importante a astrologia pode fazer*... (p. 4)
> A astrologia é importante porque demonstra que a vida se presta a uma interpretação significativa. (p. 5)

Uma das razões da abominável reputação da astrologia nos círculos científicos e acadêmicos durante as décadas passadas é que quase toda a astrologia – e principalmente a astrologia popular – ainda se ocupava com a predição de eventos definidos, mais do que com a vida interior do ser humano. O passo mais importante, dado pela astrologia humanística de Rudhyar, é que ela transfere a ênfase ao mundo exterior dos eventos para o mundo exterior da experiência e crescimento pessoal. Várias técnicas de "predição", tais como sequências e conjunções, ainda têm lugar numa astrologia humanisticamente orientada, mas a importância daquilo que tais técnicas indicam muda passando de um ato do destino, determinístico e sem significado, para uma oportunidade significativa para experimentar e integrar novos aspectos na nossa maneira de ser. Em outras palavras, essas ocasiões, assinaladas como críticas (por meio da análise dos ciclos mais vitais para o padrão de desenvolvimento da pessoa como um indivíduo), são vistas como parte de um padrão de crescimento e autorrealização ainda maior. Assim sendo, mesmo as experiências difíceis assumem um significado pessoal, positivo, que produz crescimento. Rudhyar (1971) explica, da seguinte maneira, essa nova ênfase dada ao indivíduo, na astrologia:

> Se você quer que a astrologia demonstre a sua força, não deve focalizar o ponto no qual ela é incomparável, onde ela é capaz de revelar o valor mais absoluto. Essa é a situação individual.

> O que você tenta compreender é o significado dessa situação como um todo. A razão pela qual a situação dos planetas é importante é que: se você compreende que o universo é um organismo, no sentido mais amplo do termo, um sistema de atividades integradas, então, qualquer coisa que acontece com esse sistema tem um lugar e uma função dentro dele. Se você quer compreender um determinado ponto no tempo e no espaço, nesse sistema, tem que ver esse ponto em relação com o sistema todo. A unidade do sistema está trabalhando constantemente em harmonia polifônica com a vida do indivíduo, que se separou do todo porque se transformou, ele próprio, num pequeno todo, num pequeno organismo. Cada vez que qualquer coisa se individualiza, saindo do todo, continua sendo parte do todo... Na astrologia, a ideia é relacionar toda a atividade funcional do ser humano com dez símbolos básicos, ou planetas, cada planeta representando uma qualidade definida de atividade. Vistos em conjunto, eles representam um esquema da pessoa como um todo. (p. 4)

No seu opúsculo *Astrology for New Minds* (1969) Rudhyar explica esse ponto:

> ... Cada ser humano é um todo orgânico, relativamente independente, no qual várias forças atuam dinamicamente entre si, segundo um padrão original e originador, que estabelece o seu propósito na vida e a sua relação básica com o todo existente no universo. Esse todo orgânico – a pessoa como indivíduo – não é essencialmente diferente do todo orgânico, infinitamente maior e mais vasto, que chamamos de universo. De fato, a pessoa como um indivíduo, constitui um aspecto particular do Todo Universal, *focalizado* num determinado ponto no espaço e em termos da sua necessidade particular, no momento exato da sua emergência numa existência independente. Esse momento é o da primeira respiração, porque é nesse instante que os ritmos básicos da existência do indivíduo são estabelecidos num determinado meio ambiente. (p. 27)

Desde que, conforme escreve Rudhyar, "os elementos *substanciais* ou os impulsos básicos, presentes em *todo* sistema existencial organizado, são os mesmos" e desde que os seres humanos na Terra fazem parte do mesmo todo ao qual pertencem os planetas do sistemas solar, temos uma base sobre a qual construir uma linguagem cósmica apropriada para o padrão de funcionamento e a maneira de ser do homem. Numa palestra realizada na American Federation of Astrologers Convention (1968) Rudhyar resumiu o que considerou ser o uso mais importante da astrologia:

> É o caminho para uma vida mais consciente, mais abrangente, em termos de uma percepção mais objetiva do caráter e do significado relativo dos fatores básicos, que estruturam a sua existência e a existência das pessoas que o cercam... é o caminho para a sabedoria.

Hoje em dia, os psicólogos humanísticos tentam criar uma psicologia que enfatiza os fatores positivos, tais como a autorrealização, criatividade, conquista de uma consciência mais elevada e percepção de uma maneira imediata da nossa individualidade essencial. O psicólogo humanisticamente

orientado, o educador, o consultor ou o leigo, poderão encontrar na astrologia o seu instrumento primordial, pois ela oferece uma linguagem que descreve, com exatidão, a incomparável combinação de fatores universais que operam em cada pessoa.

7. A astrologia na arte de aconselhar e orientar

Os capítulos anteriores já delinearam alguns dos usos e valores fundamentais das percepções astrológicas no campo da psicologia em geral. A astrologia é igualmente aplicável nas áreas da arte de aconselhar e orientar, quer seja a consultoria matrimonial, infantil ou familiar, quer seja nos tipos específicos de psicoterapia, ou simplesmente na orientação que muitos de nós buscamos diariamente, em nossa vida, tenhamos ou não o título de "psicólogos". Desde que as considerações teóricas mais importantes foram tratadas com minuciosidade nos capítulos anteriores, neste capítulo eu simplesmente quero assinalar algumas aplicações específicas e práticas da astrologia, na área geral da arte de aconselhar e orientar. Como muitos leitores provavelmente sabem, há vários tipos de astrologia, completos e com correlações simbólicas particulares, apropriados para o assunto que se tem em mão. Há muitas aplicações das leis astrológicas básicas mas é na área das artes de aconselhar e orientar que estou particularmente interessado, por isso sinto que a partilha de algumas percepções que obtive usando a astrologia diariamente, numa enorme clínica de consultoria, poderá ser de alguma importância para o leitor.

Desejo enfatizar que aconselhar é uma *arte* e que é numa situação entre conselheiro e cliente que os símbolos da astrologia tomam vida no ato. A arte de aconselhar é uma transmutação de energia pessoal, uma maneira de elucidar as realidades da situação geral da vida do cliente e do seu modo particular de ser. Embora possamos incrementar as nossas habilidades na arte de orientar, através da experiência, da prática dedicada e do autoexame penetrante, a arte em si não pode ser ensinada. Desde que cada indivíduo é diferente, a maneira particular de se utilizar a astrologia na consultoria diferirá da abordagem de qualquer outra pessoa. Eu mesmo não estou nada interessado em representar o papel de guru ou em estruturar minha clínica profissional de maneira tal que as pessoas venham a mim esperando que eu faça tudo, que só eu fale por elas e lhes entregue todas as respostas para seus dilemas pessoais. Para mim é evidente que a própria franqueza do cliente, em cada situação, determina, de fato, o alcance do auxílio que ele irá obter por meio do nosso intercâmbio ou

qual a profundidade da ampliação do seu autoconhecimento. Isso se aplica a todas as situações da vida; de acordo com nossa disposição para dar e do quão preparados estamos para encarar a nossa própria verdade, assim programamos aquilo que iremos receber. O fato de alguns astrólogos continuarem a desempenhar o papel de ledores da *buena-dicha* ou de um onisciente veículo da sabedoria cósmica, simplesmente indica que tais profissionais têm os seus egos muito envolvidos nesse papel. Os astrólogos, não importa como eles se vejam ou como o público os vê, são seres humanos como quaisquer outros, com conhecimento, compreensão e experiência limitados. Diferem dos outros apenas no estudo (supõe-se que bastante profundo) do sistema de símbolos cósmicos que lhes dá um instrumento adequado para penetrarem debaixo da superfície do ego, da autoilusão e dos papéis sociais.

Na prática cotidiana da astrologia como profissão, é da maior importância que a honestidade intelectual do profissional seja inflexível. Em outras palavras, se não sabe a resposta para uma pergunta, não compreende algum aspecto do mapa astral, não tem realmente um contato harmônico, num certo nível, com a pessoa, ele não deve hesitar em dizer isso e, consequentemente, em pedir ajuda ou esclarecimento. Acho que muitos astrólogos amiúde se defrontam com um cliente que quer jogar toda a responsabilidade em suas mãos, projetando a imagem de guru sobre eles; esse é um jogo que o ego adora e por isso mesmo é fácil cair num tal papel sem perceber as implicações reais dessa atitude. Contudo, deveríamos perceber que de pouco vale simplesmente aconselhar, sem dar também um meio para se alcançar uma compreensão mais profunda, pois cada pessoa, seja homem ou mulher, deve fazer o seu próprio trabalho e, através da própria experiência, chegar até aquela percepção mais elevada, que poderá capacitá-la a superar ou a transcender a dificuldade. Ao mesmo tempo, o astrólogo deveria compreender o poder que tem à sua disposição e a espantosa sensibilidade às sugestões que têm os seres humanos e, portanto, usar esse poder com a mais extrema cautela. É preferível calar do que dar palpites sem fundamentos, baseado em compreensão insuficiente, simplesmente por causa da insegurança do ego ou atendendo a pedidos insistentes do cliente. Conforme Zipporah Dobyns assinalou, por trás das declarações do astrólogo – e até onde o cliente é capaz de perceber – estão o poder e a autoridade do cosmos. Essa é uma responsabilidade que não pode ser encarada levianamente. Além disso, nossa honestidade intelectual deverá chegar ao ponto em que o conselheiro declarará, abertamente, suas crenças

filosóficas e éticas particulares, se elas estão interferindo na sua capacidade para lidar objetivamente com uma determinada pessoa ou situação.

O relacionamento entre astrólogo e cliente é tão profundamente pessoal quanto aquele entre médico e paciente. A qualidade desse relacionamento é um fator decisivo no resultado da consulta. Portanto, nenhum astrólogo deve sentir hesitação quanto a enviar a pessoa para um outro astrólogo, se acha que alguma tensão ou resistência, num relacionamento particular, torna impossível lidar com o cliente com eficiência e franqueza. Não se trata de quem é o "melhor" astrólogo. Há tipos diferentes de astrólogos para tipos diferentes de pessoas. O que um astrólogo não é capaz de compreender ou tratar poderá ser exatamente a força maior de outro profissional. Portanto, não são apenas os sistemas particulares de astrologia ou os tipos específicos de técnicas astrológicas usadas, que determinam a qualidade da prática astrológica; o mais importante é a qualidade do relacionamento e a profundidade do autoconhecimento que iluminam o intercâmbio entre consultor e cliente. Sem os benefícios desse intercâmbio de pessoa para pessoa no trabalho astrológico, é impossível usar os processos astrológicos da maneira mais profunda e com todo o proveito. Embora o levantamento de um mapa para alguém que o astrólogo não viu pessoalmente possa ser-lhe muito útil, esse indivíduo geralmente poderia chegar a uma compreensão muito mais profunda se tivesse um contato pessoal com o astrólogo. Pois, sem esse contato pessoal imediato é impossível saber (a menos que sejamos psíquicos verdadeiramente privilegiados) em que nível de percepção o indivíduo reagirá às suas circunstâncias interiores e exteriores.

Na parte que resta deste capítulo, simplesmente farei uma lista de alguns dos valores que a astrologia pode oferecer às artes de orientação e conselho. Esses são meus próprios valores pessoais e estão, naturalmente, relacionados com minha experiência e minha atitude particular para com a vida.

1. O livro sagrado hindu, *Bhagavad Gita*, declara que é a "mente que mata o real". Um autor moderno escreveu, "A morte do ego é o nascimento de tudo o mais". A utilização da astrologia pode oferecer uma perspectiva e um desligamento dos padrões da mente e do ego, para que possamos, ocasionalmente, perceber o que é real; enquanto formos vítimas desses padrões estaremos numa escuridão total. O mapa natalício revela esses padrões de forma clara, o que nos permite lidar, mais eficientemente, com nossos hábitos e com nós mesmos.

2. A astrologia nos ajuda a desenvolver a paciência, pois, quando se pode ver os aspectos estruturais de nossa existência estão sujeitos a uma periodicidade e a um ritmo cíclico já estabelecidos, é muito mais fácil viver no presente com uma aceitação paciente do aqui e do agora, sabendo que a fase presente terminará quando tiver cumprido o seu propósito. O tipo de paciência que pode ser conseguido com a ajuda da astrologia foi definido, por um autor, como "um alinhamento ativo com a cronometragem de Deus".

3. A astrologia fornece um modelo de crescimento e de desenvolvimento que é bem superior a qualquer outro instrumento psicológico. Indica aquilo em que deveríamos estar trabalhando, o significado essencial de uma determinada experiência ou fase da vida, quais as configurações interiores com as quais estamos entrando em acordo e a duração aproximada de qualquer fase particular de experiência; oferece também uma forma acurada de cronometrarmos as mudanças cruciais da vida.

4. A astrologia habilita a pessoa a entrar em sintonia com os seus próprios poderes e a usar a força do pensamento, da vontade e da vitalidade criativa, para moldar uma maneira melhor de ser. Prestando atenção aos ciclos astrológicos, podemos ver quando teremos a oportunidade de desenvolver novas abordagens da vida e quando seremos testados para saber se as abordagens atuais são verdadeiramente satisfatórias e criativas.

5. O estudo da astrologia, ou a familiaridade com a prática astrológica através da experiência de consultoria, permite compreender mais profundamente as Leis Universais que impregnam a totalidade da vida, o que ajuda o indivíduo a se apoiar nessas verdades universais, na sua vida interior. Entre essas leis estão: ordem, compensação (ou equilíbrio), causa e efeito (carma), vibração, ciclos, polaridade, "aquilo que você pensa você se torna" e "semelhante gera o semelhante".

6. A astrologia, nas artes de consultoria, mostra como qualquer experiência se encaixa no padrão de ordem muito maior, que constitui a nossa estrutura básica de vida, ou plano de vida.

7. A astrologia nos fornece um senso de perspectiva e nos oferece um meio através do qual podemos ter a percepção daquilo que diz respeito à nossa vida, de modo que não ficamos "pendurados" numa experiência, numa frustração ou num bloqueio. Ela pode nos colocar em contato com o dinamismo e a natureza cíclica da vida na sua totalidade.

8. A astrologia pode nos dar fé em alguma coisa muito maior do que a mera consciência do ego, portanto, pode nos dar fé no nosso *verdadeiro* eu.

9. A astrologia ajuda o conselheiro, ou o terapeuta, a *penetrar dentro* do cliente, a sintonizar-se com ele de acordo com sua própria natureza mais do que a projetar suas próprias suposições inconscientes sobre o indivíduo. Também o capacita a escolher o tratamento ou a terapia mais adequada para determinada pessoa.

10. A astrologia pode fornecer a chave das iniciações (isto é, dos períodos cruciais de confrontação e crescimento acentuados) que ocorrem na vida de todas as pessoas, um padrão e uma necessidade que são ignorados pela cultura ocidental.

11. A astrologia proporciona um meio através do qual os sentimentos mais profundos e os anseios inconscientes do cliente poderão ser trazidos à tona onde serão percebidos e formulados. Aquilo que originalmente era um incômodo vazio e modesto, pode então ser transformado num reservatório de energia criativa recém-liberada, sempre dando, ao indivíduo, um senso claro do novo passo e novo significado à vida.

12. A astrologia capacita a pessoa a determinar o tipo de atividade no qual as suas energias vitais podem fluir com maior facilidade e satisfação.

13. A astrologia pode ajudar as pessoas no sentido de obterem mais confiança em si mesmas, por meio da confirmação das sugestões, dos sentimentos e do conhecimento interior que elas, muitas vezes, devem ter tido medo de expressar ou nos quais não confiaram. Melhor do que a comentada crítica dirigida à astrologia de que ela torna a pessoa fraca porque a faz depender de forças que estão fora do seu eu, o uso adequado do conhecimento astrológico pode ajudar o indivíduo a desenvolver um grau muito maior de autoconfiança. Assim uma pessoa sente amiúde, no seu íntimo, que tem qualidades especiais numa determinada área, por exemplo, mas a falta de confiança faz com que lhe seja difícil transformar esse sentimento em realidade.

14. A astrologia nos ajuda a entender que "o mundo todo é um estágio" e que estamos simplesmente desempenhando um papel neste imenso drama. Uma tal compreensão nos dá um senso de perspectiva e de humor que, sozinho, pode fazer com que a vida seja mais fácil de ser enfrentada. Enfim, uma tal concepção nos leva, eventualmente, a considerar as questões

fundamentais da vida: Quem é o ator neste drama? Quem é o diretor? E quem é o autor?

15. A astrologia pode-nos fazer ver que em nós há muitas forças que agem, que a nossa existência no mundo material inclui muitas forças, necessidades e anseios. A astrologia ajuda a nossa identificação com a totalidade desse processo de vida, melhor do que a nossa identificação, conforme acontece com a maioria das pessoas, com uma ou duas dimensões de experiência limitada.

16. O uso da astrologia nas artes da consultoria humana capacita o conselheiro a ajudar a pessoa a se colocar em linha com a verdade da sua natureza e do seu ser, melhor do que modelá-la para que se enquadre numa teoria, feita pelo homem, de como ela deveria ser.

8. Notas sobre educação e treinamento de consultores astrológicos

Quem quer que esteja envolvido na educação americana, seja como estudante, professor, administrador ou pai, está começando a perceber, gradualmente, que as nossas instituições educacionais são arcaicas. É tempo de uma total transformação, não só da estrutura do currículo mas também das próprias suposições sobre as quais se baseia o sistema todo. Hoje em dia, muitos pais sentem-se tão desgostosos com a educação nas escolas públicas que vêm organizando suas próprias escolas "livres" – muitas vezes a troco de grande sacrifício financeiro para que seus filhos possam aprender e crescer numa atmosfera saudável, livre de coerções e sempre competitivas. Algumas dessas pessoas chegaram à conclusão de que a escola que, como tal, está divorciada da vida cotidiana de uma comunidade, é em si obsoleta. E assim vemos, em quase todos os Estados da União, o crescimento rápido de comunidades de pessoas que partilham metas e valores similares e que estão começando a integrar a educação dos seus filhos na própria estrutura dos seus estilos de vida.

O que se quer dizer com a palavra "educação"? A maioria das pessoas e até mesmo muitos dicionários limitam o seu significado ao processo de transmitir informações por meio da instrução, do treinamento e da prática. O sentido mais profundo da palavra, porém, significa, etimologicamente, "guiar para fora" ou "puxar para fora". Penso que podemos presumir que esse processo se refere a *guiar para fora da escuridão* e levar para a luz, ou *puxar para fora* a essência daquilo que já está ali, no indivíduo. Portanto, podemos ver que educação é realmente um processo bem mais sutil do que aquele que normalmente se presume ser. Seu verdadeiro propósito não é tanto a memorização de dados, a fim de que o aluno possa se tornar um computador humano funcionando suavemente, mas antes é a abolição do medo e o desenvolvimento orientado da percepção. Isso não quer dizer que não haja lugar, na educação moderna, para o ensino de habilidades técnicas; mas o que destaco aqui é o fato de que

não há quantidade de conhecimento técnico que possa pesar mais do que a necessidade do desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo. Se as nossas universidades se tornaram meras escolas de treinamento vocacional (o que a maioria delas está se transformando), elas devem ser reconhecidas como tal, em vez de se manter a ilusão falsa de que os seus propósitos são a busca da verdade e a formação do caráter.

Sinto que o grande problema existente no nosso sistema educacional é que as escolas tentam ser todas as coisas para todas as pessoas. Escolas primárias procuram funcionar também como babás, professoras de moral, órgãos de socialização e como lugares onde as crianças aprendem comunicação básica e habilidades matemáticas. Somadas a todas essas responsabilidades, ainda há o esforço para providenciar classes especiais e orientação para aquelas crianças emocionalmente perturbadas, que foram negligenciadas pelos pais. As escolas secundárias – que já não podem servir de babá para adolescentes entre treze e dezenove anos – usualmente têm uma atmosfera de prisão; e, com exceção de algumas poucas que procuram progredir de uma forma academicamente definida, as escolas secundárias dão pouco estímulo e muita frustração aos seus alunos. Universidades e colégios, com exceção de uns poucos estabelecimentos particulares, estão tentando fazer tantas coisas que o caos, a respeito do qual lemos nos jornais, é o resultado inevitável. Estão tentando fazer tudo, desde o treinamento vocacional e o trabalho profissional especializado, até a educação em pequena escala e a mudança social em grande escala. Sinto que poderemos alcançar uma certa aparência de ordem nos programas educacionais da nossa sociedade, se tivermos compreensão o bastante para aprender algumas lições com o mais antigo padrão de ordem e de desenvolvimento individual: a astrologia.

No zodíaco estão simbolizadas quatro fases de educação individual. São os signos mutáveis; Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes. (Na verdade, se considerarmos a "educação" nas suas ramificações mais amplas, cada signo zodiacal representa uma fase da personalidade individual, uma fase de crescimento, portanto, de "educação" pessoal. Idealmente, todas essas fases de crescimento, esses padrões de desenvolvimento e modo de ser, deveriam ser levados em consideração por cada professor. Contudo, para o propósito da sistematização institucional e social das fases de crescimento *mental-espiritual* marcante, os signos mutáveis são suficientes.) Esses quatro estágios da educação individual podem ser definidos da seguinte maneira:

GÊMEOS representa o nível de desenvolvimento social primário e a obtenção de habilidades intelectuais básicas. Nesse estágio de desenvolvimento está incluída a formação dos primeiros relacionamentos da criança com seus iguais, dentro ou fora da família. Essa fase também simboliza os primeiros esforços que a criança faz para formular seus próprios pensamentos, para encarar o mundo à sua maneira e para imaginar (por meio de processos racionais) e expressar suas percepções. Portanto, a palavra-chave do signo de Gêmeos, *comunicação*, aqui opera em ambos os níveis, intelectual e social.

VIRGEM representa o período de serviços prestados à sociedade, a aprendizagem com um mestre na profissão com a qual a pessoa ganhará o seu sustento e o contato inicial com o mundo prático, cotidiano do trabalho pesado, dos deveres e das responsabilidades. Essa fase de crescimento pessoal é quase que inteiramente esquecida na nossa cultura. Daí acontece que temos milhares – talvez milhões – de pessoas jovens, com curso superior, que recebem o diploma e ficam estarrecidas ao perceber que não têm possibilidade realmente de *fazer* nada. Sua educação superior lhes encheu a cabeça com volumes de ideias inúteis e, frequentemente, impraticáveis; e nesse meio-tempo elas não adquiriram nenhuma *habilidade* real, com a qual pudessem pôr em prática os conhecimentos teóricos. Uma vez que muitos desses indivíduos agora são, no mínimo, *amadores* eruditos ou intelectuais, torna-se difícil e frustrante recuarem da fase da nona Casa, da educação superior, para a fase da sexta Casa, da labuta e da servidão. Uma boa melhora no nosso programa nacional de educação poderia resultar do estabelecimento dos períodos de aprendizagem imediatamente após o término da fase de Gêmeos (nas idades entre 14 e 16 anos). Se essa antiga iniciação no mundo do dia a dia fosse revivida no nosso país, muitos jovens se sentiriam felizes com um trabalho que iriam apreciar. Então, a fase de Sagitário se seguiria naturalmente.

SAGITÁRIO simboliza a fase de desenvolvimento que se desenrola naturalmente a partir da fase Virgem de aprendizagem. Frequentemente se diz que Sagitário e a nona Casa representam a "educação superior"; mas, no geral, esse signo simboliza a conquista da perícia pessoal no campo escolhido, quer sua manifestação seja sob a forma de um artesão perito ou de um profissional de uma das profissões que são gabadas com tanto alarde. Essa é uma fase de educação individual em que começamos a ter um efeito marcante sobre o mundo em geral, quer ensinando novos aprendizes, quer publicando o fruto dos nossos trabalhos ou então estabelecendo normas para as gerações futuras.

Portanto, essa fase de desenvolvimento tanto inclui o aprender (no sentido de aperfeiçoar o nosso trabalho, o nosso caráter e os nossos ideais) quanto o dispor daquilo que aprendemos. Nos Estados Unidos, na educação tradicional presumimos, erroneamente, que alguém com um diploma de doutor em filosofia ou em medicina, ou qualquer outro título, é um mestre no seu campo. Esquecemos o fato de que a verdadeira perícia de mestre só vem depois de um período de rigorosa autodisciplina, de trabalho fatigante e meticuloso, e do desenvolvimento gradual da humildade baseada na percepção de que a pessoa nada poderia saber, realmente, sem o trabalho dos seus predecessores. Só porque canalizamos as pessoas, o mais rapidamente possível, através de todos os tipos de programas educativos a fim de "produzir" tantos doutores em filosofia ou em medicina, isso não significa que tenhamos enriquecido nossa cultura com um número igual de verdadeiros mestres. Nós sacrificamos a qualidade pela quantidade, simplesmente para manter a ilusão de que a excelência pode ser comprada por um preço barato.

PEIXES representa a fase de desenvolvimento individual que vem depois que a pessoa completou o seu trabalho na sociedade, já cumpriu as suas obrigações familiares e sentiu a necessidade imperiosa de se voltar para o próprio íntimo, a fim de experimentar o tipo de educação mais refinado e essencial: a educação do homem espiritual. Na Índia, embora essa tradição esteja mudando lentamente, existe um modelo básico de vida estreitamente relacionado com os quatro estágios que descrevemos. No último estágio, a manifestação que se vê é a pessoa afastando-se do mundo (inclusive dos parentes) e se dedicando às disciplinas espirituais. Essa fase Peixes, então, simboliza a *devoção* e o sacrifício das ligações mundanas da pessoa, para que ela venha a se transformar num canal para a manifestação e a percepção de uma verdade muito maior, de um todo mais compreensivo. O grande psicólogo C. G. Jung escreveu um ensaio chamado *The Stages of Life*, no qual descreve um padrão normal de crescimento consciente muito semelhante àquele que estamos analisando aqui. O último estágio, segundo Jung, é a volta acentuada para dentro, para as percepções espirituais.

O relacionamento entre mestre e estudante

A astrologia também pode nos ajudar a lidar com os outros como pessoas distintas, individuais, ao mesmo tempo percebendo que todos fazemos parte do mesmo universo, que somos, simplesmente, manifestações diferentes do mesmo todo. Essa distinção das pessoas como indivíduos é um fator importante na educação que é quase inteiramente esquecido nos programas de treinamento de professores. O fato é que a maioria dos professores (na verdade, a maioria das pessoas) nunca aceitou, realmente, a verdade de que todos os indivíduos são diferentes. Naturalmente, uma tal aceitação requer um certo grau de autoconhecimento da parte do professor. Sem essa aceitação básica das diferenças pessoais, um professor irá impor, inconscientemente, suas próprias predisposições e expectativas sobre seus alunos. Em consequência, um professor de Câncer (isto é, tendo Câncer como signo solar) poderá detestar plenamente uma criança de Libra, ou poderá ser muito ameaçado por uma criança ariana. Isso, sem dúvida, seria muito prejudicial para o progresso do aluno na escola. Testemunhei, pessoalmente, numerosos exemplos dessa parcialidade nos relacionamentos entre professores e estudantes. É triste ver, mas ainda é mais triste saber que é absolutamente proibida a inclusão de um curso rápido de astrologia nos nossos programas de treinamento de professores, embora um tal curso pudesse diminuir muitos problemas desse tipo.

Desde que a maioria dos professores não conhece astrologia que é uma maneira acurada de categorizar as pessoas e de ter uma *perspectiva* mais ampla nos relacionamentos interpessoais, eles naturalmente recorrem a outras formas, menos acuradas, de categorizar e avaliar os estudantes. O principal meio de avaliação do estudante ainda é o teste de Q.I., embora numerosos estudos tenham revelado os efeitos prejudiciais do seu uso. Desse modo, os estudantes são classificados de acordo com a sua labilidade para realizar certas funções intelectuais. Alega-se que o teste de Q.I. determina a "inteligência" do estudante, mas esse teste omite o fato de que há diferentes tipos de "inteligência". "Inteligência" é uma dessas palavras parecidas com "educação"; significa aquilo que se quer que signifique para um determinado propósito. De fato, embora os testes de Q.I. tivessem, originalmente, a intenção de medir a inteligência, agora os honestos peritos no campo do teste psicológico dizem que eles medem simplesmente aquilo que um teste de Q.I. mede. Isso poderá parecer absurdo, e é! Não obstante, muitos professores continuam a se apoiar em tais testes para avaliar estudantes. E aquilo que um professor espera,

inicialmente, que um aluno realize, muitas vezes só se baseia no resultado numérico desses testes!

Um estudo de astrologia mostrará ao professor que há diferentes tipos de inteligência e de talento. A única função psíquica na qual a maioria dos educadores parece estar interessada é o intelecto, astrologicamente simbolizado por Mercúrio. A posição e os aspectos de Mercúrio podem revelar claramente quão bem integrada é a faculdade racional e qual é o grau de facilidade do seu funcionamento; contudo, uma análise de Vênus poderá revelar talentos artísticos; de Marte, capacidades para mecânica ou engenharia; de Netuno, sensibilidade musical etc. O fato é que pessoas diferentes se distinguem em coisas diferentes, e o estudo da astrologia pode dar ao professor paciência e um meio de abordar e compreender diferentes tipos de estudantes. Uma criança altamente evoluída poderá estar em sintonia com níveis de consciência e de imaginação muito mais elevados do que aquelas com os quais está o seu professor. Portanto, o professor precisa, acima de tudo, *reconhecer* os talentos e as afinações dos seus alunos e aprender a deixar a criança em liberdade para crescer à sua própria maneira. A astrologia pode ajudá-lo a fazer isso.

Obviamente, nenhum professor pode ser todas as coisas para todas as pessoas; e cada professor, ou professora, tem falhas, predisposições, predileções e aversões. O importante, porém, a respeito do fato de um professor aprender astrologia, é que ele poderá ter uma visão das suas inclinações e, consequentemente, saberá lidar com os estudantes de maneira mais objetiva. Penso que o mais importante, para o professor ou professora, é compreender a sua falibilidade. Quando o professor é honesto a respeito dos seus sentimentos e erros, o aluno sente confiança e respeito pessoal pelo mestre. As palavras de C. G. Jung expressam a essência crucial do difícil trabalho do professor:

> Pois, inevitavelmente, chegará o dia em que aquilo que o educador ensina por meio de palavras já não irá funcionar, mas só aquilo que ele é. Todo o educador – e uso o termo no sentido mais amplo – deveria sempre perguntar-se até que ponto está aplicando, verdadeiramente, seus ensinamentos a si próprio e na sua própria vida, da melhor maneira que sabe e com a consciência tranquila. A psicoterapia nos ensinou que, em última análise, não é o conhecimento nem a perícia técnica que têm um efeito curativo, mas sim a personalidade do médico. E o mesmo acontece com a educação; ela pressupõe autoeducação. (*The Significance of the Unconscious in Individual Education*.)

O treinamento de consultores astrológicos

Quem quer que tenha estado ativamente envolvido no campo da astrologia nos últimos anos, está ciente da dificuldade que se encontra toda vez que qualquer indivíduo, ou grupo, tenta assentar um padrão de educação ou treinamento para profissionais da astrologia. O clamor inevitavelmente ouvido logo depois não é, apenas, o resultado das características da personalidade individualística dos astrólogos; é, também, o resultado da compreensão entre muitos no campo da astrologia, de que seus métodos particulares de prática não podem ser facilmente apreendidos ou definidos por regras, regulamentos e conveniências legais. O fato de que há quase tantos tipos de prática astrológica quantos tipos de astrólogos torna difícil organizar qualquer programa de treinamento, qualquer conjunto de requisitos educacionais ou trechos de legislação que seriam justos para todos e, ainda, suficientemente específicos para servir a um propósito bem definido. Não é meu objetivo, aqui, tratar da questão de licenciar profissionais da astrologia, nem quero dar a impressão de que o treinamento acadêmico, no sentido tradicional, é uma resposta aceitável para a atual necessidade de estruturas específicas ou de linhas de conduta que possam ser úteis para os estudantes de astrologia e que possam melhorar a qualidade da prática astrológica para o público em geral. No restante deste capítulo eu simplesmente quero definir algumas questões específicas que devem ser levadas em consideração por qualquer indivíduo ou grupo que se proponha estabelecer um canal por meio do qual os estudantes ou os profissionais novatos possam desenvolver suas habilidades na área da consultoria astrológica.

É imperativo fazer uma distinção clara entre *astrologia* e *consultoria astrológica*. Enquanto a astrologia, em si, é simplesmente um conjunto de conhecimentos, como qualquer outro campo de estudo, compreendendo tradições, história e certos relacionamentos e técnicas consagradas, a *consultoria astrológica* é a aplicação desse conjunto de conhecimentos com o propósito de ajudar as pessoas a alcançar, de maneira prática, uma percepção maior de si mesmas, da estrutura de sua vida, seus potenciais criativos e seus relacionamentos. Enquanto a *astrologia* pode ser ensinada, pesquisada e testada de várias maneiras, que são compatíveis com os processos acadêmicos usuais, aplicados em outros campos, a *consultoria astrológica* é uma arte altamente individualizada, que não pode ser "ensinada" além de um certo ponto e não pode ser regulada

ou testada de forma rigidamente dogmática. Aqueles que estão em atividade no campo da astrologia, principalmente na qualidade de pesquisadores, programadores de computador, estatísticos e técnicos, não precisam possuir as habilidades de um conselheiro ou de um terapeuta para executar bem o seu trabalho. Mas aqueles que desejam aplicar o conhecimento astrológico a uma situação humana específica, não somente devem estar familiarizados com a ciência básica da astrologia como, também, preocupar-se com o domínio psicológico da experiência, com a qualidade da sua capacidade de relacionamento pessoal e com as questões éticas que surgem inevitavelmente, em qualquer trabalho mais amplo de pessoa para pessoa.

Um artigo excelente intitulado "The Teaching of Astrology" apareceu na edição de verão em 1975, da revista da *British Astrological Association*. O autor, David Hamblin, mestre de Artes, professor universitário, focaliza, com grande penetração e perspicácia, toda a questão de como a astrologia é ensinada hoje e qual seria a preparação ideal para pesquisadores e conselheiros astrológicos. No artigo, Hamblin faz uma distinção entre "astrologia" e "astroterapia" similar à mencionada no último parágrafo; e observa que "nos cursos existentes as duas coisas estão misturadas, de modo que nenhuma delas é ensinada adequadamente". Ele assinala que quase todos os cursos de astrologia de hoje estão baseados na pressuposição de que o fato de completar o curso habilitará o estudante a ser um *astroterapeuta* perito, uma ilusão análoga à suposição de que o fato de passar num exame de direção para tirar a carteira de motorista significa que o indivíduo é um motorista completo e perito. Normalmente, ele está apenas começando a desenvolver as habilidades que somente a experiência pode ensinar. Hamblin sugere que o curso ideal de astrologia deveria consistir de duas partes distintas. A primeira parte só trataria de astrologia "pura" e seria, sozinha, um treinamento suficiente para pesquisadores, experimentadores estatísticos etc. Esse curso não só incluiria os ensinamentos dos fatores astrológicos tradicionais e dos significados interpretativos, como também daria ao estudante uma familiaridade ativa com as inúmeras inovações modernas no campo, mesmo aquelas que ainda não estão totalmente desenvolvidas ou que não são amplamente utilizadas; consonâncias, pontos médios, progressões do arco solar, retornos solares, vértices, ciclos-chave, estrelas fixas e quadros planetários. Esse curso também incluiria o desenvolvimento histórico da astrologia, o relacionamento da astrologia com outros campos de estudo e a familiarização completa com os

pioneiros da astrologia (Rudhyar, Carter, Jones etc.), além de um estudo profundo das melhores percepções e métodos da psicologia moderna.

A segunda parte seria, naturalmente, aquilo que Hamblin chama de "astroterapia". Ele escreve: "Esse deveria ser um curso essencialmente prático e com o propósito não apenas de ajudar o estudante a interpretar mapas de nascimento mas, também, de ajudá-lo a estabelecer relacionamentos satisfatórios com seus clientes". Essa parte do seu curso-modelo incluiria um arranjo através do qual o próprio estudante seria "astroanalisado" por um tutor; sessões práticas de trabalho com clientes, sob a orientação do tutor, sessões estas que posteriormente seriam discutidas e avaliadas; e sessões em grupo, nas quais os estudantes comentariam, uns com os outros, as interpretações e a capacidade de cada um de entrevistar. Hamblin admite que um tal curso de estudo, incluindo ambas as partes, tomaria muito mais tempo e sairia muito mais caro do que os cursos existentes, mas ele acha que isso valeria a pena uma vez que o resultado final seria que o "diplomado" de um tal curso estaria muito mais qualificado e teria mais experiência e conhecimento do que grande parte dos astrólogos que estão praticando hoje em dia. Conforme ele escreve:

> No momento presente é quase tão barato conseguir o diploma do curso (British Faculty of Astrological Studies) quanto é tentar fazer uma análise completa por um astrólogo de alto gabarito. Nós pensaríamos ser ridículo se para vir a ser médico custasse tanto quanto consultar um médico; por alguma razão, porém, na astrologia a mesma situação parece menos ridícula.

Citei tanto o artigo de Hamblin porque acho que ele definiu, com muita clareza, alguns problemas importantes que existem na área da educação astrológica. Embora a maioria dos astrólogos atualmente seja autodidata – mesmo que eu não ache que isso seja, necessariamente, um prejuízo – o fato é que uma fração crescente da população dos Estados Unidos está participando de uma ampla variedade de programas educacionais relacionados com a astrologia; em consequência, torna-se cada vez mais necessário organizar programas que estejam especificamente orientados para as pessoas que estão se tornando conselheiros astrológicos, quer elas se classifiquem ou não como tal, quer venham ou não a ocupar o seu tempo integral como profissionais nessa área.

A minha impressão é de que, embora o treinamento de conselheiros astrológicos não possa e não deva ser rigidamente controlado ou

necessariamente incorporado em estruturas acadêmicas tradicionais completas, com graus, com requisitos sem importância para a admissão e com uma estrutura exageradamente autoritária, a oportunidade para um tal treinamento, de alguma forma, deve ser colocada ao alcance de todos os estudantes sérios. Embora a consultoria astrológica não possa ser "ensinada" no sentido tradicional, a aquisição de tais habilidades pode ser orientada e o estudante se beneficiará com o apoio daqueles que têm experiência, percepção e capacidade para um relacionamento honesto, que o estudante respeitará. Na arte do contato de pessoa para pessoa não há nada que possa substituir as lições diárias que a prática diligente fará compreender mas, igualmente, não há substituto para a percepção que pode ser alcançada por meio de contato, mesmo breve, com alguém cuja experiência e entendimento ultrapassem o nosso. O propósito principal de qualquer programa, na consultoria astrológica, deveria estar de acordo com o verdadeiro significado da palavra "educação": *puxando para fora* a essência da qualidade individual ímpar do estudante, a experiência, o conhecimento interior e a sensibilidade psíquica; conduzindo o estudante *para fora* da escuridão dos jogos do ego, da dúvida sobre si mesmo e da autoinibição, guiando assim o desenvolvimento da percepção. Por meio do encorajamento e do apoio de seus pares e "professores", o participante de um tal programa poderia crescer em autoconhecimento através de um autoexame decidido e de uma afinação cada vez maior com um ideal condutor. Desnecessário será dizer que esse nível de autoconhecimento se refletiria positivamente no trabalho do indivíduo como conselheiro astrológico.

O leitor poderá perceber que o tipo de programa de treinamento básico acima delineado se relaciona com a fase Virgem de educação, descrita no princípio deste capítulo. Essa fase de desenvolvimento está quase que totalmente ausente nos padrões educacionais existentes na nossa cultura, inclusive nos tipos usuais de educação astrológica. Muitos astrólogos aprendem as coisas básicas (Gêmeos) e saltam rapidamente para a fase do trabalho e da escrita (Sagitário), sem atravessar o processo refinador de aprendizagem e prolongada experiência prática (Virgem). Isso resulta numa brecha, muito evidente, no conhecimento real de muitos escritores e professores de astrologia, pois eles simplesmente estão repetindo o que aprenderam com outras pessoas, e não testaram esse conhecimento na prática nem o aumentaram com novas percepções. Gêmeos e Sagitário, quando não apoiados pela experiência prática (Virgem), tendem a ser superficiais e

totalmente especulativos. Um professor ou escritor, no campo astrológico, deveria ter, idealmente, um profundo reservatório de experiência ao qual pudesse recorrer mais do que ter simplesmente uma porção de ideias onde muitas nunca foram testados por meio da aplicação prática. É minha esperança que todos os astrólogos e estudantes de astrologia venham a aceitar essa necessidade de honestidade intelectual e de trabalho diligente na fase Virgem de desenvolvimento, quer através de um programa estabelecido, quer simplesmente através da autodisciplina e da prática individual persistente. A humildade, a virtude de Virgem, é um valioso produto final de tal esforço, pois inevitavelmente descobrimos o pouco que sabemos realmente, não importa qual possa ser a extensão da nossa experiência. E essa humildade nos faz melhores instrutores e conselheiros mais compreensivos e receptivos.

PARTE 2

Os Quatro Elementos:

Uma Abordagem ao Nível da Energia, para a Interpretação de Mapas de Nascimento

9. Astrologia: uma linguagem de energia

Embora a astrologia tenha sido descrita em termos de simbolismo, carma, sincronicidade, funções psicológicas, "raios" planetários, e assim por diante, a maioria dos astrólogos não viu o alicerce básico sobre o qual ela está assentada: a energia. De fato, toda a vida física e mental é uma manifestação de energia. Quando o grande astrólogo Dane Rudhyar escreveu que "Os planetas, num mapa, representam modos de atividades funcionais num todo organizado", estava se referindo às energias específicas que operam em cada um de nós. Provavelmente, a razão por que nos esquecemos do alicerce de energia em todos os fenômenos astrológicos deve-se ao fato de que ele é óbvio demais. Às vezes parece mais fácil desenvolver esquemas e teorias elaboradas do que abrir os olhos para aquilo que está bem à nossa frente.

Na área da parapsicologia e da psicologia atuais, os pesquisadores, ao lidar com seus clientes, começam a dar ênfase à importância do fluxo da energia e de seus bloqueios. As técnicas psicoterapêuticas, tais como a terapia Gestalt, a integração estrutural e a bioenergética, estão cada vez mais concentradas na mobilização das próprias energias do cliente e na integração dessas energias num todo funcional. Destarte, esse é o propósito da astrologia quando aplicada a problemas psicológicos e físicos.

Os pesquisadores da terapia bioenergética, que se desenvolveu a partir dos trabalhos de Wilhelm Reich, estão agora medindo e até mesmo vendo os campos de energia que emanam dos organismos vivos. Robert D. Becker, cirurgião-ortopedista no Upstate Medical Center de Nova York, alcançou resultados notáveis por meio de pesquisa que correlaciona o campo magnético do corpo com os ciclos e mudanças biológicas que ocorrem no campo geomagnético da Terra. Becker até mesmo descobriu correntes elétricas negativas emitidas por ossos quebrados e mudanças na carga elétrica do cérebro e do sistema nervoso, fatos esses que prometem para o futuro uma ciência de cura baseada na energia. (Para maiores informações sobre o trabalho do dr. Becker, ver Apêndice A.)

Um osteopata e quiroprático chamado dr. Randolph Stone, que voltaremos a mencionar adiante, desenvolveu uma abordagem de energia para a cura

chamada terapia da polaridade, que se harmoniza com os princípios astrológicos. O dr. Stone escreveu muitos livros sobre o assunto, entre os quais estão *Energy: The Vital Principle in The Healing Art* e *The Wireless Anatomy of Man*. Há muito que os astrólogos sabem que o horóscopo natal pode ser usado para o diagnóstico de males físicos, mas o trabalho de Stone fornece uma técnica definida para mudar as correntes e os campos de energia bloqueados. (Para uma explicação mais completa da terapia da polaridade, ver Apêndice C.)

Outros livros conhecidos que trataram da questão da energia nas artes curativas são: *Psychic Discoveries Behing the Iron Curtain* (As Pesquisas Psíquicas Atrás da Cortina de Ferro), o livro de Karagulla *Breakthrough to Creativity* e *Born to Heal*, de Ruth Montgomery. Toda essa pesquisa moderna sobre a importância da energia na cura e também na astrologia não é nenhuma novidade. Clarividentes tais como Eileen Garrett e Edgar Cayce há muito afirmaram ver "auras" circundando cada pessoa, por meio das quais podiam diagnosticar e mesmo prever doenças ou crises psicológicas. (Para maiores informações sobre o trabalho de Eileen Garrett, ver Apêndice B.) Todavia, há algo que está faltando nos esforços para descobrir a energia das pessoas, e esse algo é uma linguagem adequada. Aqueles que estão envolvidos com as artes curativas, psicológicas ou físicas, precisam de uma linguagem a fim de poder fazer uma diferenciação acurada entre as várias energias que operam no organismo humano. A astrologia pode nos dar essa linguagem; de fato, a astrologia poderá ser, para as artes curativas, aquilo que a tabela periódica é para a química: o alicerce para uma nova ciência da cura.

A razão por que o horóscopo natal é traçado para o momento exato da primeira respiração é que somente nesse momento o organismo humano recém-nascido começa a trocar energia com o universo, *de uma maneira imediata*, sem ser influenciado pelas energias da mãe. No momento da primeira respiração, a criança inicia o seu próprio ritmo de vida, estabelecendo a sua afinação individual com as energias do universo. A astrologia assinala que certas energias específicas e certos padrões de energia são estabelecidos no momento do nascimento e continuam a operar dentro e através da pessoa durante o curso da sua vida. Se é possível dizer, em astrologia, que alguma coisa é "destinada" ou predeterminada, essa coisa é a afinação inicial com as energias do cosmos, que ocorre no nascimento. Mas o que o indivíduo fará com essas energias e como as dirigirá, só pode ser determinado dentro dos limites da experiência e da sutileza de percepção do astrólogo.

Os signos zodiacais como padrões de energia

Os quatro elementos da astrologia (fogo, terra, ar e água) são os blocos básicos para a construção de todas as estruturas materiais e todos orgânicos. Cada elemento representa um tipo básico de energia e consciência, operando em cada um de nós. Assim como a física moderna demonstrou que energia é matéria, os quatro elementos se entrelaçam e combinam para formar toda a matéria. Quando a centelha de vida deixa um corpo humano na ocasião da morte, os quatro elementos se dissociam e voltam ao seu estado primitivo. Somente a vida, manifestando-se num todo organizado e vivo, é que mantém unidos os quatro elementos. Todos eles estão nas pessoas, embora cada uma esteja, conscientemente, mais afinada com alguns tipos de energia do que as outras. Cada um dos quatro elementos se manifesta em três modalidades vibratórias: cardeal, fixa e mutável. Daí, quando combinamos os quatro elementos com as três modalidades, temos doze padrões primários de energia, que são chamados de signos zodiacais.

Os signos zodiacais também têm sido chamados de "campos de energia", de padrões arquetípicos, de princípios formativos universais etc. (Ver Capítulo 4.) Todos eles são nomes para uma mesma realidade. Os princípios formativos universais são as realidades vivas que a astrologia simboliza e são idênticos aos "arquétipos" de Jung. Aquilo que Jung diz a respeito do arquétipo também pode ser aplicado à natureza fundamental dos padrões zodiacais de energia: "... parece-me provável que a natureza real do arquétipo não possa se tornar consciente, que é transcendente". Se, de fato, a verdadeira natureza dos padrões de energia, representados pelos signos zodiacais, é transcendente e não pode ser conhecida, o máximo que posso fazer para dar uma ideia dos tipos de padrões energéticos mencionados aqui é pedir a você que olhe a sua própria mão. As mesmas energias que constroem as configurações sem igual, vistas na palma e na ponta dos dedos, continuam a vitalizar e a sustentar não só o corpo como também a psique. Alguém poderia perguntar: O que é a "psique"? Ela não pode ser vista, entretanto, existe. Dia após dia experimentamos o impacto das forças psíquicas. A psique é tão real quanto qualquer objeto material, mesmo que não possamos vê-la, tocá-la, cheirá-la ou prová-la.

Se podemos aceitar a realidade das forças psíquicas, certamente podemos aceitar a realidade dos construtores invisíveis de toda a vida material e

psíquica. Esses construtores invisíveis são os padrões fundamentais de energia, ou os princípios formativos do universo. Jung os chama de arquétipos porque têm estado ativos no trabalho de modelar toda a vida que há no planeta desde o começo dos tempos. Os astrólogos os chamam de signos zodiacais e estão principalmente preocupados com eles em relação à maneira como se manifestam, nos seres humanos, como tipos de personalidade. Todas as palavras-chave, qualidades e listas intermináveis de características, habitualmente encontradas nos manuais astrológicos, provêm dessas raízes essenciais: os doze padrões primários de energia, comumente chamados de signos do zodíaco. A compreensão daquilo que é significado por esses padrões primários de energia é necessária para uma abordagem profunda de qualquer tipo de astrologia, mas no caso da astrologia médica e psicológica é especialmente importante que esse significado essencial, arquétipo, seja descoberto e coerentemente formulado.

Uma forma de compreender os vários padrões de energia, representados pelos signos zodiacais, consiste em analisá-los em termos das suas modalidades. Os signos cardeais representam a força centrífuga irradiante e estão relacionados com o princípio da *ação numa direção definida*. Os signos cardeais "positivos", Áries e Libra, estão relacionados com a ação no presente, baseada em considerações futuras. Os signos cardeais "negativos", Câncer e Capricórnio, estão mais ligados com o passado. (Veja, por exemplo, o amor de Câncer ao lar, às antiguidades e a preocupação de Capricórnio com a tradição e a história.)

Os signos fixos representam a energia centrípeta, isto é, a energia que é irradiada para dentro, na direção de um centro. Nas suas manifestações mundanas, esses signos estão associados ao princípio da inércia mas, quando a energia é usada para atividades criativas ou para o desenvolvimento espiritual, eles também são conhecidos por seus grandes poderes de concentração e perseverança. Dessas três quadruplicidades, os signos fixos são os mais centralizados no aqui e agora. A ligação dos signos fixos com as doutrinas esotéricas do Renascimento e do desenvolvimento espiritual provém da grande concentração de energia que há neles, uma energia que cintila constantemente dentro da pessoa e está, pelo menos até certo ponto, sob o controle dela. Portanto, as pessoas nascidas com o Sol num signo fixo sentem, intuitivamente, a profundidade e o poder do espírito doador de vida que há nelas; por isso, esses signos têm sido conhecidos como as "portas do avatar" e

como símbolos-chave das grandes iniciações da alma, pois a energia concentrada também traz a essas pessoas o potencial para uma consciência concentrada.

Os signos mutáveis estão relacionados com o princípio da harmonia e podem ser concebidos como padrões espiralados de energia. Peixes e Virgem simbolizam espirais de energia dirigidas para baixo; assim, esses signos estão, de algum modo, ligados com o passado; Peixes com o "carma" passado e Virgem com as crises passadas, ocorridas no desenvolvimento da personalidade. Gêmeos e Sagitário simbolizam espirais de energia dirigidas para cima e estão orientados para o futuro, dando origem às tendências proféticas dos sagitarianos e às intermináveis especulações dos geminianos.

O elemento de qualquer signo em particular mostra o tipo específico de consciência e o método de percepção mais imediata, com os quais o indivíduo está sintonizado. Os signos do ar estão relacionados com a sensação, a percepção e a expressão da mente e, especialmente, com formas de pensamento geométrico. Os signos do fogo expressam o cálido, irradiante e energizante princípio da vida, que pode manifestar-se como entusiasmo, amor ou como ego. Os signos da água representam o refrescante, curativo sedativo princípio da sensibilidade e da reação do sentimento. Os signos da terra revelam uma afinação com o mundo das formas básicas e uma habilidade prática para utilizar o mundo material. A natureza e a função desses elementos serão pormenorizadamente descritos nos capítulos que se seguem.

O zodíaco foi considerado pelos antigos como sendo a "Alma da Natureza". Se olharmos os signos zodiacais como os padrões fundamentais, arquetípicos do universo, podemos compreender por que os antigos lhes deram tanta importância. Essa forma de concepção do universo também encontra apoio nas leituras psíquicas do clarividente Edgar Cayce, que declarou: "A vida é sustentada neste ciclo de vibração" (leitura 900-448). Seria possível citar o zodíaco como um ciclo de vibração? Penso que sim. Cayce também menciona, "toda entidade individual está em contato com certas vibrações" (1861-12). Tudo isso explicaria aquilo que chamamos de signos zodiacais. Agora, e quanto aos planetas?

Os planetas como reguladores de energia

Há muito tempo o homem tem sido concebido como um microcosmo do universo. A antiga ioga fala dos *chacras* (ou centros de energia) existentes dentro de cada pessoa; e muitas escolas esotéricas de pensamento têm relacionado os vários *chacras* com certos planetas. Isso acontece porque os planetas estão relacionados conosco por intermédio das mesmas ondas de energia vibratória que existem, em estado latente, em nós e às quais respondemos. Esses *chacras*, portanto, são os centros, dentro de nós, que correspondem a certos centros de energia do sistema solar. O signo no qual se encontra um determinado planeta revela a afinação dessa onda de energia ou de força, dentro de nós. Os planetas geralmente simbolizam forças básicas, ou centros ativos, no sistema solar, que se manifestam como funções psicológicas fundamentais, impulsos, necessidades e motivações. Os planetas posicionados nos signos atuam, por assim dizer, como estímulos primários nos campos de energia dos signos. *Eles simbolizam os princípios universais que regulam todas as funções da energia em qualquer todo orgânico*. Pode-se expressar isso de outra forma dizendo que os planetas caracterizam o modo de troca de energia entre o ser humano e o depósito universal. Eles representam os princípios ativos mais importantes que, simultaneamente, formam o caráter e motivam todos os tipos de autoexpressão em todos os níveis: mental, emocional e físico.

Em termos antigos, os planetas simbolizam os deuses que devem ser adorados. Isso significa que essas forças fundamentais de vida não podem ser ignoradas, a não ser que o indivíduo se responsabilize pelas consequências. Elas devem ser reconhecidas, receber a devida atenção e ser aceitas; então, a energia essencial delas pode ser conscientemente dirigida. Se não temos percepção dessas forças em nossa vida, então estamos à mercê delas. Para os gregos, o grande pecado era *hybris*, que indicava que um indivíduo tinha a audácia e o tolo orgulho de ignorar os deuses de algum modo. Naturalmente, a *nemesis* dos deuses (isto é, a explosão das forças represadas, que não encontravam um canal apropriado) seguia-se inevitavelmente.

A teoria astrológica da personalidade

Na astrologia psicológica, os planetas podem ser divididos em três grupos. O primeiro deles consiste dos fatores básicos pessoais: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus e Marte. Esses planetas mostram quais as forças que podemos dirigir ou

modificar, conscientemente, até certo ponto. Esses planetas caracterizam os traços mais óbvios da personalidade e os anseios mais fortes do indivíduo. Todas as pessoas experimentam um senso de individualidade e de autoidentidade (Sol), uma maneira de reagir espontaneamente, baseada em reações condicionadas (Lua), uma habilidade para raciocinar e trocar ideias com outras (Mercúrio), uma necessidade e uma capacidade para o amor e o relacionamento íntimo (Vênus) e um impulso para a ação, para a autoafirmação e para a experiência sexual (Marte).

Subjacentes a todos esses fatores pessoais básicos estão as motivações mais profundas e os fatores *coletivos*, simbolizados por Júpiter e Saturno. Embora se possa dizer que esses dois planetas representam anseios específicos, também indicam profundos estados de ser, experimentados como necessidades superconscientes (Júpiter) ou subconscientes (Saturno). A significação relativa de ambos refere-se ao seu impacto sobre a maneira como a pessoa deseja tomar parte no mundo em geral e em relação com as atividades sociais. Esses planetas representam as correntes mais profundas de estabilidade, tradição e segurança (Saturno) e as aspirações futuras, o senso de aventura, os riscos assumidos e o crescimento pessoal (Júpiter).

O terceiro grupo é formado por Urano, Netuno e Plutão. Esse grupo simboliza as mais profundas fontes de mudança na vida, as dimensões transcendentes de experiência e as energias mais sutis, com as quais estamos afinados. Essas forças afetam as nossas faculdades mais conscientes através da inspiração, de lampejos de percepção, da intuição, do conhecimento inato – não aprendido através do intelecto – de um desejo ardente de mergulhar num todo muito maior e de um forte impulso no sentido de refinar a nossa natureza mais íntima. Quando essas energias entram em ação, os velhos padrões de vida são abalados e mudam rapidamente. Pode-se dizer que, em conjunto, esses planetas se referem a fatores transpessoais e às energias *transformadoras* que operam dentro da vida de cada um de nós.

Considerados como componentes de um sistema de energia global, esses três grupos de planetas oferecem, ao profissional, uma teoria completa e abrangente da personalidade e do funcionamento psicológico humano, um plano de referência fundamentado tanto sobre as necessidades de segurança, de amor e de criatividade quanto sobre os incessantes impulsos no sentido da autorrealização, da transformação, do crescimento e da transcendência. Quando abordamos o indivíduo e a vida em geral, no mesmo nível em que as

energias essenciais da vida operam, começamos a perceber a mente e o corpo como campos de energia que se influenciam mutuamente, mais do que como rígidos engenhos mecânicos. Uma tal compreensão do homem total pode abrir as portas para o desenvolvimento de um novo tipo de astrologia, uma ciência baseada nas leis da alma.

Conceitos-chave e definições

A chave para a compreensão da astrologia, na sua totalidade, está ao alcance de qualquer um que compreenda realmente o significado das seguintes definições:

Os PLANETAS indicam *dimensões* específicas *de experiência*.

Os SIGNOS indicam *qualidades* específicas *de experiência*.

As CASAS indicam *campos* específicos *de experiência*, nas quais operam as energias dos signos e dos planetas.

Os ASPECTOS (ou relacionamentos angulares entre os planetas) revelam como as várias dimensões de experiência são integradas no indivíduo.

Esses quatro fatores incluem o alfabeto astrológico e a arte de combinar as letras desse alfabeto é que resulta na linguagem de energia chamada astrologia.

Esses fatores são combinados da seguinte maneira: determinada dimensão de experiência (indicada por um certo planeta) será, invariavelmente, colorida pela qualidade do signo em que o planeta está situado no mapa do indivíduo. Essa combinação resulta num anseio específico de autoexpressão e então é definida uma necessidade particular de realização. O indivíduo enfrentará, de maneira imediata, aquela dimensão de vida no campo de experiência indicado pela casa onde o planeta está colocado. Embora o impulso para expressar ou realizar aquela dimensão esteja presente em todos os que têm uma determinada combinação planeta-signo, os aspectos específicos, dirigidos a esse planeta, revelam o grau de facilidade e harmonia com que a pessoa pode expressar esse anseio ou satisfazer essa necessidade.

Em algumas páginas que vêm a seguir, são apresentados alguns conceitos-chave relacionados com cada signo e com cada planeta. O capítulo sobre "Os Elementos e as Casas" explica os conceitos-chave das Casas. (Ver Capítulo 16.)

CONCEITOS-CHAVE PARA OS PLANETAS			
	Princípios	**Anseios representados**	**Necessidades simbolizadas**
Sol	Vitalidade; senso de individualidade; energia criativa, eu interior radiante (afinação da alma), valores essenciais	Anseio de ser e criar	Necessidade de ser reconhecido e de se expressar
Lua	Reação; predisposição subconsciente; sentimento do eu (autoimagem); reações condicionadas	Anseio de sentir o apoio interior; anseio de segurança doméstica e emocional	Necessidade de tranquilidade emocional e da sensação de pertencer; necessidade de se sentir bem consigo mesmo
Mercúrio	Comunicação; mente consciente (isto é, mente lógica ou racional)	Impulso de expressar as percepções e a inteligência por meio da habilidade ou da palavra	Necessidade de estabelecer ligações com outros; necessidade de aprender
Vênus	Gostos emocionalmente coloridos; valores; troca de energia com outros por meio do dar e receber; partilha	Impulso social e amoroso; impulso para expressar afeições; anseio de prazer	Necessidade de se aproximar de outra pessoa; necessidade de sentir conforto e harmonia; necessidade de expressar emoções
Marte	Desejo; vontade dirigida para a ação; iniciativa; energia física; ímpeto	Impulso autoafirmativo e agressivo; impulso sexual; tendência para agir decididamente	Necessidade de alcançar os desejos; necessidade de excitação física e sexual

Princípios		Impulsos representados	Necessidades simbolizadas
Júpiter	Expansão; graça	Impulso no sentido de uma ordem maior ou de se ligar a algo maior do que a própria pessoa	Necessidade de fé, de certeza e de confirmação na vida e em si mesmo; necessidade de se aperfeiçoar
Saturno	Contração; esforço	Impulso para defender a estrutura e a integridade do eu; impulso no sentido da segurança e da defesa por meio de realizações	Necessidade de aprovação social; necessidade de se apoiar nos próprios recursos e no próprio trabalho
Urano	Liberdade individual; liberação do ego-eu	Impulso no sentido da diferenciação, da originalidade e da independência da tradição	Necessidade de mudança, de excitação e de expressão sem repressão
Netuno	Liberdade transcendente; unificação; libertação para fora do ego-eu	Impulso para escapar das limitações do eu do mundo material	Necessidade de experimentar uma sanidade com a vida, de imergir completamente no todo
Plutão	Transformação; transmutação; eliminação	Impulso no sentido do renascimento total; de penetrar até o âmago da experiência	Necessidade de refinar o eu; necessidade de abandonar as velhas bases, através da dor

Expressão positivo-negativa dos princípios planetários

Cada princípio planetário pode ser expressado positiva e criativamente ou negativa e autodestrutivamente. Em outras palavras, nossa afinação com cada dimensão poderá estar em harmonia com a lei superior ou num estado de desarmonia e discórdia. Isso resulta no uso criativo ou no mau uso dessas várias energias, forças e afinações. Para compreender o grau de harmonia ou de discórdia presentes no indivíduo, devem ser analisados os aspectos dirigidos a cada planeta.

	Expressão Positiva	**Expressão Negativa**
Sol	Irradiação do espírito; fluxo criativo e amoroso do eu	Orgulho; arrogância; desejo excessivo de ser especial
Lua	Receptividade; contentamento interior; senso do eu adaptável, fluente	Sensibilidade exagerada; insegurança; senso do eu incorreto, inibidor
Mercúrio	Uso criativo da habilidade ou da inteligência; raciocínio e poder de discriminação usados para servir a ideais elevados; habilidade para chegar a um entendimento por meio da compreensão objetiva e da expressão verbal clara	Mau uso da habilidade ou inteligência; amoralidade por meio da racionalização de todas as coisas; "comunicação" opiniática e parcial
Vênus	Amor; dar-se e receber dos outros; partilha; generosidade de espírito	Autoindulgência; cobiça; exigências emocionais; inibição das afeições
Marte	Coragem; iniciativa; força de vontade conscientemente dirigida para um alvo legítimo	Impaciência; obstinação; violência; uso impróprio da força ou ameaças

Júpiter	Fé; confiança num poder maior ou num plano superior; receptividade para a graça; otimismo; receptividade para a necessidade de aperfeiçoamento do eu	Confiança exagerada; preguiça; dispersão de energia; deixar o trabalho para os outros; irresponsabilidade; promete demais ou se expande demais
Saturno	Esforço disciplinado; aceitação dos deveres e das responsabilidades; paciência; organização; confiabilidade	Autolimitação através da confiança exagerada em si mesmo e da falta de fé; rigidez; frieza; instinto de defesa; inibição incapacitante, medo e negatividade
Urano	Sintonia com a verdade; originalidade; inventividade; experimentação não dirigida; respeito pela liberdade	Obstinação; impaciência inquieta; necessidade constante de excitação e mudança sem objetivo; rebelião; extremismo
Netuno	Sintonia com o todo; compreensão da dimensão espiritual da experiência; compaixão que abrange tudo; necessidades do eu; recusa vivendo um ideal	Escapismo autodestrutivo; evasão das responsabilidades e das mais profundas necessidades do eu; recusa em encarar os mais profundos motivos do eu e a se comprometer com qualquer coisa
Plutão	Aceitação da necessidade de focalizar a mente e o poder da vontade na própria transformação; coragem de encarar os próprios desejos e compulsões mais profundas e de transmutá-las através do esforço e da intensidade da experiência	Expressão compulsiva de anseios subconscientes; obstinada manipulação dos outros para servir aos próprios fins; uso impiedoso de qualquer meio para evitar o esforço de encarar o próprio eu; fascinação pelo poder

Os Elementos dos signos Zodiacais e seus Conceitos-chave		
Signos de Fogo	**Conceito-chave**	**Um planeta neste signo será colorido por estas qualidades**
Cardial: Áries	Liberação da energia dirigida para um único ponto, no rumo de *novas* experiências	Rebelde impulso de ação, autoafirmação
Fixo: Leão	Lealdade fervente e constante, vitalização radiante	Orgulho e desejo de reconhecimento, senso dramático
Mutável: Sagitário	Aspiração incansável impelindo na direção de um ideal	Crenças, generalizações, ideias
Signos de Terra		
Cardial: Capricórnio	Determinação impessoal de ver as coisas terminadas	Autocontrole, cautela, reserva e ambição
Fixo: Touro	Profundidade de avaliação, relacionada com a sensações físicas imediatas	Possessividade, retentividade, firmeza
Mutável: Virgem	Prestatividade espontânea, humildade e desejo de servir	Perfeccionismo, análise, discriminação sutil
Signos de Ar		
Cardial: Libra	Harmonização de todas as polaridades para a autoperfeição	Equilíbrio, imparcialidade, tato
Fixo: Aquário	Coordenação imparcial de todas as pessoas e de todos os conceitos	Curiosidade mutável, loquacidade, afabilidade

Signos de Água	Conceito-chave	Um planeta neste signo será colorido por estas qualidades
Cardial: Câncer	Protecionismo instintivo e empatia protetora	Sentimento, reserva, mudanças de humor, sensibilidade, autoproteção
Fixo: Escorpião	Penetração através do intenso poder emocional	Desejos compulsivos; profundidade; paixão controlada; secretividade
Mutável: Peixes	Compaixão salutar por todos os sofredores	Anseios da alma, idealismo, unidade, inspiração, vulnerabilidade

Funções dos Planetas nos Signos		
O signo onde o planeta está posicionado mostra:		
Fatores Básicos *Pessoais*: Ação conscientemente dirigida	**SOL**	Como a pessoa é (o modo de ser) e como percebe a vida
	LUA	Como a pessoa *reage*, baseada em predisposições subconscientes
	MERCÚRIO	Como a pessoa se *comunica* e *pensa*
	VÊNUS	Como a pessoa *expressa afeição, sente-se apreciada* e se *dedica*
	MARTE	Como a pessoa *se afirma* e *expressa seus desejos*
Fatores Coletivos	**JÚPITER**	Como a pessoa *procura se desenvolver* e *sentir confiança* na vida
	SATURNO	Como a pessoa procura *se estabelecer e se preservar* através do esforço
Fatores *transpessoais:* Energias transformativas	As posições, em signo, de URANO, NETUNO e PLUTÃO, são indicações de atitudes geracionais mas, no mapa individual, sua importância é muito menor do que a da Casa onde estão localizados e dos aspectos que enviam. Os aspectos que esses planetas transaturianos enviam aos planetas pessoais revelam como a pessoa está afinada com as forças transformadoras existentes na sua geração e como ela está afinada com as forças transformadoras em si mesma.	

Em termos de psicologia junguiana, os planetas transaturianos representam os modos funcionais do Inconsciente Coletivo, enquanto a Lua e Saturno representam os padrões estruturais e as necessidades subconscientes do inconsciente pessoal. A Lua simboliza a necessidade de segurança emocional e intangível associada à mãe (apoio interior) e Saturno simboliza a necessidade de segurança material tangível associada com o pai (apoio exterior).

10. Os quatro elementos: as energias básicas da astrologia

Num esforço para modernizar a astrologia segundo as linhas da ciência material, muitos autores de assuntos astrológicos não têm dado atenção, ou têm ignorado, quase que totalmente, o antigo conceito dos quatro elementos. Alguns autores afirmam coisas tais como, "Agora que a ciência nos deu a tabela periódica da química, sabemos que há muito mais do que quatro elementos". Outros estudiosos do assunto que ainda usam razoavelmente os elementos, não explicam suficientemente o que são esses "elementos" ou como funcionam, e também não parecem perceber que os elementos são, de fato, a base do zodíaco e, consequentemente, de toda a astrologia.

Uma das melhores exposições sobre os quatro elementos que já pude encontrar está na introdução do livro *An Encyclopedia of Psychological Astrology*, de C. E. O. Carter, do qual mais tarde tornarei a tratar com maiores detalhes. Depois de descrever aquilo que ele chama de "princípios básicos" da astrologia, Carter declara que os elementos "podem ser descritos a partir de diferentes pontos de vista e com abundância de pormenores mas como é óbvio está longe de ser fácil descrever, exemplificar e explicar aquilo que é, nada mais nada menos, do que as leis básicas do sistema solar, se não do universo". Além disso, Carter escreve que a astrologia é um certo meio que faculta a obtenção de alguma compreensão a respeito de como operam esses princípios vitais, embora "compreendê-los plenamente exigiria uma percepção intelectual tal como a que podemos atribuir unicamente ao Arquiteto desse Sistema".

Estou de pleno acordo com Carter quando diz que os quatro elementos não são simplesmente "símbolos" ou conceitos abstratos, mas, sim, que se referem às forças vitais que compõem toda a criação que pode ser percebida pelos sentidos físicos. (É por isso que na Antiguidade o Zodíaco foi chamado de "a alma da natureza".) Os elementos, portanto, não somente são a base da astrologia e de todas as ciências ocultas, mas abrangem tudo o que normalmente percebemos e experimentamos. É verdade que os elementos, se

considerados como fatores puramente materiais, simbolizam os quatro estados da matéria descritos na física moderna: a terra é sólida; a água é líquida; o ar é gasoso e o fogo é plasma ou energia ionizada, irradiante. Também se pode dizer que representam as quatro necessidades fundamentais de qualquer organismo avançado: ar, água, terra (ou comida) e fogo (calor). Mas só isso não basta para começar a revelar o verdadeiro significado dos elementos.

Conforme Manley P. Hall escreve em seu livrinho *Unseen Forces*, "Os quatro elementos são a base dos quatro elementos materiais físicos – terra, fogo, ar e água – assim como também são a vida que há por trás deles". Prossegue declarando que, "Todas as coisas superiores a essas quatro essências só podem ser conhecidas pela visão espiritual". Em outras palavras, os quatro elementos com os quais a astrologia lida, transcendem a mera química material. Conforme declara o dr. William Davidson, médico, no seu *Medical Astrology Lectures*, "por trás da química está a força". No nosso esforço para compreender o significado real dos elementos, devemos ter cuidado para não confundir os resultados exteriores dessas forças vitais com os fatores fundamentais energizantes.

Embora, ao primeiro olhar, possa parecer uma generalização bastante atrevida afirmar que os quatro elementos têm uma esfera de ação tão completa e abrangente, durante o correr deste livro ficará bem claro que as evidências, provenientes de diversas culturas e campos de conhecimento, apontam para esse fato. No campo da astrologia sozinha, por que os fatores astrológicos têm sido usados com tanto sucesso para se ter uma compreensão da natureza dos ciclos, dos eventos, das experiências pessoais e das transformações mundanas, em todos os níveis: físico, social, econômico, psicológico, emocional, político, e assim por diante? Obviamente, a astrologia não seria tão útil numa variedade tão ampla de atividades da vida se ela não fornecesse, de fato, uma linguagem das forças dinâmicas essenciais da vida. Para compreendermos aquilo com que estamos realmente trabalhando na prática da astrologia, devemos abordar a própria astrologia no nível em que ela opera, e esse é o nível dos padrões de energia, do fluxo da energia e da transmutação da energia. Para entender a essência da ciência astrológica, temos que compreender plenamente os elementos; e para isso temos que olhar não somente para a importância física e psicológica dos elementos, mas também devemos encará-los do ponto de vista vantajoso de um estado de percepção espiritual mais elevado.

O reconhecimento mundial dos quatro elementos

Muitas culturas no mundo inteiro incluem os quatro elementos nas suas tradições filosóficas, religiosas ou mitológicas. A maioria dessas tradições postula uma energia primária que então se manifesta como correntes de energia "reduzidas", conhecidas como elementos, um processo que se assemelha ao funcionamento de um transformador elétrico. Essa energia primária recebeu muitos nomes: prana, força vital, Q.I. e outros. Em todas as culturas, as características essenciais dessa energia têm sido idênticas, muito embora os nomes dados para a força primária e para os próprios elementos tenham variado.

No Tibete, enormes estruturas chamadas "estupas" foram construídas como gigantescos símbolos da estrutura da criação. A base da estupa era um grande cubo (representando a terra) sobre o qual repousava uma esfera (água), e no alto da esfera havia uma estrutura semelhante a uma espiral (fogo). Então, bem no topo, havia uma meia-lua (ar) sobre a qual pousava uma pequena esfera ("éter", a palavra tibetana para a força primária da qual emanam todas as outras). A estupa representava o alicerce básico da cosmologia tibetana, portanto, os elementos eram considerados como as energias fundamentais do cosmos.

Uma concepção semelhante dos elementos é encontrada nas escrituras sagradas da Índia (tais como o *Bhagavad Gita*) e também na base filosófica da medicina indiana Ayurvédica. A filosofia chinesa e a acupuntura estão baseadas no conceito dos elementos. Tal como nas expressões tibetana e indiana da natureza deles, os chineses também falam de cinco elementos: "Os cinco elementos: madeira, fogo, terra, metal e água, incluem todos os fenômenos da natureza. É um simbolismo que se aplica igualmente ao homem" (Su Wen). Esses cinco elementos estão correlacionados com os quatro elementos comumente usados no mundo ocidental, com a adição do éter. A tradição ocidental geralmente não menciona o quinto elemento, uma vez que ele é realmente distinto dos outros e é a fonte dos outros quatro.

A antiga filosofia grega também estava baseada na doutrina dos elementos, que eram equacionados com as quatro faculdades do homem: moral (fogo), estética e alma (água), intelectual (ar) e física (terra). A Europa da Idade Média e da Renascença importou a ideia dos quatro elementos, tirando-a dos escritos de Galeno e correlacionou-os com os quatro "humores" que, por seu turno,

deram origem aos quatro temperamentos humanos específicos. Estes são encontrados em todos os antigos livros de medicina da Europa, assim como nas obras de Shakespeare e de outros artistas literários. No Japão encontramos muitos exemplos da importância dada aos elementos. Por exemplo, num pequeno tratado zen-budista sobre Bodhidharma, escrito em 1004 a.C., os elementos tradicionais são representados como as quatro qualidades que compõem a criação: luz (fogo), ar, fluidez e solidez.

Os elementos também estão intrincadamente entrelaçados no tecido da mitologia. Na antiga Suméria, onde a religião abrangia cada aspecto e cada atividade da vida, as divindades mais importantes correspondiam aos elementos: Anu, o céu (ar); Enlil, a tempestade (fogo); Ninhursaga, a terra; e Enki, as águas. Os exemplos precedentes revelam que os elementos em si, como o zodíaco, foram considerados não somente uma realidade vital, com a qual os antigos tinham que lidar, mas a base da própria realidade.

Descrições modernas

Para a maioria de nós destituída de uma visão espiritual mais elevada, o máximo que podemos alcançar numa avaliação e numa apreensão imediata dos elementos é a experimentação das suas atividades nas artes curativas. Mais tarde, essa abordagem dos elementos será discutida com detalhes, mas aqui talvez seja útil mencionar como alguns escritores modernos encaram os elementos. O dr. Randolph Stone, criador de um sistema de cura chamado terapia da polaridade, baseado na teoria do equilíbrio dos elementos, chama os elementos de "construtores invisíveis das estruturas de vida". Ele diz que os elementos são as "engrenagens da vida" que se devem fundir harmonicamente para que possa haver saúde física e mental. Declara, nos seus escritos, que os elementos são como placas numa bateria, através da qual a energia vital (ou prana) flui para energizá-las. O dr. Stone chama os elementos de "campos de energia sutil", cuja operação traz estados de bem-estar ou doença do corpo ou da mente.

O dr. Stone tem 85 anos de idade (no momento em que este livro está sendo escrito), já não clinica e tem diplomas de osteopatia, quiroprática e naturopatia. Contudo, declara que sua compreensão a respeito do funcionamento dos elementos não lhe veio de qualquer treinamento ortodoxo

nas artes curativas mas, antes, da percepção pessoal no decorrer de mais de sessenta anos de experiência com casos diversos e desafiantes e – mais que tudo – através da instrução pessoal recebida de vários médicos e mestres espirituais indianos. É extraordinário que percepções em estreito paralelo com essas do dr. Stone também tenham sido expressadas por um homem que não teve nenhum contato com quaisquer dessas fontes. "*Mr. A*", nome pelo qual ele é chamado na sua biografia intitulada *Born to Heal*, escrita por Ruth Montgomery, não teve nenhuma outra educação além do curso primário e recebeu instruções sobre os elementos através dos seus sentidos psíquicos. Sua compreensão das atividades das forças vitais mais sutis capacitou *Mr. A* a ser um veículo para milhares de curas notáveis de doenças aparentemente incuráveis.

A descrição de *Mr. A* se parece consideravelmente com a referência aos elementos feita pelo dr. Stone, como sendo semelhante a placas numa bateria:

> O mundo em que vivemos é formado por gases e energia. Todas as substâncias – plantas, animais e vida humana – resultam da combinação ilimitada de frequências de energia agindo sobre esses gases. Toda planta, animal e ser humano têm sua própria frequência de energia para estabelecer e manter a vida, o crescimento e o desenvolvimento. No nascimento, o primeiro sopro de vida é o nosso apoio direto, a nossa linha vital com a Força Universal... Assim que essa energia é estabelecida e flui sem obstrução, estamos em sintonia com o suprimento Universal de energia.

O mapa astrológico de nascimento é, naturalmente, desenhado para o momento da primeira respiração, o instante em que estabelecemos a nossa sintonia, que durará a vida inteira, com as fontes de energia cósmica. O mapa natal, portanto, revela o padrão de energia ou a afinação cósmica do indivíduo com os quatro elementos. Em outras palavras, o mapa mostra as várias manifestações vibratórias que incluem a expressão do indivíduo neste plano da criação, todas elas seguindo um padrão específico de ordem que o mapa simboliza. Em termos científicos, o mapa mostra o seu "campo de energia" ou aquilo que os clarividentes chamam de "aura".

Uma perspectiva espiritual

Para se ter a perspectiva mais elevada possível, nos nossos esforços para compreender os elementos, seria útil nos reportarmos aos escritos de dois dos maiores mestres espirituais da Índia, com os quais o dr. Stone teve contato

pessoal, que escreveram longamente sobre os elementos. O marajá Charan Singh escreve:

> Tudo que vemos com os olhos físicos é formado por um ou mais dos cinco elementos, a saber, terra, água, ar, fogo e éter; e todos esses cinco elementos são inimigos entre si. Mas, com a ajuda da alma, ou por causa da alma... todos eles estão contidos e são ativos no corpo humano, cada um manifestando-os de acordo com os seus próprios carmas – nessa proporção, mas todos os cinco elementos são ativos, em maior ou menor grau, em cada corpo humano.

Ele prossegue dizendo que quando a alma deixa o corpo e esta criação, os elementos se dissociam e voltam para suas fontes. Pode-se deduzir por que, na astrologia, o signo onde o Sol se encontra é tão importante, uma vez que ele revela a sintonia mais básica da alma conforme ela se manifesta neste plano de criação. É similar àquilo que o clarividente Edgar Cayhce chamou de "personalidade da alma".

O marajá Sawan Singh escreve que não só o corpo, mas também a mente "nasce da essência mais sutil dos cinco elementos". Nos seus livros ele correlaciona os elementos com os chacras inferiores (ou centros de energia) existentes no corpo e tendo várias qualidades que precisam ser vencidas para que possa haver progresso espiritual; o ar, com a cobiça; a água, com a paixão; o fogo, com a cólera; e a terra, com a fixação. Uma escritora e clarividente inglesa, Joan Cooke, escreveu um livro chamado *Wisdom in the Stars*, no qual expressa igualmente as lições dos elementos que a alma precisa aprender para evoluir; as pessoas do fogo precisam aprender o amor; as pessoas da água, a paz; as pessoas de ar, a fraternidade; e as pessoas de terra, o serviço.

Os quatro elementos também são a explicação para muito da doutrina oculta tradicional, como pode ser claramente visto quando os elementos são correlacionados com os vários "corpos sutis", ou campos interpenetrantes de energia, tão frequentemente citados. O dr. Raynor Johnson, autor de muitos livros excelentes na área da parapsicologia, tais como *The Imprisoned Splendor* e *The Spiritual Path*, além de ser também cientista de reputação internacional, descreve sucintamente a natureza desses campos mais sutis: "Cercando a realidade central há muitos veículos ou corpos ou instrumentos – camadas de consciência que permitem que o indivíduo estabeleça relacionamento com muitos mundos ou dimensões de vida, com as quais esses veículos estão relacionados". Os elementos são as forças vitalizantes de cada um desses corpos. A água está relacionada com o corpo emocional ou astral, um tipo de

consciência dominada por anseios intensos, reações de sentimentos e desejos imperiosos. O elemento ar está relacionado com o corpo mental ou "causal" e representa um tipo de consciência sintonizada com os padrões de pensamentos abstratos da mente universal. O elemento terra simboliza o corpo físico e a afinação com o mundo das formas físicas e materiais. O elemento fogo está relacionado com o corpo etérico ou vital, que atua como um transformador das energias do ar e da água a fim de ajudar a sustentar as funções do corpo físico. O corpo "Vital" está estreitamente relacionado com o corpo físico e é a mesma coisa que o "duplo etérico", tão comumente citado nas investigações dos parapsicólogos.

O fato de que os elementos representam tipos específicos de consciência e de percepção e, conforme a citação de dr. Raynor Johnson de que revelam capacidade para experimentar certas dimensões da existência e para se colocar em sintonia com campos de experiência da vida, específicos tem ramificações importantes que posteriormente serão tratadas com mais detalhes neste livro. Primeiro, porém, examinaremos minuciosamente os elementos, para podermos obter uma avaliação mais profunda daquilo que eles representam.

Classificação dos elementos

Os elementos têm sido tradicionalmente divididos em dois grupos, sendo o fogo e o ar considerados ativos e autoexpressivos e a água e a terra considerados passivos, receptivos e autorrepressivos. Esses dois grupos são idênticos aos da divisão básica da filosofia chinesa: *yin* (água e terra) e *yang* (fogo e ar). Também são idênticos à concepção grega das duas expressões da energia: Apolônia (fogo e ar que, ativa e conscientemente, formam a vida) e Dionísia (água e terra, que representam forças que se manifestam de modo mais inconsciente e instintivo). Essa diferenciação é de grande importância numa abordagem holística dos mapas de nascimento, como veremos no capítulo sobre interpretação. Aqui eu deveria enfatizar que agora estamos lidando só com os princípios básicos e que uma referência à água ou à terra, por exemplo, como sendo "autorrepressivas" ou "inconscientes", de modo algum indica que as pessoas cujos mapas contêm muita ênfase sobre esses dois elementos sejam, necessariamente, limitadas em percepção ou particularmente mais "reprimidas" do que qualquer outra. Esses termos se referem mais ao

modo de operação dessas energias e ao seu método de autorrealização, do que a uma generalização específica que pode ser aplicada, ao acaso, a todas as pessoas incluídas numa determinada categoria. Por exemplo, os signos da água e da terra são mais autorrepressivos do que os signos do ar e do fogo, no sentido de que eles vivem mais dentro de si mesmos e não se permitem projetar exteriormente a sua energia essencial sem antes usar uma boa dose de cautela e ponderação. Os signos do fogo e do ar são mais autoexpressivos porque estão sempre "deixando sair", derramando, sem reservas, as suas energias e a sua substância vital; os signos do fogo por meio da ação direta e os signos do ar por meio da interação social e da expressão verbal.

Marc Edmund Jones, num esforço para classificar os elementos de forma moderna, que não fosse mal-entendida como os termos antigos "positivo" e "negativo", escreveu que fogo e ar são expressões de energia "manipulativas e expansivas" ao passo que água e terra são "conservadoras e intensivas". As definições de Jones também seriam explicações altamente apropriadas dos termos gregos *Apolônia* e *Dionísia*. Os elementos fogo e ar também têm sido relacionados com atividade e leveza, uma vez que o ar e o fogo tendem a espalhar-se e a subir, estendendo-se para um perímetro no espaço. A terra e a água têm sido relacionadas com gravidade e inércia, desde que tendem a estar sob a influência da gravidade e, consequentemente, a se concentrar e acumular num nível mais inferior. Essa classificação dos elementos e o fato de que os signos do mesmo elemento e os elementos do mesmo grupo geralmente são considerados "compatíveis" é da maior importância, não só na interpretação dos mapas individuais, como também na arte da comparação de mapas, da qual trataremos mais tarde. É preciso assinalar também que os princípios de "leveza" e "gravidade", e assim por diante, descrevem um fluxo real de energia que poderá ser percebida por aqueles que são psiquicamente sensíveis ou que pelo menos pode ser sentido, de maneira imediata, por qualquer um que esteja intimamente relacionado com uma pessoa de afinação diferente.

O elemento Fogo

O elemento fogo se refere a uma energia universal irradiante, uma energia que é excitável e entusiástica e que, através da sua luz, dá colorido ao mundo. Esse elemento fogo foi relacionado por C. G. Jung, com o núcleo dinâmico da

energia psíquica, aquela energia que flui espontaneamente, de maneira inspirada e automotivada. Marc Edmund Jones equaciona o fogo com a "experiência centralizada na identidade pessoal" e isso explica por que as pessoas com os signos de fogo dominantes em seus mapas são tão egocêntricas e, normalmente, bastante impessoais. Elas sentem que são canais de "vida" e não podem esconder facilmente o seu orgulho a respeito desse fato.

Os signos de fogo exemplificam a decisão, a grande fé em si mesmo, o entusiasmo, uma força sem fim e uma honestidade direta. Precisam de uma grande dose de liberdade para poderem se expressar de forma natural, e normalmente garantem esse espaço para si mesmos por meio da incansável insistência nos seus pontos de vista. Os signos de fogo também são capazes de dirigir conscientemente o poder da sua vontade (embora nem sempre de maneira consistente), melhor do que os outros signos. Sua vontade de ser e de se expressar livremente é quase infantil na sua simplicidade, uma qualidade que às vezes parece cativante aos outros, mas pode parecer ofensiva àqueles que são mais cautelosos e sensíveis. As faltas dos signos de fogo raramente se manifestam como um resultado de más intenções, porém, mais amiúde, simplesmente como consequência da falta de controle e de sensibilidade para com os outros. Em certas ocasiões podem mostrar uma grande deliberação, às vezes até mesmo irresistível, atacando as coisas com tal pressa que, sem qualquer intenção, causam destruição ou magoam os sentimentos alheios.

Os signos de fogo tendem a ser impacientes para as pessoas mais sensíveis ou mais gentis, especialmente com aquelas que têm predominância da água e da terra. Tais signos sentem que a água os extinguirá e que a terra os sufocará e amiúde se ressentem com a gravidade e o emocionalismo desses signos. Por outro lado, os signos de ar abanam as chamas do fogo, fornecendo novas ideias que as pessoas dos signos de fogo podem tomar como guia. Por essa razão, o fogo geralmente é considerado compatível com o ar, mas é preciso assinalar que os signos de fogo frequentemente são por demais espalhafatosos e impacientes para o delicado sistema nervoso dos signos aéreos e estes poderão não tolerá-los por muito tempo. De fato, embora os signos de fogo amiúde sejam estimulados pelos signos de ar, eles também se cansam facilmente e se entediam com as observações intelectuais que não podem ser seguidas com bastante rapidez.

O elemento Ar

O elemento ar é a energia vital que tem sido relacionada com a respiração ou com aquilo que os iogues chamam de "prana". O domínio do ar é o mundo das ideias arquetípicas, que estão atrás do véu físico, da energia cósmica convertida em padrões de pensamento específicos. Está associado às linhas geométricas de força que funcionam através da mente, à energia que modela os padrões das coisas que virão. Enquanto os signos de fogo estão preocupados em *desejar* que alguma coisa passe a existir, os signos de ar focalizam suas energias em ideias específicas que ainda não se materializem. Desse modo, embora os signos de ar sejam frequentemente acusados de ser seguidores de sonhos sem valor prático, estão desempenhando um papel na realização da criação, no nível social mais amplo, pois suas ideias podem, eventualmente, afetar a vida de milhões de pessoas.

Marc E. Jones escreve que os signos de ar tratam da "experiência na sua preocupação com as relações teóricas". A ênfase sobre teoria e sobre conceitos, na vida das pessoas dos signos de ar, leva-as à descoberta de um modo de expressão mais compatível na arte, nas palavras e no pensamento abstrato. Os signos de ar são capazes de ter um ponto de vista imparcial a respeito da experiência imediata da vida cotidiana, o que lhes dá a possibilidade de ganhar objetividade e perspectiva e de abordar racionalmente tudo o que fazem. Esse desapaixonamento os habilita a trabalhar eficientemente com todos os tipos de pessoas, pois eles não sentem a necessidade de se envolver intensamente com as preocupações ou com as emoções dos outros. Na verdade, os signos de ar são mais sociáveis de todos os signos, no sentido de que podem apreciar objetivamente os pensamentos das outras pessoas, mesmo que não concordem com eles.

Naturalmente, se os signos de ar ficam muito envolvidos com suas ideias e teorias abstratas, podem ficar mentalmente desequilibrados e dados a todos os tipos de excentricidades e fanatismos. Frequentemente carecem de emoções profundas e da aceitação das limitações do corpo físico. Podem valorizar excessivamente a competência intelectual e se recusar a encarar o fato de que as ideias precisam ser testadas para ver se funcionam, antes que lhes seja atribuído um grande valor. O pensamento é uma força tão dominante na vida dos signos de ar que, muito facilmente, eles se sentem ameaçados se as suas opiniões são ignoradas ou se a qualidade do seu intelecto é depreciada.

Naturalmente, os signos de terra e de água são aqueles que mais provavelmente desvalorizarão as ideias dos signos de ar, pois estas normalmente não são aprovadas nos testes de profundidade emocional ou de utilização prática, nos quais os signos de terra e de água insistem. Por seu lado, os signos de ar não querem ficar confinados pelas limitações da terra e também não desejam ter a sua despreocupada liberdade saturada pelos sentimentos e pelas restrições dos signos de água. Por outro lado, os signos de fogo estimulam os signos de ar no sentido de obter maior liberdade de expressão, dando aos signos de ar um sentimento de confiança e de força que estes não podem encontrar em ninguém mais. Embora os signos de ar admirem, de muitas maneiras, os signos de fogo, ainda assim eles insistirão no seu direito de ponderar as coisas antes de assumir um compromisso, um hábito que pode se tornar cada vez mais irritante para os signos de fogo.

O elemento Água

Aqueles que têm o elemento água fortemente ativado nos seus mapas, percebem, desde o seu nascimento, que vários fatores intangíveis desempenham um papel na vida, muito maior do que aquele em que geralmente se acredita. Os signos de água estão em contato com os próprios sentimentos, em sintonia com nuanças e sutilezas que muitos outros sequer percebem. O elemento água representa o reino da emoção profunda e das reações de sentimento, indo desde paixões compulsivas e temores irresistíveis, até uma aceitação e um amor que abrange toda a criação. Uma vez que, por sua própria natureza, os sentimentos são parcialmente inconscientes, os signos de água, simultaneamente, têm percepção do poder da mente inconsciente mas não têm consciência, eles próprios, do muito daquilo que os motiva realmente. Quando estão sintonizados, com consciência total, com as dimensões mais profundas da vida, são os signos mais intuitivos e psiquicamente sensíveis. Nesse caso, os signos de água estão em contato com a unidade de toda a criação e são capazes de ajudar os outros por meio de uma reação empática aos sentimentos dos seus semelhantes. Quando, porém, eles não têm consciência plena dos seus próprios sentimentos, veem-se instigados por desejos compulsivos, por temores irracionais e por uma exagerada sensibilidade à mais leve ameaça.

Os signos de água, como a natureza da própria água, não têm solidez ou forma própria. Portanto, sentem-se mais felizes quando sua fluidez é canalizada e modelada por outros, particularmente pelos signos de terra, que possuem a solidez na qual a água pode confiar e pode-se apoiar. Os signos de água tendem a sentir aversão por aqueles que são turbulentos ou têm personalidades fortes, tais como as pessoas dos signos de ar e de fogo. Sentem-se mais confortáveis com outros, mais discretos e reservados, o que lhes dá uma grande sensação de proteção e segurança. Diga-se de passagem, essa qualidade reservada dos signos de água é bastante enganadora, pois, embora eles possam parecer calmos no exterior, constantemente há tempestades fervilhando em níveis interiores e correntes ocultas que podem arrastá-los. De fato, os signos de água às vezes podem ser sensacionalistas, pois, se a vida deles fica demasiado monótona, eles podem cultivar, inconscientemente, tempestades e revoluções emocionais.

A sensibilidade dos signos de água é tão grande e a sua vulnerabilidade à mágoa é tão pronunciada que, se as reações emocionais não são controladas e adequadamente canalizadas, podem levá-los a um estado de instabilidade emocional e a uma predisposição para serem influenciados com demasiada facilidade pelo mais leve vento que sopre. Todavia, essa sensibilidade não deve ser considerada uma fraqueza, pois a água tem grande força e tem um longo e penetrante poder especialmente quando é canalizada de uma forma concentrada. Um belo exemplo do poder desse elemento é expressado por um erudito chinês do século XI:

> Entre todos os elementos, o Sábio tomaria a água como seu preceptor. A água é submissa mas conquista tudo. A água extingue o fogo ou, vendo que pode ser derrotada, escapa como vapor e toma nova forma. A água carrega a terra macia ou, quando desafiada pelas rochas, procura um caminho em torno... Satura a atmosfera de modo que o vento morre. A água cede passagem para os obstáculos com uma humildade enganadora, pois nenhum poder pode impedi-la de seguir o seu caminho traçado rumo ao mar. A água conquista submetendo-se, nunca ataca mas sempre ganha a última batalha. (de *The WheeI of Life*, de John Blofeld, p. 78)

Para terminar, o elemento água tem correspondência com o processo de ganhar consciência através de uma lenta porém segura percepção dos anseios mais profundos da alma. Os signos de água sabem, instintivamente, que se devem proteger das influências exteriores a fim de garantir, para si mesmos, a paz interior necessária à reflexão profunda e à sutileza de percepção. A compreensão da verdadeira natureza das suas emoções e anseios é um

processo lento e muitas vezes doloroso, mas, assim que se dispõem a encarar seus verdadeiros motivos, eles podem ter certeza de que, com a passagem dos anos, terão um contentamento interior cada vez maior.

O elemento Terra

Uma afinação com esse elemento indica que o indivíduo está em contato com os sentidos físicos e com a realidade do aqui e agora do mundo material. Os signos de terra tendem a confiar mais nos seus sentidos e no raciocínio prático do que nas inspirações, nas considerações teóricas ou nas intuições dos outros signos. Estão sintonizados com o mundo das "formas" que os sentidos e a mente prática encaram como real; e a compreensão inata a respeito de como o mundo material funciona dá aos signos de terra mais paciência e autodisciplina do que têm os outros signos. Raramente é preciso dizer a eles de que modo devem se adaptar ao mundo para ganhar a vida, como suprir as necessidades básicas, ou como devem persistir até que um objetivo seja alcançado. Toda essas qualidades vêm naturalmente para os do elemento terra.

Embora o elemento terra seja um dos elementos passivos ou "receptivos", esse elemento, como a água, tem uma força de resistência e de persistência que faz com que as pessoas dos signos de terra sempre sejam capazes de cuidar de si mesmas. Embora não sendo particularmente agressivos, eles falarão sem disfarce quando seus negócios estiverem sendo ameaçados ou quando a sua segurança estiver em perigo. Por causa da sua eficiência, eles são capazes não só de falar, mas também de agir de maneira bastante prática para garantir que as coisas pelas quais trabalharam não lhes sejam tomadas. O elemento terra tende a ser cauteloso, premeditado, bastante convencional e invulgarmente fidedigno. As pessoas desse elemento geralmente suspeitam ou duvidam das pessoas mais espertas, de mente ágil, e reagem aos signos de ar com um certo grau de reserva, embora possam ficar um pouco fascinados por eles. Apesar disso, sentem que os signos de ar estão lá em cima, nas nuvens, brincando infantilmente com planos impossíveis e sem valor prático. Também acham que os signos de fogo crestarão a terra, passando tempestuosamente pela vida, com demasiada pressa e com demasiado ímpeto para que se possa confiar neles. Os signos de água, por outro lado, partilham das suas qualidades de

aquisitividade, retentividade e autoproteção. Portanto, a terra acha que a água a refrescará e a tornará capaz de ser ainda mais produtiva.

A própria afinação que dá aos signos da terra a sua força e as suas habilidades especiais também pode ser a fonte dos seus maiores defeitos. O envolvimento com o mundo prático pode, com frequência, limitar sua imaginação caso eles confiem demasiadamente nas coisas conforme elas são ou conforme parecem ser. Isso pode levar a uma estreiteza de pontos de vista, a um apego à rotina e à ordem e a uma absoluta falta de habilidade para lidar com as áreas de atividades abstratas e teóricas. Mais do que qualquer outra coisa, os signos de terra precisam se abrir para a realidade do mundo invisível e devem se comprometer com ideais específicos que servirão de guia para as suas atividades.

11. A psicologia do indivíduo

Os quatro elementos são particularmente úteis na compreensão da natureza essencial da constituição psicológica de qualquer indivíduo. Para abordar esse assunto, aqui nos limitaremos apenas à análise do elemento a que pertence o signo ocupado pelo Sol; pois o elemento do signo solar é, realmente, o elemento dominante no exame da psicologia geral da pessoa. Isso acontece porque o elemento do signo ocupado pelo Sol revela a afinação da vitalidade básica e o poder de autoprojeção do indivíduo, assim como a esfera de experiência dentro da qual a pessoa vive cotidianamente e também a qualidade fundamental da sua consciência. (Todavia, num determinado mapa, mais de um elemento pode ser considerado poderosamente ativo, conforme discutiremos mais adiante.)

O elemento do signo ocupado pelo Sol mostra muitas coisas: revela "de onde você está vindo". Em outras palavras, mostra onde a sua consciência está enraizada, com qual reino de experiência você está sintonizado e de qual campo de atividade e existência você retira a sua força. O elemento do signo do Sol também mostra aquilo que é "real" para o indivíduo, pois a pressuposição inconsciente do que é e do que não é particularmente real é que determina o modo como a pessoa focalizará a sua energia. Como um exemplo, os signos de ar vivem no reino abstrato do pensamento, e para eles um pensamento é simplesmente tão real (ou, de fato, mais real, conforme é evidenciado pelo comportamento deles) quanto qualquer objeto material. Os signos de água vivem em seus sentimentos e, mais do que qualquer outra coisa, o estado emocional deles é que determina o seu comportamento. Os signos de fogo vivem num estado de atividade inspirada, altamente excitada, e a conservação desse estado de ser é decisiva para a manutenção da saúde e da felicidade dos signos de fogo. Os signos de terra estão assentados no mundo material. O mundo material e as suas preocupações com a sobrevivência e com a produção são considerados muito mais reais do que qualquer outro aspecto da vida.

Outra maneira de expressar essa mesma diferenciação é dizendo que o elemento do nosso signo do Sol revela a força interior básica que motiva tudo

o que fazemos. Os signos de ar são motivados por seus conceitos intelectuais, os signos de água por seus *anseios* emocionais mais profundos, os signos de fogo por suas *inspirações* e *aspirações* e os signos de terra por suas *necessidades* materiais. Se os psicólogos, psiquiatras e conselheiros de vários tipos ao menos aprendessem essa classificação básica dos tipos de personalidade, dariam um grande passo à frente nos seus esforços para deslindar as forças infinitamente complexas que atuam na motivação e no comportamento do ser humano.

O elemento do signo do Sol também nos dá esclarecimentos a respeito de como o indivíduo vê a vida (isto é, da qualidade da sua percepção geral) e que expectativas ele tem das experiências da vida. Na sua *Encyclopedia of Psychological Astrology*, C. E. O. Carter expressou concisamente a predisposição psicológica de cada elemento, em palavras que vale a pena repetir aqui. Dos signos de fogo ele diz que o eu é sentido como uma "projeção do princípio de vida na natureza e agindo sobre a natureza" e que eles procuram "experiências de um tipo positivo, no campo da ação". Quanto aos signos de água, o ser, projetado na natureza, é concebido como "estando sujeito ao sofrimento e precisando de proteção". Assinala que os signos de água ajudam a preservar a vida "entrando nos sentimentos dos outros" e que essa habilidade para entrar em sintonia com os sentimentos dos outros pode ser "um guardião útil ou um inimigo astuto".

De acordo com Carter, os signos de terra veem a natureza como um "campo para a manifestação da vida", e por meio da sua afinação instintiva com o mundo material eles são capazes de ajudar a manter a vida através da utilização e do domínio dos processos naturais. No caso dos signos de ar, a natureza é percebida como "algo que deve ser compreendido e utilizado, sendo a compreensão a condição de utilização completa e correta". O princípio mental aéreo, portanto, é usado para melhorar a vida, dando à pessoa uma visão dos processos naturais espontâneos. A natureza complementar dos princípios do ar e da terra é simbolizada claramente pela regência conjunta de Vênus, Mercúrio e Saturno sobre os signos desses dois elementos.

Quando fazemos uma abordagem somente no nível da afinação da energia, topamos com algumas revelações surpreendentes a respeito da natureza do elemento do signo ocupado pelo Sol. No curso da sua biografia inteira, *Born to Heal*, o homem chamado *Mr. A*, que já citamos antes, refere-se repetidamente à necessidade que cada um de nós tem de "aumentar" o seu campo de energia. Se deixamos de recarregar a energia básica do nosso signo do Sol (assim como

as energias indicadas pela colocação elemental do ascendente e dos outros planetas), descobrimos que estamos ficando esgotados, irritáveis e mais vulneráveis às perturbações físicas e psicológicas. Podemos efetuar essa alimentação de várias maneiras: através da sintonização consciente com as energias requeridas ou através de tipos específicos de atividades e de envolvimentos na vida cotidiana. O elemento do signo ocupado pelo Sol representa o mais importante requisito para a reposição do combustível, uma vez que é a energia primária que estamos esgotando constantemente. Em *Born to Heal*, *Mr. A* é citado frequentemente com respeito às graves consequências de deixarmos que venha a acontecer o esgotamento do nosso elemento combustível necessário.

Todos nós já ouvimos falar de uma pessoa que está "fora do seu elemento", em outras palavras, de alguém que está lidando com um campo de atividade que é estranho à sua verdadeira natureza. Por exemplo, uma pessoa de ar tentando negar as suas necessidades intelectuais e ganhando a vida como operário, provavelmente estará fora do seu elemento. Se essa pessoa não arranja uma compensação, dedicando-se a atividades sociais ou intelectuais quando não está trabalhando, gradualmente se esgotará porque o seu elemento ar não estará sendo recarregado. Em outras palavras, elemento do nosso signo do Sol é o combustível de que precisamos para nos sentirmos vivos! Ele é a fonte da nossa vitalidade básica, é a força que permite que efetuemos a nossa revitalização para podermos enfrentar as tensões e as exigências da vida cotidiana. Embora teoricamente seja possível arranjar uma compensação para o gasto da maior parte do tempo um tipo de trabalho que "está fora do seu elemento", todo indivíduo deve encontrar um tipo de trabalho que pertença realmente ao seu elemento, se vai se entregar a essa ocupação durante muitos anos.

De uma forma geral, podemos recarregar as nossas baterias envolvendo-nos em atividades que nos abasteçam com o combustível necessário. Os signos de água, portanto, precisam tratar com outras pessoas do elemento água ou precisam de um envolvimento emocional intenso com qualquer coisa que estejam fazendo. Essas pessoas não podem se desligar das suas experiências, portanto é importante que escolham atividades e trabalhos que possam lhes dar um amplo raio de ação para a sua expressão emocional. Os signos de fogo requerem envolvimentos com outros signos de fogo, com metas e aspirações progressistas e inspiradas, ou com um tipo de trabalho que seja fisicamente

exigente e ativo. Os signos de terra precisam assumir deveres e obrigações materiais, pois o desafio de enfrentar o mundo como um todo estimula suas energias mais positivas e alimenta sua necessidade de expressão através das realizações práticas. Também podem se recarregar lidando intimamente com outras pessoas do elemento terra. Os signos de ar sentem necessidade do relacionamento constante com outras pessoas de mentalidade igual, do envolvimento social que lhes ofereça um canal para a expressão das suas ideias ou de um tipo de trabalho que lhes dê estímulo e liberdade intelectual.

A pessoa também pode procurar estabelecer, conscientemente, uma sintonia com a energia requerida por meio do cultivo do contato físico íntimo com esse elemento; pois, de uma forma real, os signos de terra recebem a sua energia da terra, os signos de ar recebem sua força do ar, os signos de água a recebem do fluxo de sentimentos próprios da água ou do contato com a própria água, e os signos de fogo a recebem do Sol e da atividade física. Qualquer um que duvide da verdade dessa afirmação obviamente não experimentou a realidade dela na sua própria vida. Clarividentes, com uma percepção especialmente refinada, disseram-me que podiam ver o enraizamento na terra de um taurino, o alicerce sólido como uma rocha de um capricorniano, uma suave corrente de sensibilidade de sentimentos, semelhante a uma queda d'água, dos cancerianos, a súbita mudança de polaridade, semelhante a uma tempestade elétrica, em aquarianos, e assim por diante. Portanto, podemos tirar vantagem do contato com o elemento do signo ocupado pelo nosso Sol, tendo como objetivo o rejuvenescimento e a recuperação do impacto desvitalizante das exigências da vida.

Para fazer isso, os signos de terra naturalmente precisam meter os pés na lama de vez em quando, precisam se aproximar da natureza e entrar em sintonia com a força de crescimento que há nas árvores e nas plantas. Para dar um exemplo disso, certa vez conheci uma pessoa, duplamente taurina, que não sabia nada de astrologia, mas que descobrira que alcançava a maior paz e tranquilidade toda vez que ia até um rio próximo para brincar na lama durante horas. Para a sua recuperação, os signos de ar precisam de ar limpo, leve, altamente elétrico, uma qualidade de atmosfera que jamais é encontrada nas nossas cidades, nas planícies úmidas ou nos vales cultivados. Esse tipo de ar é particularmente acessível nas montanhas, onde não só é limpo mas também bastante seco e fresco. Um médico amigo meu, um aquariano, diz que acredita

que a melhor altitude para os signos de ar é de pelo menos meia milha acima do nível do mar e, por essa razão, ele mesmo vive numa tal altitude.

Os signos de água normalmente sentem que viver longe demais de um rio, de um lago ou do oceano, é o mesmo que viver num deserto estéril. Alcançam sua melhor forma, psíquica e emocionalmente, quando têm a oportunidade de mergulhar em água corrente regularmente ou, pelo menos, de estar na presença dela. Alguns leitores podem se lembrar de que Edgar Cayce, o grande clarividente americano, descobriu que as suas faculdades psíquicas operavam com maior eficiência quando morava perto da água, um fato que o levou a mudar-se para perto do oceano, em Virgínia Beach. O Sol de Cayce estava em Peixes, e suas leituras psíquicas estão repletas de referências aos efeitos benéficos da proximidade da água, para o trabalho psíquico ou metafísico.

Os signos de fogo precisam estar ao ar livre, na luz solar, banhando-se no fogo radiante que vem do Sol. Eles também precisam manter-se fisicamente ativos a fim de captar a sua energia ígnea. Um signo de fogo que tem que ficar confinado por muito tempo e sem oportunidade de fazer uma movimentação *vigorosa* logo começa a sentir como se estivesse morrendo. É por esse motivo que uma doença debilitante, ou um acidente, tem, amiúde, para os nativos dos signos de fogo, consequências psicológicas tão sérias. Muitos leitores provavelmente repararam que todas as pessoas dos signos de fogo parecem ter o seu ponto máximo de energia enquanto o Sol está de fora, ao passo que não sabem o que fazer consigo mesmos depois que escurece. A energia do fogo também pode ser armazenada durante os meses de verão, para ser usada mais tarde, durante o tempo frio. Lembro-me de uma mulher de Leão que me contou que nunca ficava doente no inverno, se no verão anterior tivesse ficado bastante tempo ao Sol. Todavia, durante um verão, ela teve que ficar entre quatro paredes praticamente todo o tempo por causa do seu trabalho, e no inverno seguinte ela adoeceu com frequência.

O psicólogo Ralph Metzner é um dos poucos, nesse campo, que estudou os elementos na medida em que se relacionam com os tipos de personalidade. Enquanto estava na Stanford University, Metzner organizou pequenas sessões de encontro entre pessoas com várias combinações de elementos. Depois de alguma experiência com essas sessões e de estudar, com certa profundidade, as correlações astrológicas dos elementos, Metzner concluiu que os quatro elementos simbolizam tipos de pessoas que "metabolizam a experiência em velocidades diferentes" e de maneiras diferentes. Essas abordagens diversas da

experiência levam os quatro tipos de pessoas a lidar de maneiras diferentes com os conflitos ou os obstáculos que surgem na vida. Os signos de ar tendem a se elevar acima dos conflitos e a flutuar ao redor deles. Embora mais tarde possam ficar ressentidos com a pessoa que colocou o problema no seu caminho, na ocasião eles raramente deixarão de agir com elegância. Os signos de água também detestam todas as formas de conflito (com exceção de alguns escorpianos); tendem a escorrer ao redor dos conflitos, por baixo deles ou sobre eles, ou então – se tudo falha – a desgastar lentamente a pessoa ou a coisa que está no seu caminho. Escorpião, porém, muitas vezes procura desafios e problemas, compreendendo, subliminarmente, que tais desafios fazem aparecer sua maior força e seus maiores recursos. Assim mesmo, Escorpião manterá, durante a maior parte do tempo, um silêncio carregado, não desejando causar nenhum conflito desnecessário.

Os signos de terra, sendo bastante sólidos por natureza, tendem a desdenhar o conflito, preferindo absorver lentamente o impacto do problema. Todavia, forçados contra a parede, são capazes de agredir duramente o obstáculo com força total. Isso se aplica particularmente a Touro, a terra fixa, que nunca procurará conflitos mas que é capaz de uma cólera e de uma força surpreendentes, se for exageradamente provocado. Os signos de fogo tendem a vencer os obstáculos, a queimá-los ou a afugentá-los, com uma demonstração de força. Raramente exibem um comportamento que poderia ser chamado de diplomático. Lois H. Sargent, no seu excelente livro sobre comparações de mapas, *How to Handle Your Human Relations*, dá grande importância aos elementos como meio para se compreender como pessoas diferentes abordam a solução dos seus problemas. Ela escreve que os signos de fogo reagem às situações com intensidade,

> desejando uma ação direta na solução dos problemas e tendendo mais para o impulso do que para a deliberação. Os tipos de terra são motivados pelo desejo de resultados práticos, úteis. Eles geralmente têm um sólido senso comum, quer o usem ou não. As pessoas dos signos de ar gostam de ponderar as coisas e geralmente pensam antes de agir. Os tipos pertencentes aos signos de água são impressionáveis, sensíveis e intuitivos. Eles se inclinam a aguardar os acontecimentos para encontrar uma orientação para a solução dos seus problemas.

O fato de compreendermos os elementos pode, como vimos, contribuir de muitas maneiras para o autoconhecimento, mostrando como podemos viver melhor em nossa própria companhia, como podemos satisfazer as nossas necessidades e revitalizar o nosso campo de energia. Os elementos também

nos são uma indicação a respeito de como controlar e canalizar vantajosamente as nossas energias. O médico e astrólogo medieval Paracelso, homem que Jung considerou um precursor dos psicólogos modernos, atribuiu um espírito da natureza, específico, a cada um dos elementos.

Esses espíritos, ou suas variações, são encontrados em todas as mitologias do mundo e simbolizam graficamente o modo de operação do elemento. Este não é o momento para nos alongarmos sobre a questão de quão "reais" são tais espíritos, mas uma breve referência, aqui, às obras de Paracelso, mostrará como podemos trabalhar com essas forças. As *andinas* eram consideradas os espíritos da água, e Paracelso declarou que elas devem ser controladas por meio da firmeza. Portanto, podemos aprender que as pessoas dos signos de água precisam ser firmes consigo mesmas e que, às vezes, essa firmeza é a melhor maneira de se lidar com esse tipo de pessoa, especialmente quando suas emoções estão fora de controle. Dizia-se que os espíritos do ar eram as *sílfides* e que elas podiam ser controladas pela constância. É evidente que uma abordagem decisiva e consistente, da vida, é algo que os signos de ar poderiam muito bem cultivar. Para os signos de ar é difícil assumir um compromisso com uma determinada resolução, mas esse é um passo importante na evolução deles.

Os espíritos do fogo eram as *salamandras*, e podiam ser controlados principalmente pela serenidade. Em outras palavras, os signos de fogo podem moderar os usos extremos da sua energia cultivando, conscientemente, um tranquilo e calmo estado de contentamento. Se os signos de fogo puderem aprender essa arte de aceitar calmamente ávida no aqui e agora, evitarão muita tensão e muito desgaste de energia. Os espíritos da terra são os *gnomos*, que teriam que ser controlados pela generosidade jovial. Obviamente, a generosidade jovial não é uma qualidade comumente encontrada nos signos de terra, mas é uma coisa que trará benefícios para todos eles se for aprendida. Eu poderia aduzir que a maior força e irradiação dos signos de terra resplandece quando eles assimilam essa qualidade na sua natureza.

Os elementos nas artes curativas

Esse não é lugar para tratar, com muito detalhe, da função dos elementos nas várias áreas curativas, mas uma breve noção servirá para dar uma

perspectiva diferente a respeito da realidade viva dessas forças. Por meio da experiência direta com a circulação dos elementos – uma tal experiência como a que podemos encontrar através do uso deles nas artes curativas – podemos perceber mais obviamente sua força e seu impacto em todos os níveis da vida. Já mencionei como *Mr. A* usou as forças vitais básicas no seu trabalho de cura, e os leitores devem ler *Born to Heal* para uma exposição mais ampla de suas ideias. O trabalho de dr. Stone também já foi citado e uma análise completa do seu sistema terapêutico, chamado "terapia da polaridade", ocuparia muitos volumes. Mais do que qualquer outro médico ocidental, o dr. Stone delineou uma ciência completa dos quatro elementos, de modo que faz com que todas essas forças sejam acessíveis para tratamento quando ficam equilibradas. Embora o dr. Stone tenha escrito numerosos livros, a maior parte deles é demasiadamente técnica para o leigo. Todavia ele tem alguns volumes que são bastante fáceis e podem ser compreendidos por qualquer um, sendo que o livro *Energy: The Vital Principle in the Healing Art*, contém a mais completa explanação sobre o tema. (Para uma explicação mais completa da Terapia da Polaridade e da sua relação com a astrologia, veja o Apêndice C.)

Muitas das ideias do dr. Stone derivaram da medicina indiana Ayurvédica, um sistema de cura muito antigo, baseado inteiramente no relacionamento dos elementos com os alimentos, o tempo, o exercício, os medicamentos e vários tipos de atividade. A acupuntura chinesa é um outro tipo de arte curativa baseada na teoria dos elementos e qualquer um que esteja passando por um tratamento desse tipo pode experimentar a realidade da circulação extremamente potente da energia, quando os pontos específicos são estimulados a fim de libertar a corrente de energia específica (ou "meridiano") que estava bloqueada ou desequilibrada. Aqueles que estudam a Hatha Ioga também encontrarão a teoria dos elementos e das suas correlações com centros de energia específicos (ou "chacras") encontrados ao longo da espinha, e aqueles que praticam essa ioga com regularidade podem experimentar a realidade dos elementos em sua própria vida. O dr. William Davidson, cujas Palestras sobre Astrologia Médica valem a pena ser lidas, foi um médico homeopata que prelecionou extensamente sobre a importância dos elementos. Nas suas preleções publicadas, podemos encontrar citações de vários problemas psicológicos que se manifestam por causa da ênfase sobre um determinado elemento no mapa astral.

Todos esses sistemas terapêuticos estão baseados numa ideia similar: os elementos são as forças vitais que nos animam em todos os níveis. Conforme escreveu o herbanário americano do século XIX, dr. Samuel Thomson:

> Todos os corpos são compostos de quatro elementos – Terra, Ar, Fogo e Água. O estado saudável consiste na distribuição e no equilíbrio apropriado desses quatro elementos e a doença é a sua desorganização.

Na Idade Média e na Renascença, a teoria dos quatro humores (bílis, ou bílis amarela, sangue, fleuma e bílis negra) estava baseada numa concepção semelhante e relacionada com os quatro elementos da astrologia. De acordo com essa teoria, quando os quatro humores estavam misturados em um indivíduo, nas proporções corretas, ele seria saudável e teria uma personalidade bem equilibrada. Considerava-se que uma ligeira predominância de um humor ou elemento (que, de conformidade com os nossos mapas, todos nós temos) afetava não só as características físicas de um homem mas também a sua compleição e o seu temperamento. Os remanescentes dessas velhas crenças ainda são encontrados na nossa linguagem, pois a própria palavra *compleição* significa "interligado" e a palavra *temperamento* deriva do latim *temperamentum* e significa "uma mistura em proporções".

Esses velhos conceitos foram ridicularizados pela maioria dos médicos e cientistas até recentemente, quando então a redescoberta dos métodos de cura orientais e o renascimento dos métodos herbanários e homeopáticos forçaram os membros mais receptivos desses grupos a dar uma nova olhada nessas ideias, há um tempo esquecidas. Se, de fato, somos compostos pelas quatro energias básicas, faz sentido relacionar o tratamento de doenças específicas com a afinação elemental do indivíduo. O dr. Aubrey T. Westlake, autor do livro *The Pattern of Health*, é um médico moderno que começou a pesquisar esse assunto. No seu livro, o dr. Westlake declara que "a origem da doença não é material" mas, antes, é o resultado de uma interferência na circulação livre e desimpedida das energias vitais básicas, com um consequente "bloqueio, corte, alteração e distorção" das energias. Só então, escreve ele, é que surgem certas condições de deficiência, de desequilíbrio, de crescimento excessivo etc., e nós as chamamos de doença. O dr. Westlake chama os elementos de "éteres formativos" e diz que "a livre circulação e a integração harmoniosa e equilibrada de todas essas forças constitui aquilo que chamamos de estado de

saúde ou de integralidade". Com palavras estreitamente semelhantes às dos livros de dr. Stone, o dr. Westlake prossegue:

> Nunca soubemos tanto a respeito de doenças e de condições patológicas – e tão pouco sobre saúde e integridade. A medicina moderna é um círculo vicioso e não há meio de escapar a isso enquanto continuarmos a pensar em termos puramente materialistas. Para escapar, é essencial que se comece a admitir que há, de fato, forças que estão por trás das manifestações da matéria.

O que tudo isso tem a ver com a astrologia? É que, simplesmente, através do uso da astrologia, com uma compreensão adequada das operações das energias básicas (ou elementos), nós podemos verificar quais os elementos que estão excessivamente enfatizados, quais os que estão faltando ou estão desequilibrados ou quais são aqueles que têm a possibilidade de ser a causa de problemas físicos e mentais. Conforme escreve o dr. Westlake:

> Agora, pela primeira vez, temos a possibilidade de uma medicina verdadeiramente preventiva. Agora podemos descobrir esses desvios da norma antes que eles tenham se manifestado fisicamente, num estágio inicial, quando são eminentemente tratáveis, ou se tornam uma configuração que conhecemos como doença patológica, quando não são tratados.

12. Os elementos na interpretação

A interpretação dos mapas astrológicos assume um significado novo e mais profundo quando se dá ênfase aos elementos; pois, sendo assim, estaremos lidando com as energias vitais específicas em funcionamento, mais do que se nos concentrarmos somente nas manifestações dessas energias, no comportamento exterior e nas características da personalidade. Como já dissemos antes, todo indivíduo é, por assim dizer, composto de todos os quatro elementos. Um ser humano não poderá existir se apenas um dos elementos estivesse ausente, pois, nesse caso, estaria inteiramente destituído da função dessa energia, tanto psicológica quanto fisicamente. Todavia, os elementos mais enfatizados num mapa natalício, pela colocação planetária e pelo elemento ocupado pelo ascendente, indicam as energias e qualidades principais com as quais estamos *conscientemente* sintonizados. Tais elementos dominantes mostram aquilo com que "você está em contato", portanto, mostram quais as energias que você é capaz de utilizar mais facilmente na vida cotidiana, além de indicarem quais as áreas de experiência nas quais você pode participar de maneira natural e espontânea. Os elementos que carecem de ênfase no mapa indicam domínios específicos de atividade na vida, com os quais a pessoa não está em contato conscientemente. Resulta daí que esses elementos revelam uma sintoma que deve ser conscientemente cultivada e desenvolvida para que o indivíduo possa ter uma participação, mesmo que mínima, nesse campo de experiência, necessária para uma vida satisfeita e completa.

Muito se pode aprender a respeito de uma pessoa, simplesmente através da análise de qualquer desequilíbrio marcante dos elementos, presentes no seu mapa natal. Por meio desse processo é muito comum descobrir um determinado problema que tem deixado a pessoa perplexa (consciente ou inconscientemente) durante toda a sua existência; a percepção, cada vez maior, do seu desequilíbrio inato, pode ajudá-la a cultivar um contato mais significativo em áreas de experiência que antes haviam sido estranhas para ela. É lógico que a pessoa não pode mudar a sua sintonia simplesmente por meio da análise e da discussão do problema, mas pode desenvolver uma

compreensão bem maior acerca do fato de que há campos de atividade e tipos de pessoas que podem ensinar ao indivíduo alguma coisa que, para ele, é fundamentalmente necessária. Do mesmo modo, aqueles que têm, no seu mapa natal uma ênfase exagerada sobre um determinado elemento, tendem a valorizar exageradamente essa área de experiência, em prejuízo do seu potencial de integralidade.

Quando se está analisando um mapa em termos do equilíbrio dos elementos, o elemento dominante normalmente – mas não sempre – é aquele do signo ocupado pelo Sol. Os que vêm em segundo lugar, em importância, são os elementos dos signos ocupados pela Lua, pelo Ascendente por Marte. E, por último, os elementos dos signos ocupados por Vênus, Mercúrio e, na ordem de importância, Júpiter e Saturno. Os elementos de Urano, Netuno e Plutão têm muito pouco a ver com a sintonia consciente do indivíduo, muito embora indiquem fatores inconscientes que motivam toda a geração de pessoas à qual o indivíduo pertence. Contudo, para todos os propósitos práticos, os elementos indicados pela colocação dos planetas transaturnianos não devem ser levados em consideração numa avaliação desse tipo. Eu aduziria que o elemento do planeta que rege o Ascendente, assim como o elemento do regente do signo ocupado pelo Sol, recebem uma ênfase especial – a menos que o planeta regente seja Urano, Netuno ou Plutão. Se a pessoa tem Escorpião no ascendente, por exemplo, o elemento de Marte teria que ser mais enfatizado, mas não o do signo onde se encontra Plutão, corregente de Escorpião. O elemento particular do regente do ascendente é de uma importância tão vital e tem um tal poder de sintonização na vida do indivíduo, que sempre deveríamos considerar esse elemento como fortemente acentuado. Por exemplo, alguém com Libra ascendendo e com Vênus em Câncer, mas sem quaisquer outros planetas em signos de água, seria fortemente influenciado pelo elemento água e expressaria claramente muitas das qualidades associadas ao elemento água. Em outras palavras, uma pessoa dessas seria poderosamente motivada por necessidades emocionais, pelo desejo ardente de expressar sentimentos e afeições sensitivas e pela natureza compassiva de Câncer. Isso aconteceria mesmo se o Sol e a Lua, assim como o ascendente, estivessem em signos de ar.

A focalização no elemento do regente do ascendente dá, ao profissional, a percepção de um dos anseios fundamentais que motivam o indivíduo, percepção esta que poderia ser facilmente perdida se apenas somássemos o

número de planetas situados em cada elemento, e déssemos um peso igual para todos eles, ao verificarmos a sintonia elemental dominante. A prática que acabamos de mencionar é usada a esmo por muitos astrólogos, e a inexatidão resultante dos seus julgamentos, baseados nessa prática, leva-os a procurar todos os tipos de razões "esotéricas" para explicar as características observadas na pessoa com quem estão lidando. Como sempre acontece na prática da astrologia, se o profissional aprende realmente regras básicas e *entende* a função dinâmica de todas elas no nível da pressão da energia, então ele dificilmente terá que se apoiar em qualquer uma das inúmeras técnicas secundárias comumente elogiadas por seus proponentes.

Um exemplo da força da localização elemental do regente do signo ocupado pelo Sol pode lançar mais luz sobre essa maneira de proceder. Há pouco tempo fiz um mapa para uma mulher com o Sol, a Lua, Vênus, Urano, Júpiter e Mercúrio, todos eles no signo de Áries. Naturalmente, poderíamos presumir, corretamente, que uma tal pessoa demonstraria características ígneas. Contudo, a menos que déssemos atenção para o ato de que o regente de Áries, Marte, está no signo de Peixes (e é o único planeta colocado num signo de água), seria fácil descrever essa pessoa como sendo insensível e egocêntrica, na típica maneira de Áries. Contudo, o fato de que o "dispositor" de todos os planetas que ocupam Áries está colocado num signo de água modera a expressão do fogoso ímpeto ariano e tinge a autoexpressão da pessoa com uma sensibilidade que normalmente não é encontrada em alguém com todos esses planetas em Áries.

Portanto, ao analisar o equilíbrio ou desequilíbrio dos elementos, num mapa individual, não devemos fazer generalizações apressadas. Um fator do mapa pode alterar a expressão do campo total de energia, por isso eu sustento fortemente que os astrólogos que simplesmente somam o número de planetas, situados em cada elemento, devem reexaminar essa prática e encarar, honestamente, as limitações dela e sua propensão para conclusões sem justificativa. O ideal que deve ser procurado num mapa, quando se está avaliando a ênfase elemental, é pelo menos alguma afinação com cada elemento. Isso resulta na habilidade para abordar equilibradamente a vida e na capacidade para participar, de modo imediato, em todos os reinos de experiência. Naturalmente, são poucas as pessoas que têm esse equilíbrio ideal, e a falta dele não deve ser considerada como uma característica necessariamente negativa na maneira do indivíduo abordar a vida. As pessoas

têm capacidade para compensar por suas faltas e fraquezas e podem cultivar, conscientemente, as qualidades e afinações que lhes faltaram ao nascer. Portanto, o equilíbrio dos elementos deverá ser visto mais como uma orientação para um crescimento maior do que como um fator que limita, necessariamente, a autoexpressão da pessoa durante sua vida inteira.

Desequilíbrio do Fogo

Quando se tem pouca ênfase nos signos de fogo, a energia ígnea está faltando e provavelmente a digestão será deficiente. A falta do fogo normalmente se manifesta como uma falta de ânimo e como uma tendência para não confiar na própria vida. Muitas vezes a alegria de viver está acentuadamente ausente e a pessoa amiúde é destituída de fé e de otimismo. A autoconfiança também poderá ser pouca, além de que se manifesta, frequentemente, uma tendência para o desalento, não havendo entusiasmo para enfrentar as exigências da vida. Os desafios amiúde assustam essas pessoas e qualquer problema mais grave, que surge na vida, leva muito tempo para ser superado, pois os efeitos psicológicos residuais tendem a se alongar até muito depois da experiência já ter alcançado o seu ponto máximo. A falta de fogo quase sempre indica um problema mais sério na maneira da pessoa abordar a vida. O exercício físico vigoroso tende a estimular a energia ígnea e é altamente recomendado para esse tipo de pessoa. A dieta também precisa ser cuidadosamente observada, especialmente quando a pessoa também tem carência do elemento terra, pois então não terá força digestiva para queimar comidas pesadas e concentradas. Tudo, inclusive os exercícios e os hábitos alimentares, deverá ser feito com moderação, para que a pessoa não esgote a energia que tem. Contudo, essas pessoas às vezes têm grande paciência e uma forte ênfase em Marte ou no Sol de que poderá trazer alguma compensação.

A ênfase exagerada no fogo raramente é sentida como um problema, pelo indivíduo, até que se torne tarde demais para fazer alguma coisa a respeito. Numa das manifestações dessa ênfase, a pessoa poderá se "consumir" no fogo da sua própria atividade, deixando uma concha humana vazia, especialmente quando há abuso de drogas ou de bebidas. Essas pessoas tendem a ser por demais ativas e inquietas, exageradamente preocupadas em fazer com que alguma coisa aconteça no mundo. Fogo em demasia também pode levar a

problemas no trato com os outros, pois a impulsividade, o egocentrismo e o desejo sem freios de agir diretamente, a qualquer custo, podem dar origem a uma maneira extremamente insensível e rude de abordar as outras pessoas. (Isso poderá ser compensado se houver uma boa dose de água ou de ar no mapa.) C. E. O. Carter avalia esse desequilíbrio nos seguintes termos:

> Sob aflição, essa força fica descontrolada e faz com que aqueles que estão sob a sua influência sejam selvagens, turbulentos, dados a extravagâncias e a exageros, apaixonados e intranquilos, excessivamente confiantes e autoindulgentes. Observamos características primitivas e marcantes tendências para a exaltação do ego, a autovalorização, a vaidade e o amor à pompa e à grandeza.

No melhor dos casos, aqueles que estão fortemente afinados com o fogo são pessoas dinâmicas e automotivadas, e amiúde iniciam e promovem, com sucesso, empreendimentos novos, projetos e aventuras idealistas, que exigem tremenda dedicação, coragem e energia.

Desequilíbrio da Terra

Aqueles que têm pouca ênfase no elemento terra não estão naturalmente sintonizados com o mundo físico, com o corpo físico ou com as limitações e as exigências para a sobrevivência no plano material. Consequentemente, eles podem ser "lançados no espaço", uma vez que não estão alicerçados na compreensão, aqui e agora, da sua dependência de coisas materiais tais como alimento, dinheiro, abrigo e outros motivos práticos. Muitas vezes, uma pessoa dessas é capaz de ignorar os requisitos de sobrevivência no mundo material e tende a lutar contra o fato de "crescer" e ter de se adaptar às duras necessidades, até que as exigências da realidade, que ela prefere ignorar, a obriguem a fazer isso. Essa falta de contato com o mundo material e com a dimensão física da realidade pode levar a pessoa a se sentir totalmente deslocada neste mundo, sem qualquer chão firme ou base que possa dar-lhe apoio e firmeza nos seus esforços para se expressar. Amiúde, ela se sente como se não tivesse nenhum lugar onde ficar, não se enquadra em nenhum nicho da estrutura da sociedade e frequentemente acha difícil encontrar um trabalho, na vida, que a satisfaça. Essa sensação de estar deslocada no mundo sempre leva essas pessoas a procurar uma experiência direta com alguma dimensão da vida que lhes pareça mais real, tal como ter uma vida ativa no

mundo da imaginação, ou dedicar-se a uma busca espiritual para transcender, de uma vez por todas, as limitações do mundo material. Em outras palavras, essa falta do elemento terra pode ter alguns efeitos muitos benéficos, pois a pessoa não aceita limites para aquilo que é possível, quer espiritualmente, quer nos seus esforços criativos. A imaginação pode ficar num estado de turbulência e isso às vezes pode levar a resultados frutíferos, mas somente se o indivíduo puder, pelo menos, aprender a aceitar as exigências básicas da vida terrena.

A falta do elemento terra também pode fazer com que o indivíduo ignore as exigências do corpo físico. Para essas pessoas, as necessidades físicas parecem ser bastante secundárias, isso quando merecem alguma consideração; por essa razão, às vezes, se esquecem de comer, de fazer exercício e de repousar a intervalos regulares. Amiúde encontramos nelas um tom de pele doentio, o que indica que a energia vital não está vivificando fortemente o veículo físico, ao passo que aquelas que têm grande ênfase no elemento terra têm uma pele particularmente oleosa e ativa, com boa textura e boa cor. Aqueles que têm falta do elemento terra podem ser imensamente beneficiados pelo cultivo consciente de um horário regular em suas vidas, separando períodos definidos para comer relaxadamente, para se exercitar com moderação e para ter um repouso suficiente. Em outras palavras, aceitando conscientemente as limitações do mundo físico, elas podem dominar esse mundo e utilizar o poder sustentador da terra. Aqui talvez seja útil mencionar que, embora uma pessoa possa carecer de ênfase nos signos de terra no seu mapa natal, os aspectos fortes estabelecidos com Saturno podem, de muitas maneiras, compensar o lado problemático desse desequilíbrio.

Aqueles que têm uma ênfase excessiva sobre o elemento terra tendem a confiar demais nas coisas conforme elas são ou aparentam ser. Pode haver uma estreiteza de visão, uma preocupação obsessiva com aquilo que "dá resultado", melhor do que com aqueles ideais que elas deveriam ter em mente. Com frequência, pode haver uma acentuada falta de imaginação. O ex-presidente Nixon é um bom exemplo (com Virgem ascendendo e o Sol em Capricórnio) de alguém que enfatizou exageradamente a eficiência prática e as preocupações materiais, em prejuízo dos princípios teóricos e éticos. Para essas pessoas é fácil perder a perspectiva das próprias ações (a menos que elas tenham ênfase no elemento ar, para equilibrar isso) e das implicações finais dos seus métodos de operação. Naturalmente, aqueles que têm uma grande

afinação com a terra darão, na maioria dos casos, uma notável demonstração de força e de eficiência, dirigindo suas energias para um trabalho específico que as desafie. Contudo, o mundo do trabalho e das questões práticas muitas vezes tende a dominar a vida de tais pessoas, com o resultado eventual que todo o senso de valor próprio é ameaçado quando ocorre uma mudança imprevista nas suas atividades vocacionais. É comum a presença de um cinismo peculiar e de um ceticismo nessas pessoas – qualidades da mente que surgem, inevitavelmente, quando o indivíduo não tem um ideal ou uma inspiração que possa dar significado à sua vida. Uma forte ênfase em Netuno ou até certo ponto em Júpiter poderá ajudar a pessoa a dirigir o seu senso prático de uma forma que a habilite a transcender as qualidades mais negativas desse desequilíbrio.

Desequilíbrio do Ar

Aqueles que têm pouca ênfase no elemento ar, em seus mapas, raramente percebem que isso é grave, porque estão demais envolvidos nas ações, nas sensações e nas preocupações materiais, para poderem considerar as implicações dos seus envolvimentos. Todavia, justamente essa falta de percepção, de capacidade para refletir sobre a vida e o próprio eu, é que cria problemas para tais pessoas. Elas dificilmente se desligam das suas ações pessoais, disso resultando que amiúde carregam o fardo de envolvimento que não foram suficientemente analisados de antemão, ou de insatisfações nos relacionamentos íntimos, originados por falta de habilidade para cooperar de uma maneira decisiva. O elemento ar é uma qualidade unificadora e capacita a pessoa a se ajustar, fácil e rapidamente a ideias novas e a diferentes tipos de pessoas. Aqueles a quem falta essa afinação têm, naturalmente, dificuldade para se adaptar a ideias novas e, consequentemente, a novas pessoas. Isso pode levá-los a desconfiar de qualquer outro que pareça muito "intelectual". Como exemplo temos o governador Wallace, cujo mapa enfatiza principalmente o fogo e a terra. Suas campanhas, no passado, foram notadas pela crítica constante aos "intelectuais de cabeça pontuda". Em outras palavras, essas pessoas frequentemente desconfiam das outras que parecem pensar demais. Uma forte ênfase em Mercúrio pode compensar, até certo ponto, tal desequilíbrio.

Uma afinação com o ar indica que a pessoa pode, facilmente, ver as coisas numa determinada perspectiva, mas aqueles que carecem dessa afinação dificilmente conseguem ter uma perspectiva de si mesmos e, para eles, não é fácil refletir com base num ponto de vista objetivo. Via de regra, essas pessoas não se analisam (a menos que Virgem esteja enfatizado para compensar essa característica) e elas raramente são notadas por seu poder de raciocínio e pela clareza da sua expressão. Às vezes, o sistema nervoso é débil e a falta de habilidade para se ajustar rapidamente às ideias novas pode, em alguns casos, provocar problemas psicossomáticos. Essas pessoas podem ter reações violentas quando ouvem uma ideia que não conseguem assimilar mental e emocionalmente. Suas reações físicas às ideias não assimiláveis, ou a novos tipos de pessoas, choca-as a tal ponto que elas ficam fisicamente doentes, ou então insultam de uma maneira irracional, num esforço para eliminar a fonte desse pensamento ameaçador.

Aqueles que têm uma ênfase excessiva no elemento ar possuem uma mente por demais ativa, que deve ser guiada e controlada. Esse é o tipo de pessoa que "Vive dentro da sua cabeça", e se há pouca terra e pouco fogo para motivá-la e pôr os seus ideais em prática ela poderá mexer amadoristicamente com todos os tipos de curiosidades, sem chegar a muitos resultados ou sem desenvolver muita profundidade em si mesma. Essas pessoas podem fazer qualquer coisa sem uma reflexão prévia, o que leva, em casos extremos, a uma paralisia da vontade e a graves desordens psicológicas. A mente pode fazê-las fugir da realidade, às vezes levando-as para um mundo de imaginação e de esplendor conceitual, outras para um senso de "realidade" totalmente fora de contato com o que é possível. Com uma disciplina mental adequada, esse tipo pode ser um inovador no mundo do pensamento (veja o fato de que a maioria dos ganhadores do Prêmio Nobel tem o Sol colocado em signos do ar, mais frequentemente do que em qualquer outro elemento). Ele amiúde tem uma habilidade especial para coordenar atividades com diversos tipos de pessoas.

Fisicamente, tal espécie de pessoa pode estar tão fora de contato com seu corpo que deixa que a mente a arrebate até chegar a um ponto de exaustão total. O sistema nervoso é altamente ativado e extremamente sensível, mas essas pessoas esgotam a sua energia nervosa muito mais depressa do que as outras, uma vez que a usam mais. Um repousante período de recuperação ou de meditação é necessário para que o sistema nervoso possa recarregar e para impedir que a mente a arraste para um estado de exaustão psíquica. Para esses

tipos, é necessário haver uma mudança periódica de cenário, um afastamento do trabalho costumeiro e dos deveres domésticos, para que assim a mente possa sair da sua absorvente rota de preocupações, reconsiderações e planos sem fim.

Desequilíbrio da Água

Pouca ênfase sobre o elemento água pode manifestar-se como uma extensa variedade de problemas psicológicos, emocionais e físicos. A maioria das pessoas que carecem de afinação com a água tem grande dificuldade para penetrar nos sentimentos dos outros com empatia e compaixão, assim como para se colocar em contato com os seus próprios sentimentos e necessidades emocionais. Isso não significa que sejam, em todos os casos, destituídas de sensibilidade, mas sempre têm problemas quando lidam com seus próprios sentimentos; para elas, o mundo das emoções parece ser uma terra estranha e cheia de grandes perigos, que pode ser mais perturbadora do que benéfica. Em casos extremos, podemos encontrar pessoas com tal desequilíbrio, que são frias, desapaixonadas e insensíveis. Tais indivíduos são notados por sua falta de simpatia e raramente têm um bom relacionamento emocional com os outros. Tendem a desprezar os sentimentos dos outros, considerando-os sem importância, e são incapazes de ver neles aquilo que não podem aceitar em si mesmos. Nos seus esforços para alcançar a autossuficiência emocional negam, ao mesmo tempo, sua própria natureza emocional, o que pode levar a uma dependência particularmente inconsciente dos que expressam sentimentos.

A falta do elemento água também se manifesta como uma desconfiança inata no conhecimento intuitivo. Em alguns casos, o principal problema emocional dessas pessoas é que não confiam nem um pouco em si mesmas, uma vez que desprezam prontamente os próprios sentimentos como se fossem coisas incômodas e sem importância. Contudo, conforme Jung assinalou em sua obra, sempre que é negado o acesso consciente a alguma coisa, de qualquer modo isso continua a influenciar o indivíduo através de processos inconscientes. Com muita frequência, as pessoas que têm falta do elemento água resistem a todos os esforços feitos para tirá-las do seu vácuo emocional, ao mesmo tempo que tateiam procurando apoio e fazem gestos semiconscientes na direção dos outros, gestos que revelam a sua solidão, seu

medo ou sua infelicidade interior. Aqueles que têm tal desequilíbrio em seus mapas podem alcançar uma certa medida de estabilidade emocional deixando que o aparentemente infindável lago de sentimentos venha até a superfície, libertando, desse modo, a dor e os sofrimentos acumulados, que negaram por tão longo tempo. Essas pessoas parecem ter um medo fanático da dor e disso resulta num desprezo por suas próprias necessidades emocionais, o que lhes assegura que elas experimentarão mais dor.

No nível físico, a falta do elemento água quase sempre se manifesta como uma perturbação física bastante grave, geralmente devida, em grande parte, à toxidez excessiva. O elemento água é a energia que limpa, cura, purifica, e aqueles que carecem dele deixam-se envenenar lentamente pela acumulação simultânea de produtos residuais emocionais e físicos. Uma tal condição tóxica pode se expressar através de uma interminável variedade de sintomas, mas a terapia requerida geralmente é a mesma para todos eles: uma purificação completa, física e emocional. O dr. Stone, que mencionamos anteriormente, declarou numa conferência que de 90% a 95% dos problemas físicos envolvem o elemento água e, consequentemente, o lado emocional da natureza. Aqueles que não têm o elemento água operando com eficiência, são particularmente sujeitos a sintomas físicos de doença. O fato de que a energia do elemento água é a força que limpa e cura evidencia-se na grande predominância dos signos de água nos mapas dos curadores mais naturais. A dieta daqueles que carecem do elemento água deve ser cuidadosamente observada, e eles podem alcançar grandes benefícios por meio de dietas purificadoras periódicas ou de jejuns moderados. Em outras palavras, quando essas pessoas trabalham, conscientemente, para intensificar a função de limpeza nos níveis emocional e físico, são capazes de superar muitos desses problemas e evitar a maioria das perturbações graves às quais um tal estado tóxico eventualmente levaria.

Aqueles que têm uma ênfase exagerada no elemento água podem se sentir como se tivessem sido postos à deriva no mar aberto, num pequeno bote, sem leme, vela, remo e bússola. De modo geral, qualquer vento que sopre pode influenciá-los facilmente, tornando-os por demais impressionáveis e colocando-os, às vezes, à mercê de configurações emocionais sobre as quais não têm controle. Quase todas as pessoas que têm tal desequilíbrio são extremamente sensíveis a qualquer experiência, o que pode levar a uma intuição profundamente penetrante ou uma reação *exagerada* ao mais leve

estímulo. Se as emoções estão fora de controle e se a pessoa funciona, habitualmente, num estado de autoproteção apreensiva, ela pode ser desvitalizada com muita facilidade pelo temor, pelos padrões de reação negativos e pela timidez. Ser esmagado pelas emoções na forma de experiência cotidiana é algo que, no fim, acaba desgastando qualquer um, e o fato de que essas pessoas amiúde não são capazes de lutar contra a tensão do confronto com o mundo exterior pode obrigá-las a se retirar para a vida interior ou a fugir dos desafios da vida.

Tais pessoas, de fato, podem ficar "encharcadas" de emoções e de sentimentos contraditórios, um estado de coisas que pode muito bem acontecer quando não usam a sua sensibilidade de sentimentos e a sua empatia num envolvimento ativo com os outros. No melhor dos casos, uma vez que a autoabsorção tenha sido dominada, essas pessoas são capazes de desenvolver uma autossuficiência emocional que terá como base uma rica vida interior de dedicação total a um ideal. Frequentemente, têm acentuada capacidade imaginativa e uma sintonia natural com as realidades espirituais e ocultas. Sua dedicação, aparentemente absoluta, a uma vida de autossacrifício é sempre genuína; mas em outras pessoas essa atitude é simplesmente um disfarce que esconde o egoísmo absoluto e um padrão compulsivo de imperiosa necessidade de que os outros encham o seu vazio interior. Não há qualquer possibilidade de se entender essas pessoas, a menos que se compreenda que são motivadas principalmente por anseios profundos e insegurança que elas dificilmente podem identificar. A menos que esses anseios sejam esclarecidos à plena luz da consciência, essas pessoas não podem deixar de ser bastante compulsivas em seu comportamento. E até que os anseios sejam identificados como desejos da alma por libertação e suprema serenidade, o indivíduo não poderá fazer uso eficiente da sua maior força.

Mais do que acontece com qualquer outro elemento, aqueles que têm muita ênfase no elemento água tendem a ir para extremos de comportamento, portanto, é difícil fazer generalizações que se apliquem a todas as pessoas dessa categoria. Para mim, porém, é evidente que os que apresentam essa combinação em seus mapas, também têm potencial para uma expressão plena das mais elevadas qualidades espirituais: amor, compaixão, devoção e prestatividade compassiva. Todavia, aqueles que alcançaram tal nível de autoexpressão são minoria. No nível físico, uma grande ênfase no elemento água indica que o corpo está sempre processando a eliminação de venenos,

tanto toxinas físicas quanto resíduos emocionais. Contudo, a eficiência desse processo de limpeza depende do grau de percepção que a pessoa tem das próprias necessidades emocionais.

Ênfase autoexpressiva ou autorrepressiva

Conforme foi mencionado na parte que trata da classificação dos elementos, os elementos ativos ou autoexpressivos (ar e fogo) e os elementos passivos ou autorrepressivos (água e terra) formam dois tipos distintos de afinação de energia. Num mapa individual frequentemente descobrimos que um desses tipos está exageradamente enfatizado e que há uma carência considerável do outro. Isso dá origem a desequilíbrios psicológicos específicos, particularmente evidentes de que os elementos são classificados como conscientes (ar e fogo) e inconscientes (água e terra). Portanto aqui poderá ser útil analisar, resumidamente, de que modo tais desequilíbrios são expressados e quais são as características psicológicas indicadas de conformidade com esses desequilíbrios

Ênfase exagerada em Água e Terra. Falta de Ar e Fogo

As características mais fortes desse tipo são: sagacidade profunda, gravidade e autoproteção em todas as atividades. Essas pessoas normalmente trabalham com afinco e, de fato, não se sentem bem se não estão suportando algum fardo, quer emocionalmente, quer no seu trabalho cotidiano. Têm muita consciência das necessidades de sobrevivência, de segurança e da confiança que os outros depositam na sua solidez e no seu engenho. Assim sendo, grande parte da energia delas é utilizada no esforço para manter seus recursos e no grande apego ao dinheiro, às propriedades, ao emprego e às crianças, o que faz com que daí resultem, frequentemente, outros fatores de segurança. Têm forças para suportar e habilidades para sobreviver a qualquer calamidade. Seu apego à segurança e a valores tradicionais amiúde é manifestado na forte devoção à família, ao lar e às responsabilidades comunitárias.

O lado problemático desse tipo pode ser compreendido quando se percebe que tais pessoas são motivadas principalmente por sentimentos, por temores,

por hábitos e condicionamentos do passado, por necessidades de segurança e por outros fatores inconscientes. Isso, amiúde, dá origem a uma tendência para manipular os outros com o fito de satisfazer a própria necessidade de segurança, fazendo com que se apeguem demasiadamente ao passado e tenham medo do presente e do futuro. Há, com frequência, uma falta vital de ideais, de fé e de pensamento positivo, e as faculdades intelectuais e de comunicação dessas pessoas normalmente são pouco desenvolvidas. No melhor dos casos, tal tipo está assentado na realidade do aqui e agora, da experiência cotidiana, e enfrenta as coisas com grande determinação e força interior. No pior dos casos, podem ser pessoas mesquinhas, manipulativas, gananciosas e, no fim das contas, profundamente frustradas na sua necessidade de assumir algum risco para favorecer seu próprio progresso.

Ênfase exagerada em Ar e Fogo. Falta de Água e Terra

No melhor dos casos, esse tipo representa um idealista, cheio de aspirações, que pensa positivamente e cujas intenções e motivos estão acima da crítica. Contudo, sua maneira de abordar a vida não é de todo realista e amiúde descobrem que precisam aprender sobre o lado sombrio da vida por meio de experiências difíceis e de desilusões. Frequentemente negligenciam as próprias necessidades e sentimentos que poderiam trazer-lhes maior estabilidade e força interior. Contudo, aqueles que têm essa ênfase muitas vezes se encaminham (como uma forma de compensação) para o estudo dos problemas do inconsciente, dos problemas emocionais e de como cuidar das necessidades físicas. É um passo marcante no seu progresso rumo a uma maneira mais compreensiva de viver. Esse tipo de pessoa tem habilidade para pôr suas próprias ideias em ação e tem capacidade para conquistar uma perspectiva sobre o significado e as implicações das suas próprias ações. O perigo com essa ênfase é que a pessoa viverá mergulhada em seus pensamentos e em suas aspirações, e por isso mesmo desdenhará a profundidade emocional e as necessidades físicas, das quais poderia extrair recursos interiores.

Tal tipo é conhecido por um agudo senso de humor, por uma maneira otimista de abordar a vida e, amiúde, por uma notável habilidade verbal. No melhor dos casos, é uma combinação excepcionalmente criativa, que harmoniza as ideias, as inspirações e os planos com a habilidade e a energia

para executá-los. O problema, porém, de fazer com que as coisas se concretizem realmente, vem do fato de que essas pessoas não estão assentadas no chão firme; antes preferem ficar bem no alto, elevando-se acima das obrigações mais mundanas de enfrentar as responsabilidades, as necessidades emocionais e o trabalho constante. Por isso mesmo, podem espalhar sua energia e se expandir exageradamente, até se sentirem consumidas e exaustas. A falta de profundidade e de poder de sustentação faz com que seja difícil a elas recarregar as baterias no esforço de recuperação das tensões cotidianas. As qualidades rejuvenescedoras e curativas da terra e da água estão faltando nelas, portanto, precisam compreender que não podem simplesmente derramar suas energias, sem reserva, sem ao mesmo tempo entrar em sintonia com seus recursos mais profundos, se quiserem evitar um estado de esgotamento constante.

Outras combinações de elementos

As outras combinações de dois elementos, numa pessoa, são formadas por energias "incompatíveis". Isso pode, obviamente, ser a causa de certos problemas de integração, pois tais tipos diferentes de energia representam duas dimensões de vida diferentes e estranhas, que só podem ser focalizadas simultaneamente com grande esforço, disciplina e prática. Em casos extremos o indivíduo se sentirá arrastado para dois modos de autoexpressão radicalmente diferentes e terá uma sensação de esgotamento se qualquer um dos dois for negligenciado. O fato de o aspecto de quadratura (90°), na astrologia, geralmente ser encontrado entre dois planetas situados em tais elementos incompatíveis, e o fato de que tal aspecto indica, invariavelmente, áreas da vida nas quais a pessoa terá que lutar duramente por sua autoexpressão e integração, indica, com clareza, a natureza desse dilema.

Todavia, na astrologia tradicional, o que não é levado em consideração, na interpretação de tais aspectos ou de tais incompatibilidades, é que essas combinações representam uma interação de tendências conscientes e inconscientes. Embora possa produzir graves conflitos e frustrações, esta interação também pode manifestar-se na forma de capacidades especializadas de um tipo superior. Por meio do esforço para integrar essas energias, a pessoa terá que desenvolver um alto grau de concentração e perícia nas áreas

indicadas; e isso pode resultar no desenvolvimento de uma perspectiva mais ampla, de uma compreensão mais profunda e de habilidades criativas incomuns. Os seguintes exemplos podem esclarecer o significado disso.

Combinações Ar-Água

Embora esse tipo amiúde se sinta arrastado entre orientações intelectuais e emocionais em sua vida, tal combinação pode, no melhor dos casos, produzir indivíduos que estão sintonizados com ambos os reinos de experiência. Nem o mundo abstrato nem o mundo sensível-intuitivo são estranhos a ele, por isso mesmo é capaz de desenvolver um modo de operação que abrange ambos os tipos de percepção. O resultado disso é que a pessoa passa a ser capaz de dar *profundidade* às suas ideias e pode ver seus próprios sentimentos e anseios mais profundos com *imparcialidade* e *perspectiva*. Embora essa seja a mais sensível de todas as combinações (tanto física quanto psicologicamente) e embora essa sensibilidade possa levar o indivíduo a ser um sonhador, um fugitivo da realidade ou um descontente inclinado para a fantasia, nem sempre a sensibilidade leva a melhor. Tais pessoas têm, principalmente, uma imaginação espantosamente fértil, capacidades genuinamente criativas em todas as artes e ciências, com habilidades especiais para lidar com pessoas em todas as artes de orientação ou cura. A qualidade usada em todos esses campos é a de entrar em sintonia com as percepções mais sutis do inconsciente e ser capaz de expressá-las concisamente.

Combinações Ar-Terra

Nessa combinação não há tanto conflito quanto poderá parecer, embora possa haver um impulso alternativo entre as orientações abstrato-conceitual e eficiente-prática. Isso acontece porque os signos de ar e de terra são regidos pelos mesmos planetas, portanto, são coloridos com alguns dos mesmos valores, qualidades e modos de operação. Devemos compreender, porém, que a compatibilidade deles é mais evidente quando é encontrada no mapa de uma só pessoa do que quando é encontrada nos mapas de duas pessoas diferentes, num mapa de comparações. Esses elementos *são* energias incompatíveis no seu

modo real de expressão, mas suas afinações particulares podem ser consideradas complementares. Quando tais energias estão concentradas (com um certo grau de harmonia) no indivíduo, ele é capaz de combinar a percepção intelectual e conceitual numa afinação prática com os objetivos concretos. Pode, portanto, ter um alicerce prático sobre o qual seus ideais estão baseados e ter uma perspectiva particularmente inovadora no que se refere a realizar as coisas no mundo material. Esse tipo de pessoa é dado à reflexão prévia, à imparcialidade, à inteligência prática e à lógica bastante fria. O impulso ou o emocionalismo não fazem parte do seu jeito e ele amiúde desconfia daqueles que exemplificam tais qualidades. Isso é uma excelente combinação para homens de negócios, organizadores ou outros tipos de trabalhadores que são intelectualmente exigentes. Muitos burocratas realizados têm essa combinação, pois são capazes de lidar com uma abundância de detalhes concretos sem que isso faça com que se sintam esmagados pelas exigências feitas ao seu sistema nervoso.

Combinações Água-Fogo

Essa combinação é justamente oposta à anterior, pois esse tipo expressa tudo emocionalmente, excitadamente e de forma absolutamente impulsiva. Muitas vezes há falta de lógica, de pensamento e de procedimentos sistemáticos, com uma consequente intranquilidade e predisposição subjetiva. É uma combinação de intensidade e de extremos emocionais, e tais pessoas são muito sensíveis àquilo que os outros pensam a respeito delas. Tendem a ser supinamente egoístas e demonstram uma acentuada falta de autocontrole. Essa falta de controle, ou de disciplina (que se manifesta até mesmo em pessoas com combinações Escorpião-Leão, quando finalmente se revelam) leva, em muitos casos, a mudanças de humor extremamente graves. Essas pessoas funcionam num estado de alta pressão e, como regra, têm um desempenho melhor quando são desafiadas por circunstâncias exteriores. Embora possa haver um conflito entre liberdade e devoção, entre aspirações futuras e necessidades de segurança, entre egoísmo e desprendimento, essa combinação faz com que as pessoas temperem o seu entusiasmo com a sensibilidade e expressem, de maneira direta, o que sentem pelos outros. Nessas pessoas normalmente há uma simplicidade de maneiras e uma qualidade revigorante e

encorajadora. No pior dos casos, tal tipo é explosivamente imprevisível, dado a alternativas de inspiração e de frustração profunda. No melhor dos casos, são afetuosos e protetores no trato com os outros. É, com frequência, uma boa combinação para os negócios ou profissões ligadas a entretenimentos, pois essas pessoas são capazes de temperar suas atividades promocionais com prudência e projetar seus sentimentos com convincente envolvimento.

Combinações Terra-Fogo

Essa combinação foi chamada, por Zipporah Dobyns, de "rolo compressor". Ela diz que essa é a "mais criativa e produtiva das combinações, tendo a iniciativa e a criatividade do fogo e, da terra, a praticalidade e o desejo veemente de produzir de forma tangível". No seu livro *Finding the Person in the Horoscope*, a dra. Dobyns diz, também, que essa combinação "tem um impacto sobre o mundo e ainda está caminhando quando todos os outros estão caindo na beira da estrada". É uma descrição acurada da interação desses dois elementos, pois a terra dá o poder de sustentação para o impulso de autoexpressão representado pelo fogo. Há, também, nessas pessoas, uma base prática que elas usam para testar suas inspirações, para ver se o seu gasto de energia é potencialmente produtivo. Elas, portanto, têm a capacidade de conservar e dirigir sua boa vitalidade e canalizar seus entusiasmos no sentido de ambições específicas. A afinação com a terra dá ao fogo mais paciência e disciplina, enquanto o fogo dá a confiança e a fé espontânea que a terra não possui. Essas pessoas geralmente adoram trabalhar, pois sentem grande satisfação ao ver os efeitos das suas energias manifestados no mundo. Muitos empresários automotivados, que começam com pequenos negócios e os transformam em grandes empresas, têm essa combinação dominante em seus mapas.

Na combinação terra-fogo, frequentemente há um delicado equilíbrio entre egocentrismo e humildade, entre generosidade e conservadorismo. Tais pessoas geralmente sentem-se felizes quando enfrentam os desafios do mundo exterior por sua própria conta, mais do que confiando nos papéis sociais estabelecidos ou em padrões educacionais, para chegar ao sucesso. O problema principal dessa combinação é uma certa grosseria e insensibilidade. Os "rolos compressores" não refletem a respeito de si mesmos nem são

particularmente cuidadosos com respeito a quem irão esmagar nos seus esforços para chegar aonde querem. Por isso, fariam bem se dessem maior atenção aos aspectos mais sutis da vida, inclusive à própria vida interior, aos seus ideais e valores. Tão logo essa energia é derramada a serviço de outros e dirigida com total consideração pelas implicações das suas ações, a pessoa pode manifestar, ativamente, um poderoso amor através do equilíbrio, da segurança e da produtividade.

13. Potencial de integração: aspectos e relacionamentos planetários

O uso enfatizado dos elementos, na interpretação do mapa, habilita o astrólogo profissional a compreender e explicar numerosos fatores importantes que poderiam muito bem ser ignorados se ele usasse apenas os aspectos maiores. Verdadeiramente, parece-me que os elementos constituem a explicação fundamental dos aspectos, embora eu não pretenda, de modo algum, subestimar a importância da teoria harmônica que agora está sendo alvo de grande atenção. A título de exemplo, o quincúncio (ou aspecto "inconjunto" de 150°) é considerado, por muitos astrólogos, um aspecto menor, que indica alguma tensão envolvida na expressão dos dois princípios planetários indicados. Esse aspecto também está relacionado com padrões de comportamento compulsivos e motivados por um sentimento de culpa. Se considerarmos tal aspecto de acordo com os elementos, descobriremos que todos os quincúncios que envolvem *elementos desarmônicos* podem, de fato, ser considerados como indicadores de graves problemas na vida, uma vez que há a presença de uma constante irritação e de uma compulsividade incômoda que interfere com a expressão fácil dos princípios planetários. (Nota: os ângulos de 150° podem ser formados entre planetas que estão em elementos harmônicos – por exemplo, 1° de Áries e 29° de Leão – mas assim mesmo a força do aspecto é diminuída.)

Do mesmo modo, temos que considerar dois tipos de semissextis e de semiquadraturas, respectivamente, se vamos traçar, com precisão, os chamados aspectos menores. Os semissextis e as semiquadraturas são particularmente intensos quando envolvem planetas que se encontram em elementos desarmônicos. Quando tais aspectos ocorrem entre dois planetas que se encontram em elementos harmônicos há pouca tensão e, de fato, o potencial para uma grande produtividade bastante fácil. Esses mesmos princípios de interpretação deverão ser aplicados à análise das quadraturas, dos trígonos e, também, de outros aspectos. Um trígono, por exemplo, entre dois planetas que estão em elementos desarmônicos, não indicará a mesma facilidade de

expressão que é indicada pelos trígonos no mesmo elemento, embora geralmente ainda possa haver talento definido. Poderíamos dizer que as posições dos planetas segundo os elementos (sem considerar os aspectos) revelam a afinação geral e a qualidade tonal da liberação da energia no indivíduo, ao passo que cada aspecto próximo indica um intercâmbio *dinâmico* específico de energia na pessoa.

Podemos ter muitas revelações importantes acerca de um mapa, simplesmente contrastando as diferentes expressões das energias planetárias, segundo os elementos, mesmo quando não há nenhum aspecto envolvido. Esse princípio é ainda mais importante na comparação de mapas, quando então se está, de fato, analisando o modo como as energias de duas pessoas agirão entre si. De acordo com o dr. Stone, os elementos são como engrenagens que se entrosam ou então se desgastam. A mistura totalmente harmônica pode levar à facilidade de expressão e à saúde perfeita, mas não necessariamente a novas percepções ou a um desenvolvimento estimulado pelo desafio. O desgaste e a fricção, que podem se desenvolver numa pessoa por causa da interação de elementos desarmônicos, levam, inevitavelmente, ao esforço físico e à tensão psíquica, mas tal tensão poderá ser produtiva se for criativamente expressada. Nesse caso, a integração pessoal poderá ser mais difícil, porém, há uma possibilidade de desenvolvimento ainda maior, para poder abranger ambos os fatores envolvidos em um determinado conflito. Em outras palavras, a integração das nossas qualidades incompatíveis é possível e potencialmente criativa, pois uma tal tensão interior nos obrigará a agir, a produzir e, também, a desenvolver uma percepção muito maior das complexidades da vida. A necessidade de reunir dois elementos incompatíveis num fluxo convergente de autoexpressão pode levar ao desenvolvimento de uma percepção mais complexa e realmente a um tipo de habilidade altamente especializada, como já foi mencionado no último capítulo.

É certo que os aspectos "intensos", especialmente a quadratura (90°) entre planetas, mostram, inevitavelmente, motivos ou anseios conflitantes ou contraditórios, ambos buscando expressão ao mesmo tempo e interferindo entre si. Contudo, a ênfase, na astrologia tradicional, sobre as possibilidades destrutivas ou autodestrutivas desses aspectos, fez com que muitos estudiosos do assunto ignorassem o propósito que há por trás de tais aspectos e os resultados extremamente positivos que eles podem trazer. Para uma apresentação ponderada e bem equilibrada dos vários aspectos, indico ao leitor

o livro *The Astrological Aspects*, de C. E. O. Carter. Esse livro mostra claramente que certos trígonos em geral indicam uma abordagem apática e presunçosa da vida e que foi constatado que muitos dos aspectos "intensos" indicam um potencial de criatividade bem maior e uma percepção bem mais elevada do que se pode encontrar num trígono formado pelos mesmos planetas.

Somando tudo o que eu disse com relação aos aspectos e aos quatro elementos: embora os aspectos sejam sempre especificamente indicativos de uma dinâmica especial de energia, com a qual a pessoa terá que lutar ou com a qual poderá se alimentar, só a comparação cuidadosa da harmonia dos elementos onde estão posicionados o Sol, a Lua, o Ascendente e os outros planetas "pessoais" poderá oferecer um esclarecimento completo a respeito de como a pessoa aborda a vida e qual combinação de forças está tentando expressar.

Por exemplo, um aspecto de quadratura entre o Sol e a Lua, em elementos desarmônicos, indica que a pessoa tende a "mudar de marcha" no meio de uma expressão sua ou quando uma outra está se expressando para ela. Esse aspecto indica, especificamente, que as necessidades subconscientes (a Lua) inibem a expressão dos desejos essenciais mais conscientes (o Sol). Quando encontramos tal aspecto de quadratura em elementos desarmônicos, como geralmente é o caso, há uma luta interior óbvia, manifestando-se na forma de dois padrões de personalidade dominantes competindo pelo poder – um conflito íntimo que faz com que os outros, que vivem com essa pessoa, fiquem sem saber o que ela pretende expressar realmente. Quando essa quadratura ocorre entre os "luminares" e em elementos harmônicos, a luta não é tão intensa ou tão óbvia, muito embora a pessoa ainda experimente algumas das manifestações comuns a esse aspecto, tais como a dificuldade no trato com o sexo oposto numa associação íntima, e a interferência, no livre fluxo de autoexpressão, de padrões de hábito inconscientes.

Para explorar mais ainda o uso dos elementos num mapa, tomemos o caso de um homem com o Sol em Virgem e a Lua em Leão, não havendo nenhum aspecto maior ou menor entre eles. Nesse exemplo, o Sol e a Lua estão em elementos incompatíveis e, embora não haja conflito ou inibição no campo de ação indicado pelo aspecto de quadratura mencionado, ainda assim haverá uma discórdia interior e um esforço para expressar, simultaneamente, dois modos de ser incompatíveis. A verdadeira forma de autoexpressão do homem seria simbolizada por Virgem, seu signo do Sol, e ele estaria em sua melhor forma e

irradiaria sua energia mais dinâmica quando estivesse envolvido em atividades virginianas e auxiliando desinteressadamente outras pessoas. A humildade seria muito conveniente para ele e sua irradiação seria mais visivelmente brilhante para os outros quando ele estivesse focalizando suas energias de uma maneira própria de Virgem. Todavia, sua Lua em Leão mostra que ele tem uma necessidade subconsciente de causar forte impressão nos outros, de mandar e de se colocar na primeira fila em qualquer atividade. Poderíamos dizer que a personalidade essencial da sua alma é mostrada por Virgem, ao passo que o seu condicionamento passado o obriga a se exagerar de uma forma leonina, mesmo que isso venha inibir o fluxo da energia solar. As qualidades virginianas de humildade e modéstia não se harmonizam, de maneira alguma, com os hábitos de orgulho e de autoengrandecimento de Leão, portanto, tal combinação indica um grave impasse no caminho da integração pessoal, mesmo que não haja a presença de qualquer aspecto.

Minha própria experiência me leva a acreditar que um dos primeiros passos na interpretação de qualquer mapa deveria ser a avaliação da compatibilidade relativa do Sol e da Lua, as duas polaridades fundamentais da personalidade, assim como os principais indicadores de quais elementos estão mais fortemente energizados no indivíduo. Uma análise dessa profundidade frequentemente leva a percepções que não são acessíveis por meio da utilização de métodos de interpretação astrológica mais comuns. Então, a seguir, como mais um passo à frente, podemos examinar a compatibilidade relativa de outros pares de planetas: Sol e Mercúrio; Vênus e Marte; Mercúrio e Júpiter; Júpiter e Saturno; Sol e Vênus; Lua e Vênus, e assim por diante, para definir mais especificamente os vários modos de autoexpressão e as maneiras possíveis de resolver os conflitos interiores.

Alguns exemplos de uma tal comparação de pares planetários poderão esclarecer o que eu quero dizer. Tomemos, por exemplo, um homem cujo Sol está em Sagitário e cujo Mercúrio está em Capricórnio. Sua natureza essencial poderá ser descrita como sagitariana: uma pessoa que procura a verdade, receptiva, idealista etc. Mercúrio representa a maneira como ele aborda ideias novas, lógica e ponderadamente. Desde que Mercúrio em Capricórnio é conhecido por uma maneira de pensar particularmente cética, cautelosa e tradicionalista, essa posição revelaria que a maneira de pensar desse homem poderá inibir a sua aceitação *intelectual* dos mesmos ideais e verdades que ele estava procurando tão desesperadamente. Nesse caso, mesmo que ele possa

reagir receptivamente às ideias novas e promissoras, ao ouvi-las pela primeira vez, ele eventualmente terá que decidir o que tem mais valor: o conflito e a segurança intelectual ou as necessidades mais essenciais e profundas.

Do mesmo modo, uma pessoa que tem Vênus num elemento que é incompatível com o elemento onde está o Sol, pode experimentar uma discórdia interior semelhante. Mas, nesse caso, seus gostos emocionalmente condicionados (Vênus) estarão em contraste com as suas necessidades e valores essenciais. Isso pode se manifestar de muitas maneiras, por exemplo, na tentativa de atrair pessoas para relacionamentos íntimos que não satisfazem profundamente suas verdadeiras necessidades, ou tentando expressar sua afeição de uma maneira que não se harmoniza com os seus valores mais elevados.

Uma situação similar pode se manifestar com Sol e Marte ocupando elementos incompatíveis. Por exemplo, vejamos o caso de uma mulher cujo Sol está em Aquário e cujo Marte está em Touro. Num nível físico ela sentiria uma atração automática por homens que se enquadrassem na imagem de Touro, mas esses homens teriam, ao mesmo tempo, uma forma de expressão absolutamente contrária aos seus desejos aquarianos essenciais de liberdade de autoexpressão. O que vai resultar? Ela dará à atração física um valor acima do nível essencial de compatibilidade, ou acabará percebendo que não pode ter tudo num único relacionamento? (Note que um planeta em Touro está, por signo, em quadratura com Aquário.)

Mais um exemplo bastará para explicar os processos que estou querendo demonstrar. Se um homem tem a Lua em Libra e Vênus em Câncer, temos dois conjuntos de reações emocionais e de afinações que não estão em harmonia. Às vezes ele pode sentir atração por pessoas (especialmente mulheres) que exemplifiquem a sensibilidade e a receptividade emocional de Câncer. Com essas pessoas ele se sente emocionalmente livre para expressar suas afeições e suas paixões; sente-se apreciado e seu prazer sensual é muito grande. Contudo, a Lua representa uma necessidade ainda muito mais profunda do que representada por Vênus, portanto, com o passar do tempo ele poderá descobrir que suas necessidades não estavam sendo satisfeitas com aquela pessoa do tipo canceriano. Assim sendo, digamos que ele venha a conhecer um tipo de mulher de Libra, junto de quem se sinta ótimo e com quem muito se identifica. Ele sente que, finalmente, encontrou a sua companheira, a sua "outra metade", e os dois se casam. Contudo, presumindo-

se que ela não tenha uma ênfase muito acentuada nos signos da água, que possa capacitá-la a se afinar com as necessidades venusianas dele, pouco a pouco ele descobre que uma grande parte da sua vida emocional permanece insatisfeita. E pouco a pouco descobre, incomodado, que está começando a se sentir atraído pelas mesmas situações românticas com tipos de Câncer (ou pelo menos um tipo de água), conforme antes se sentia. Consequentemente, está preso numa situação constrangedora (nesse caso, Vênus em quadratura com a Lua), pois suas necessidades mais profundas de segurança, de senso do próprio eu e de imagem pública (Lua) são satisfeitas por sua esposa, mas os seus anseios mais românticos, sensuais e emocionais (Vênus) estão frustrados na companhia dela. Como pode trabalhar com essas duas necessidades? Como pode satisfazer ambas as orientações sem arruinar o seu casamento? Esse é o dilema e esse é o desafio que ele pode enfrentar para um refinamento emocional muito maior e um autoconhecimento muito mais amplo.

Nesse exemplo, os planetas estão num aspecto tradicional (a quadratura), que tende a provocar um problema mais grave. Os princípios básicos, porém, são igualmente aplicáveis aos casos em que Lua e Vênus estão simplesmente em elementos incompatíveis, sem qualquer aspecto próximo. Nesse processo de comparar pares de planetas, estamos, com efeito, analisando duas afinações específicas que poderão inibir, mutuamente, a expressão dos princípios fundamentais de cada uma. É como se cada um dos dois planetas ficasse no caminho do outro, mas assim mesmo o indivíduo terá, invariavelmente, que satisfazer ambas as necessidades e expressar ambos os impulsos se quiser sentir que está vivendo uma vida completa. Isso não significa que o indivíduo *será bem sucedido* nos seus esforços para resolver o dilema, mas meramente que o esforço que ele faz para resolvê-lo é um grande desafio na vida, um desafio através do qual pode ampliar a sua compreensão a respeito de si mesmo e da vida em geral. Conforme afirmou Jung, um conflito verdadeiro nunca é solucionável no mesmo nível de consciência onde é experimentado. Só pode ser superado. Quando o indivíduo cresceu em percepção, até chegar a um ponto onde ambos os lados de um conflito são vistos e aceitos, a experiência de colisão pode começar a se dissolver.

14. Os planetas nos elementos

Na interpretação do mapa, para atingir o nível mais profundo que acabamos de descrever, naturalmente precisamos ter alguma forma de expressar a sintonia de cada planeta, constante do mapa, de maneira clara e concisa. A interpretação de todos os planetas torna-se mais útil e mais especificamente acurada através da compreensão dos elementos envolvidos, pois os planetas, de acordo com a sua colocação nos elementos, mostram não somente de que modo estamos afinados com diferentes dimensões de experiência, mas também de que modo podemos entrar em sintonia, conscientemente, com tais dimensões e com aquelas energias com as quais estabelecemos um contato imediato nesses campos de atividade da vida. Os planetas representam princípios específicos de troca de energia entre o indivíduo e o suprimento universal de toda energia. Portanto, cada planeta não apenas revela um tipo de energia emitida e um impulso de expressão de um certo tipo, mas também revela uma necessidade específica de atividade e desempenho, que deve ser alimentada segundo uma determinada onda recebida. (Veja os Conceitos-Chave para os Planetas no final do capítulo 9.)

Mercúrio

Como exemplo, Mercúrio não só representa um anseio da pessoa de expressar os seus pensamentos aos outros e estabelecer especificamente seus pensamentos através da expressão verbal ou da habilidade manual, mas também mostra a necessidade que ela tem de ser compreendida pelos outros que estão afinados com ideias de um tipo similar e a sua necessidade de aprender recebendo ideias e informações vindas do mundo exterior. Em outras palavras, Mercúrio simboliza o desejo imperioso de fazer contato e de estabelecer uma comunicação realmente recíproca com os outros; e o modo de troca de energia representado é o influxo (através da percepção) e o efluxo (através da perícia, da fala e da destreza manual) de inteligência. O elemento onde Mercúrio está situado, num determinado mapa, mostra qual é a energia

específica e quais são as qualidades específicas que influenciam a nossa "lógica" e o nosso modo de pensar e de expressar os pensamentos ao longo de uma determinada onda vibratória. Nos signos de água, por exemplo, Mercúrio indica um modo de comunicação fortemente influenciado pelos anseios mais profundos e por predisposições subconscientes. Nos signos de terra Mercúrio mostra que os pensamentos são influenciados pelas *necessidades* práticas e pela inclinação do indivíduo para aceitar ideias que são aplicáveis de forma prática. Nos signos de ar, Mercúrio revela que os pensamentos são relativamente livres, sem as algemas das necessidades práticas e emocionais, portanto, podem ser tão abstratos quanto a pessoa quiser. Em outras palavras, desde que a palavra-chave do elemento ar é *conceito*, Mercúrio está muito à vontade nos signos aéreos porque a mente intelectual pode funcionar com um grau de relativa liberdade e desenvoltura. Nos signos de fogo, Mercúrio indica que os pensamentos são influenciados pelas *aspirações*, pelas crenças, pelas esperanças e pelos planos pessoais. Portanto, nos signos de fogo, Mercúrio não representa a mesma objetividade de pensamento que é encontrada nos signos de ar, mas amiúde ele indica o uso definido e determinado do pensamento positivo.

Essa afinação de Mercúrio a respeito da qual estivemos falando, é especialmente evidente quando analisamos comparações de mapas e percebemos que as palavras específicas, pronunciadas em qualquer tentativa de comunicação, não são tão importantes quanto a energia que está por trás delas. Por exemplo, se você está sintonizado com outra pessoa por meio de aspectos harmoniosos entre o seu Mercúrio e o dela, você será capaz de afinar com os pensamentos dela, mesmo que sejam pobremente expressados. Por outro lado, se o seu Mercúrio está em conflito, ou pelo menos não está afinado com o Mercúrio de outra pessoa, provavelmente você sempre achará difícil "ouvir" aquilo que a pessoa está dizendo, mesmo que ela se expresse com muita clareza. Até mesmo numa comunicação escrita essa vibração de Mercúrio é evidente até certo ponto, mas ela é especialmente óbvia nos contatos de pessoa para pessoa.

Como exemplo, uma mulher, que frequentava uma das minhas classes de astrologia (estava sentada no fundo da sala, distante da frente cerca de vinte fileiras), uma noite fez uma pergunta a respeito de um assunto que estava sendo discutido. Antes que ela tivesse terminado de fazer a pergunta, reparei que já entendera, com um grau de clareza invulgar, a sua interrogação toda. Perguntei-lhe em que signo o seu Mercúrio estava colocado e ela respondeu

que estava no mesmo signo em que o meu se encontrava e quase no mesmo grau! Isso explicou imediatamente por que eu compreendera a pergunta dela de forma tão completa e rápida; pois eu não só entendera as palavras que ela usara para formular a questão mas também, ao mesmo tempo, automaticamente me colocara em sintonia com a consciência dela e, desse modo, entendera, simultaneamente, todas as nuanças que tinham motivado a pergunta. Em outros casos, em classes onde ensinei, reparei que às vezes acontecia o oposto: uma pessoa com a qual eu não tinha nenhuma afinação, tentando, muito desesperadamente, formular uma pergunta de modo que eu pudesse entender. Nesses casos tenho que usar energia mental extra para mudar a minha afinação natural com essa pessoa e poder compreender pensamentos expressados numa vibração bastante estranha.

Essa re-sintonização consciente, ou mudança de fase – que às vezes se torna necessária quando queremos entrar em sintonia com outra pessoa –, é uma coisa que também é possível de ser feita, até certo ponto, com as energias dos outros planetas. Por exemplo, se você acha que a sua maneira de expressar afeição (Vênus) desconcerta a pessoa a quem você deseja agradar, é possível moderar a expressão da sua própria energia venusina e afinar exatamente com aquela que será agradável para a outra pessoa. Há, porém, uma reticência imediata e automática com respeito à troca de níveis de expressão, pois isso exige um uso de energia extra a fim de possibilitar a atividade num reino de experiência estranho. Pode-se fazer isso através da concentração e do esforço consciente, mas inevitavelmente a pessoa ficará esgotada se tentar se expressar, durante um certo período de tempo, de uma forma que difere da sua expressão natural. Tal fato é muito importante na análise de certos tipos de incompatibilidade, nas comparações de mapas que pesquisaremos no próximo capítulo.

Antes de analisarmos os outros planetas, devemos deixar bem claro, neste ponto, que a importância relativa e a intensidade dos elementos dos vários planetas devem ser examinadas a fundo antes que se faça qualquer declaração acerca da força dos elementos num determinado mapa, ou a respeito de um tipo específico de incompatibilidade numa comparação de mapas. É muito mais fácil modificar periodicamente a afinação ou a expressão de Mercúrio, Vênus, Marte ou Júpiter, do que tentar fazer o mesmo com o Sol, Lua ou Ascendente, que se combinam para vitalizar todo o nosso ser. De fato, essas energias não podem ser substancialmente modificadas de qualquer maneira

saudável. Só podem ser bloqueadas ou represadas. Isso acontece porque o Sol, a Lua e o Ascendente mostram quais são as energias (de acordo com os elementos onde eles se encontram) que dominam sua atenção de forma consistente, enquanto os elementos de Mercúrio, Vênus, Marte e Júpiter funcionam mais periodicamente e em situações bastante específicas.

Vênus

Como Mercúrio, o planeta Vênus representa um influxo e uma vazão de energia, e seu posicionamento nos vários elementos é expressado na arma de dar e receber amor, afeição, prazer sensual e atenção para com os outros. O elemento onde Vênus se encontra representa a maneira de apressarmos apreciação e desvelo; em outras palavras, a maneira como revelamos os nossos próprios sentimentos. Essa é a fase de efluxo do princípio de Vênus em ação, mas a fase de influxo é igualmente importante. De acordo com o elemento do signo que ocupa, ela indica quais são os tipos de experiência e quais são os tipos de expressão que satisfazem a necessidade de aproximação com outros e ajudam a pessoa a se sentir amada e apreciada. Se Vênus está num signo de água, por exemplo, a pessoa em necessidade de uma nutrição emocional constante, de uma atenção compreensiva e de uma firme e consistente resposta à sua sensibilidade vulnerabilidade. Tal tipo de participação não requer palavras (um dos principais meios de expressão de Vênus nos signos de ar), nem grandes gestos (como Vênus nos signos de fogo) nem compromissos tangíveis (como Vênus nos signos de terra). Vênus nos signos de água precisa apenas de um intercâmbio de sensibilidade e de sentimentos de amor, que facilmente poderão passar despercebidos para aqueles que não têm uma afinação similar.

Marte

O elemento de Marte mostra quais são os tipos de experiência e os modos de atividade que estimulam a energia da pessoa, indicando qual é a energia que ela procura para se autoafirmar. Por exemplo, aqueles que têm Marte em signos de ar procuram afirmar-se através da expressão de ideias, ao passo que

Marte nos signos de fogo opera através de uma ação física mais direta. Nos signos de água Marte funciona mais sutilmente, aproveitando a força emocional em certos casos e em outros casos baseando sua autoafirmação em desejos que não são plenamente conscientes. Nos signos de terra Marte indica que a pessoa precisa expressar sua vontade e seu poder afirmativo através de realizações concretas que exigem paciência e persistência.

Uma outra maneira de expressar o tipo de troca de energia que Marte representa é dizendo que o elemento onde o seu Marte se encontra é a energia que alimenta a sua necessidade de excitação física e o modo através do qual você pode expressar seus poderes agressivos a fim de provar a sua força. Ele descreve o método específico que você usa para conquistar aquilo que quer; Marte no ar usa a persuasão, Marte no fogo usa a força e a iniciativa, Marte na terra usa a paciência e a eficiência e Marte na água usa a astúcia, a intuição e uma persistência absolutamente invencível. Um irmão meu, por exemplo, dedica a maior parte da sua energia ao cultivo de plantas por meio de sementes, algumas das quais exigem vários anos de desenvolvimento antes de estarem prontas para o mercado. A paciência e a qualidade protetora, necessárias para esse tipo de trabalho, são bem representadas por seu Marte em Touro, e esse é um exemplo da energia de Marte utilizada de um modo que se harmoniza com a sua verdadeira afinação.

Sol, Lua e Ascendente

O elemento do signo do Sol foi discutido com suficiente minuciosidade nos capítulos anteriores, portanto, aqui não há necessidade de falar sobre ele com muitos detalhes. Podemos simplesmente dizer que o elemento do Sol é a energia que alimenta o nosso senso básico de propósito e nosso sentimento de bem-estar. O elemento do Ascendente é mais ou menos similar, embora denote uma maneira de abordar a vida mais específica e menos abrangente do que a do elemento do Sol. O elemento do Ascendente revela o modo de expressão de todo o nosso ser em ação no mundo, uma maneira natural e espontânea de enfrentar, de forma imediata, a vida exterior, fora de nós mesmos. Revela qual o tipo de abordagem da vida exterior que o indivíduo preferia escolher para se sentir livre, sem a sobrecarga de outras preocupações, mas frequentemente existem outros fatores no mapa que inibem uma tal

abordagem tão intensamente personalizada (especialmente os aspectos próximos dirigidos ao Ascendente). Podemos dizer, porém, que o elemento do Ascendente representa um tipo de autoprojeção que é fisicamente energizante e que tem um forte impacto sobre a autoconfiança da pessoa e sobre o seu senso de singularidade e de liberdade individual.

O elemento onde a Lua se encontra representa uma afinação que vem do passado e se manifesta, automaticamente, no modo de sentir e de ser que deve merecer a atenção da pessoa para que possa se sentir interiormente segura e à vontade com a sua própria individualidade. Esse elemento e as experiências relacionadas com ele satisfazem a necessidade que você tem de se sentir *certo* acerca de si mesmo; pois, por meio de tais modos de autoexpressão você está satisfazendo uma profunda necessidade interior que pode dar estabilidade à sua personalidade inteira. O elemento da Lua também mostra como você reage instintivamente a todas as experiências e com qual energia se ajusta espontaneamente ao fluxo da vida.

Por exemplo, se a Lua está num signo de ar, a pessoa precisa expressar seus pensamentos aos outros a fim de se sentir certa a respeito de si mesma em alcançar uma paz interior e uma tranquilidade que vêm da satisfação dessa necessidade subconsciente. Do mesmo modo, para ajustar-se à vida ela primeiro terá que aprender a ser imparcial diante de qualquer experiência, num esforço para avaliar objetivamente o que quer que tenha em mãos. Em outras palavras, a pessoa que tem a Lua num signo de ar sempre reage primeiro pensando e depois agindo de acordo com os ditames da sua avaliação. Essa qualidade de reflexão prévia em geral está completamente ausente das pessoas que têm a Lua em signos de água ou de fogo, embora ainda esteja presente naquelas que têm a Lua em signos de terra.

A Lua em signos de água indica uma maneira de reagir colorida pela intensidade emocional. Isso pode se manifestar como medo ou como um sentimento de vulnerabilidade, ou então, simplesmente, indicar um envolvimento muito profundo e imediato com toda e qualquer exigência imposta pela vida. Tal pessoa inevitavelmente terá que lutar, como exigência cotidiana, com condicionamentos do passado, e com velhos padrões de hábitos nos seus esforços para se ajustar a circunstâncias, interiores e exteriores, que vão se modificando.

A Lua em signos de fogo é encontrada nos mapas de pessoas que reagem com entusiasmo e com ação direta às condições de mudança ou às

circunstâncias imediatas. Elas tendem a saltar antes de olhar, mas jamais são apontadas pela falta de decisão. Com frequência, porém, a impaciência é um problema, especialmente quando a Lua está em Áries ou em Sagitário. A Lua nos signos de terra indica uma pessoa que tende a reagir de maneira bastante firme, sólida e positiva. De fato, nas pessoas que têm a Lua em Touro ou em Capricórnio a reação é tão calma que os outros frequentemente pensam que não há reação alguma! Todavia, aqueles que têm a Lua em Virgem geralmente têm uma reação muito óbvia e nervosa a qualquer estímulo. Aqui poderia ser dito que quem tem a Lua em Virgem ou em Capricórnio é obrigado a fazer um grande esforço para se sentir certo sobre si mesmo; para esse tipo de pessoa, a autoaceitação geralmente é baseada na quantidade e na qualidade do trabalho prático realizado e a sua habilidade para se ajustar à vida com sucesso geralmente depende do papel que ela desempenha no mundo do trabalho. É nessa área da vida que se sentem *mais à vontade* aqueles que têm a Lua nos signos de "trabalho".

Júpiter e Saturno

O elemento de Júpiter mostra quais são os tipos de experiência e os modos de atividade que geram fé interior e autoconfiança. Dizendo isso de outra maneira, a pessoa é capaz de experimentar uma sensação protetora de unidade com uma grande força ou plano, quando opera no nível indicado pelo elemento de Júpiter. Por outro lado, o elemento de Saturno indica em qual nível de expressão ela tende a se sentir inibida e onde a sua energia está bloqueada ou limitada. Esse bloqueio interior ocorre porque esse nível de experiência é *demasiadamente* importante para o indivíduo. Em consequência, ele tende a se emaranhar nessa área da vida e a constringir o fluxo dessa energia, seja fazendo um esforço exagerado para expressá-la, seja evitando-a ou reprimindo-a. Com frequência, essa ênfase acentuada demais leva a um estado de medo e ansiedade relacionado com o tipo de experiência indicado, até que a pessoa tenha aprendido a relaxar, a se abandonar e a entrar em sintonia com a confiança e a fé simbolizadas por Júpiter. Saturno e Júpiter podem ser satisfatoriamente interpretados como um par de princípios complementares; Saturno representa o esforço; Júpiter representa a graça. O esforço sem a graça não deixa alegria ou serenidade, além de que nem a pessoa é capaz de

aceitar os benefícios dos seus esforços. A graça sem esforço geralmente não é uma forma construtiva de caminhar pela vida, pois, embora a pessoa possa ter muita fé e otimismo, geralmente pouca coisa é realizada e confiar exclusivamente na graça pode vir a se transformar numa desmerecedora fuga dos deveres imediatos.

No mapa de uma pessoa, o elemento de Saturno quase sempre indica (especialmente quando os aspectos dirigidos a Saturno são muito intensos) um problema específico relacionado com a aceitação plena, sem medo, daquele nível de experiência representado por esse determinado elemento. Esse medo é, amiúde, uma consequência de um velho padrão de vida que agora se tornou intoleravelmente rígido e opressivo, embora em outra época (por exemplo, em vidas passadas) essa cautela e essa autodisciplina possam ter estado a serviço de um propósito útil. A cautela e a autodisciplina ainda podem servir a um propósito altamente útil ao desenvolvimento, mas só quando são aceitas como um desafio que motiva a pessoa a fazer um esforço *mais consistente* para se expressar, de forma concreta, nessa área da vida. O esforço é necessário para abrir o canal, de modo que a energia possa fluir de uma forma natural; mas forçar severamente o fluxo é tão autofrustrante quanto bloqueá-lo.

Por exemplo, Saturno em um signo da água frequentemente indica um medo de se expressar emocionalmente. Alguns autores declaram que a tal posição de Saturno torna a pessoa fria e sem sentimentos, mas na realidade acontece exatamente o oposto. Aqueles que têm Saturno em um signo de água são por demais sensíveis emocionalmente, uma vez que estão envolvidos, com excessivo rigor, na defesa dos seus sentimentos sensíveis contra as ameaças do mundo exterior. Portanto, como é natural, tendem a ser muito cautelosos no que se refere a expressar abertamente seus sentimentos, pois isso os tornaria vulneráveis. Saturno em signos : e água pode indicar um severo grau de repressão emocional, mas isso ao significa que a pessoa seja insensível! As pessoas com essa posição de Saturno em seus mapas precisam fazer um forte esforço para expressar seus sentimentos com disciplina, objetivo e autoaceitação. Enquanto a pessoa estiver emaranhada, continuará a reagir exageradamente a qualquer coisa, assim como uma pessoa nervosa e medrosa saltará ao mais leve ruído. Mas quando o indivíduo aprendeu a se desamarrar, a se abandonar e a aceitar-se, então ele passa a ser capaz de dirigir conscientemente toda energia que antes fora bloqueada por temores e por atitudes negativas.

Descobriremos, com frequência, que as pessoas expressarão o elemento de Saturno no seu trabalho, pois esta é uma maneira de dar uma focalização definida e concreta a essas energias. Portanto, os que têm Saturno em signos de água muitas vezes são atraídos para tipos de trabalho nos quais podem expressar aos outros suas emoções e sua sensibilidade, por exemplo, nas artes curativas ou no trato com aqueles que estão passando por outros tipos de sofrimento. Melhor do que se deixar ficar num estado de frustrante dependência, através do seu trabalho a pessoa pode estabelecer uma força emocional que é inabalável e que pode ser benéfica ao seu caráter. Podemos, igualmente, fazer uma breve referência a Saturno nos outros elementos. Saturno nos signos de ar indica a necessidade de estabilizar a compreensão, e esses tipos frequentemente expressarão no trabalho cotidiano, para as outras pessoas, a sua sensibilidade e também o seu conhecimento. Nos signos do fogo Saturno mostra a necessidade de estabilizar a *identidade* e as pessoas que o têm nessa colocação repetidamente descobrem que seu verdadeiro trabalho é criar novas formas para sua autoexpressão, quer nas artes, quer nos negócios. Aqueles que têm Saturno nos signos de terra precisam estabilizar a sua *eficiência*, e para eles é importante expressar confiança e precisão no seu trabalho cotidiano.

Enquanto o elemento de Saturno indica, em qualquer mapa, um tipo de energia que é naturalmente bem restrita (pelo menos na juventude), o elemento de Júpiter simboliza um reservatório de vitalidade que flui com abundância e naturalidade. Como exemplo da diferença entre as funções desses dois planetas, consideremos cada um deles no signo de Leão. Júpiter em Leão indica que um modo de expressão dramático, ardente e bastante aparatoso será necessário para dar à pessoa um sentimento de fé interior e de segurança. Do mesmo modo, Saturno em Leão também indica uma pessoa que, pelo menos subconscientemente, deseja se expressar dessa mesma forma; mas o desejo normalmente é por demais inflexível, excessivamente autocentralizado, excessivamente envolvido com a identidade-ego da pessoa, criando assim o medo do fracasso ou uma vulnerabilidade que pode incapacitar a autoconfiança do indivíduo. Por causa desse medo, a pessoa tende a se restringir ou a se disciplinar exageradamente nessa área, sendo esse um esforço que vem agravar um círculo já vicioso de frustração interior. Se, por outro lado, o indivíduo aceita o fato de que precisa, desesperadamente, *expressar* essa energia, não importa quanto esforço isso exija, então terá sido

dado o primeiro passo para deixar que a energia comece a fluir. Todavia, esse passo é impossível sem a compreensão de que a necessidade tão fortemente sentida é uma manifestação da necessidade que a vida tem de se expressar, mais do que simplesmente uma manifestação de uma "tendência" pessoal. O elemento de Saturno mostra onde é preciso desenvolver fé numa força maior do que o simples ego. Ambos, Júpiter e Saturno, num determinado elemento, indicam uma grande necessidade de expressão naquele determinado modo, mas a qualidade da liberação da energia é muito diferente. O elemento de Júpiter tende a fluir com muita espontaneidade (se não for bloqueado por Saturno) e até mesmo excessivamente, ao passo que o elemento de Saturno é expressado através do esforço escrupuloso e do trabalho paciente, numa ação autodisciplinada.

Outras considerações

Ao interpretar os vários planetas nos elementos, precisamos ter uma compreensão bem profunda do princípio funcional específico representado por um planeta, para então podermos utilizar plenamente essas percepções. Uma vez que essa compreensão tenha sido alcançada por meio de anos de estudo e prática paciente com centenas de mapas, muitas das antigas ideias astrológicas readquirem vida e passam a ter um significado muito maior. Os conceitos de exaltação, dignidade, queda e detrimento, por exemplo, já não são encarados simplesmente como remanescentes obsoletos de um sistema arcaico, conforme foi dito por alguns escritores modernos, porém passam a ser tidos como possuidores de um significado altamente prático. Embora uma tal classificação das posições planetárias seja essencialmente baseada na harmonia entre a natureza de um determinado planeta e a qualidade de um certo elemento, e embora qualquer planeta num determinado elemento indique certas qualidades gerais de expressão, é necessário considerar a colocação de cada planeta, individualmente, em cada signo, para que se possa compreender plenamente o significado de tais conceitos.

Por exemplo, se um planeta está num signo que é um tanto incompatível com sua própria natureza, é como se a qualidade desse signo "interferisse" na expressão pura desse princípio. Se, por exemplo, uma pessoa tem Mercúrio em Sagitário, suas crenças e aspirações (Sagitário) têm a tendência de interferir

com a expressão do seu pensamento racional e lógico (Mercúrio). Isso não quer dizer que o indivíduo seja, necessariamente, curto de inteligência ou de clareza de percepção mas, antes, que suas ideias são, invariavelmente, coloridas por outras preocupações que não a razão pura e a análise factual. Quando se pede a tal pessoa que explique por que acabou justamente de fazer uma determinada afirmação, muito provavelmente ela se referirá à crença, ao ideal ou à esperança que motivou a sua afirmação, em vez de dar ao seu ouvinte fatos específicos que apoiem a ideia. Portanto, pode-se ver que o "detrimento" de Mercúrio em Sagitário não indica algo "ruim" referente à pessoa ou algo que é, obrigatoriamente, um ponto suscetível (como muitas vezes são interpretados os detrimentos), mas antes indica uma dificuldade pessoal, específica, na expressão da verdadeira natureza do princípio funcional desse planeta. O grau de dificuldade experimentado dependerá dos aspectos dirigidos a esse planeta e do nível de percepção do indivíduo.

Um outro exemplo bastará para colocar o leitor no caminho da utilização construtiva desses antigos princípios. Supondo-se alguém que tem Vênus em Escorpião (outro detrimento): as exigências, as necessidades emocionais insaciáveis e os desejos intensos de Escorpião tendem a interferir na expressão da afeição e na livre troca de sentimentos de amor com outra pessoa. Isso não quer dizer que tal indivíduo não possa expressar afeição ou amor; simplesmente aponta o fato de que essa pessoa experimentará, em si mesma, um certo grau de turbulência emocional resultante da percepção de que os sentimentos amorosos verdadeiros estão sendo continuamente coloridos pela paixão, pelos desejos sexuais e pelas exigências emocionais. O que a pessoa *fará* a respeito desse estado de coisas não é indicado no mapa, pois a mesma energia pode se manifestar de muitas maneiras. (Ver a Expressão Positivo-Negativa dos Princípios Planetários no fim do Capítulo 9.) Inevitavelmente, a colocação dos planetas em determinados signos revela certos anseios e necessidades, muito embora o grau de percepção que a pessoa tem dessa dinâmica interior não possa ser determinado somente através do mapa. O grau de facilidade com que determinado anseio ou necessidade pode ser expressado e satisfeito é indicado pelos aspectos dirigidos a esse planeta e, geralmente, os aspectos mais intensos são os que indicam um determinado incremento ou bloqueio da expressão de um certo elemento.

15. Os elementos na comparação de mapas

Os elementos são a chave para a compreensão plena da arte da sinastria, comumente chamada "comparação de mapas". Na comparação de dois mapas, mais ainda do que no trabalho com os mapas individuais, devemos levar em consideração a harmonia relativa das posições dos planetas segundo os elementos, assim como, também, analisar os aspectos específicos existentes entre os planetas de uma pessoa e os de outra. Conforme já foi mencionado antes, os aspectos mais próximos indicam um intercâmbio de energia mais dinâmico do que aquele que é indicado pelo elemento sozinho, mas uma análise minuciosa da harmonia dos planetas de duas pessoas, segundo os elementos, capacitará o astrólogo experiente a descobrir muitas indicações importantes e muitas diferenciações sutis que os próprios aspectos de órbitas mais estreitas não elucidam completamente.

No nível da experiência normal, qualquer relacionamento poderá ser encarado como uma interação de dois campos de energia. Embora muitos refinamentos possam ser postos em ação, a arte de comparar mapas é, essencialmente, uma análise de como as energias de duas pessoas se intercambiam. Isso não quer dizer que não existe um significado mais profundo por trás dessa aparente palpitação de energia, como o carma de uma vida passada. Mas, até onde a maioria dos astrólogos é capaz de perceber, fidedignamente, essa compatibilidade relativa das energias é o fato que está no alcance deles e com a qual têm que lidar. Uma análise da harmonia dos elementos, numa comparação de mapas, revela como e quando duas pessoas são capazes de *alimentar* o campo de energia uma da outra, assim como de que modo as duas bloqueiam o fluxo de energia uma da outra e, consequentemente, frustram uma à outra. Quando existe um bloqueio, há uma experiência de grande frustração ou de um grave esgotamento da energia ou, às vezes, as duas coisas. Quando há um harmonioso intercâmbio de energia, há uma experiência de satisfação, de vitalização e de integralidade. Naturalmente, na maioria dos relacionamentos existirão os dois tipos de troca de energia; mas a ênfase geral normalmente predominará. As trocas harmoniosas entre duas pessoas fornecerão recursos que ambas poderão absorver para reunir a energia

necessária que precisarão ter para lidar com outras áreas do relacionamento que são mais problemáticas. Todavia, se há uma predominância de energia intensa e discordante entre duas pessoas, será apenas uma questão de tempo até que uma ou então ambas desejem dar um fim ao relacionamento, mesmo que apenas por pura exaustão.

Eu tenho mencionado que as pessoas "alimentam" os campos de energia uma da outra e – com o fito de esclarecer o que pretendo dizer com isso – vamos reproduzir aqui uma citação do livro *Born to Heal*. O curador, senhor Mr. A., de quem já falei antes, enfatiza o elemento do signo ocupado pelo Sol como sendo uma das mais importantes características de qualquer relacionamento que esteja sendo estudado:

> Há tipos de energia compatíveis, neutros e negativos. As energias que são compatíveis, ou que combinam, geram em conjunto uma energia revitalizante que serve de combustível magnético.

Mr. A. considera energias compatíveis aquelas que são do mesmo elemento mas de signos diferentes. As energias "negativas" são os elementos incompatíveis, tais como água e fogo. Sua "ação combinada causa um esgotamento do campo magnético em níveis diferentes, perdendo assim o seu poder de absorver a energia humana aspirada pelos pulmões". Mr. A. considera energias neutras as do mesmo elemento do signo ocupado pelo Sol, que não tem outras energias compatíveis para reabastecê-las. Geralmente elas não reabastecem uma à outra de forma eficiente, uma vez que tendem a misturar-se e a "agir como um só elemento". Daí, aqueles que têm o Sol no mesmo signo e não têm outras afinações compatíveis, energizantes, amiúde descobrem que o resultado poderá ser uma lenta inanição do sistema nervoso. Não é que elas estejam, necessariamente, em conflito uma com a outra, mas acontece, simplesmente, que nenhuma das duas pessoas recebe, com facilidade, a "nutrição" de uma vibração vivificante e um pouco diferente daquela do mesmo elemento. A combinação de outros elementos "harmoniosos", tais como ar e fogo ou água e terra, é considerada menos compatível do que a combinação de signos diferentes do mesmo elemento, mas muito mais compatível do que as energias "negativas" de Mr. A.

Mr. A. prossegue dizendo que o nosso sistema nervoso é influenciado, através do nosso campo magnético, por todas as pessoas com quem entramos em contato. "Se a nossa própria geração de energia é forte, esse cruzamento

das energias vindas dos outros tem pouco ou nenhum efeito sobre os nossos nervos. Todavia, se estamos enfraquecidos ou esgotados, é provável que haja uma reação." Ele também assinala que uma criança gravitará automaticamente em torno do progenitor que alimenta o seu campo magnético. Se as energias de ambos os progenitores discordam do seu padrão de energia, o resultado será uma criança débil e muito nervosa, sendo a sua natureza um mistério para os seus pais. Muitas vezes notei esse fenômeno na minha clínica. Um exemplo que me vem à mente é o de uma moça cujos pais têm o Sol nos signos de Câncer e de Touro. Ela é uma leonina com a Lua em Áries. Particularmente durante sua adolescência, foi considerada uma criança-problema por seus pais, e era uma pessoa extremamente insegura e nervosa para alguém que tinha tanta energia ígnea. Uma grande mudança se operou nela dois anos depois de deixar o lar, logo após o término do curso superior; e é necessário dizer que ela deixou o lar tão logo pôde, depois de se diplomar. Uma vez agindo por conta própria e já não tendo que lutar diariamente com as correntes cruzadas das energias de seus pais, ela rapidamente desenvolveu o equilíbrio e a confiança que normalmente atribuímos a uma pessoa com a sua afinação. Em outras palavras, *ela* não era o problema; o *relacionamento* entre os pais e ela é que era. E qual psicólogo poderia ter imaginado esse dilema sem a ajuda da astrologia?

Embora o elemento do Sol seja o combustível fundamental do indivíduo, os elementos onde se encontram a Lua e o Ascendente estão, inevitavelmente, por demais energizados em qualquer pessoa. E, como foi bem explicado, os elementos dos outros planetas pessoais, particularmente os elementos dos "regentes" dos signos do Sol e do Ascendente, devem ser levados em consideração em qualquer comparação de mapas. Todas as pessoas estão sintonizadas, até certo ponto, com todos os elementos, mas a afinação mais dinâmica e consciente é indicada pelos fatores mais importantes do mapa que acabamos de mencionar. Em particular, os elementos da polaridade Sol-Lua são altamente energizados, portanto, o indivíduo terá muita harmonia e reagirá com mais sensibilidade a uma pessoa que participe da mesma afinação. Embora sejam muitos os casos de casamento onde os elementos do Sol e da Lua do homem são incompatíveis com os elementos do Sol e da Lua da mulher, a grande maioria desses casamentos ou não tem grande duração ou resiste a despeito da frustração constante de uma ou de ambas as partes. Não estou propondo que todo tipo de relacionamento tenha que ter,

necessariamente, uma relação harmoniosa entre os elementos do Sol e da Lua de cada uma das pessoas (pois, conforme foi dito, temos que considerar outros fatores), mas estou enfatizando que a compatibilidade mais harmoniosa e abrangente é impossível sem algum intercâmbio de energia uniforme e similar. Isso acontece porque a harmonia entre o Sol, por exemplo, e o Sol ou a Lua de uma outra pessoa, indica a expressão mais pura e a combinação mais imediata das energias vitais das duas pessoas.

A importância relativa de um tal aspecto depende, naturalmente, do tipo de relacionamento que está sendo analisado, do grau de intimidade envolvido, da proximidade da associação e da quantidade de tempo que as duas pessoas gastam na companhia uma da outra. Um relacionamento distante, de negócios, não testaria tão profundamente a compatibilidade quanto um relacionamento envolvendo parceiros num casamento ou pais e filhos. A harmonia entre os Sóis e as Luas de ambos é indicativa de uma identificação mútua entre os dois, de uma percepção imediata da unidade das duas pessoas. Em tais casos, há uma mistura de identidade, uma vitalização recíproca e um encorajamento natural da autoexpressão essencial de cada uma das pessoas. Em outras palavras, esse tipo de acordo é indicativo de uma das mais elevadas formas de amor e é um tipo de aceitação e de reação mútua que é muito mais permanente e profundamente satisfatória do que aquela que há nos relacionamentos baseados apenas em aspectos harmônicos de Vênus-Vênus, Vênus-Marte, Vênus-Sol ou Vênus-Lua.

Como exemplo do que estou declarando aqui, examinemos o caso de um casal. A mulher tem o Sol em Leão e a Lua em Áries, Vênus em Virgem, Marte em Touro e Câncer no Ascendente. (Essa mulher é diferente daquela leonina com a Lua em Áries, que foi mencionada anteriormente neste capítulo.) Seu ex-marido tem o Sol em Capricórnio, a Lua em Virgem, Marte em Gêmeos, Vênus em Sagitário e Câncer no Ascendente. Desde que este não é um livro especialmente dedicado à comparação de mapas, não vou analisar todos os aspectos da comparação. Todavia, quero assinalar alguns fatores críticos para esclarecer a importância dos elementos nas comparações. As duas pessoas têm Câncer ascendendo e ambas partilham a criação de dois filhos durante doze anos. A ênfase sobre o lar e sobre a família naturalmente foi um foco de energia importante para cada um deles e essa orientação semelhante ajudou-os a manter o casamento durante tanto tempo quanto puderam (doze anos). Ambas as pessoas são, portanto, regidas pela Lua – mas suas Luas estão em

elementos incompatíveis. O Sol ou a Lua de qualquer um dos dois não estão em harmonia com o Sol ou com a Lua do outro. O principal elemento da mulher é o fogo e do homem é a terra. Vivem em mundos diferentes; funcionam de formas totalmente diferentes e desarmônicas; coisas diferentes são importantes para eles; o que é real para um não tem a menor importância para o outro; nem Vênus nem Marte da mulher estão em harmonia com Vênus ou Marte do homem e – conforme ela admitiu – há anos cessara, por exemplo, de reagir sexualmente ao seu marido.

Ora, astrologicamente falando, o que juntou essas duas pessoas? Afinal, o que fez com que elas sentissem que eram compatíveis, que podiam, de fato, trazer felicidade uma para a outra? O planeta Vênus da mulher situado em Virgem está estreitamente conjunto à Lua do homem. Por essa razão, a energia essencial Sol-Lua dele ativou, no primeiro encontro, as energias românticas, sexuais e amorosas dela. A qualidade terra dele é muito compatível com a própria qualidade terra dela e, particularmente, com a atração dela, num nível físico, por homens do elemento terra (Marte em Touro). Mas a terra dele não é compatível com a natureza ígnea essencial dela! Do mesmo modo, a Vênus dele, situada em Sagitário, está em trígono com o Sol e com a Lua da mulher, e o Marte dele está em sextil com cada um dos luminares dela. De novo, a vitalidade essencial Sol-Lua dela ativou as energias sexuais e românticas dele. A energia ígnea dela é muito compatível com o signo de fogo onde se encontra a Vênus do ex-marido (atração por mulheres de fogo) e está em harmonia com o signo de ar onde se encontra o Marte dele. Contudo, como um tipo de pessoa essencialmente terrena, ele poderá ser muito estimulado pelo fogo dela, mas não poderá se afinar à sua maneira de ser. Durante a comparação de mapas de muitos casais de marido e mulher, ou de amantes, este pareceu ser o mais comum de todos os fatores que contribuem para uma dissolução lenta do relacionamento; embora as pessoas gostem uma da outra de muitas maneiras e sejam muito estimuladas, emocional e sexualmente, uma pela outra, uma ou ambas pouco a pouco percebem que simplesmente não podem ser elas mesmas no relacionamento, percebem que – por mais esforço que façam – não podem partilhar, uma com a outra, o seu eu mais profundo.

Isso acontece porque, se a pessoa não tem uma forte afinação com um certo elemento, é virtualmente impossível ter uma participação plena nesse reino de existência e nessa qualidade de consciência. Duas pessoas desse tipo, portanto, descobrirão que estão se distanciando cada vez mais uma da outra à

medida que vão se desenvolvendo, evoluindo e se individualizando, cada uma de maneira diferente. Quanto mais desenvolvem a percepção da sua individualidade essencial, mais se resignam ao fato de que nunca serão capazes de partilhar no nível de profundidade que desejariam. O grau de insatisfação depende, naturalmente, do que cada uma delas espera do relacionamento, de quanto cada uma delas depende do relacionamento para a sua autossatisfação e que grau de intensidade *pessoal* é procurado através do envolvimento. Um capricorniano muito impessoal, por exemplo, poderá satisfazer-se com um casamento (simplesmente porque a estrutura básica desse casamento é segura e confortável) que seria decididamente frustrante para uma pessoa de Libra.

Parece-me que uma das razões para a crescente estatística de divórcios no mundo ocidental é que mais e mais pessoas estão passando a ter percepção da sua individualidade e insistem cada vez mais em expressá-la. Essa tendência tem sido simplesmente acelerada pelo trânsito de Urano através de Libra. O ritmo da vida, a quebra de valores tradicionais, o desenraizamento da maioria das famílias americanas, tudo isso contribuiu para essa configuração; mas nessa tendência social há um lado positivo que frequentemente é ignorado: mais do que em décadas anteriores é maior o número de pessoas que estão se concentrando na importância de um relacionamento consciente e satisfatório com outras. A nova e crescente ênfase sobre liberdade pessoal e individualidade naturalmente tem se manifestado de algumas formas extremas, uma vez que as pessoas sempre tendem a ir a extremos quando se libertam de tradições ou de estilos de vida restritivos. Todavia, assim que essa nova liberdade (grandemente aumentada à medida que a Era de Aquário vai entrando em plena atividade) é aceita e integrada com valores espirituais, sinto que as revoluções que agora estão sendo experimentadas nas estruturas do relacionamento irão se acalmar. De fato, Plutão transitando através de Libra poderá muito bem pôr os toques finais na revolução que Urano ativou e, antes que se passem muitos anos, poderemos verificar que toda a estrutura do casamento e dos relacionamentos íntimos renasceu num nível novo e mais consciente.

Ao fazer a comparação de mapas, é preciso notar, com ênfase particular, que não se deve tomar os dados astrológicos como sendo uma indicação absolutamente determinante de "desgraça" ou de "felicidade", a ser experimentada num certo relacionamento. O uso adequado da informação astrológica é dirigido no sentido de ampliar a profundidade da compreensão,

para que os indivíduos possam viver mais conscientemente, não no sentido de fornecer desculpas para a fuga das responsabilidades ou de apadrinhar ilusões de felicidade suprema. O nível de percepção das duas pessoas envolvidas é, sempre, o fator mais importante, e a forma que escolheram de lidar com tendências conflitantes ou com padrões de personalidade, só pode ser prevista de acordo com o grau de funcionamento inconsciente da pessoa. Se ambos os indivíduos são pessoas altamente perceptivas ou têm certos ideais espirituais, ou éticos, que ambos estão tentando incorporar à vida poderão ser capazes de enfrentar construtivamente os obstáculos que destruiriam um relacionamento entre duas pessoas menos conscientes.

Muitas vezes as pessoas sentem atração por outras que estão sintonizadas com um elemento que elas não têm. Vários escritores, que trataram da questão da comparação de mapas, declararam que uma situação dessas é ideal, uma vez que as pessoas se "complementam" mutuamente, cada uma fornecendo algo de que a outra necessita. Essa é uma das muitas declarações astrológicas que parecem formidáveis no papel, mas que na prática não funcionam. É fato que frequentemente ficamos intrigados e sentimos atração por outras que exemplificam qualidades ou habilidades que não possuímos. Todavia, minha experiência indica que só em casos muito raros podemos tratar *intimamente* com uma tal pessoa, durante um longo período de tempo e com qualquer grau de satisfação. Esse tipo de relacionamento tem mais possibilidade de ser satisfatório quando é encarado como um acordo por um prazo bastante curto e com a finalidade de desenvolvimento, mais do que como um contrato a longo prazo, num casamento ou nos negócios. Alguns escritores chegaram mesmo ao ponto de afirmar que o relacionamento ideal exemplifica um equilíbrio perfeito dos elementos entre as duas pessoas, com uma fornecendo, por exemplo, o fogo e a terra, enquanto a afinação da outra é com a água e o ar. Mais uma vez, isso soa melhor na teoria do que na prática, pois duas pessoas desse tipo frequentemente serão tão diferentes que a brecha entre a consciência e a experiência de ambas se tornará maior a cada ano. Normalmente, cada uma delas descobre que é cada vez menos capaz de tomar parte no mundo da outra.

Naturalmente, há exceções para a maioria das regras e o astrólogo profissional de vez em quando topará com um relacionamento que parece ser bem-sucedido a despeito das duas pessoas não estarem muito fortemente afinadas entre si pelos elementos. Nesse casos, porém, sempre há algum

contato poderoso entre os dois mapas, fornecendo uma motivação para que elas façam o relacionamento ser bem-sucedido. Pois, embora a afinação elemental seja da maior importância na comparação, os aspectos específicos entre os mapas devem ser considerados sistematicamente e com grande minuciosidade em qualquer exame completo de um relacionamento específico. Alguns dos métodos de comparação de mapas, propostos em vários livros e artigos, são simplificações exageradas e muito radicais dessa arte altamente complexa, e o astrólogo que confia em tais métodos incompletos não pode ter a esperança de compreender profundamente qualquer relacionamento. Não estou enfatizando a importância dos elementos até o ponto da exclusão dos métodos mais tradicionais de análise dos aspectos entre mapas, estou simplesmente tentando esclarecer as bases mais profundas daquilo que está acontecendo no nível da energia, em qualquer relacionamento. Por exemplo, embora os aspectos próximos, numa comparação de mapas, sempre indiquem um tipo específico de circulação ou de bloqueio de energia, duas pessoas que estão harmonicamente afinadas de conformidade com os elementos têm uma possibilidade muito maior de enfrentar, de forma construtiva, os desafios dos seus aspectos intensos.

Mesmo se estamos envolvidos num relacionamento com alguém cujo elemento dominante é um que nos falta, sempre podemos aprender muito com essa pessoa. Quando adquirimos uma percepção maior de nossas incapacidades e necessidades de desenvolvimento futuro, podemos pelo menos apreciar mais amplamente as qualidades de tal pessoa e admirá-la por sua habilidade para se expressar num reino que nos é estranho. Isso poderá originar um certo desencanto na relação, mas não significa, de modo algum, que o relacionamento seja destituído de profunda satisfação e finalidade.

Pelo que foi dito, podemos concluir que o Sol de uma pessoa, por exemplo, no mesmo signo (ou até no mesmo elemento) onde se encontra a Lua de outra, representa um contato harmonioso e importante entre ambas, independente do fato de haver ou não um aspecto próximo entre os dois luminares. Do mesmo modo, embora os trígonos Marte-Vênus sejam considerados aspectos particularmente harmônicos para o amor e a sexualidade, Marte em trígono com o planeta Vênus de uma outra pessoa não é indicação de uma compatibilidade particular se ambos os planetas estão em elementos incompatíveis. Para uma interpretação penetrante e acurada de aspectos específicos, na comparação de mapas, insisto em que o leitor estude o

livro de Lois H. Sargent, *How to Handle Your Human Relations* (publicado pela Federação Americana de Astrólogos).

Desde que a maioria dos princípios envolvidos na comparação da interação e na combinação de elementos já foi tratada neste livro, não há necessidade de repeti-los aqui. (O Capítulo 10 contém algum material a respeito de como as pessoas de cada elemento tendem a reagir diante daquelas que têm uma afinação diferente.) Contudo, para sentir como essas energias se combinam, seria útil o leitor visualizar as manifestações físicas dos elementos enquanto atuam uns sobre os outros. O que a água faz quando encontra a terra? E o ar quando encontra a água? Qual é a interação entre esses elementos? Tão logo tenhamos assimilado a natureza essencial de um elemento, a questão de entender sua interação com os outros passa a ser relativamente simples. Uma tal visualização não só contribui para uma compreensão mais profunda da dinâmica psicológica envolvida, como também é útil para se ter uma percepção da maneira como duas pessoas afetam a saúde uma da outra simplesmente estando juntas.

Na prática, é muito comum encontrar casos nos quais um homem e uma mulher, embora possam gostar muito um do outro, descobrem que estão se desvitalizando cada vez mais por passarem muito tempo juntos. Em outros casos, a interação dos campos de energia de duas pessoas é tão intensamente vitalizante que ambas descobrem que não podem tolerar esse nível de intensidade. É como se estivessem sendo supercarregadas eletricamente, provocando, assim, um curto-circuito nos sistemas nervosos de ambas e queimando fusíveis repetidamente. Ambos os tipos de relacionamento só podem ser compreendidos em termos de elementos. Por exemplo, se um canceriano vive com uma pessoa de Gêmeos, pode se sentir "desidratado", seco, sem vida. O geminiano poderá se sentir afogado, achar muito difícil sair da cama pela manhã e até mesmo desenvolver dificuldades respiratórias. É como se o geminiano estivesse tentando viver "embaixo d'água" e o canceriano estivesse tentando viver "encalhado" no ar. Os campos de energia das duas pessoas poderão ficar bastante desvitalizados e elas se surpreenderão ao ver como se sentem aliviadas e energizadas quando se separam.

Num outro tipo de caso, vamos supor que um sagitariano com a Lua em Leão estivesse vivendo com um geminiano com a Lua em Aquário. Ora, este poderia ser um relacionamento positivo e harmonioso se as duas pessoas pudessem suportar o nível de intensidade. O resto da comparação nos diria

isso. Todavia, desde que o Sol e a Lua de ambos estão em oposição mútua (e muitas oposições, na comparação de mapas, indicam uma tremenda *estimulação* do fluxo de energia, em vez de uma frustração ou um bloqueio), o nível de intensidade poderá ser tão grande que nenhuma das duas conseguirá agir com eficiência quando está dentro do raio de ação do poder magnético da outra. Elas poderão sentir atração uma pela outra (absolutamente polarizadas ao longo dos comprimentos de onda do Sol e da Lua), mas também poderão sentir a necessidade de uma separação para que a integridade e a capacidade funcional da sua própria energia sejam mantidas.

Muitas situações de uma vida em conjunto são melhoradas e a saúde de uma ou das duas pessoas sofre uma mudança positiva quando elas dormem em quartos diferentes. Essa é uma mudança especialmente útil, que se pode fazer quando ambas têm uma afinação radicalmente diferente. Não é algo muito romântico, mas é muito útil num grande número de relacionamentos. A razão disso é que, se duas pessoas estão dormindo no mesmo quarto (e especialmente se estão na mesma cama), seus campos de energia estão interagindo sem cessar durante a noite inteira, uma vitalizando a outra ou uma esgotando o reservatório de energia da outra. A mistura da energia de uma pessoa com a energia de outra durante oito horas consecutivas tem uma influência dramaticamente poderosa no estado de saúde de cada uma delas, uma influência que pode ser boa ou má; parece bastante estúpido persistir num tal hábito, simplesmente por amor à satisfação de imagens românticas na mente, se o efeito disso é a dissipação da vitalidade. Conheço muitas pessoas que se queixaram dos efeitos desvitalizantes de dormir com o cônjuge, sendo que a energia delas subiu acentuadamente depois que passaram a dormir em quartos separados. Por outro lado, também conheci casos em que as pessoas se vitalizavam mutuamente de tal modo, durante a noite, que nenhuma delas precisava de mais de seis horas de sono e ambas sempre tiveram saúde esplêndida.

O efeito sobre a saúde de um indivíduo, decorrente do fato de ele estar em estreita proximidade com um outro, foi subestimado e quase sempre ignorado pelas profissões médica e psicológica. Mas permanece o fato de que na presença de um outro, que tem um campo de energia particularmente forte, nós somos mais afetados do que podemos perceber, mesmo quando a outra pessoa não está no mesmo quarto, mas simplesmente vivendo na mesma casa. Um amigo meu, cujo Sol está em Peixes e cujo Ascendente está em Escorpião

(ambos signos de água e muito sensíveis!) certa vez foi escolhido para partilhar um escritório com um homem que tinha o Sol em Escorpião. Qualquer estudante de astrologia sabe que o campo magnético de uma pessoa de Escorpião normalmente tem uma força poderosa e que a presença de tal pessoa não pode ser ignorada. Meu amigo descobriu que não conseguia realizar qualquer trabalho enquanto o escorpiniano estava na sala. Por fim, arranjou para trabalhar à noite e nos fins de semana, quando então seria a única pessoa no escritório. Esse tipo de experiência não pode ser "explicado" como paranoia, sensibilidade exagerada ou projeção, conforme muitos psicólogos tentam fazer. É uma experiência baseada numa interação real dos campos de energia de duas pessoas, justamente no nível de atividade que está na base de todas as manifestações físicas e psicológicas.

Para sermos verdadeiramente saudáveis (as palavras "healthy" [saudável] e "heal" [cura] derivam de uma velha palavra inglesa que significa "whole" [todo]), precisamos ser alimentados em todos os níveis. É preciso nutrir todos os quatro elementos ou corpos: o emocional, o mental, o físico e o espiritual. Qualquer aspecto da nossa natureza que não seja suficientemente alimentado, logo começa a se atrofiar. Assim como a pessoa faminta fica desesperada e faz qualquer coisa para se alimentar, assim também qualquer aspecto da natureza quádrupla do homem começa a se rebelar e a exigir alimentação e atenção se está sendo negligenciado. Uma vida bem equilibrada é aquela na qual o indivíduo dá a devida atenção a todas as suas necessidades básicas; e a afinação representada no mapa natal revela como a pessoa está desequilibrada, quais são as necessidades que estão sendo negligenciadas (falta de um elemento), quais as dimensões da vida que estão sendo exageradamente enfatizadas (presença excessiva de um elemento) e quais são os aspectos da natureza que estão precisando de refinamento ou de transformação (em particular, os planetas intensamente aspectados num determinado elemento).

Não pretendo dar a impressão de que uma insistência irrefletida na satisfação de cada anseio é a resposta para todos os problemas e a chave para uma boa saúde. O grau de refinamento da alimentação da energia importante. Conforme a pessoa cresce em consciência, ela pode satisfazer-se com um tipo de alimentação mais refinada e mais sutil. Por meio da experiência, pode aprender a entrar em sintonia com as exigências essenciais da sua energia e a satisfazê-las de maneiras simples e diretas, com total percepção do que está fazendo e por que está fazendo. Por exemplo, todos precisam de uma certa

quantidade de alimentação material, mas a maioria das pessoas come mais do que precisa, ingere uma qualidade de comida muito mais pobre do que aquela que o corpo exige para sua nutrição adequada; e muitas vezes as pessoas comem com tanta pressa e excitação que a comida não é adequadamente assimilada. O fato de dispensar uma certa atenção às verdadeiras necessidades nutricionais do corpo e ao modo de operação dos processos de digestão e de assimilação, pode capacitar a pessoa a manter o corpo físico saudável por meio de uma dieta simples, pura e econômica.

Do mesmo modo, todos precisam de uma entrada de energia emocional numa base regular. Mas de que modo essas necessidades emocionais são realmente satisfeitas? Quanto mais concentrada e refinada é a experiência emocional, mais profundamente nutritiva ela é para o ser interior. Permitir, simplesmente, que as necessidades emocionais ditem o nosso comportamento de forma compulsiva, é uma maneira segura de desperdiçar energia, de desintegrar a estrutura vital e, por último, de sofrer de inanição emocional. A civilização moderna está estruturada de modo que assegura uma completa inanição das necessidades mais essenciais do homem, e esse estado constante de privação de energia é, sem dúvida, uma das principais causas do comportamento desesperado e histérico que presenciamos com tanta frequência. Na civilização urbana, se o indivíduo tem uma participação total nos padrões culturais de estilo de vida, no trabalho e nos hábitos alimentares, acaba ficando absolutamente desprovido de substância física, emocional, mental e espiritual, para manter o seu estado de integridade. Os tempos atuais ditam que cada pessoa se responsabilize por suas próprias necessidades, e o conhecimento dos quatro elementos e das funções deles é uma educação pessoal nos princípios operativos das forças essenciais da vida.

16. Os elementos e as casas: um sistema de palavras-chave

Neste capítulo estou pressupondo que o leitor já esteja mais ou menos familiarizado com os significados tradicionais das casas, encontrados em qualquer manual elementar de astrologia. O estudante que está principiando o estudo da astrologia poderá não perceber imediatamente a significação completa desse sistema de palavras-chave, uma vez que ainda não teve experiência indispensável para mostrar-lhe a necessidade de um tal padrão organizado dos princípios das casas. Todavia, eu aconselho com insistência que todo estudante principiante tenha em mente esse sistema de palavras-chave, como uma base para a compreensão mais profunda dos conceitos radicionais encontrados durante o curso dos seus estudos e quando estiver fazendo suas primeiras tentativas de interpretação de mapas.

Desde que este é um livro principalmente centralizado nos quatro elementos como as energias vivas representadas em qualquer mapa astral, aqui eu teria que explicar que as correlações entre os elementos e os tipos específicos de casas, encontradas neste capítulo, são puramente simbólicas. Uma vez que as casas representam, por definição, os campos de experiência onde as energias reais (ou afinações elementais) dos signos e dos planetas operam, as casas não devem ser vistas, de modo algum, como uma manifestação dos quatro elementos. As energias primárias do mapa são sempre indicadas pela colocação dos signos e dos planetas. Contudo, desde que há uma correlação regular e válida entre os doze signos e as doze casas, como duas sequências diferentes, porém paralelas, de princípios de desenvolvimento, eu aqui relacionei – conforme a maneira tradicional – Áries com a primeira casa, Touro com a segunda e assim por diante. Não obstante, quando estamos envolvidos na interpretação de mapas os signos e as casas sempre devem ser vistos como fatores distintos e separados no alfabeto astrológico. Durante o tempo em que me dediquei a ensinar dúzias de turmas, em todos os níveis da astrologia, nos últimos anos, observei que muitos estudantes acharam bem mais difícil compreender a natureza das causas do que qualquer outro aspecto

do simbolismo astrológico. A maioria deles logo alcançou uma compreensão dos signos e dos planetas, mas assim que o tópico das casas foi introduzido eu me vi diante de numerosas perguntas confusas e de expressões intrigadas. Até mesmo aqueles estudantes que me deram a impressão de ter atravessado sem dificuldades o curso básico, com frequência me escreviam, alguns meses mais tarde, perguntando se eu podia recomendar um bom livro sobre as casas, uma vez que estavam encontrando muitos obstáculos nas suas tentativas para compreender esse importante segmento da linguagem astrológica.

Parece-me que o principal problema na questão de entender o significado das casas reside no fato de que a maioria dos textos astrológicos não procura explicar o princípio fundamental de cada casa e o significado interior essencial do qual derivam todas as infindáveis associações e ramificações atribuídas a cada determinada casa. A maioria dos livros enfatiza os significados tradicionais das casas, com exclusão dos princípios mais sutis e mais abrangentes envolvidos. Fazem isso porque grande parte dos astrólogos ainda se preocupa com o meio ambiente e com a situação exterior, mais do que a experiência interior do indivíduo. (O livro recente, de Dane Rudhyar, *The Astrological Houses*, é uma rara e grata exceção.) O que não é dito pela maioria dos autores é que as casas – e o mapa como um todo – sempre mostram o estado interior e a experiência pessoal muito mais claramente do que as circunstâncias ambientais. É por essa razão que tantas predições astrológicas não se realizam; simplesmente porque estão baseadas na pressuposição de que o mapa mostra "o que vai *acontecer*". A verdade é que o mapa mostra, inevitavelmente, "o que a pessoa vai *experimentar*". Há uma distinção importante entre essas duas abordagens da astrologia, uma distinção amplamente esclarecida nos livros de Rudhyar e de outros astrólogos centralizados na pessoa humana.

É tarefa difícil interpretar uma linguagem cósmica, como a astrologia, através do uso da nossa linguagem verbal canhestra e limitada. Essa tarefa torna-se absolutamente impossível se atribuímos significados rígidos às casas; e ao fazer isso estabelecemos uma situação na qual muitas vezes temos que "esticar" a nossa interpretação para que ela possa se ajustar à situação específica da pessoa. Um tal sistema de prática astrológica simplesmente contribui para justificar a atitude desdenhosa de muitas pessoas para com os profissionais da astrologia. Como exemplo do que quero dizer, suponhamos que uma pessoa tem Saturno na sua quinta casa natal. Essa colocação de

Saturno pode indicar, e indica, toda uma variedade de atitudes e de experiência. Assim sendo, o que dizemos a uma pessoa que tem esse fator no seu mapa natal? Será uma ajuda, para ela, se dissermos que terá "problemas com os filhos"? Quem, eu poderia perguntar, não tem problemas com os filhos? Uma tal interpretação é absolutamente sem sentido. Será útil dizer à pessoa que ela não será capaz de ser tão criativa quanto deseja? Essa interpretação também não tem qualquer significado e, de fato, é incorreta; pois alguns dos maiores artistas e escritores de nosso tempo têm essa colocação de Saturno. Muitos outros exemplos poderiam ser dados para mostrar como o trabalho astrológico pode ser totalmente mal orientado se não conseguimos discernir o significado *essencial* dos fatores particulares do mapa. Por outro lado, se podemos resumir o princípio central, neste exemplo, da quinta casa, como sendo o campo de experiência onde a pessoa "procura segurança para a sua própria identidade", então podemos começar a chegar ao âmago daquilo que o indivíduo está experimentando, quer isso se manifeste na forma de problemas com uma criança, com um amante, com o trabalho criativo, com o jogo ou com o que quer que seja. Uma vez identificado o princípio-chave, então a questão de delinear e compreender as maneiras específicas da sua forma de expressão passa a ser relativamente fácil.

A necessidade de elucidar a significação psicológica essencial das casas é que me induziu a construir o sistema de palavras-chave resumido neste capítulo. Muitas das palavras foram usadas antes, por outros escritores, mas num contexto diferente. Tenho trabalhado com esse sistema durante os últimos três anos e, nesse ponto, estou convencido de que ele serve como método extremamente útil, não só para a interpretação do mapa natal e dos ciclos de trânsitos, mas também para que seja alcançada uma compreensão mais profunda de toda a estrutura da astrologia. Embora algumas das palavras-chave no princípio possam parecer inadequadas ou intrigantes, tenho certeza de que aqueles que se dedicarem a estudar e aplicar esse sistema, de uma forma consistente, serão recompensados por sua paciência.

Classificação das casas

A maneira mais familiar de definir os diferentes tipos de casas é separando-as nas classificações de casas angulares, sucedentes e cadentes. As casas

angulares estão relacionadas com uma qualidade automotivadora e têm um impacto imediato sobre a estrutura da nossa vida. A palavra-chave para as casas angulares é AÇÃO. As casas sucedentes estão relacionadas com os desejos individuais e com o que queremos controlar e governar. Esse desejo de controlar é motivado pela nossa necessidade de SEGURANÇA, que é a palavra-chave para tal tipo de casa. As Casas cadentes são os segmentos do mapa onde há entrada, troca e distribuição de pensamentos e observações. Por isso mesmo, a palavra-chave para tais Casas é CONHECIMENTO. A progressão das casas, de angular para sucedente e desta para cadente, tornando a voltar para angular, simboliza o fluxo da experiência da vida; agimos e consolidamos o resultado das nossas ações para obtermos segurança; aprendemos por meio daquilo que fizemos e também passamos a ter percepção do que resta para ser feito; e, consequentemente, tornamos a agir. Todos tomam parte nesse ciclo de vida, mas o nosso mapa natal individual revela quais as fases do ciclo que são dominantes nesta existência.

As casas também são divididas segundo grupos de três, dependendo dos elementos dos signos relacionados com elas. Por exemplo, as três casas associadas com os signos de água (4, 8, 12) formam aquilo que é chamado de "trindade psíquica" ou de "trindade da alma". Por amor à brevidade e à simplicidade, chamarei essas casas de "casas de água". Todas elas tratam do passado, das reações condicionadas que agora são instintivas e operam através das emoções. Os planetas posicionados nessas casas mostram o que está acontecendo nos níveis subconscientes e indicam o processo de ganhar consciência através da *assimilação* da essência do passado, enquanto, ao mesmo tempo, as lembranças inúteis e os temores que impedem o nosso progresso vão sendo descartados. As "casas de água" relacionam-se com a conquista da paz emocional por meio da nossa libertação dos grilhões do passado. No plano mais profundo, tais Casas simbolizam os mais íntimos anseios da alma, pois indicam o processo por meio do qual o resíduo emocional, proveniente do passado, é expurgado antes que a alma possa se expressar clara e ativamente. Portanto, as palavras-chave dessas Casas são EMOCIONAL e ALMA.

As casas de terra (2, 6, 10) são frequentemente chamadas de "trindade da riqueza" e estão associadas com o nível de experiência em que tentamos satisfazer nossas *necessidades* no mundo prático: propriedades, dinheiro, emprego, riqueza, reputação etc. A palavra-chave para essas casas, portanto, é

MATERIAL, pois as casas de terra lidam principalmente com interesses do mundo material.

As casas de fogo (l, 5, 9) muitas vezes chamadas de "trindade da vida", estão associadas com as nossas atitudes para com a própria vida e para com a experiência de estar vivo. Simbolizam um derramar de energia no mundo e representam as aspirações e inspirações que nos motivam a agir assim. A palavra-chave que resume o significado essencial das casas de fogo é IDENTIDADE, pois o nosso senso de identidade – senso de ser – determina a nossa atitude para com a vida em geral. Em outras palavras, se nos sentimos bem a repeito de nós mesmos, sentimo-nos bem a respeito de estarmos vivos, e, consequentemente, passamos a crer que esta vida será uma experiência essencialmente positiva.

As casas de ar (3, 7, 11), chamadas de "trindade do relacionamento", estão associadas não apenas com os contatos sociais e com os relacionamentos de todos os tipos, mas também com conceitos. Os reinos da atividade social e da atividade intelectual são inseparáveis, pois são os nossos conceitos que nos motivam a procurar outras pessoas de mentalidade igual, e esses mesmos conceitos constituem uma grande parte daquilo que é partilhado entre duas pessoas. Portanto, as palavras-chave para as casas de lar são SOCIAL e INTELECTUAL.

O que vem a seguir apresenta uma formulação concisa dessas palavras-chave:

Modo de Expressão		*Nível de Experiência*	
Angular:	Ação	Água:	Alma e Emocional
Sucedente:	Segurança	Terra:	Material
Cadente:	Conhecimento	Fogo:	Identidade
		Ar:	Social e Intelectual

As Casas de Água

Como foi visto, todas as casas de água têm algo em comum, visto que todas representam experiências nos níveis emocional e da alma. Todavia, a análise dos três modos de expressão, indicados pelas palavras-chave, nos dará uma pista a respeito do relacionamento mútuo entre elas.

A Quarta Casa

A quarta casa é a área da AÇÃO direta no nível EMOCIONAL e da ALMA. Toda ação, nesse nível de experiência, é necessariamente condicionada por fatores que estão além do nosso controle. Segundo a tradição, a quarta casa, entre outras coisas, está relacionada com o lar e com a família. Em qual área da vida agimos tanto na base do hábito e da emoção como quando lidamos com os membros da nossa família?

A quarta casa também representa a nossa necessidade de privacidade de um ambiente onde nos sintamos bem e, então, possamos nos recolher e relaxar, recobrar as forças e refletir sem sentir qualquer pressão vinda de fora. As pessoas que têm o Sol na quarta casa geralmente gastam muitos anos tentando (consciente ou inconscientemente) libertar-se do condicionamento relacionado com suas experiências na infância. Em outras palavras, poderíamos dizer que aqueles que têm uma forte ênfase na quarta casa têm necessidade de agir no nível emocional mais profundo, para poder assimilar a essência das suas experiências na infância e na juventude. Anseiam pela *paz para o eu individual*, que amiúde exige uma distância física dos pais para poder se desligar das emoções despertadas pela presença deles.

A Oitava Casa

A casa de água sucedente, a oitava, representa a necessidade de encontrar SEGURANÇA EMOCIONAL e SEGURANÇA PARA A ALMA. Aqueles que no seu mapa natal têm uma ênfase nessa casa, invariavelmente se envolvem em atividades que, segundo sentem, podem dar-lhes esse tipo de profunda estabilidade interior. A sexualidade associada com a oitava casa não é induzida apenas pelo instinto, mas também pela necessidade de experimentar a suprema segurança emocional através da fusão com uma outra pessoa. Muitas pessoas tentam obter essa sensação de segurança por meio da conquista de poder e de influência sobre outros. Esse poder às vezes é fornecido pela riqueza ou pela participação em grandes aventuras coletivas e, às vezes, provém do conhecimento que elas têm das leis ocultas ou então de uma penetrante sensibilidade psíquica. Outras questões da oitava Casa, tais como seguros e associações financeiras, também podem ser claramente relacionadas com a segurança emocional. O fato de a oitava casa também ser chamada "Casa da Morte" indica por que as pessoas, com ênfase nesse oitavo setor,

amiúde se preocupam com pensamentos sobre a morte, com a vida além da morte, com fenômenos espiritualistas e com legados. Tais pessoas se preocupam com esses assuntos porque, embora possam não admitir isso, sentem em si mesmas uma grande necessidade de segurança para a alma, de ter certeza de que a sua alma será "salva".

Embora as pessoas com ênfase na oitava Casa possam procurar segurança nos valores materiais, no poder, no sexo ou no conhecimento psíquico, o verdadeiro sentimento de segurança emocional e de segurança da alma só pode existir quando os tumultuosos conflitos emocionais, sempre mostrados por essa casa, começam a desaparecer. E tal turbulência emocional só dá lugar a um profundo sentimento de paz interior quando a verdadeira essência dos anseios do indivíduo é reconhecida. Os estudos ocultos, associados com essa casa, são muito úteis como um meio para se alcançar a paz interior através do conhecimento das mais profundas leis da vida. A sexualidade da oitava casa é uma expressão do desejo de renascer por meio da união com uma força muito maior do que a própria força do indivíduo. Em suma, essa Casa simboliza o desejo ardente de um estado de paz emocional que só pode ser alcançado à medida que a pessoa vai se libertando, cada vez mais, dos desejos e da obstinação compulsiva.

A Décima Segunda Casa

A casa cadente de água, a décima segunda, é a área do APRENDIZADO no nível EMOCIONAL e da ALMA. Esse aprendizado ocorre com o crescimento gradual da percepção que acompanha a solidão e o sofrimento profundo e através do serviço desinteressado ou da dedicação a um alto ideal. A décima segunda casa representa influências e experiências que, em uma totalidade, se encontram obviamente além de nosso controle, mas que podem ser superadas se dirigirmos nossas energias para o autoconhecimento dos valores espirituais. Essa casa revela a fase da evolução na qual precisamos assimilar os resultados de todas as experiências e responsabilidades da vida passada. E, num nível mais profundo, indica a ânsia de se procurar a paz para a alma através da entrega total a uma unidade mais elevada, através da dedicação a um ideal transcendente e da libertação dos fantasmas dos pensamentos e ações do passado.

As Casas de Terra

A Décima Casa

A casa angular de terra relaciona-se com a AÇÃO no nível MATERIAL; e a tradição diz que tal casa representa a nossa reputação, a nossa posição no mundo e a nossa vocação. A ação que qualquer pessoa realiza no mundo material é a base sobre a qual repousa a sua reputação, e o público classifica o indivíduo de acordo com a ação que ele está realizando: como padeiro, vendedor, médico etc. As palavras-chave também esclarecem a associação da décima casa com a ambição específica que esperamos realizar no mundo.

A Segunda Casa

A Casa de terra sucedente, a segunda, tem como palavra-chave SEGURANÇA MATERIAL. Isso explica por que a segunda Casa tem sido relacionada com o dinheiro, os ganhos, as propriedades e o desejo de controlar coisas e pessoas. Todavia, a palavra-chave também esclarece o princípio mais amplo que está sob tais inclinações, pois muitas pessoas com uma forte ênfase na segunda casa não estão tão preocupadas com o dinheiro em si quanto com a garantia de que sempre estarão seguras no mundo material porque possuem recursos abundantes de onde tirar. Assim sendo, muitas dessas pessoas colecionam moedas, compram terras, investem em bancos e em imóveis na tentativa de consolidar sua segurança. Também reparei que as pessoas que têm o Sol na segunda casa são bastante sovinas com o seu tempo (especialmente quando o Sol está num signo fixo) pois sentem que cada esforço deve, especialmente, produzir algum lucro, de uma forma ou de outra.

A Sexta Casa

A Casa cadente de terra é a sexta e tem sido associada com trabalho, saúde e deveres. Quando vemos que o princípio fundamental da sexta Casa é o do CONHECIMENTO através da experiência imediata com as questões MATERIAIS, entendemos facilmente a motivação que está por trás dessas atividades. Aprendemos sobre as necessidades e limitações do nosso corpo material, principalmente através dos problemas de saúde (muitas vezes resultantes de maus hábitos, de excessiva pressão do trabalho ou dos deveres, da autocrítica exagerada ou de pensamentos negativos, assuntos esses, todos

eles, da sexta Casa). Também passamos a ter autopercepção através da realização cotidiana do nosso trabalho e dos nossos deveres. Tais experiências nos ajudam a adquirir humildade, a aceitar as nossas limitações e a assumir a responsabilidade pelo nosso próprio estado de saúde, tanto físico quanto psicológico. Quando é entendido que a sexta casa representa uma fase de purificação através do contato imediato com o nível material da experiência, podemos começar a interpretar tal Casa de uma maneira positiva e verdadeira.

As Casas de Fogo

A Primeira Casa

A Casa angular de fogo é a primeira e representa a nossa IDENTIDADE específica, autodirigida. As pessoas que têm uma forte ênfase na sua primeira Casa desejam ação com impaciência, uma vez que o seu senso de individualidade começa a desaparecer se elas se abstêm de um envolvimento individual ativo com o mundo exterior. Tradicionalmente, essa casa também é associada com a energia e a aparência do corpo físico; e, usando a palavra-chave, podemos ver que o corpo é a nossa identidade em ação. As pessoas nos reconhecem e são influenciadas por nossas formas de movimento físico e de expressão mais características; qualquer pessoa começa a se sentir desvitalizada se as qualidades mostradas pelos planetas situados na primeira Casa, e pelo Ascendente, são reprimidas ou frustradas.

A Quinta Casa

A casa de fogo sucedente, a quinta, representa a busca de SEGURANÇA DA IDENTIDADE. Aqueles que têm uma ênfase nessa Casa estão procurando um sentimento seguro do próprio eu, identificando-se com coisas ou pessoas nas quais eles mesmos se veem refletidos. Essas pessoas *querem ser significativas* de algum modo, não simplesmente ser, como na fase da primeira Casa. Uma ênfase nessa Casa pode indicar uma atitude egocêntrica com relação à vida, mas revela, mais profundamente, a atitude emocional do indivíduo e os seus *sentimentos* religiosos a respeito da vida em geral. O impulso no sentido de ter significação e a tentativa de alcançar um seguro senso de identidade se refletem em todas as questões comumente associadas a tal Casa.

As crianças, por exemplo, amiúde são focos dos nossos próprios desejos de uma identidade segura. Muitas não só recebem o nome dos pais (especialmente meninos recebendo o nome do pai), mas também vemos que muitos progenitores jogam sub-repticiamente os seus próprios desejos de reconhecimento e de realização sobre seus filhos. Uma pessoa com uma forte inclinação criativa (quinta casa) descobre que *precisa* produzir alguma coisa para se sentir bem consigo mesma.

Uma das maiores atrações dos envolvimentos amorosos (outro assunto da quinta casa) é que, embora o envolvimento possa não ter qualquer utilidade prática, e muitas vezes possa ser extremamente desintegrante, um relacionamento desse tipo nos dá uma breve experiência do nosso próprio valor simplesmente porque outra pessoa achou que somos dignos de ser amados. Num envolvimento amoroso intenso, nosso senso de identidade é confirmado; nós nos vemos na outra pessoa; e porque nos sentimos melhor com respeito a nós mesmos, a nossa própria maneira de encarar a vida se ilumina consideravelmente. Resumindo, uma forte ênfase na quinta casa, no mapa de nascimento, indica que o indivíduo deve se projetar no mundo, deve utilizar seus poderes criativos de forma responsável e consciente, para atingir o sentimento de júbilo e segurança de que tanto necessita.

A Nona Casa

A Casa de fogo cadente, a nona, representa o CONHECIMENTO no nível da IDENTIDADE, em outras palavras, conhecer quem a gente realmente é. Desse princípio essencial fluem todas as atitudes religiosas e filosóficas, todas as pesquisas e atividades com as quais essa casa normalmente é associada. A motivação que está por trás de toda a especulação religiosa e filosófica é a necessidade de conhecer a nossa verdadeira identidade. A questão "Quem sou eu?" é a fonte da qual emanam todas as indagações religiosas. Consequentemente, as pessoas que têm uma ênfase nessa casa são atraídas para atividades que ampliam os horizontes da autopercepção, capacitando-as a evoluir e ajudando-as a ganhar uma perspectiva sobre a natureza humana. As viagens ao estrangeiro e os estudos mentais superiores são os estágios iniciais dessa indagação. No estágio seguinte, a pessoa se identifica com uma doutrina religiosa, filosófica ou metafísica; e depois frequentemente se dedica a receber

conhecimento através de um mestre ou de uma organização que ela acredita representar a verdade.

As Casas de Ar

Toda a escala de relacionamento pessoal é representada por essas casas, abrangendo não apenas a maneira como a pessoa aborda os vários tipos de relacionamento, mas também os anseios sociais e as necessidades intelectuais que motivam tipos específicos de comportamento nessas áreas.

A Sétima Casa

A Casa de ar angular, a sétima, simboliza a AÇÃO no nível SOCIAL-INTELECTUAL. Desde que o relacionamento entre duas pessoas é o significado básico da sétima casa, e desde que todas as estruturas e atividades sociais dependem da qualidade de tal relacionamento, é adequado que a Casa de ar angular esteja focalizada nesse campo de experiência. Mais especificamente, todas as sociedades avançadas estão baseadas na unidade "casamento", e a estabilidade e eficiência dessa unidade social determinam, em grande parte, a viabilidade da ordem social. No nível individual, a qualidade da principal associação de uma pessoa tem um tal impacto que a sua influência impregna todas as outras áreas da vida: saúde, finanças, filhos, sexo, sucesso profissional etc. (Existe uma pesquisa sociológica que indica que a carreira de um indivíduo frequentemente sofre quando o seu casamento é desfeito.)

O aspecto intelectual dessa casa pode ser visto na maneira como as pessoas que têm a sétima Casa fortemente acentuada agradam o público, logo de imediato, quando apresentam suas ideias. Tais pessoas amiúde são procuradas como orientadoras, conselheiras e consultoras, puramente na base da sua objetividade e competência intelectual.

A Décima Primeira Casa

A Casa de ar sucedente é a décima primeira e representa a procura de SEGURANÇA SOCIAL e INTELECTUAL. Aqueles cujos mapas de nascimento estão focalizados na décima primeira Casa tendem, invariavelmente, a procurar uma associação com outros que partilhem de suas

ideias e de seus objetivos. Isso acontece porque se sentem social e intelectualmente inseguros, por isso mesmo encontram grande conforto no conhecimento de que existem outras pessoas que podem compreendê-los e aceitá-los tal como são. Essas pessoas amiúde se juntam em grupos ou se alinham com amigos que partilham da sua inclinação intelectual, embora possam não concordar, em absoluto, nos pontos específicos. A procura de segurança intelectual também os leva para vastos sistemas de pensamento, quer políticos, metafísicos, ou científicos. Essas pessoas também têm uma acentuada habilidade para facilitar as atividades de grupos, para movimentos de mudança social e para "conduzir" grandes massas de povo.

A rigidez mental tão comum nelas tem origem no fato de que são intelectualmente inseguras; em consequência, hesitam muito em mudar suas ideias depois que encontram conceitos que as satisfaçam. (Uma observação à margem, bastante interessante, é que um presidente aquariano, F. D. R.,2 idealizou o sistema conhecido como "Segurança Social", e a décima primeira casa está naturalmente relacionada com Aquário.) Para uma pessoa com a décima primeira casa forte, a maneira mais eficaz de conquistar a segurança que procura é através do estabelecimento de um forte senso de *propósito* individual, que não só satisfaça as suas necessidades pessoais mas que também *esteja em harmonia com as necessidades da sociedade como um todo*. Para evitar a rigidez e as características obstinadas dessa Casa, ela fará bem se se concentrar nos seus próprios propósitos, mais do que em conceitos, demasiadamente simplificados, que pretendem afirmar a verdade absoluta. Dessa forma poderá aplicar suas ideias de maneira concreta no sentido de aperfeiçoar a sociedade.

A Terceira Casa

A Casa de ar cadente, a terceira, é o campo do CONHECIMENTO no nível INTELECTUAL e SOCIAL. Representa, portanto, todas as formas de troca de informações, tais como as capacidades básicas de comunicação, divulgação, comércio, vendas etc. Os que têm uma ênfase na terceira casa têm necessidade insaciável de se comunicar com os outros e habilidade para lidar, de forma fácil e amistosa, com tipos das mais diversas qualidades e interesses. Sua curiosidade a respeito das pessoas e das ideias é insaciável; e essa inquisitividade as leva a fazer muitos conhecimentos casuais e a desenvolver uma bagagem intelectual ampla e flexível. Tanto os fatos básicos quanto as

ideias abstratas são importantes para essas pessoas, mesmo que tal informação esteja isolada de qualquer contexto "importante". Enquanto o conhecimento representado pela nona Casa vem através do uso da mente intuitiva inspirada, o conhecimento da terceira Casa vem através da aplicação da nossa própria lógica e razão.

Astrologia: um instrumento para o autoconhecimento

Após esse sistema de palavras-chave ter sido usado durante algum tempo, ficará claro que ele é valioso não só para a compreensão do padrão geral de vida, mostrado no mapa natal, como também porque faz com que o significado das tendências e dos ciclos, futuros e atuais, se torne muito mais apurado e psicologicamente significativo. Por exemplo, se um determinado mapa de nascimento tem falta do elemento ar, conforme indicado pelas colocações planetárias, por que então o indivíduo se interessa tanto pelas pessoas e se envolve continuamente em atividades sociais? Uma ênfase nas casas de ar revelará que, embora ele possa não ter uma *afinação de energia* com esse elemento, ainda assim ele poderá centralizar algumas das suas energias de água, de fogo ou de terra, na direção de *atividades* sociais, intelectuais e de relacionamento. Ou, se a pessoa não tem uma afinação com o elemento fogo, por que então ela parece exemplificar as qualidades entusiásticas e otimistas que supostamente não deveria ter? Uma ênfase nas casas de fogo, em seu mapa, indicará que, embora ela não tenha a afinação de energia com o elemento fogo, ainda assim derrama suas energias de ar, água e terra, em campos de experiência inspirados, criativos e idealistas.

Nos casos que foram mencionados anteriormente, os indivíduos ainda carecerão da afinação com um determinado elemento e normalmente demonstrarão alguns dos problemas relacionados com essa carência. Todavia, desde que os tipos de atividades que lhes interessem compensam, até certo ponto, o seu desequilíbrio elemental, tais pessoas amiúde experimentarão uma forma branda da dificuldade esperada. Somente por meio de um exame paciente e detalhado do mapa natal inteiro é que o astrólogo poderá avaliar até que ponto um fator astrológico compensa ou equilibra um outro. Se, todavia, uma determinada pessoa carece de ênfase nos signos de água e nas casas de

água, por exemplo, podemos quase ter certeza de que o problema indicado alcançou um severo grau de desequilíbrio.

Com referência à compreensão dos trânsitos, das progressões, dos ciclos-chave e das técnicas de projeção similares, o astrólogo que usa esse sistema já não terá que escolher um dos muitos significados possíveis – por exemplo – do trânsito de Júpiter ou de Saturno numa determinada casa, deixando a nítida possibilidade da omissão total de algum ponto principal. E será capaz de saber, com confiança, que os conselhos e as explicações que dá irão ajudar os clientes a procurarem dentro de si mesmos o significado real de um determinado período de tempo, mais do que a encorajá-los a se focalizarem em algum evento trivial ou inexistente. Esclarecendo o princípio básico envolvido numa fase particular de experiência na vida, um princípio que, invariavelmente, faz parte da situação, a despeito das condições superficiais que possam ser relatadas pelo cliente, o astrólogo profissional será capaz de eliminar muitos dos usuais esforços de adivinhação e evitará ser erroneamente conduzido pela falta de perspectiva ou pela autoilusão do cliente. Em suma, a utilização desse sistema de palavras-chave será, na prática real, mais um passo para fazer da astrologia aquilo que ela realmente deveria ser: um instrumento para promover o autoconhecimento.

2 F. D. R. – Franklin Delano Roosevelt. (N. do T.)

Apêndices, Referências e Sugestões para Leitura

Apêndice A

Dados científicos

A lista que vem a seguir inclui numerosos relatórios de pesquisas e de experimentos que tratam, direta ou indiretamente, de premissas astrológicas. Embora nenhum dos experimentos possa ser considerado uma prova conclusiva da validade da astrologia, os resultados dados a seguir indicam um apoio crescente, nos círculos científicos, para as correspondências astrológicas tradicionais entre as esferas celeste e terrestre.

1. Na física, segundo o pensamento moderno, a matéria existe em quatro estados: sólido, líquido, gasoso e plasma, que correspondem exatamente aos elementos astrológicos.

2. O dr. Eugen Jonas, psiquiatra e ginecologista tcheco, desde 1956 tem trabalhado para o estabelecimento de relacionamentos definidos entre o período de tempo de uma mulher ideal para a concepção e a fase da lua em que ocorreu o seu nascimento. Também descobriu que uma criança concebida quando há uma oposição do Sol e de qualquer dos grandes planetas (isto é, quando o Sol e o planeta estão a 180° de longitude um do outro) tem possibilidade muito maior de sofrer defeitos de nascimento, aborto, retardamento mental e outros fatores que afetam negativamente a sua saúde. Há um minucioso relatório sobre o trabalho do dr. Jonas no livro *Astrological Birth Control*, de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1972).

3. Cientistas do Sandia Laboratories, em Albuquerque, Novo México, divulgaram uma publicação intitulada "Curiosos Padrões de Acidentes Delineados Contra um Cenário de Características Ambientais Naturais", na qual declaram que os índices de acidentes – e, presumivelmente, de outras manifestações do comportamento humano – são influenciados pelas fases da Lua, pelos ciclos solares e por outros fenômenos naturais. Outras pesquisas revelaram que as variações no campo magnético ao redor da área de Albuquerque pareciam corresponder, de perto, a um aumento e a uma diminuição no índice de acidentes. (Publicado no *Time*, 10 de janeiro de 1972.)

4. O noticiário bimensal da Knoll Pharmaceutical Company, *Hospital Focus*, informa:

> ... Os corpos celestes têm efeitos distinguíveis sobre a matéria biológica. No estado atual de conhecimento, essa tese passou a ser testável e, aparentemente, foi comprovada, pelo menos em linhas gerais.
> A questão das influências celestes está apoiada em vários pilares: pode-se demonstrar que os fenômenos eletromagnéticos estão ligados, de algum modo, aos processos biológicos; o ambiente eletromagnético da Terra está sujeito a variações induzidas por outros eventos eletromagnéticos que ocorrem no sistema solar.
> ... A causa das variações geomagnéticas nunca foi completamente esclarecida mas, em adição à atividade solar, pesquisas recentes relacionam com as fases lunares.
> Todavia, dúvidas e enigmas estatísticos à parte, uma conclusão que é quase inevitável é que eventualmente será possível mostrar, com exatidão, de que modo os campos magnéticos existentes na matéria biológica podem interagir com os campos magnéticos existentes no seu ambiente.
> Ainda não se sabe qual é a causa das mudanças solares, mas uma possibilidade envolve perturbações causadas pelos planetas. O ângulo Júpiter-Sol-Saturno é, aproximadamente, de 0° a 180° a cada onze anos, tempo que coincide mais ou menos com um ciclo solar importante. (Relatado no *Hospital Focus*, 15 de fevereiro de 1965.)

5. O professor Frank. A. Brown Morrison, professor de Biologia na Northwestern University, mostrou conclusivamente que as plantas e os animais são capazes de reagir a mudanças na atmosfera magnética da Terra, mudanças essas causadas pelo Sol, pela Lua e, possivelmente, pelos planetas. Embora a ciência não possa descobrir o "mecanismo" usado para entender e interpretar sinais geomagnéticos, Brown assinala que a ciência também nunca identificou o mecanismo envolvido no sentido do olfato. Brown declara que a reação a "relógios cósmicos" interiores ou relógios biológicos tem origem "através de uma contínua reação do organismo vivo ao seu meio ambiente rítmico geofísico". ("Living Clocks", *Science* CXXX – 1959, 1535). De fato, Brown afirma que "as coisas vivas não podem viver sem marcações de tempo vindas do espaço" (ibid.). Brown também descobriu que ostras e ratos reagiam ao ambiente celeste, mesmo quando estavam isolados de qualquer contato direto com ele. Por exemplo, Brown descobriu que ratos mantidos num quarto obscurecido eram sempre mais ativos quando a Lua estava abaixo do horizonte e menos ativos quando a Lua estava acima do horizonte. A partir do trabalho de Brown, pudemos verificar que é impossível ter condições de laboratório "controladas". (Relatado em *Today's Health*, outubro de 1971; "Como as Condições Celestes Influenciam Nossa Vida", por Martin Cohen.)

6. Cientistas russos relacionaram a extensão das epidemias de gripe, no mundo inteiro, com o ciclo de onze anos das manchas solares mencionado no parágrafo 4. (Noticiado no *London Sunday Times*, 18 de julho de 1971.)

7. Na edição de janeiro de 1971, de *Kosmobiologie*, H. E. Parker anunciou que pesquisadores que trabalhavam no Institute for Cosmic Ray Research, em Indiana, descobriram que não somente as manchas solares, mas também certas condições de energia cósmica e seus raios cósmicos podem influenciar a vida e a saúde, a morte e a doença. Além do mais, cada mês tem seus próprios ritmos que, conforme os cientistas sugerem, poderiam ser indicados em todos os calendários, de modo que todas as pessoas pudessem aproveitá-los. O professor Dylhusen, um cientista-pesquisador dinamarquês, radicado nos Estados Unidos, e especialista na pesquisa dos raios cósmicos, confirmou que fatores até agora desconhecidos desempenham um papel na capacidade que o corpo tem de se recarregar! Por exemplo, nos casos em que a saúde de alguém desapareceu por causa de tensão excessiva, certos raios cósmicos parecem entrar em cena para garantir sono e repouso suficientes.

8. Os doutores Bureau e Craine alegam ter estabelecido uma correlação definida entre a harmonia do ciclo das manchas solares e combinações complexas dos períodos de Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, os quatro planetas maiores. É apontado que muitos eventos terrestres diferentes têm sido relacionados com os ciclos das manchas solares, por exemplo, abundantes colheitas de trigo, epidemias de gripe, ciclos de negócios etc. (Noticiado em *Nature*, 12 de maio de 1970, página 984.)

9. Edgar R. Wagner, doutor em Filosofia, um químico-pesquisador que estudou astrologia durante mais de cinquenta anos, escreve:

> A terra, desse modo, aparece no espaço não apenas como um planeta isolado, com um núcleo sólido, mas também como um complexo composto vivo de todas as ações dessas influências e de todas as reações a essas influências, cercado por uma aura de conchas invisíveis, porém exatamente delimitadas, de natureza elétrica, magnética e corpuscular. Portanto, não é de surpreender, e também não se poderia esperar que fosse de outra maneira, que essa sensível estrutura cósmica, que está pulsando com cada forma de energia, reaja, direta ou indiretamente, às forças planetárias. (*Kosmos*, vol. l, nº 9, agosto de 1970, p. 15.)

10. O professor Rudolph Tomaschek, geofísico internacionalmente conhecido, da Universidade de Munique, escreve:

> Eu enfatizo o adjetivo "moderno" em conexão com "cientista" a fim de evitar a ideia de essa pessoa ser simplesmente alguém que está preparado para observar os processos da natureza de modo imparcial mas, antes, de alguém que também superou o ponto de vista materialista e reconheceu que a estrutura da natureza, na parte que pode ser investigada pela ciência natural, é uma estrutura composta de campos de força cuja energia, em última análise, provavelmente é um entrelaçamento dinâmico de frequências, cujas ondas continuam sendo desconhecidas e impossíveis de definir. Segue-se, daí, que a superfície da Terra está continuamente envolvida numa constante mudança de campos gravitacionais elétricos e magnéticos, tanto externos, vindo do Sol, da Lua e dos planetas, quanto internos, vindos do próprio campo eletromagnético da Terra. (Da monografia "Campos de Força Cósmicos e Influência Astral".)

11. O psicólogo clínico Vernon Clark criou alguns testes interessantes e desafiantes, para a astrologia e para os astrólogos, em 1950 e início de 1960. Um grupo de vinte astrólogos e um grupo de controle formado por vinte psicólogos e assistentes sociais foram os participantes na série de testes. O primeiro teste exigiu que os participantes discriminassem entre um horóscopo verdadeiro e um falso. Esses astrólogos surgiram com resultados cuja probabilidade de se deverem ao acaso seria de uma em mil. Três astrólogos tiveram contagens perfeitas, quinze tiveram médias acima das probabilidades, dois tiveram resultados médios e nenhum teve resultados abaixo das probabilidades. O grupo de controle teve uma média quase que exatamente de acordo com a média de probabilidade. (Relatado no *Aquarian Agent*, vol. l, nº 9, agosto de 1970, p. 22.)

12. A predição das explosões solares tornou-se vitalmente importante para o programa espacial. Em consequência, foi noticiado na edição de 15 de maio de 1967 do "Technology Weekly", que o dr. Richard Head, do Centro de Pesquisa Eletrônica da NASA, tinha desenvolvido uma técnica de computação eletrônica para predizer as explosões solares, usando os vetores gravitacionais de Mercúrio, Vênus, Júpiter e Saturno. Essas explosões solares afetam as nossas condições meteorológicas e, talvez, também outras coisas.

13. John H. Nelson, um previsor radiometeorologista que trabalha para a RCA Communications Inc., anunciou, em março de 1951, que depois de cinco anos de pesquisa tinha desenvolvido uma técnica, usando as configurações angulares dos planetas, para prever perturbações nas comunicações pelo rádio. Embora Nelson admita que não sabe quais são as forças que vêm dos planetas e que afetam a atmosfera da Terra, suas previsões, feitas com meses de antecipação, têm uma média de mais de 85% de exatidão. Seu uso prático dos ângulos planetários oferece a prova mais convincente que se pode ter do importante conceito astrológico dos "aspectos" entre planetas. (Para maiores

detalhes, ver o livro de Nelson, *Cosmic Patterns*, publicado pela Federação Americana de Astrólogos, 1974.)

14. O Instituto Americano de Climatologia Médica, em Filadélfia, trabalhando com departamentos da polícia e do corpo de bombeiros, com grandes hospitais, com várias indústrias de grande porte e com a Escola de Medicina da University of Pennsylvania, realizou um estudo que durou três anos (de 1959 a 1961) das reações humanas às fases da Lua. As conclusões a que chegaram os cientistas foram que os casos de assassinato, de estupro, de assalto com circunstâncias agravantes e de incêndio premeditado são mais comuns durante os períodos de lua cheia. As averiguações deles indicaram que os eventos celestes tais como a lua cheia, os eclipses ou, simplesmente, as conjunções de planetas, estão diretamente relacionados com a contagem tônica na atmosfera, com a pressão barométrica, com a quantidade de umidade no ar e com outros fatores terrestres, alguns dos quais não são totalmente compreendidos. (Descobertas similares são mencionadas no artigo de A. D. Pokorny, "Fases da Lua, Suicídio e Homicídio", publicado no *American Journal of Psychiatry*, 121; julho de 1964, pp. 66-67; e no artigo de S. F. Bauer, "Efeitos Lunares sobre a Doença Mental: O Relacionamento das Fases da Lua com as Emergências Psiquiátricas", publicado no *American Journal of Psychiatry*, 125; novembro, 1968, pp. 696-97.)

15. Os cirurgiões dr. Carl S. McLemore e dr. Edson Andrews reuniram os gráficos de sangramentos excessivos de hemofílicos durante um período de oito anos. Eles anunciaram, no *The Journal of the Florida Medical Association*, que as hemorragias diminuíam todos os meses na lua nova e alcançavam um pico, todos os meses, na lua cheia, quanto a Lua se opunha ao Sol.

16. Muitas pesquisas importantes têm sido feitas pelo dr. Robert O. Becker, cirurgião-ortopedista da State University de New York, no Upstate Medical Center, em Syracusa. Antes de mais nada descobriu que a frequência das admissões em hospitais psiquiátricos tem alta relação com a intensidade do campo geomagnético. Sua pesquisa foi relatada no semanário científico britânico *Nature*, depois de ter estudado mais de 20 mil admissões. Nesse caso, a correlação foi tão forte que a probabilidade de acaso foi de menos de l em 10 mil. Em outra pesquisa ele mostrou que, sob vários aspectos, o tecido biológico (e especialmente o sistema nervoso) age como um sólido sistema de semicondutores. Becker escreve:

> Todo o organismo, inclusive o organismo humano, manifesta ciclos de atividade biológica e mental-emocional estreitamente ligados aos padrões dos campos de força geomagnéticos e correlacionados com campos de força mais complexos, de um raio de ação tanto planetário quanto terrestre-solar. O comportamento humano é influenciado, através da corrente direta do sistema central do cérebro, pelo campo magnético terrestre, pelas condições solares e planetárias e pela irradiação de energia cósmica, tanto alta quanto baixa. No momento presente, só podemos suspeitar de um relacionamento geral de algum tipo, entre o todo da espécie humana e o todo do fenômeno eletromagnético que envolve o Sol, outras estrelas e as galáxias.

Relatórios sobre os trabalhos de dr. Becker são encontrados nas seguintes publicações:

1) Becker, Bachman & Friedman: "Relação Entre a Intensidade do Campo Magnético Natural e a Incidência de Perturbações Psiquiátricas na População Humana", apresentado na Conferência Internacional sobre Campos Magnéticos Intensos; Cambridge, Mass., 16 de junho de 1961.

2) Becker, R. O. "Relacionamento do Ambiente Geomagnético com Biologia Humana", *New York State Journal of Medicine*, 63, 2215 (lº de agosto de 1963).

3) Becker, R. O., "O Mecanismo Fisiológico da Ação de Campos Magnéticos sobre Estruturas Neurais", apresentado na Academia de Ciências de Nova York, 12 de novembro de 1962.

17. Num estudo estatístico das indicações astrológicas de compatibilidade entre casais, o psicólogo e astrólogo Leslie Furze-Morrish (em *Search*, outono, 1959) demonstrou um relacionamento claro, entre casais compatíveis, e uma predominância de aspectos de 120° e 60° entre planetas, nos mapas das duas pessoas. Desde antes de Ptolomeu, os relacionamentos de 120° e 60° têm sido conhecidos, entre os astrólogos, como uma indicação de harmonia mútua das energias e das qualidades. Além disso, descobriu-se nas comparações de mapas que os planetas Júpiter e Vênus (os tradicionais planetas "benéficos" da astrologia antiga) eram mais proeminentes do que os outros planetas. Igualmente, Furze-Morrish relatou um relacionamento correspondente entre casais incompatíveis e uma predominância de aspectos mútuos de 180° a 90° entre planetas, nos dois mapas – relacionamentos angulares estes que são, tradicionalmente, por demais intensos ou discordantes. Além disso, foi descoberto que Marte era o planeta mais proeminente nesses mapas, dando apoio à suposição astrológica de que Marte (o antigo deus da guerra) provoca ou se relaciona com antagonismos, conflitos e disputas. Essa pesquisa, mais aquela feita por Nelson na RCA, e a de Jonas na Tchecoslováquia (mostrando

concepções não viáveis ocorrendo em ângulos de 180° entre planetas), todas elas mostram um suporte convincente para a teoria astrológica dos "aspectos" entre planetas, teoria esta que é a base para a interpretação da "força" ou da "debilidade" dos planetas num mapa individual.

18. O leitor também poderá ver os livros de West e Tooner, *The Case for Astrology* (que inclui outros dados importantes) e os de Michel Gauquelin, *Cosmic Clocks*, *The Scientific Basis of Astrology* e *Cosmic Influences on Human Behavior*.

Apêndice B

Astrologia e pesquisa moderna nos campos de energia

A pesquisa em muitos campos (especialmente na física, psicologia e medicina) está cada vez mais preocupada com o aspecto "energia" da vida e do ser humano. Embora possamos preferir encarar a astrologia como sendo "simplesmente" uma linguagem simbólica, devemos admitir que os símbolos são *símbolos* precisamente porque se referem a alguma realidade que de outro modo é inexprimível ou incompreensível para a consciência humana. A realidade absolutamente transcendente, à qual os símbolos astrológicos se referem, é "energia", um termo que é difícil de definir, embora todo mundo fale a respeito dele e o experimente. Não somente os físicos, mas também os membros mais progressistas das profissões de cura, estão se referindo, cada vez mais, à energia como a realidade fundamental que está oculta sob todas as manifestações particulares. A razão por que a astrologia é a linguagem simbólica mais completa e acurada, como também o instrumento mais útil para o diagnóstico, nas artes de curar e orientar, é porque a astrologia é, essencialmente, uma *linguagem de energia*, e assim sendo ela capacita os profissionais desses campos a estabelecer diferenciações acuradas entre todas as inúmeras energias que operam no organismo psicofísico humano. A astrologia, na qualidade da linguagem de energia mais completa conhecida pelo homem, pode ser para as artes da cura aquilo que a tabela periódica é para a química. E no campo da pesquisa parapsicológica pode ajudar a unificar a nossa compreensão a respeito de fenômenos diversos, tais como auras, PES e estados alterados de consciência.

A lista a seguir inclui vários aspectos da pesquisa atual na dimensão "energia" da vida, e sinto que qualquer esforço para unificar as averiguações efetuadas em campos tão diversos precisaria utilizar uma linguagem compreensiva e abrangente, tal como é a astrologia.

1. Citado da edição de abril de 1971, da *ARE News*:

> O novo foco da ciência médica está na eletrofisiologia. A Case Western Reserve University agora está usando impulsos elétricos para tratar as dores lombares e a esclerose, e também para diminuir a dor no câncer terminal.
> A eletricidade é gerada no corpo pelo movimento dos músculos. Há tanta eletricidade no sangue humano que podemos aproveitá-la e usá-la para fazer um motor funcionar! Os cientistas aprenderam que podem submergir dois pequeninos eletrodos num copo de sangue humano e a eletricidade flui dele.

2. O dr. Lloyd Graham, de Grants Pass, Oregon, que usa o magnetismo no tratamento de doenças e ferimentos, escreve:

> O corpo humano é um maravilhoso e ordenado arranjo de padrões vibratórios de ondas de luz eletromagnéticas em movimento gravitacional e irracional. (GOODAVAGE, J. *Astrology: The Space Age Science*. Nova York: Signet, 1967. p. 137.)

3. Wolf (em "Doença Como um Modo de Vida: Integração Neural na Patologia Sistêmica", *Perspectives in Biological Medicine*, 1961, 4, p. 288-305) declara que tanto a saúde quanto a doença são aspectos do modo de vida do homem. Assim, a doença não é um estado especial ou um desarranjo temporário, mas antes é parte do estado de ser do homem. Essa abordagem encara os sintomas como erupções temporárias ou intensificações de contínuos processos de energia no indivíduo, do mesmo modo como os trânsitos astrológicos produzem (ou correspondem a) intensificações de experiência, circulação de energia ou discórdias, indicadas como potenciais no horóscopo natal. Numerosos estudos têm, de fato, mostrado que a "doença" física se manifesta particularmente durante épocas de tensão mental e emocional.

4. Pesquisas recentes, realizadas na União Soviética, apontam para a existência de um outro "fator de energia desconhecido" que não a energia eletromagnética. Várias experiências, na União Soviética, tratando de PES e clarividência (que são chamadas de radiocomunicação biológica) apontam para a "hipótese... de que a transmissão telepática é realizada por algum tipo de energia ou fator até agora desconhecido para nós, pertencente ao estágio mais elevado no desenvolvimento da matéria..." (Noticiado em *Telepathy: A Science of the Future*, de R. Schaffranke *ARE Journal*, 1975 (6), pp. 215-220.) A pesquisa soviética descobriu que essa energia (l) independe da distância, (2) é alcançada sem o uso dos sentidos, (3) não tem relação aparente com as ondas eletromagnéticas, (4) contradiz a "lei" da causalidade.

Outra notícia (*Pictorial Guide to the Planets*, de J. H. Jackson, Nova York: Crowell, no prelo) aponta que a passagem por Vênus do Mariner II revelou que esse planeta tem pouco ou nenhum campo magnético, sugerindo que, se a causa planetária das atividades das manchas solares for substanciada, o efeito provavelmente não é nem inteiramente gravitacional nem inteiramente magnético. Ambos os relatórios apontam para um fator energético que poderia ser responsável pela "influência" astrológica e que poderia apontar uma dimensão de atividade que transcende as leis conhecidas da gravidade, do magnetismo, da eletricidade e da causalidade tempo-espaço.

5. Dois livros escritos por Sheila Ostrander e Lynn Schroeder (*Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* e *Astrological Birth Control*) incluem muitos relatórios de pesquisas da dimensão de energia dos fenômenos físicos, psicológicos e parapsicológicos. Embora sejam muito numerosos para podermos mencionar todos aqui, o que vem a seguir pode dar uma ideia da extensão dessa nova área de pesquisa. (Ambos os livros também contêm extensas bibliografias de pesquisas nos campos da energia humana.)

a. O dr. Harold Burr, professor de Neuroanatomia na Northwestern University, "verificou, em 1935, que toda a matéria viva, desde uma pequenina semente até um ser humano, é cercada e controlada por campos eletrodinâmicos que, por seu turno, são afetados pelo Sol e pela Lua... As descobertas de Burr parecem dar a entender que os campos eletrodinâmicos do corpo inteiro estão envolvidos na ovulação". Durante milênios, acupunturistas chineses têm sustentado que fatores no meio ambiente, inclusive o Sol e a Lua, têm profundos efeitos sobre os campos de energia (p. 70; *ABC*).

b. No Instituto de Fisiologia Clínica, em Kiev, na Rússia, foi demonstrado que as "bioenergias, circulando ao longo destes pontos de acupuntura, sobre a pele, reagem instantaneamente a atividades ocorridas no Sol, tais como as explosões solares. No momento em que há a explosão de uma chama solar, o potencial elétrico dos pontos de acupuntura, sobre a pele, sobe. A pele reage praticamente em paralelo com os eventos ocorridos sobre o Sol, antes que as partículas cósmicas liberadas pela explosão alcancem a Terra um dia mais tarde" (p. 71; *ABC*).

c. Burr e seus colegas, particularmente o dr. Leonard Ravitz, surgiram com um novo modelo de coisas vivas tais como "sistemas elétricos de estado constante". Eles falam de "marés elétricas" na atmosfera, vindas do Sol e da

Lua, e da influência delas sobre o estado estável dos organismos. Num artigo chamado "Mudanças Periódicas nos Campos Eletromagnéticos" (Anais da Academia de Ciência de Nova York, LCVIII, 1960, 1181), Ravitz escreve que descobriu que a ação do Sol e da Lua afeta o campo de energia que cerca cada um de nós. Descobertas similares são relatadas pelo dr. Becker (Ver Apêndice A), referentes às mudanças sutis nos campos eletromagnéticos da Terra ("causadas" pelo Sol, pela Lua e pelos planetas) que alteram, realmente, o campo de força do corpo humano que, por seu turno, afeta o sistema nervoso.

Na edição de abril de 1959 do *American Journal of Clinical Hypnosis*, Ravitz escreve: "... o organismo vivo pulsa com variações rítmicas individualmente cronometradas, cujas intensidades, elasticidades e direções são amplificadas, condensadas, aceleradas, desaceleradas e invertidas de acordo com outras frequências. Por trás desse frenético fluxo e refluxo de energia a Lua permanece silenciosamente distante, ela própria impelida... ao longo de trilhas invisíveis... pelas mesmas forças que operam sobre e dentro da matéria viva (p. 72; *ABC*).

d. Uma seção do *Psychic Discoveries* trata da descoberta e da fotografia de "formas de energia" específicas ou "padrões de energia" que, de fato, constituem a verdadeira vida de qualquer organismo vivo. O fato de que esse padrão de energia essencial, existente em todas as coisas vivas, determina a *forma* material que percebemos com os sentidos, aponta para um outro fato – que algum tipo de padrão organizador invisível é inerente a todas as coisas vivas, justamente como L. L. Whyte escreve em seu livro *Accent on Form* (Ver Capítulo 4). É isso que Dane Rudhyar tem chamado, durante anos, de "semente-padrão" mostrado no mapa de nascimento. O que a astrologia revela, e grafa simbolicamente, é simplesmente esse padrão organizador que existe em cada ser humano.

e. "O falecido dr. Gustaf Stromberg, astrônomo americano de renome mundial, foi um dos primeiros a se encaminhar para essa ideia de ritmos e de frequência. Ele postulou a ideia de que a estrutura dos organismos vivos é determinada por 'sistemas de ondas' ou 'campos eletrodinâmicos vivos'. Esses campos parecem ser as matrizes que, organizando as moléculas em formas complexas de plantas, de animais e de humanos, dão à matéria viva a sua forma e a sua constituição. Ferimentos cicatrizam e órgãos danificados se reconstroem, voltando à sua simetria original. Isso implica um padrão de

energia estabilizador, responsável pela modelagem dos tecidos vivos" (p. 125; *ABC*).

"Nós podemos comparar um campo vivo com uma melodia, diz Stromberg. Uma melodia é uma sequência ritmada de frequências. A melodia é a mesma, quer seja tocada depressa ou devagar, alto ou baixo. Do mesmo modo, os campos vivos de um embrião que está crescendo conservam o mesmo padrão de frequências conforme vai passando por grandes mudanças em tamanho e, eventualmente, vem a se tornar um ser humano maduro. Stromberg postulou que na célula do óvulo humano os campos podem ser imaginados como existindo numa forma extremamente adormecida e condensada, quase que como uma potencialidade pré-física." Na opinião de Stromberg, o corpo físico das coisas vivas não é a *causa* dos campos de energia, mas o *resultado* (pp. 125-126; *ABC*).

f. O dr. Eugen Jonas, da Tchecoslováquia, declara que um indivíduo, no momento da criação, aceita um impulso básico dado pelo universo, uma espécie de alcance vibracional que será mais ou menos permanente no que se refere ao seu organismo. Em outras palavras, quando o espermatozoide e o óvulo se unem para criar uma nova vida, os campos de força organizadores do óvulo fertilizado têm sua ciclagem estabelecida pelas frequências dos padrões de ondas de energia do universo, naquele determinado instante. Se os padrões são invulgarmente favoráveis, o indivíduo terá extrema vitalidade... Jonas sugere que as configurações existentes no cosmos fazem parte da impressão que forma os padrões de frequência de um ser humano no início da vida (p. 127; *ABC*).

g. Os acupunturistas acreditam que a Energia Vital do corpo liga o homem ao cosmos. Se há uma mudança no universo e no ambiente é produzida uma *ressonância* na energia vital do corpo humano, que por seu turno afeta o corpo físico. (p. 229; *Psychic Discoveries*).

h. O efeito total da pesquisa soviética moderna na parapsicologia nos leva a presumir que o campo de energia humano "reage ao pensamento, à emoção, ao som, à luz, à cor, aos campos magnéticos, a qualquer mudança sutil no meio ambiente, vinda da grama sobre a qual caminhamos ou dos planetas que raramente notamos" (p. 234; *PD*).

6. O interesse atual pelos campos de energia não está, realmente, preocupado com um fenômeno novo. Não somente o sistema iogue indiano se referiu, durante milênios, a *Kundalini* (uma espécie de libido compreendendo as

energias psíquica e física e a energia potencialmente espiritual) e aos *chacras* (centros de energia rodopiantes, existentes dentro do homem) mas também muitos clarividentes disseram ver a "aura" de indivíduos, sendo que por meio dela podiam deduzir o estado de saúde, psicológico e físico da pessoa. A clarividente Eileen Garrett escreve:

> Estou convencida de que todo organismo vivo tem seu próprio jeito de ser externo, por meio do qual ele entra em contato com outras energias... Esta rede "magnética", então, é um mapa através do qual a doença da mente e do corpo pode ser alcançada e estudada por aqueles que compreendem seus princípios e suas funções. (*Adventures in the Supernormal*. Nova York: Creative Age Press, 1949. p. 173.)
>
> Desde que o campo magnético interpenetra o corpo físico e também se exterioriza para se relacionar com outras energias existentes no universo, o homem fica estreitamente ligado a todas as forças cósmicas que agem sobre o nosso planeta através de seu campo magnético. (Ibid., p. 174)

Esta última citação parece se referir à mesma realidade que a pesquisa soviética encontrou recentemente. (Ver seção 5 h, neste Apêndice.) Poderíamos concluir, por esta última ideia, que o mapa natal astrológico simboliza a afinação específica do indivíduo com as forças cósmicas, estabelecendo assim, no nascimento, a frequência básica, o ritmo e a ressonância do seu campo de energia particular. Conforme escreve Garrett: "A 'natividade' de qualquer substância marca a sua natureza e o seu destino natural e, no caso de coisas manufaturadas, marca a sua fabricação e o propósito para o qual foram feitas" (Ibid., p. 175).

7. Muitos sistemas de cura não utilizaram outros instrumentos além das energias efetivas do paciente e do curador. (A diferença entre "medicina" e "cura" toma-se clara quando compreendemos que "cura" e "integral" são palavras etimologicamente relacionadas. Consequentemente, um verdadeiro sistema de cura está concentrado na restauração do paciente até levá-lo a um estado de integridade, ao passo que muito da prática médica moderna ignora a questão da integralidade e se concentra em sintomas superficiais.) A citação seguinte, tirada de Arthur Ford, dá uma indicação a respeito de como certos sistemas de cura operam:

> Que o corpo humano emite radiação é algo que tem sido cientificamente conhecido desde 1923, quando essa irradiação foi medida pelo cientista de Leningrado, Alexander Gurwitsch. Em 1934, George W. Crile demonstrou que o tecido do cérebro emite radiação nas extensões visíveis do infravermelho e do ultravioleta. As radiações humanas mais fortes – enuncia o pesquisador da

> Cornell, dr. O. H. Rahn – emanam das pontas dos dedos da mão direita... (*Unknown but Known*, 1974, p. 61.)

Esse fato poderia explicar por que a "imposição das mãos" tem sido um método de cura respeitado em muitas culturas e em muitas religiões, e também por que a mão direita geralmente é considerada a mão "positiva". O dr. Randolph Stone, cujo sistema de cura não usa nada além de duas mãos e da energia de duas pessoas, escreve:

> Nossa pesquisa na psiquiatria seria muito beneficiada se pudéssemos reduzir essa confusão de impulsos mentais e emocionais do homem até chegar a uma ciência exata da anatomia mental-emocional, coordenada com a anatomia física. Então poderia ser estabelecida uma psicofisiologia bem fundamentada e até mesmo uma patologia destes campos de energia mais sutil. Esse seria um grande passo à frente, na ciência da compreensão dos mistérios do complexo ser humano, que desafia todas as regras e descobertas atuais, feitas pelo homem. (*Polarity Therapy*, publicado pelo autor, 1954. p. 14.)

Apêndice C

Astrologia e Terapia da Polaridade

Há uma troca de energia em todas as coisas, uma pulsação rítmica, de contração e expansão, que nos habilita a reconhecer que uma planta, um animal ou uma pessoa estão "Vivos". Até mesmo os dentes e os ossos tomam parte nesta troca vital de energia com o reservatório universal. Toda a substância resulta da combinação ilimitada de frequências de energia, e as energias básicas que estão em atividade foram chamadas de quatro humores, ou quatro elementos, ou então foram chamadas, em conjunto, de Q.I., Prana, Mana, Força Vital, como também outros nomes, dependendo da cultura envolvida. Toda planta viva, animal e ser humano, é um complexo campo de energia operando simultaneamente em vários níveis, e cada um deve manter a sua própria frequência individual para assegurar o seu crescimento e desenvolvimento. No instante do nascimento, a primeira respiração inicia o nosso abastecimento direto de energia, a nossa linha vital com o Poder Universal, a nossa afinação imediata com o cosmos. Enquanto o nosso padrão particular de energia permanece bem organizado e flui sem obstrução, estamos afinados com o suprimento universal de força vital e experimentamos esse estado de ser alguém com saúde perfeita e bem-estar emocional. Todavia, por causa de choques físicos, mentais ou emocionais, de dietas impróprias ou de padrões emocionais e mentais negativos, a maior parte de nós vive num estado de constante tensão e acaba se sentindo "desafinado". Em outras palavras, as correntes de energia que nos animam ficam bloqueadas, desequilibradas ou fora de fase e, consequentemente, sentimos dor, doença, cansaço ou depressão.

Naturalmente, não há vida sem tensão; ninguém pode lidar com o mundo material sem sofrer pressões. A Terapia da Polaridade não está baseada na ilusão de que podemos alcançar um estado de constante relaxamento e um ponto final para todos os conflitos. Antes, ela é baseada no fato de que a maioria das pessoas tem capacidade para utilizar suas energias com mais eficiência (mas elas gastam uma boa quantidade de energia simplesmente no

esforço para bloquear a expressão de algumas energias) e podem atravessar vitoriosamente as suas experiências conflitantes. Com mais percepção e focalização do que o fizeram no passado. A Terapia da Polaridade é baseada no fato de que a mente, as emoções e o corpo físico trabalham em conjunto e têm uma interação mútua. Por exemplo, não somente as emoções e os pensamentos afetam o corpo, mas também a dieta, o meio ambiente físico e o estado de saúde geral têm um profundo impacto sobre o estado interior do ser. Durante o tratamento com um terapeuta qualificado, da Polaridade, as emoções e os pensamentos, a dieta, o exercício, os hábitos de vida e as inclinações espirituais são levados em consideração; o tratamento é holístico e, naturalmente, o mapa natal é de um valor incalculável na compreensão da totalidade do cliente, das suas necessidades particulares, seus anseios, conflitos, suas fraquezas físicas e assim por diante.

O campo de energia humano agora é um fato científico que a acupuntura, a fotografia Kirlian e outras pesquisas forçaram a ciência ortodoxa a reconhecer. Naturalmente, esse conceito do campo de energia viva do homem não é nenhuma coisa nova. Durante milênios os psíquicos têm visto "auras", usando-as para diagnosticar problemas físicos, mentais e emocionais. Infelizmente, hoje em dia, recebemos tanta "instrução" que bem cedo na vida esquecemos o que é real. Nossa mente fica tão atravancada com tantas informações inúteis e com tantos conceitos mentais obsoletos que são necessários muitos anos para restabelecermos nossa sensibilidade original às energias que se manifestam através da totalidade da vida. A Terapia da Polaridade é uma forma de trabalhar imediatamente com as energias vitais, é uma educação a respeito de como as forças vitais operam como um instrumento terapêutico de espantoso poder. A essência da Terapia da Polaridade é elegante na sua simplicidade, embora na superfície ela possa dar ao noviço a impressão de ser uma ciência tão confusa que jamais poderá ser dominada. Nesse sentido ela é como a astrologia: um sistema tão simples e tão unificado na sua essência, que são necessários muitos anos de prática para perceber sua simplicidade.

A Terapia da Polaridade é uma forma de trabalhar com as energias fundamentais da vida, uma forma de trazer essas correntes (fogo, ar, terra e água) para um estado de equilíbrio e de remover as obstruções que impedem a sua livre circulação por todo o campo de energia. A Terapia da Polaridade é um dos sistemas, existentes nas artes curativas, que capacitam o profissional a

trabalhar imediatamente com as energias simbolizadas pelo mapa de nascimento individual. O fato de fazer com que esse equilíbrio circulatório se estabeleça permite que as próprias energias realizem qualquer cura que precisa ser realizada. O terapeuta não é, de modo algum, um curador; ele simplesmente estimula as próprias forças curativas do cliente para que elas se afirmem. A condição de equilíbrio, resultante de um tratamento por meio da Terapia da Polaridade, permite esperar que se experimente um notável grau de relaxamento profundo, assim como um aumento da percepção das próprias necessidades fundamentais das energias e dos potenciais de desenvolvimento.

Antes de passarmos a tratar, mais especificamente, das técnicas e das implicações da Terapia da Polaridade, alguns antecedentes históricos poderão ser úteis. A Terapia da Polaridade foi desenvolvida e sintetizada, na sua forma atual, pelo dr. Randolph Stone, um osteopata e quiroprático que tinha mais de sessenta anos de clínica ativa. Combinando a inspiração, a percepção profunda, a sensibilidade psíquica e a instrução pessoal recebida de muitos médicos, curadores e mestres espirituais do mundo inteiro (mais especialmente da Índia), o dr. Stone começou a formular os princípios da Terapia da Polaridade na década de 1940 a 1950. Publicou numerosos livros sobre o assunto (todos eles ainda podem ser obtidos através de canais privados, mas dificilmente poderão ser encontrados em livrarias) e continuou a ensinar a Terapia da Polaridade em seminários, até se aposentar, em 1973, aos 84 anos de idade. A Terapia da Polaridade não tem paralelo no sentido de que, embora seja relacionada com a acupuntura, o Shiatsu, os métodos de cura da ioga, a medicina Ayurvédica, a Terapia de Zona e a Reflexologia, ela inclui a essência de todos esses sistemas e é inteiramente compatível com as disciplinas espirituais e com os fatores astrológicos.

A clarividente Eileen Garrett, no seu livro *Awareness*, descreveu centros de energia, existentes no corpo humano, idênticos aos chacras da tradição ioga e aos conceitos expressados nos livros do dr. Stone. Ela declara: "Embora haja muitas terapias, há apenas um tipo de cura. Quer tratemos o homem no seu organismo físico, quer nos seus estados psicológicos, o nosso objetivo é a reintegração das forças da sua vida". O dr. Stone considera que essas forças vitais são os mesmos quatro elementos que formam o alicerce de toda a teoria astrológica. Os elementos estão relacionados com funções específicas, física e psicologicamente, e também com certos centros de energia (chacras) existentes no campo total de energia. De acordo com o dr. Stone, os quatro elementos

(chamados "os tatwas", em sânscrito) são o campo e os tecidos estruturais da anatomia.

Eles suportam os ventos vitais de "prana" que circulam através do nosso corpo. São os construtores invisíveis de todas as estruturas de vida e devem operar em harmonia um com o outro para a pessoa ter boa saúde.

De acordo com o dr. Stone, essas energias são "uma variedade sutil da natureza da substância da mente e das emoções em suas várias funções". Ele prossegue dizendo:

> Assim como os corpos planetários exercem uma influência em certos relacionamentos entre uns e outros, assim também os campos eletromagnéticos que os representam num corpo humano estimulam ou inibem funções vitais nesse indivíduo. No macrocosmo, os signos e os planetas corporificam notas-chave de formas atômicas que diferem em polaridade e efeito... Elas nos afetam por meio das mesmas ondas de energia vibratória que estão dentro de nós e às quais reagimos. Há centros definidos, em nós, que correspondem a certos centros que há no universo. Como o ar que respiramos, a ação radiônica de energias mais sutis, existentes no universo, sustentamos nosso corpo físico. Temos um relacionamento definido com essas forças, mas exteriormente não temos controle sobre elas.

Os quatro elementos

Na Terapia da Polaridade (e também na Medicina Ayurvédica) o elemento *ar* está relacionado com o sistema nervoso, a sensação mental, a percepção e a expressão. O *fogo* é o princípio cálido e energizante do sistema circulatório. A corrente de fogo se manifesta como a luz dos olhos e o calor do cérebro (Áries), o fogo da digestão na área do plexo solar (Leão) e a energia motora nos quadris (Sagitário). A corrente de ar é especialmente ativa nos pulmões e na forma de inteligência expressada através das mãos (Gêmeos) e da área dos rins (Libra) e carrega eletricamente o corpo na área dos tornozelos (Aquário). A água é o princípio calmante, curativo e nutritivo, que se expressa através de todas as glândulas de secreção e de todas as membranas mucosas (Câncer, por exemplo, tradicionalmente rege os seios; Escorpião, os órgãos genitais e o nariz; e Peixes, o sistema linfático). O elemento *terra* refere-se à matéria grosseira do corpo, à força física e à assimilação e eliminação da matéria terrena necessária para a manutenção do corpo físico. Tradicionalmente, Capricórnio rege os ossos, os dentes e a pele: Touro está imediatamente afinado com as formas tangíveis de todas as coisas terrenas; e Virgem relaciona-se com os intestinos.

O dr. Stone diz que a compreensão dessas energias fundamentais "é a base do mistério da ligação entre a Consciência e a Matéria". Assinala que a prática médica geral de hoje em dia é grosseiramente física, melhor do que atômica nos seus princípios e na sua aplicação. Não obstante, conforme a astrologia esclarece, o verdadeiro ciclo vital de qualquer criatura viva começa como um processo de linhas de força específicas, de afinações de energia específicas, que são liberadas segundo uma semente-padrão ou específica. A crítica do dr. Stone à moderna medicina mecanicista pode ser igualmente aplicada à prática geral da Astrologia Médica, pois muitos dos profissionais que estão envolvidos nessa área tendem a isolar órgãos específicos, áreas do corpo e nomes de "doenças", o que, na realidade, não traz nada de bom. Uma abordagem mais construtiva da astrologia médica e da própria prática das artes curativas deveria centralizar-se nas funções e nos *processos* que estão perturbados.

Como um exemplo, o fato de sabermos que o signo de Libra "rege" os rins não nos dá muita compreensão ou não nos dá nenhum meio para prevenirmos os problemas renais. Mas o fato de compreendermos que o signo de Libra e os rins estão relacionados com a corrente circulatória da energia do ar, e de sabermos que essa energia pode ser estimulada, alterada e redirigida, pode abrir os nossos olhos para uma abordagem de cura inteiramente nova, uma abordagem envolvida com as energias fundamentais que animam toda a criação. Uma tal abordagem pode nos fornecer uma teoria unificada e holística da saúde, da "doença" e da cura. A doença não é um estado especial mas, antes, faz parte da maneira de ser do homem; ela pode ser encarada como uma erupção momentânea ou como uma intensificação dos processos funcionais. Uma abordagem da astrologia médica no nível da energia pode nos dar uma indicação a respeito dos processos contínuos que animam cada um de nós; e a astrologia nos dá uma linguagem com a qual podemos descrever, não somente os tipos de energia mas, também, dinâmicas específicas de energia.

É impossível descrever acuradamente a multidão de técnicas e de processos utilizados num tratamento pela Terapia da Polaridade. Todos os profissionais da Terapia da Polaridade estudaram o assunto em salas de trabalho destinadas à apresentação de demonstrações em primeira mão, e depois passaram para a prática repetida das várias técnicas, em muitas pessoas diferentes, para que uma compreensão verdadeira dos princípios envolvidos pudesse ser alcançada. Todavia, se tomássemos como exemplo o caso acima citado, de "problema renal", a Terapia da Polaridade consideraria a pessoa

como um todo, inquirindo a respeito dos hábitos alimentares do indivíduo, do estado psicológico e das situações presentes no momento que poderiam ser importantes etc. A corrente de ar indubitavelmente estaria bloqueada e as manifestações sintomáticas seriam a dor nos rins (Libra), talvez inchação ou intumescimento dos tornozelos (Aquário) e muito provavelmente limitação do diafragma e dos pulmões (Gêmeos), que a pessoa talvez nem mesmo percebesse. O terapeuta, então, poderia trabalhar diretamente nessas áreas do corpo, utilizando técnicas específicas para libertar a corrente de energia do ar. Em muitos desses casos, porém, iria descobrir que a corrente de água também estava bloqueada e que, com efeito, ela estava sufocando o elemento de ar, e que conflitos emocionais específicos estavam sendo experimentados pelo indivíduo naquela ocasião. Um rápido exame dos trânsitos e das progressões do momento normalmente indicariam, muito especificamente, qual seria a natureza do conflito: então, a discussão do problema com a pessoa, aliada à aplicação simultânea de técnicas manipulativas, teria o efeito de trazer uma percepção total de como o indivíduo estava bloqueando o seu próprio fluxo de energia. Enquanto o tratamento estivesse em curso, o terapeuta notaria o fluxo mais desembaraçado da respiração, os suspiros fundos, os bocejos, o espreguiçamento e outras indicações da liberação da corrente de ar.

Para dar outro exemplo, digamos que chega um cliente que tem muitos aspectos intensos dirigidos a planetas situados no seu Escorpião natal, e que esses aspectos intensos atualmente estão sendo ativados por trânsitos ou progressões, resultando num bloqueio da corrente de energia da água e numa grave turbulência emocional. Num caso desses, não trabalharíamos somente com a área pélvica do corpo, mas também daríamos especial atenção aos pés (Peixes), a toda a área digestiva (Câncer) e a certos pontos existentes no corpo, que estão relacionados com o fluxo emocional. À medida que a corrente de água fosse sendo liberada, a pessoa daria curso a expressões emocionais específicas, quer através de suspiros ou choro, quer falando sobre a sua dor ou simplesmente renunciando aos desejos e às expectativas que estavam, antes de mais nada, criando a tensão. Um sintoma físico da purificante e calmante corrente de água é uma transpiração bastante acentuada. Então, assim que as correntes estão com a sua circulação mais ou menos restabelecida, podemos começar a polarizar o campo de energia por meio da aplicação de outras técnicas. As primeiras polaridades que devem ser trabalhadas são indicadas pelos pares de signos opostos no zodíaco. Por exemplo, com o cliente cujos

planetas em Escorpião estão sendo ativados, polarizaríamos o sacro (Escorpião) com o pescoço (Touro) colocando uma mão em cada uma dessas áreas e mantendo essa posição até o equilíbrio ser alcançado. Para alguém com bloqueios na corrente dos pulmões, ou de ar (indicados, por exemplo, por aspectos intensos dirigidos a planetas em Gêmeos) polarizaríamos os quadris, as nádegas e a área das coxas (Sagitário), junto com a área das omoplatas (Gêmeos). (Incidentalmente, essa polaridade em particular é extensamente tratada no livro sobre acupuntura, do dr. Louis Moss, *Acupuncture and You*, no qual chama essas duas áreas específicas de "zonas de disparo" para o tratamento da artrite por métodos de acupuntura.)

Embora um observador objetivo de um tratamento pela Terapia da Polaridade possa pensar que estamos trabalhando só com o corpo físico, o que acontece, de fato, é que o campo de energia do terapeuta está ativando, simultaneamente, os campos de energia física, mental e emocional do cliente. Todos os diferentes níveis do ser são afetados por um tratamento, embora algumas pessoas muito inconscientes não percebam esse aspecto da terapia. Quase todos, porém, experimentam uma reação imediata a um tratamento em níveis muito profundos e o quanto irão ganhar com isso dependerá totalmente da sua receptividade para a experiência e do seu nível de autoconhecimento. Também deve ser apontado que muitos terapeutas da Polaridade não são astrólogos. O próprio dr. Stone estava bastante familiarizado com a astrologia e obteve dela algumas das suas percepções, mas não era astrólogo praticante. Consequentemente, a maioria dos terapeutas da Polaridade não percebe a extensão do valor que a astrologia pode ter como instrumento. Todos são tratados numa compreensão dos quatro elementos e de suas funções, mas a questão só vai até esse ponto. Devo dizer, porém, por uma questão de honestidade, que alguns dos melhores terapeutas não têm qualquer conhecimento astrológico; portanto, não se deve presumir que isso tira, necessariamente, o valor de seus trabalhos. A Terapia da Polaridade, em si, é um sistema de imenso poder e de grande valor, e a adição do conhecimento astrológico simplesmente capacitará o profissional a ter uma sintonia maior com o indivíduo que está trabalhando e a desenvolver uma perspectiva mais ampla a respeito daquilo que a pessoa está atravessando e quanto tempo isso irá durar.

Do mesmo modo, para os astrólogos profissionais, é imenso o valor de aprender a Terapia da Polaridade. Primeiro porque o astrólogo que tem algum

grau de perícia nesse campo já não terá que se contentar com um bom conselho, com um tapinha no ombro e com o encorajamento filosófico como um remédio para os clientes que têm problemas graves. Antes, ele pode trabalhar imediatamente com as energias vitais, pode ajudar a pessoa a atravessar mais rapidamente os períodos de tensão e pode dar ao seu cliente uma experiência imediata de como as forças vitais operam nele. Outro valor da Terapia da Polaridade é que, depois de a pessoa ter atravessado um período de grandes tensões (indicado pelos vários trânsitos, ciclos etc.), alguns tratamentos a capacitarão a readquirir mais rapidamente o seu equilíbrio e a liberar os efeitos residuais psíquicos e físicos, que de outro modo poderiam permanecer durante anos. O fato é que a maioria das pessoas ainda carrega consigo as tensões residuais e as cicatrizes de choques passados quando poderiam ter se livrado delas anos atrás. A Terapia da Polaridade é uma maneira de encorajar esse tipo de amadurecimento.

Embora muitos dos terapeutas da Polaridade não sejam médicos, conheço pessoalmente dois médicos que utilizam esse sistema na sua prática diária. Em adição, dúzias de quiropráticos frequentaram as salas de trabalho e os seminários do dr. Stone, e alguns deles integram essas técnicas com ajustamentos quiropráticos. O método usual de procedimento para se ter um tratamento pela Terapia da Polaridade é marcar uma série de pelo menos três consultas, sendo que durante esse período também se deve seguir uma dieta purificadora especificada pelo dr. Stone. O efeito cumulativo da dieta e da série de tratamentos é muito mais poderoso do que receber apenas um tratamento e esperar alguma cura milagrosa. Esse sistema não tem absolutamente nada a ver com a cura pela fé, com a cura espiritual ou com a cura psíquica. É uma ciência definida e sua prática adequada não precisa exaurir o profissional, pois ele está, simplesmente, estimulando as próprias energias do cliente, mais do que derramando as suas para que elas compensem a situação de esgotamento do cliente.

Assim que o equilíbrio dos elementos, num determinado mapa, tenha sido verificado, também é possível prescrever uma dieta de acordo com as necessidades do indivíduo. O dr. Stone classificou os alimentos de acordo com os elementos, determinando quais as essências de energia que eles contêm. Isso não é, de modo algum, uma novidade, pois a antiga medicina indiana Ayurvédica tem sido isso durante milênios. Uma listagem completa dos princípios que regem as dietas do dr. Stone pode ser encontrada em seu livro, e

informações a respeito das salas de trabalho da Terapia da Polaridade podem ser encontradas nas publicações da CRCS. Juntas, a astrologia e a Terapia da Polaridade formam o sistema mais acurado e eficiente que vi até agora para enfrentar os desafios da vida e construir um sólido estado de saúde e de integralidade.

Referências Parte 1

Capítulo 1

EINSTEIN, A. *Ideas and Opinions*. Nova York: Crown Publishers, 1954.

FREUD, S. Citado nas transcrições do Simpósio Psi Universitário-Universalista, 1970.

KEPLER, J. *Somnium*. Madison: University of Wiscorisin Press, 1967.

MARRONE, R. L. *Consciousness and evolution: a radical introduction to psychology*. (Manuscrito não publicado). Sacramento State College, 1971.

OPPENHEIMER, R. Palestra na Convenção da Sociedade Psicológica Americana, 1971.

RUDIN, J. *Psychotherapy and religion*. South Bend. Ind.: Notre Dame University Press, 1968.

SMITH, H. Editorial no *The Cooperator*, 1971, l, p. 1-4.

STOSSEL, H. *Cosmobiology*, 25 de julho de 1959.

WHYTE, L. L. *Accent on Form*. Nova York: Harper & Bros., 1954.

Capítulo 2

GOETHE, J. *Fausto*. Trad. para o inglês por Bayard Taylor. Nova York: Modern Library, 1950.

GOODAVAGE, J. *Astrology: The space age science*. Nova York: Signet, 1967.

JEANS, J. *The mysterious universe*. Nova York: Macmillan, 1932.

LAUCKS, I. Editorial no *The Cooperator*, 1971, 1. p. 5.

MOWRER, O. H. "Pecado", o menor de dois males. In: ZAX, M.; STRICKER, G. (Org.) *The study of abnormal behavior*. 2.ed. Nova York: Macmillan, 1969.

RUDIN, J. *Psychotherapy & religion*. South Bend, Ind.: Notre Dame University Press, 1968.

Capítulo 3

CREBO, Anna. A criatividade, a psicologia e o cosmos. *The Journal of Astrological Studies*, 1970, l, p. 74-83.

DOBYNS, Zipporah. A integração da astrologia e da psicologia humanística. *Kosmos*, 1971, 4(1), p. 8-10.

GOETHE, J. Apud WHYTE, L. L. *Accent on Form*. Nova York: Harper & Bros., 1954.

JUNG, C. G., *The undiscovered self*. Nova York: Mentor, 1958.

MAY, R. Angel, E.; ELLENBERGER, H. F. (Org.) *Existence: A new dimension in psychiatry andpsychology*. Nova York: Basic Books, 1958.

_____. Bases existenciais da psicoterapia. In: ZAX, M.; STRICKER, G. (Org.). *The Study of Abnormal Behavior*. 2.ed. Nova York: Macmillan, 1969.

RUDHYAR, D. *A parte da fortuna*. Palestra na Convenção da Federação Americana de Astrólogos, Boston, 1964.

RUDHYAR, D. *AFA Bulletin*, Washington, D.C., 20 de novembro de 1968.

_____. Como provar que são válidas as alegações da astrologia? *Aquarian Agent*, 1970, 10, p. 7-9.

RUPERTI, A. A Astrologia e as necessidades do homem moderno. *Kosmos*, 1971, 4(2), p. 5-8.

SUZUKI-ROSHI, S. *Zen Mind, beginner's mind*. Nova York: Walker/Weatherhill, 1970.

TEILHARD DE CHARDIN, P. *Esquisse d'un univers Personnel*. Paris, 4 de maio de 1936.

VAN DUSEN, W. A profundidade natural no homem. In: ROGERS, C.; STEVENS, B. (Orgs.). *Person to person: The problem of being human*. Lafayette, Calif. Real People Press, 1967.

WHYTEM, L. L. *The next development in man*. Nova York: H. Holt, 1948.

WHYTE, L. L. *Accent on form*. Nova York: Harper & Bros., 1954.

Capítulo 4

CAMPBELL, J. O desenvolvimento histórico da mitologia. In: MURRAY, H. A. (Org.). *Myth and mythmaking*. Nova York: George Braziller, 1960.

CARRÉ, M. H. *Phases of thought in medieval England*. Londres: Oxford Univer. Press, 1949.

DOBYNS, Zipporah. A astrologia como instrumento psicológico. *Aquarian Agent*, 1970, 1(9), 1.

JUNG, C. G. Entrevista com André Barbault. *Astrologie Moderne*, 26 de maio de 1954.

_____. *Archetypes and the collective unconscious*. Nova York: Bollingen Foundation, 1959.

JUNG, C. G. *The structure and dynamics of the psyche*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1960.

METZNER, R. Astrologia: Ciência potencial e arte intuitiva. *The Journal of Astrological Studies*, 1970, l, 164-177.

WHITMONT, E. Por que causalidade? *Aquarian Agent*, 1970, l(13), 8.

WHYTE, L. L. *Accent on form*. Nova York: Harper & Bros., 1954.

Capítulo 5

BARNETT, L. Apud HONE, Margaret. *The Modern text book of astrology*. Londres: Fowler, 1951.

DOBYNS, Zipporah. A integração da astrologia e da psicologia humanística. *Kosmos*, 1971, 4(1), 8-10.

EBERTIN, R. *The combination of stellar influences*. Aalen, Alemanha: Ebertin-Verlag, 1960.

GLYNN, T. Uma ligação entre o estado alfa e uma base científica da astrologia. *AFA Bulletin*, 1972, 34 (3), 28-31.

MAY, R. Bases existenciais da psicoterapia. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1960, 30, 685-695.

PAY, R. A posição dos planetas ligada à predição de explosões solares. *Technology Week*, 15 de maio de 1967.

RUDHYAR, D. *The astrology of personality*. Nova York: Lucis Publishing, 1936.

_____. *An astrological Study of psychological complexes and emotional probleme*. Wassenaar, Holanda: Servire, 1966.

_____. *The Practice of Astrology*. Wassenaar, Holanda: Servire, 1968.

_____. *Birth patterns for a new humanity*. Wassenaar, Holanda: Servire, 1969.

RUDHYAR, D. *The planetarization of consciousness*. Wassenaar, Holanda: Servire, 1970.

RUPERTI, A. A astrologia e as necessidades do homem moderno. *Kosmos*, 1971, 4(2), 5-8.

Capítulo 6

BUGENTHAL, J. F. T. *Challenges of humanistic psychology*. Nova York: McGraw-Hill, 1967.

MAY, R. Bases existenciais da psicoterapia. In: ZAX, M.; STRICKER, G. (Org.). *The Study of abnormal behavior*. 2. ed. Nova York: MacMillan, 1969.

ROGERS, C.; STEVENS, B. *Person to person: The problem of being human*. Lafayette, Calif.: Real People Press, 1967.

RUDHYAR, D. *AFA Bulletin,* 20 de novembro de 1968.

_____. *Astrology for new minds*. Lakemont, Ga.: CSA Press, 1969.

_____. Astrologia humanística. *Aquarian Agent*, 1971, 2 (1), 4-5.

TERMERLIN, M. Sobre escolha e responsabilidade numa psicologia humanística. *Journal of Humanistic Psychology*, 1963, 3 (1).

Sugestões para leituras relacionadas com a astrologia, a psicologia e os elementos

Carter, Charles E. O.
The Astrological Aspects
An Encyclopedia of Psychological Astrology
Collin, Rodney
Theory of Celestial Influence
Davidson, dr. William
Lectures on Medical Astrology
Dobyns, dr. Zipporah
The Astrologer's Casebook
Finding the Person in the Horoscope
Hall, Manly P.
Healing, The Divine Art
Secret Teachings of Ali Ages
Unseen Forces
Harding, Esther
Psychic Energy
Hone, Margaret
Applied Astrology
Ideman, Richard
Miscellaneous Articles in "Astrology Now" and other periodicals
Jansky, Robert C.
Interpreting the Aspects
Jinni and Joanne
The Spiral o f Life, Vol. 3: Psychological Interpretation
Jung, Carl G.
Essays on a Science of Mythology
Four Archetypes
Man and His Symbols
Memories, Dreams, Reflections

Modern Man in Search of a Soul
On the Nature of the Psyche
Psychological Reflections
Undiscovered Self
Layman, dr. Marvín
Interviewing and Counseling Techniques for Astrologers
Lewi, Grant
Astrology for the Million
Maltz, Maxwell
Psycho-Cybernetics
Mayo, Jeff
The Planets and Human Behavior
Montgomery, Ruth
Born to Heal
Ostrander, Sheüa & Lynn Schioeder
Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain
Astrological Birth Control
Pagan, Isabelle
From Pionner to Poet (The Signs of the Zodiac Analyzed)
Pelletier, Robert
Planets in Aspect: Understanding Your Inner Dynamics
Robertson, Marc
Cosmopsychology: The Engine of Destiny
The Transit of Saturn
Rudhyar, Dane
The Practice of Astrology
The Pulse of Life
The Astrology of Personality
Triptych
Astrology for New Minds
The Astrology of Self-Actualization
The Astrological Houses: The Spectrum of Individual Experience
My Stand On Astrology
The Lunation Cycle
An Astrological Study o f Psychological Complexes and Emotional Problems
Sargent, Lois H.

How to Handle Your Human Relations (Synastry)

Stone, dr. Randolph

Health-Building

Easy Stretching Postures

Appendix to the New Energy Concept in the Healing Arts

Polarity Therapy

The Wireless Anatomy of Man

Energy: The Vital Principle in the Healing Arts

Vitality Balance

Tyl, Noel

Astrology and Personality

Astrological Counsel Van

Dusen, Wilson

The Natural Depth in Man

Westlake, dr. Aubrey T.

The Pattern of Health

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Editora Pensamento
SÃO PAULO

Para receber informações sobre os lançamentos
da Editora Pensamento, basta cadastrar-se
no site: www.editorapensamento.com.br

Para enviar seus comentários sobre este livro, visite o
site www.editorapensamento.com.br ou mande um e-mail
para atendimento@editorapensamento.com.br